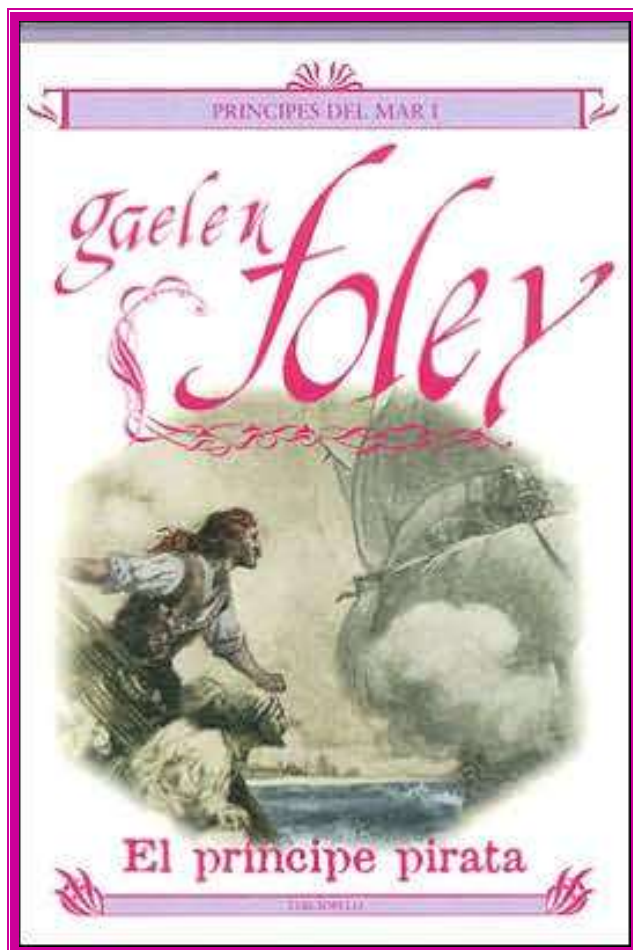


O Príncipe pirata

Príncipes do mar 01

Gaelen Foley



Numa noite de lua, o príncipe Lazar di Fiori retorna à ilha de Ascensão para vingar a morte de sua família e a usurpação de seu reino. Allegra Monteverdi, a filha de seu acérrimo inimigo, demonstra ser uma valente adversária e lhe implora para que não mate a sua família. Sua beleza e coragem impressionam Lazar e impregnam em seu frio coração, por isso aceita manter sua vida com a condição de que se converta em



sua prisioneira. Apenas no mar, confundida entre o medo e a sedução, Allegra descobre que o misterioso e vingativo homem é o príncipe Lazar, aquele com que sonhava quando era menina. Mas será preciso muito mais que seu crescente amor para conseguir com que o príncipe pirata enfrente os fantasmas do passado e consiga apaziguar seu atormentado coração.



*Para Eric, que me salvou.
Obrigado também a papai,
capitão extraordinário,
por seu assessoramento
em assuntos náuticos.*

— Shakespeare.

Capítulo Um

Maio de 1785

ma onda lhe alagou o rosto de água salgada e com um furioso piscar sacudiu a ardência do sal enquanto se esforçava sobre os remos várias vezes com toda sua força. Ao seu redor, as ondas formavam redemoinhos e se elevavam como prateadas plumas de espuma, ensopando-o em seu esforço para conduzir o bote entre as afiadas rochas que protegiam a caverna. Apesar da dor nos braços e ombros continuou se esforçando em manter o bote bem manejado até que, ao final,

com um grito de raiva, conseguiu passar entre as altas e dentadas rochas. Ao deslizar sob o arco rochoso, teve que baixar a cabeça para penetrar a boca da caverna.

Nesse mesmo instante, a muitas léguas atrás dele, sete navios ancorados aguardavam na baía iluminada pela lua.

Uma vez debaixo da escura abóbada de granito, secou o suor da testa com o antebraço e começou recuperar o fôlego. Ali não havia ninguém que percebesse sua presença, exceto os exércitos de morcegos que pendiam e batiam as asas por cima de sua cabeça, então prendeu uma tocha. Por fim, conduziu o bote para o chão e saltou à terra firme.

Quinze anos.

Tinham passado quinze anos desde a última vez que o príncipe Lazar di Fiori pisara em Ascensão.

Quase a metade de sua vida, pensou, ou daquele tempo infernal que não tinha sido vida absolutamente.

Olhou a suave areia que brilhava sob suas gastas botas negras e se abaixou para pegar um punhado em sua endurecida mão dourada pelo sol. Com expressão absorta e triste observou como a areia escorria entre seus dedos, igualmente acontecia com todo o resto.

Seu futuro.

Sua família.

E, ao amanhecer, sua alma.

A areia caiu no chão com um sussurro até que só ficou uma pequena pedra negra na palma da mão. Também essa deixou cair.

Não queria nada.

Levantou-se e ajeitou o cinturão do qual pendia sua espada. O couro úmido pressionara seu peito e irritara sua pele que a camisa negra deixava descoberto. De novo tomou um gole de rum da cigarreira de prata que pendurava de seu pescoço em um fino cordão de pele e estremeceu ao sentir o fogo que produzia em seu estômago.

Levantou a tocha e observou a caverna ao seu redor até que localizou a entrada para os túneis secretos subterrâneos que tinham sido escavados séculos atrás por sua família. Era estranho pensar que agora ele era o único que sabia que não se tratava de outra lenda a respeito da grande casa dos Fiori.

Avançou até a tosca entrada esculpida na rocha e levantou a tocha com prudência, esforçando-se para ver algo naquela garganta negra. Era condenadamente claustrofóbica para um homem acostumado ao mar aberto.

— Vá em frente, traseiro medroso — pronunciou em voz alta, só para romper o impressionante silêncio.

Obrigou-se a entrar.

À luz da tocha, as negras paredes brilhavam úmidas e as sombras projetadas nelas compunham formas fantásticas que se contorsionavam entre os retorcidos

nódulos de pedra.

Mais à frente do círculo de luz produzido pelo fogo da tocha, tudo era negro. Mas ele sabia que em algum lugar, longe e por cima dele, seu inimigo celebrava um baile em honra a si mesmo.

Lazar estava impaciente para arruinar essa festa. Em pouco tempo os túneis o conduziriam ao interior da cidade apesar dos duros esforços de Monteverdi pela segurança de seus muros.

Depois de avançar esforçadamente durante meia hora pela forte ascensão do túnel, esse se bifurcava. À esquerda seguia reto e à direita continuava subindo até que chegava às adegas de Belfort, o derrotado castelo do topo da montanha.

Teria gostado de visitar o antigo lugar, mas não havia tempo para sentimentalismos. Sem hesitar um momento continuou pelo túnel da esquerda.

Finalmente, tímidos sopros de ar fresco acariciaram suas faces e o negro manto ao seu redor começou a se tingir de um empoeirado azul de meia-noite. Apagou a tocha em uma pequena poça produzida pelas gotas que lambiam os muros até o chão e essa se extinguiu com um chiado. Às escuras, deslizou até a estreita saída.

Formidáveis matagais de trepadeiras agudas e ervas daninhas escondiam a entrada do túnel desde fora. Seu coração se acelerou com força enquanto passava entre as sarças, com cuidado de não desfazer em excesso o matagal, até que, por fim, saiu ao claro e embainhou a curvada faca *moruno*. Sem poder evitar uma sensação de maravilhado espanto, contemplou a sua volta com o fôlego retido.

Casa.

A lua tingia de prata tudo ao seu redor. Os terraços, os campos de oliveiras, as vinhas, as laranjeiras da colina. Finos aromas de terra atravessavam a brisa noturna e, atrás dele, elevava-se ainda a muralha romana, solene e antiga, de grandes pedras envelhecidas e musgosas, que continuava protegendo o coração do reino depois de mil anos. A memória do tempo parecia sussurrar de suas gretas.

“Somos a pedra angular, garoto, nós, os Fiori. Não esqueça nunca...”

Avançou alguns passos vacilantes, rodeado pelo som dos campos, dos grilos e das rãs, e o rumor das ondas à distância. Tal como sempre fora.

Sentiu uma pontada no coração e fechou os olhos um momento levantando ligeiramente a cabeça ante a lembrança, excessivamente vívida, de fatos que não se sentia capaz de voltar a enfrentar.

Levantou-se uma fria brisa que agitou as folhas das videiras

Até as hortas, os pomares e as moitas somaram seus sussurros a elas como vozes de amados fantasmas que saíam de suas guaridas para lhe dar as boas-vindas, gerações perdidas de reis e rainhas já mortos. Vozes que se elevavam e giravam ao seu redor, lhe urgindo com murmúrios espectrais. *Venha para nós.*

“Sim.” Abriu os olhos e seu olhar brilhou com uma tristeza muda, transformada em raiva.

Um único homem era culpado de ter arrebatado uma vida que deveria ter sido a sua. Tinha um objetivo a cumprir e, por Deus, era apenas aquela a razão de sua

presença ali. Nenhum outro assunto o retinha naquele lugar. Signore, o governador, encarregara-se disso. Mas agora o homem pagaria por isso.

Sim, a lenda contava que não foi na Sicília nem tampouco nas proximidades da Córsega, mas naquela ilha, onde a antiga tradição da vingança nascera. Monteverdi logo aprenderia aquilo. Esses quinze anos de espera, de planejamento, de promessas, tinham acabado. Ao amanhecer, teria seu inimigo nas suas mãos para lhe dar o que merecia. Assassinar a sua família, arrebatá-la a vida e arrasaria toda sua cidade.

Mas o mais delicioso das torturas deveria ser executado antes.

O traidor devia sofrer como ele sofrera. Essa justiça de sangue que durante tanto tempo e com tanta intensidade ansiara só passaria quando Monteverdi, encadeado, contemplasse como se extinguia a vida da criatura que ele mais amava em todo mundo: sua jovem e inocente filha.

Quando tudo se cumprisse, Lazar zarparia de novo e nunca mais voltaria a posar os olhos em seu reino.

Embora o pouco coração que lhe sobrava se quebrasse por isso.

Allegra Monteverdi, com as mãos unidas sob as costas e um atento e voluntarioso sorriso, encontrava-se rodeada por um pequeno grupo de convidados do baile e se perguntava se alguém mais se dava conta de que seu prometido se encontrava cada vez mais ébrio.

Era estranho que aquele homem, mão direita do governador, sucumbisse à intemperança ou a qualquer outro vício. Tampouco era um alívio que ele não se mostrasse excessivo ou descuidado a respeito: é obvio, o visconde Domenic Clemente era incapaz de fazer nada que não fosse de uma impecável graça e elegância.

Devia ter brigado com sua amante, pensou ao observá-lo com dissimulação enquanto ele conversava com algumas damas e esvaziava de novo a taça de vinho.

Com fria admiração observou que seus cabelos, de um dourado claro, levemente empoados e recolhidos em um impecável rabo-de-cavalo, brilhavam sob a luz dos candelabros de cristal.

O vinho exercia um efeito interessante nele. *In vino veritas*, “no vinho, a verdade”, tal como rezava o velho provérbio, e ela sentia curiosidade de entrever o verdadeiro homem que se escondia por trás do belo visconde. Somente faltavam alguns meses para seu casamento e não podia evitar a sensação de que não o conhecia absolutamente.

Com dissimulação, estudava o homem cujos filhos ela ia gerar.

Quando notou seu olhar, Domenic se desculpou ante as damas e cruzou o salão em direção a ela lhe dedicando um frio sorriso.

Allegra pensou que o vinho lhe outorgava uma aparência mais fria que afetiva e

seus lábios mostravam um rictus áspero e mal-humorado. Os perfis claros e aristocráticos de seu rosto o deixavam mais cortante e os olhos verdes brilhavam como duas pontas de espada de cor esmeralda.

Ao chegar ao seu lado, percorreu-lhe o corpo com um olhar especulativo e se inclinou para beijá-la na face.

— Olá, *bela* — sorriu ao ver que ela se ruborizava ao notar o roçar de seus nódulos e o roçar das extremidades do punho sobre seu braço nu.

— Vamos, jovem dama. Deve-me uma dança — murmurou. Mas justo nesse momento a conversação dos convidados captou a atenção de Allegra.

— Cães raivosos, como eu digo — declarou um venerável cavalheiro em voz alta. — Esses rebeldes! Que todos sejam enforcados é a única maneira de fazê-los entrar em razão.

— Que enforcuem a quem? — exclamou ela, voltando-se para ele.

— Qualquer lei para as classes baixas se converte em um problema hoje em dia — se queixou sua esposa com uma expressão atormentada em seu medíocre rosto, apesar dos diamantes azuis que penduravam de seu pescoço e das orelhas. — Sempre se queixam de alguma coisa. Tão violentos! Tão raivosos! Não se dão conta de que se não fossem tão preguiçosos teriam tudo o que necessitam?

— Preguiçosos? — perguntou ela.

— Já vamos começar — suspirou Domenic. Ao seu lado, seu prometido baixou a cabeça e cobriu os olhos com a mão.

— Exato querida — o velho cavalheiro se dispôs a lhe explicar. — Como digo sempre, a única coisa que eles têm a fazer é trabalhar e deixar de culpar os outros pelos seus problemas.

— E o que me diz da última ronda de impostos? — replicou ela. — Eles não têm pão para dar a seus filhos.

— O quê? Impostos? Oh, ha! — exclamou a grosseira mulher, observando-a através de seu monóculo com uma mescla de desconcerto e alarme.

— Correm rumores de uma rebelião camponesa — disse outra dama em tom confidencial.

Allegra tomou fôlego para começar a falar.

— Não, querida, por favor — murmurou Domenic. — Estou tão cansado de apaziguar os ânimos toda a noite...

— Acabarão conosco se não os vigiarmos — afirmou o velho cavalheiro com ar de sabedoria. — Como cães raivosos.

— Bom, não prestemos atenção a eles — respondeu Allegra agilmente. — É só a fome o que os faz ficar de mau-humor. Gostam de bolachas? Marzipã? Talvez umas barras de chocolate? — com os olhos acesos pela raiva, fez um sinal a um dos lacaios e se separou do grupo para observá-los comer como porcos de luxo.

Inflamados e empoados, com suas perucas e seus brocados, os convidados de seu pai formaram redemoinhos ao redor da deliciosa fartura de confeitos, doces e massas que o servo lhes oferecia em bandejas de prata e começaram a consumi-los

orvalhando de açúcar seus ornamentos de cetim.

Domenic a olhou com uma expressão de grande sofrimento.

— Querida — lhe disse — por favor.

— Bem, é verdade — replicou ela com aspereza. Aqueles velhos do Antigo Regime já não estavam para reformas, suas cabeças se encontravam irremediavelmente embrulhadas sob aquelas perucas brancas e seus corações secaram como ameixas velhas. O espírito da época trazia a mudança. Valente juventude, gloriosos novos ideais! Os de sua classe acabariam sendo varridos como pó.

— O que está achando desse baile?

Ela não pôde evitar um sorriso.

— Só tenta me distrair para que não diga o que penso.

Dirigiu-lhe um leve e breve sorriso como resposta e se inclinou para lhe dizer ao ouvido:

— Não, somente tento pôr minhas mãos sobre você.

«Oh, bem. Definitivamente deve ter brigado com sua amante.»

— Já vejo — respondeu ela com diplomacia.

Ao dizer isso percebeu que a duquesa sem-graça sussurrava algo a uma mulher que se encontrava ao seu lado. Ambas lhe dirigiram um cortante olhar e observaram a faixa verde e negra que rodeava o talhe alto do vaporoso vestido de seda branca.

Se não apreciavam seu vestido de nova moda pastoril inspirado nos ideais da democracia, o fato de que vestisse verde e negro devia, supôs confundi-las.

Levantou a cabeça, resistindo a sentir-se intimidada. Talvez ninguém mais em toda o salão desse nenhuma importância ao fato de que os camponeses estivessem morrendo de fome além dos muros do palácio, mas ela dava, e se a única forma de manifestar seu protesto consistia em vestir as velhas cores de Ascensão, ela o fazia com orgulho.

Allegra tinha pegado a idéia das glamorosas e inteligentes anfitriãs que sua tia lhe apresentara nos salões de Paris. Essas vestiam faixas vermelhas, brancas e azuis como expressão de simpatia pelos colonos americanos que se encontravam em guerra contra a Inglaterra. Ao chegar aqui, seis meses atrás, Allegra adaptou essa prática de se vestir com as cores de Ascensão, mas se deu conta de que, aqui, as mulheres que tinham opinião política eram mau-vistas, especialmente se essas opiniões fossem contra o Governo estabelecido no poder.

O poder de seu pai.

— Governador — exclamou alguém em tom afável quando o homem homenageado apareceu a passo tranqüilo no meio do grupo.

Enquanto seu pai era recebido com um alegre coro de boas-vindas, Allegra sentiu que ficava tensa ao pensar que ele se sentiria aborrecido com ela se desse conta da faixa verde e negra.

Mas, ao pensar de novo, disse a si mesma que não tinha por que se preocupar. Seu pai nunca se dava conta de nada do que ela fazia.

— *Salute*, governador. Por outros quinze anos — entoaram os hóspedes, levantando as taças de vinho a sua saúde.

O governador Ottavio Monteverdi era um homem de olhos escuros, de altura mediana, que se encontrava na metade dos cinquenta e gozava de boa forma apesar de ter uma barriga respeitável. Embora seus gestos mostrassem uma ligeira tensão, dirigia-se com seus convidados de forma agradável, educado como estava por décadas de serviço civil.

Com um aceno de cabeça e gesto contido, mostrou seu agradecimento a todos antes de se dirigir a ela e a Domenic.

— Felicidades, senhor — Domenic ofereceu a mão ao homem que tinha destinado todo um comitê à sua educação como futuro governador de Ascensão.

— Obrigado, rapaz.

— Está desfrutando de sua festa, pai? — perguntou ela, segurando seu braço com afeto.

Imediatamente ele se retesou. Allegra, chateada, o soltou incomodada.

Na elegante e acolhedora casa de tia Isabel, em Paris, onde ela se educara durante os últimos nove anos da morte de sua mãe, todo mundo demonstrava o carinho familiar. Mas aqui ela ainda tinha que aprender que essas mostras de afeto incomodavam seu pai.

Ai, mas lhe produzia tanta tristeza esse nervoso estranho de cabelos cinzentos. Um homem tão elegante, tão metódico, um homem que se mantinha em pé graças apenas a frágil certeza de que todos os assuntos importantes se encontravam em perfeita ordem sobre seu escritório. Depois de ter superado a emoção que lhe provocara o fato de viver sob o mesmo teto que o do único parente que lhe restava, descobriu que a única coisa que seu pai queria era manter distância com ela, talvez porque ela lhe recordava muito sua mãe. Dava-se conta de seu sofrimento, embora ele nunca falava sobre isso. De alguma forma, era ela quem tinha que ir ao seu encontro. Essa era a razão de que tivesse levado até tal extremo seu papel de anfitriã para conseguir que esse aniversário fosse uma ocasião feliz.

Ele lhe dirigiu um sorriso tenso, mas quando depositou seu olhar na faixa verde e negra, ficou tenso e empalideceu.

Allegra se ruborizou, mas não se desculpou. Domenic se afastou um pouco, deixando que ela resolvesse dessa vez.

Seu pai a agarrou pelo braço e a levou a um canto.

— Vá ao seu quarto e tire isso imediatamente — lhe sussurrou com severidade. — Maldita seja, Allegra, te disse que queimasse essa coisa! Se não fosse minha filha, te meteria na prisão por sublevação.

— Na prisão, pai? — exclamou ela, desconcertada.

— Não tem juízo? Essa pequena mostra de rebeldia é uma bofetada ao Conselho e a mim.

— Não pretendia insultar ninguém — respondeu impressionada pela intensidade da raiva dele. — Só expressei minha opinião: ainda tenho direito de ter

uma opinião, não? Ou você formulou uma lei contra isso também? — assim que disse isso, arrependeu-se.

— Quer que eu volte a te mandar para Paris? — ele lhe perguntou com raiva no olhar.

— Não, senhor — respondeu ela com rigidez e baixando os olhos. — Ascensão é minha casa. Pertença aqui.

Ele lhe soltou o braço.

— Então, coloque em sua cabeça que enquanto se encontrar sob meu teto, você seguirá minhas regras, e enquanto estiver na terra de Ascensão, se sujeitará às leis de Gênova. Os atos caridosos e as boas ações são muito bons, mas lhe advirto suas atuações ultimamente beiram a desobediência civil e eu estou perdendo a paciência. Agora, vá tirar essa coisa e a queime!

Ato seguido deu meia volta e recuperou seus gestos de amável anfitrião. Allegra ficou ali, aturdida.

“Me colocar na prisão?”, pensou enquanto observava seu pai trocar as habituais adulações com um grupo de convidados. “Ele nunca me prenderia. Claro que não!”

Domenic lhe mandou um olhar de suficiência, como se lhe dizendo “já te adverti sobre isso”.

Ela se afastou dele com o cenho franzido.

— Vou ao meus aposentos. Tenho que trocar a faixa — disse em um sussurro de furioso sarcasmo. É obvio, não tinha nenhuma intenção de queimar as cores reais dos Fiori.

— Allegra — Domenic pegou suavemente seu pulso.

Olhou-o e se deparou com olhos excessivamente amáveis e de um verde parecido ao dos bosques vaporosos depois de uma chuva de verão.

— Seu pai tem razão, e você sabe. Talvez não aprecie sua inteligência e seu espírito como eu aprecio, mas concordo com ele em que seu ardor juvenil resulta... bom, digamos que está extraviado. O descarte agora porque eu tampouco o tolerarei.

Olhou-o e teve que empenhar toda sua força de vontade para reprimir uma ácida réplica. Se realmente queria prestar um serviço a seu país, devia contrair matrimônio com Domenic. Podia suportar sua amante, sua suave condescendência, seu desprezo dissimulado sob uma inocente brincadeira. Allegra se obrigou a mostrar uma submisso sorriso ao mesmo tempo em que se dizia que seu momento chegaria mais tarde, que o ensinaria a respeitá-la uma vez que estivessem casados.

— Como deseja meu senhor.

— Vá para cima, minha bonita noiva — lhe sussurrou como recompensa, e com um dedo lhe acariciou o perfil do braço nu, apesar de seu pai se encontrar ali perto. Ela se ruborizou e olhou para ver se seu pai se dera conta. Logo olhou para Domenic com incerteza.

Ele estava se embebedando bastante e tinha a taça de vinho vazia.

— Vá — lhe disse com suavidade, sorrindo e dirigindo o olhar para a porta. Lhe pareceu que esse olhar era o de um predador.

Com o cenho franzido, Allegra se afastou com certo receio e desconcertada, embora ainda sentindo raiva por sua atitude despótica. “Ardor juvenil extraviado”, recordou, e imitou mentalmente o tom condescendente dele.

Ao chegar ao canto da sala se deteve ante a orquestra de câmara. Os músicos estavam tomando um breve descanso e afinavam os instrumentos. Elogiou sua atuação e lhes aconselhou que comessem algo antes que terminasse a noite.

No vestíbulo se permitiu um suspiro de alívio ao notar a brisa fresca que se desprendia do chão de mármore. Em lugar de se dirigir a seus aposentos diretamente, encaminhou-se para a tenuemente iluminada sala que conduzia às cozinhas. Os fornos esfriaram enfim, mas o familiar aroma de alho e azeite de oliva sempre flutuava no ar.

Lembrou aos cansados criados que deviam empacotar os restos de comida da festa para as casas de caridade e os orfanatos que visitava regularmente, e também lhes deu instruções para eles destinassem uma parte à prisão, apesar de saber que seu pai se zangaria se descobrisse.

Ato seguido dispôs-se a sair, mas algo a reteve. Cruzou as cozinhas até a porta de carga que se encontrava aberta e escorada com tijolos para deixar entrar o ar fresco da noite. As sedas de seu vestido ondularam sob a lânguida brisa e Allegra ficou de pé na porta, observando com desejo a praça. A festa que tinha preparado para o resto da população ia se apagando gradualmente.

Oh, como desejava sair lá fora e estar com seus compatriotas, com suas maneiras toscas e torpes, suas risadas furiosas, seus brilhantes olhos escuros. Talvez fossem ordinários, mas, ao menos, eram autênticos.

Durante séculos, o sangue mesclado de gregos, romanos, árabes e espanhóis tinham formado uma linhagem de italianos sulistas tão mutante e intensa como a quente e escarpada terra que habitavam. Os habitantes de Ascensão eram considerados mais perigosos até que os inúteis corsos, mas, para Allegra, eram gente de coração quente, robustos, apaixonados, românticos, sem remédio porque se alimentavam de velhas histórias e sonhos como as lendas dos grandes Fiori. Ela os amava igual amava aquela ilha liberada às disputas e castigada pela pobreza que se encontrava frente à bota da Itália como um torrão de esterco a ponto de receber um chute.

Era verdade que os ventos da mudança que traziam uma valente e nova época ainda tinham que chegar ali, mas ela queria utilizar sua posição como filha do governador, e como futura esposa do governador, para oferecer seus serviços a seu país sem lhe importar o quanto difíceis ambos os homens fossem.

Ela seria sua consciência.

E talvez, algum dia, com um adequado e amoroso cuidado, Ascensão começaria enfim a sanar dessa ferida que tinha significado a perda da família real, e especialmente do rei Alphonse, para a ilha. E também para sua mãe.

Da porta, Allegra ouvia a alegre música e via alguns dos atores, um homem que soprava fogo, os acrobatas. Sorriu ao ver alguns jovens casais que dançavam a feroz e movimentada dança siciliana conhecida como *tarantella* e sacudiu a cabeça ao recordar o insípido e decoroso minueto que se desenvolvia na sala de baile.

As filas de coloridas lanternas que pendiam por toda a praça lhe suscitaram um melancólico sorriso. Cada uma delas acesa como um ato de fé, fé de que as classes em guerra, as famílias e as facções deixariam suas diferenças de lado mesmo que só fosse por alguns dias.

Levantou o olhar para o céu estrelado e fechou os olhos para sentir a brisa que lhe acariciava as faces como um bálsamo. A noite mediterrânea era pura sedução, um mundo muito distinto da úmida e chuvosa Paris. Essa noite lhe acariciava os sentidos e a seduzia com fragrâncias de jasmim, de pinheiro, e com o tênue aroma do mar.

Faziam-na pensar nele.

O único com que Domenic nunca poderia competir, o único que não vivia em nenhuma parte, exceto em seu coração, em suas fantasias, tão perfeito e impossível como as utopias de sua imaginação.

Seu príncipe secreto.

Chamava-se Lazar e chegou a ela em sonhos. O príncipe Lazar era um cavalheiro e um sábio, um guerreiro e um canalha. Era tudo e não era nada, exceto raios de lua e fantasias.

Na realidade, estava morto.

E apesar disso, alguns diziam que se encontrava vivo, em algum lugar, de alguma forma...

Abriu os olhos de novo, com um sentimento de tristeza, embora sorrindo ante sua própria tolice. Olhou a lua cheia, atrasando-se sobre sua nuvem como uma vaidosa rainha dourada.

O movimento na multidão lhe indicou que o bispo tinha saído e se encontrava entre a multidão, dando a mão a uns e a outros, seguido de sua eterna comitiva de piedosas viúvas, diáconos e monjas. Ao vê-los, Allegra decidiu de repente que sairia para saudá-los.

Não era uma prisioneira na casa de seu pai, afinal de contas, apesar de que às vezes se sentisse como tal. Seu pai e Domenic não podiam controlar cada um de seus movimentos, disse si mesma, desafiando-se. Com certeza não necessitava de sua guarda pessoal somente para conversar alguns momentos com o querido e velho Padre Vincent. Sem lançar nenhuma olhar para trás, atravessou a porta para surpresa do pessoal das cozinhas.

Ninguém a questionaria se atuasse como se soubesse o que estava fazendo, pensou enquanto caminhava para fora com o coração agitado. A princípio se afastou rapidamente da casa e logo recuperou seu ritmo enquanto cruzava a grama ao ar livre para a alta e bicuda grade de ferro forjado que rodeava a parte frontal da propriedade de seu pai. Mais à frente havia outra barreira, essa de homens:

soldados de uniforme azul que rodeavam todo o perímetro do *palazzo*.

Allegra acelerou o ritmo e a cada passo sentia crescer a tensão até que essa se transformou como em um desespero para escapar, como se fosse se asfixiar sob toda a hipocrisia e avareza do *palazzo* se ficasse um minuto a mais ali. Quase corria ao chegar ao limite da propriedade de seu pai e sentia as faces acesas e o coração acelerado.

A maioria dos soldados a conhecia é obvio, e certamente lhes pareceria muito irregular que a filha do governador abandonasse o *palazzo* sem guarda. Mas recordou a si mesma que esses homens tinham sido treinados para receber ordens. Se algum deles lhe perguntasse, inventaria alguma desculpa e o poria em seu lugar se fosse necessário. De algum jeito, passaria através deles.

Ao final, resultou ser mais simples do que esperava.

Talvez, na escuridão, não se deram conta de quem era e acharam que fosse uma das convidadas. Tentando atuar com toda naturalidade, saiu pela pequena porta lateral. Ali a grade de ferro forjado se encontrava com o muro de três metros que rodeava a parte traseira da propriedade e o jardim.

Com apuro, e embora sentisse o coração disparado, passou por entre os homens e escapou pela rua calçada lateral sem ser detida. Sentia tanta alegria de ter conseguido que desejava levantar os braços e gritar “Liberdade!”. Em vez disso se apressou em percorrer a curta e estreita rua cheia de postos até que chegou à praça.

Deteve-se sem fôlego debaixo dos ramos de palmeiras que adornavam o canto da praça e olhou a seu redor com felicidade, quase sem saber para onde se dirigir.

Olhou os jovens casais que dançavam a escandalosa *tarantella* e logo afastou o olhar para observar o bispo.

Pensou que, se dirigisse diretamente para saudar o Padre Vincent, uma dessas sagazes e ardilosas viúvas de seu grupinho lhe perguntaria onde se encontravam seus acompanhantes.

Talvez fosse melhor jogar um dissimulado olhar aos pecadores antes de voltar aos Santos. dirigiu-se para a perversa e irresistível música sentindo um formigamento na pele.

Com uma elegância letal, Lazar caminhou através das oliveiras para o piscar das luzes do que era a pequena e nova cidade que os usurpadores chamavam de “pequena Gênova”.

Pela manhã teria sido arrasada por completo, pensou sem reprimir um amplo sorriso.

Consultou seu oxidado relógio à luz da lua cheia. Era meia-noite. Seu primeiro passo seria penetrar em uma das duas altamente vigiadas torres da porta. Não estava do todo certo de como faria isso, mas confiava em que encontraria a forma.

Voltou a colocar a algibeira no pequeno bolso da camisa, contente de ter duas horas inteiras para realizar o trabalho. Exatamente as duas em ponto abriria as enormes portas e permitiria que seus homens entrassem na cidade.

Ao chegar a um campo de altas e ondulantes ervas, começou a cheirar as fogueiras e ouviu a música distante da festa de aniversário em que todos aqueles marcados pela morte se encontravam reunidos.

Esforçou os olhos para observar a praça. Os nobres genoveses celebravam o baile no brilhante palácio de mármore, mas parecia que Monteverdi tinha aberto suas arcas para oferecer ao povo uma festa mais rústica na praça.

“Maldição” pensou. “Esse povo estará sob nossos pés.” Deus sabia que não queria estragar nem um só cabelo de nenhum habitante de Ascensão. Decidiu que se esse povo se encontrasse ainda ali às duas da madrugada, encontraria a forma de limpar a praça. Tinha muitos recursos quando se tratava de provocar o caos.

Continuou para frente e observou com atenção as torres da porta.

Enquanto se aproximava da praça, Lazar voltou a pensar na possibilidade de ser reconhecido e a recusou como se fosse um absurdo. Já não restava nada daquele menino arrogante que tinha sido. Depois de quinze anos, não podia esperar que seu povo lhe reconhecesse. Além disso, todo mundo em Ascensão o acreditava morto. Não pôde evitar a mórbida idéia de que, praticamente, efetivamente estava.

Ao chegar, olhou a seu redor e sentiu desfalecer o coração. Tratava-se exatamente do tipo de festa que sua mãe tanto gostava de oferecer. Sentiam-se os aromas dos pratos tradicionais e se ouviam as velhas canções que um violonista tocava para um pequeno grupo ao redor de uma fogueira em troca de algumas moedas. Observou os rostos dos camponeses, aquele povo tão amante da diversão, aquelas almas práticas que tanto tinham amado seu pai e que teriam sido seus próprios súditos se não fosse pela traição de Monteverdi.

Era muito estranho pensar naquilo.

Com o coração quebrado, caminhou vacilante, pelo quente pavimento observando tudo, convencido de que se encontrava preso em outro de seus pesadelos de infância. Aquela angústia que durante tanto tempo suportara lhe provocava o desejo de se deixar cair e morrer.

De repente, pela extremidade do olho, viu duas jovens moças que o observavam, duas bonitas criaturas com os cabelos longos e soltos adornados com flores, e de largos aventais sobre os pés nus. Uma daquelas belezas, a morena, dirigiu-lhe um intenso olhar que lhe percorreu todo o corpo e a outra, loira, escondia-se atrás e o olhava com acanhamento. Lazar se voltou para elas com um claro sentimento de alívio, pois não havia nada que aliviasse tanto seu sofrimento como os quentes braços de uma mulher, e o sabor e o aroma de um desejoso corpo feminino.

Reteve-se, apesar de tudo. Não iniciou nenhuma aproximação apesar de que levava semanas navegando desde as Índias Ocidentais.

“Não”, disse a si mesmo com certa amargura. Procuraria mais tarde o

atordoamento em uma orgia de vinho e sexo. Sempre se encontravam mulheres dispostas a isso. Essa noite, a única coisa que importava era destruir Monteverdi.

Desviou firmemente sua atenção das moças e avançou em silêncio entre a multidão. De vez em quando o olhavam, especialmente por causa de suas armas, mas afastavam rapidamente a vista quando se encontravam com seu intimidante olhar.

Enfim chegou ao outro extremo da praça. Com o polegar de uma mão enganchado no cinturão negro, caminhou lentamente e com aparente despreocupação para as torres da porta.

As torres eram tão altas como paus de sebo, quadradas, amplas e volumosas, de flancos de pedra lisa e com algumas janelas sem vidros. Entre ambas, a formidável porta da cidade, de madeira reforçada com ferro, tinha a largura de duas carroças e uns sessenta centímetros de grossura. Deus era testemunha de que Monteverdi tomava todas as medidas de segurança necessárias, que tão logo ia necessitar.

Lazar contou doze soldados fora e não sabia quantos haveria dentro. Pensou em subir pela porta e entrar por uma das janelas, em acender um fogo ou em provocar qualquer outro incidente que atraísse os guardas de dentro para fora. Com certa ironia pensou que, é obvio, poderia resultar muito divertido simplesmente esmurrar a porta e desafiá-los sozinho. Quinze vinte para um? Fazia bastante tempo que não enfrentava esse tipo de situação. Talvez chegara o momento de refrescar suas habilidades.

Deteve-se para acariciar um gato vagabundo sem deixar de observar atentamente a porta oeste quando notou que um dos soldados o olhava desafiante.

— Ei, você! Alto!

Lazar levantou a vista com expressão inocente enquanto o **cessado** soldado se dirigia para ele. Rapidamente, Lazar localizou com o olhar o enorme molho de chaves que pendurava do seu cinturão.

Com certeza uma daquelas chaves abria as portas de ferro que davam acesso a ambas as torres.

O pequeno e roliço sargento avançou, decidido, e o olhou.

— Afaste as mãos dessas armas! Não se permitem armas dentro dos muros da cidade esta noite. Ordens do governador!

— Rogo que me desculpem — disse Lazar educadamente. Levantou-se totalmente com o ronronante gato entre seus braços.

— Como atravessou o cordão de guardas? Todo mundo foi registrado à entrada! Não foi registrado?

O sargento se colocou ao seu lado e Lazar o olhou com curiosidade, mas quando aquele pequeno homem foi arrebatá-las suas armas, derrubou-o com uma cotovelada no rosto.

O homem ficou deitado no chão de barriga para cima e Lazar o olhou quase com pesar: outra simples ferramenta do corrupto Concílio. Não podia culpar aqueles

homens por ganhar a vida oferecendo seus serviços a Monteverdi. Quando um homem tem fome suficiente, pode servir a qualquer amo, e ele sabia disso muito bem. O gato saltou de seus braços e se perdeu entre as sombras. Lazar se inclinou e arrebatou o molho de chaves do soldado. Ato seguido voltou para o lugar com o polegar de uma mão enganchado no cinturão, tal como viera.

Esperando seu momento, continuou observando tudo ao seu redor, especialmente a dúzia de soldados a cavalo de Monteverdi que vigiavam dos extremos da praça. Um deles montava um enorme cavalo negro que se encontrava irritado entre a multidão. Possivelmente podia espantar aquele enorme e feroz animal. Isso assustaria alguns dos presente e lhe daria a oportunidade de limpar a praça.

“Não”, pensou.

Estudou com o tato as vinte chaves do sargento e se deu conta muito tarde de que não tivera nenhuma razão de tê-las tirado. Encheriam seu corpo de chumbo antes que tivesse tempo de averiguar que chaves abriam os ferrolhos. Teria que encontrar outra via, mas de qualquer maneira guardaria as chaves no caso de precisar de delas. Fazendo-as soar com despreocupação continuou passeando em busca de algo com que pudesse fazer um incêndio.

Ao mesmo tempo, ia meditando na culpada consciência de Monteverdi. Era óbvio que o governador vivia com medo porque não havia nenhuma razão para ter tantos soldados e tantas armas ante uma multidão formada majoritariamente por velhas senhoras, como aquelas duas que se encontravam diante dele e que bloqueavam sua passagem de forma tão irritante.

Nesse momento notou certa excitação em um grupo de gente que se encontrava diante dele. As pessoas se afastava para deixar a passagem livre para alguém. Sentiu um sobressalto interno porque de repente lhe pareceu que se tratava de seu pai que se aproximava a passo largo e provocava tal animação entre a multidão. Ouviu que alguém dizia que era o bispo.

Estava a ponto de ir embora quando uma das velhas senhoras diante dele exclamou:

— Olhe Beatriz! Aí está a filha do governador com o Padre Vincent. Uma garota tão encantadora e de tão bom coração. Me recorda a mim mesma quando tinha vinte anos.

Essa observação fez com que Lazar se detivesse em seco. Ficou quieto e se obrigou a olhá-la para estar preparado para o dia seguinte.

Viu-a e seu coração deu um salto.

Distinguiu Allegra entre a multidão com a mesma facilidade com que detectaria um diamante entre um montão de pedras, apesar de que ela se encontrava a uns seiscentos metros. Achava-se abaixada frente a um grupo de crianças com quem conversava. Usava um vestido branco de cintura alta e um tecido vaporoso e delicado. Tinha uma figura elegante e esbelta, e seus cabelos, da cor de avelã, encontravam-se presos em um penteado alto. Enquanto a olhava, ela se pôs a rir de

algo que uma das crianças lhe disse.

Lazar afastou o olhar com o coração acelerado. Fechou os olhos um momento enquanto aquela risada lhe chegava como um som de sinos de prata.

“Então não é um monstro. Bem, e o que importa?!”, disse a si mesmo zombeteiramente. Continuava sendo uma Monteverdi.

E de repente se deu conta de que ela era a chave perfeita para abrir a porta da torre. É obvio como refém, não teria preço. Ninguém se atreveria a lhe deter a passagem se a tivesse em seu poder.

Entrecerrando os olhos, observou que ela se movia livremente entre a multidão. A única coisa que tinha que fazer era se aproximar dela e convencê-la para que fosse com ele, fosse com boas palavras ou com armas. Com o que precisasse.

Mas em lugar de ir até ela imediatamente, ficou quieto, hesitando. Não queria tocá-la.

Não queria falar com ela. Não queria cheirar seu perfume nem saber qual era a cor de seus olhos. Não queria se aproximar dela absolutamente.

A verdade era que nunca assassinara uma mulher. De fato, tinha uma inquebrável norma de conduta que o impedia de matar ninguém diante uma mulher. Não podia imaginar um pecado pior que destruir uma daquelas maravilhosas criaturas que com seu corpo traziam nova vida ao mundo. Mas seu dever o obrigava a isso agora. Viera até ali para destruir Ottavio Monteverdi, e o castigo do traidor não seria completo até que esse não soubesse o que significava presenciar o massacre da própria família e não poder fazer nada a respeito. A filha devia morrer.

Mas ao ver que um grupo de soldados se aproximava do beco onde deixara sargento desmaiado, soube que logo não teria alternativa. Logo teria que fazê-lo em defesa própria, porque as reservas de soldados de Monteverdi pareciam inesgotáveis. Se Lazar se deixasse capturar, punha em risco as vidas de mil homens leais que esperavam fora das portas da cidade.

Não, embora fosse uma tortura, não podia se permitir esses bons sentimentos. Allegra Monteverdi seria seu escudo humano.

Com a decisão tomada, começou a espreitá-la entre a multidão. A uma distância prudente procurou os guardas que certamente deviam se encontrar por perto para protegê-la. Examinou todas as pessoas que a rodeavam, mas, apesar da obsessão de seu pai, parecia que a senhorita Monteverdi não se preocupava de levar seus guardas com ela.

Interessante.

Enquanto a seguia, decidiu que se aproximaria dela por trás. Ia observando por cima das cabeças dos camponeses e dos habitantes da cidade que se encontravam entre eles. Viu que se afastava das crianças e que de vez em quando se detinha para conversar com o povo. Todo mundo parecia gostar dela, e esse era um fato que lhe parecia estranho, pois o povo de Ascensão odiava a seu pai, aquele insignificante

ditador.

Enquanto se aproximava, ela chegou a uma fonte de três degraus que se encontrava no centro da praça. Os cabelos brilhavam sob as coloridas lanterninhas. Levantou uma mão até o jato de água e mostrou o perfil. Levou os dedos molhados até o esbelto pescoço para se refrescar um pouco. Com a cabeça ligeiramente curvada para trás, fechou os olhos um momento para desfrutar do contato da água sobre a pele naquela calorosa noite.

Houve algo em sua absorta expressão que instantaneamente despertou todos os instintos masculinos.

“Não se aproxime dela”, disse a si mesmo com raiva. Mas continuou observando-a cada vez com maior fascinação.

Foi nesse momento que ela notou que alguém a seguia.

“Deus, ela é transparente”, pensou ele comovido. A repentina apreensão era evidente na forma em que observava a seu redor, tensa, igual a um pequeno gato vagabundo.

Lazar ficou sob as sombras de uma tenda de vinho enquanto Allegra olhava com preocupação por cima do ombro. Logo, se voltou para a música que chegava de um dos extremos da praça. Apressou-se em direção à fogueira onde o violonista tocava velhas canções. Lazar a seguiu, devagar, desfrutando da perversa emoção da caça.

Os camponeses se detinham ao redor da fogueira, bebiam vinho e trocavam piadas e histórias obscenas enquanto o gordo bardo fazia uma pausa e contava as engorduradas moedas que tinham sido jogadas na capa do violão.

Quando a senhorita Monteverdi se aproximou do fogo, Lazar se aproximou devagar, muito devagar. Despertou nele uma enorme curiosidade de ver seu rosto à luz, de ver a vida daquela inocente cuja vida ia arrebatá-la cuja morte significaria para ele uma final e irrevogável mostra do mal no mundo.

O vulgar bardo fez calar à multidão a seu redor e começou a pulsar as cordas do violão.

Ela observava as chamas quase absorta enquanto Lazar rodeava o pequeno círculo de gente sem perdê-la de vista. Colocou-se atrás de uma fila de pessoas, bem diante dela, embora do outro lado da fogueira.

Observou os jogos que a luz do fogo desenhava sobre ela, retorcendo-se em fios dourados sobre os cabelos e lhe tingindo a pele com uma luz rosada, como o rubor corpóreo da pele feminina durante o ato de amor. A ondulação que a brisa provocava em sua saia, como uma fina vela de seda, desvelava a seu olho perito a beleza de suas pernas e a esbeltez de seus quadris.

“Um enorme desperdício” pensou ardente. “Além disso, uma virgem.”

Allegra Monteverdi tinha suaves sardas infantis e olhos grandes e expressivos, de um tom de mel, que acabavam em cílios dedilhados de tom dourado. Embora fora educada na decadência de Paris, coisa que sabia graças a seus espiões, o antigo ar de escola de convento ainda a envolvia e foi esse brilho de pureza impoluta o que

despertou algo muito sombrio nele.

Possuía um refinamento em suas maneiras que despertaram um respeito imediato. Brilhava com uma graça contida e concentrada em seus gestos. Já não tinha nem idéia de como apertaria o gatilho quando chegasse o momento.

A única coisa que sabia era que faria. Falhara com sua família uma vez quinze anos atrás, mas não falharia de novo.

Enquanto ela dirigia o olhar por cima das pessoas que se encontravam ao redor do fogo, as pessoas que se encontravam diante dele partiram. Esse movimento atraiu a atenção dela e antes que Lazar tivesse tempo de se ocultar, ela o viu.

O olhar dela se cravou nele.

Seus olhos tremeram muito abertos. Os lábios se entreabriram em uma tentativa de respirar rapidamente. Reparou em suas armas, seu peito descoberto e logo olhou seu rosto.

Lazar não se moveu.

Não tinha certeza de que teria conseguido se mover se tivesse tentado, porque naquele instante viu seu formoso rosto iluminado pelo brilho dourado do fogo e por um fogo mais brilhante e interno: o de seu espírito.

A expressão dela mudou tão lúcida, tão transparente. A princípio, pareceu que gostava do que via, mas depois de alguns segundos sentiu medo e começou a se afastar, olhando como se adivinhasse suas intenções.

Lazar não se moveu em nenhum momento.

Ante seus olhos, a garota se afastou se voltou e voou.

Capítulo dois

urante alguns instantes, Lazar só pôde ficar ante o fogo.

D Baixou a cabeça e esfregou os lábios. Logo ajustou o lenço de seda que

levava na cabeça para completar aquele aspecto de assassino fora-da-lei que tanto treinara e que mantinha suas vítimas adequadamente aterrorizadas. Também funcionara com Allegra Monteverdi. “Não vá atrás dela. Esses olhos. Meu Deus, esses olhos”, pensou. Aproximou-se mais do fogo e se abaixou, sem saber como continuar. Desenroscou sua cigarreira sem se preocupar com os olhares do povo ao seu redor e tomou um gole muito longo. Não podia tirar a imagem daquele rosto da cabeça.

E aquela luz. Ele arrebataria aquela luz do mundo. Decidiu que o terminaria da maneira mais rápida e indolor para ela. Baixou a cabeça culpando o rum pela repentina náusea que o assaltou.

Quando levantou o olhar de novo, um velho e frágil fazendeiro que se encontrava do outro lado da fogueira o olhava como se tentasse arrancar alguma tênue lembrança de seu cérebro senil. Aquele olhar fixo e inquisidor incomodou Lazar.

— Ei, patrício — lhe disse um dos camponeses enquanto lhe piscava um olho.

— A filha do governador apanhou sua atenção, né?

Lazar o olhou.

— Vá até ela, homem!

— Oh, Oh, isso é buscar as galeras — exclamou outro homem rindo.

— É uma peça bonita — afirmou um homem magro e com expressão faminta que, olhando os outros, continuou — Talvez devêssemos fazer chegar uma mensagem a Monteverdi essa noite.

— Eu estaria interessado nisso — vociferou outro.

— Estão loucos? Vai pôr a corda no pescoço de todos — respondeu um robusto pescador.

— E que que tem? Tem intenção de enforcar a todos nós em um momento ou no outro — replicou o primeiro.

O resto se interessou pelo tema.

— Contem comigo para isso!

Lazar estava familiarizado com o tom dessas vozes e não gostava nada. Allegra Monteverdi era uma peça chave em sua vingança e não permitiria que aqueles tipos interferissem. Ficou de pé, posou uma mão sobre o punho da espada e a outra, sobre a culatra da pistola.

Outros o olharam como se esperassem que ele ficasse à cabeça do grupo para que o seguissem.

— Não acho rapazes — disse em tom amistoso e tranquilo.

— Não? — perguntaram ao mesmo tempo.

Ele negou com a cabeça.

— Nessa ilha não violentamos as mulheres — disse desafiante.

— Desde quando? — exclamou um deles.

— É uma genovesa!

— E quem você acha que é? — zombou o esperto do grupo. — O rei Alphonse

que volta de entre os mortos?

Antes que esse homem se desse conta, encontrou-se deitado de costas com a ponta da espada de Lazar apoiada sob seu queixo.

O silêncio caiu ao redor do fogo.

— Deixarão em paz Allegra Monteverdi — ordenou com suavidade.

O velho fazendeiro falou de repente:

— Parece-se um pouco com o rei Alphonse!

Lazar ficou imóvel. Dirigiu-lhe um rápido e feroz olhar e, por um momento, o velho olhou-o nos olhos.

— Santa Maria — exclamou uma mulher de meia-idade ao tempo em que fazia o sinal-da-cruz sem tirar os olhos de cima dele.

— A lenda! — murmurou o violonista boquiaberto, como se encontrasse ante a Arca da Aliança. — É verdade! É...

— Não — disse Lazar abruptamente.

— Mas...

— Estão cegos — lhes disse com frieza. — Me deixem em paz.

Embainhou a espada e se afastou deles com o coração acelerado. Tinha que perseguir sua presa.

Examinou a multidão sem se preocupar com os batimentos de seu coração e sem querer pensar no quanto se sentiu nu ante o olhar daquele louco profeta e de sua idiota afirmação. Ele não se parecia em nada com seu pai. Ele não tinha nada a ver com seu pai. Ele não possuía nenhuma gota de seu espírito de sacrifício e se alegrava disso.

“Estúpida moça”, disse a si mesmo enquanto procurava entre o povo, zangado. Por que demônios tinha que ter saído para passear em meio de toda aquela gente? Onde estavam seus guardas?

Viu-a ao lado da fonte, no centro da praça, e se dirigiu para lá com a intenção de alcançá-la rapidamente. Depois da conversa do lado da fogueira, já não tinha certeza do que seriam capazes aqueles loucos.

Centrou sua dispersa atenção no solto vaivém dos quadris dela enquanto caminhava e, de repente, se encontrou se perguntando como se sentiria ao ter aquelas lonas pernas abraçando seus quadris, como seria aquela pele de marfim molhada por um sedoso suor sob seu corpo, como seria aqueles cabelos castanhos e dourados esparramados sobre o travesseiro, enredando-se em seus dedos...

Aborrecido, tirou aquelas idéias da cabeça. Não estava disposto a apreciar nada que viesse dos Monteverdi.

Acelerou o ritmo, decidido a não perdê-la, mas quando se encontrava a uns vinte passos, ela correu para os braços de um homem loiro e alto.

Lazar se deteve em seco e levantou uma sobrancelha. Devagar, aproximou-se um pouco do casal dando uma volta sem sair de entre as sombras. A princípio, o elegante homem lhe segurou o braço e parecia zangado com ela, mas imediatamente Allegra apontou para a fogueira e, sem dúvida, começou a lhe falar

sobre o selvagem assassino que a perseguia.

“Ah, seu herói saiu para salvá-la”, pensou com sombria ironia enquanto o observava examinar a multidão em busca dele. — Deve ser seu prometido.” Lazar estava a par daquele compromisso, é obvio. Informara-se bem sobre essa noite.

A primeira vista, não gostou do senhor Domenic Clemente e quando esse último fez um gesto a seus guardas e começou a dar ordens, sem dúvida para prendê-lo, não pôde reprimir um suspiro de irritação.

A senhorita Monteverdi não se separou de seu prometido durante todo esse momento e mostrava uma expressão de medo no olhar, como se esperasse que Lazar aparecesse de um momento para o outro como um monstro. Um dos soldados partiu disposto a cumprir ordens e Clemente riu abertamente enquanto abraçava sua prometida com um gesto de galante proteção.

Lazar não pôde reprimir um gesto de desdém nos lábios ante esses tórtolos. Rapidamente compôs uma linha de ação. Deu-se conta de que o soldado que montava o nervoso cavalo não se encontrava muito longe. Voltou a olhar o feliz casal, zombeteiro. O prometido conduzia a prometida pela mão para o palácio: fugia com sua refém.

“Para quê?”, perguntou-se. “Um encontro de amantes?”

Entrecerrou os olhos ao notar que Clemente acariciava as costas dela.

“Muito bem, senhorita Monteverdi, agora estou zangado.”

— Mas, Domenic, estão se divertindo! Não há necessidade de limpar a praça — protestou ela, desejando muito tarde não ter lhe dito nada. Como sempre, ele começara a comandar tudo.

Agora, por causa de seu medo, ao exagerar o que sem dúvida fora, como sempre, sua vívida imaginação, arruinara a festa.

— Tolices. É mais de meia-noite. Essas pessoas deveriam estar em suas casas — respondeu Domenic, convencido, enquanto puxava sua mão como quem arrasta um menino travesso. Conduziu-a pela passagem da sombria lateral do *palazzo*, de volta ao jardim amuralhado.

Ela suspirou, mas não discutiu. Ainda se encontrava intimamente assustada pela visão daquele belo selvagem de penetrantes olhos noturnos.

Tinha-a assustado, sim, por causa de suas mortíferas armas e do olhar decidido. Parecia que podiam atravessar suas roupas, mas ela nunca vira ninguém parecido.

“Magnífico... uma fera” pensou com um calafrio ao recordar aquele poderoso peito nu e o musculoso abdômen acariciado pela luz do fogo. Aquela pele dourada que devia parecer veludo ao tato.

Aquele olhar, tão insolente, do outro lado do fogo.

Aquela expressão insolente e faminta a havia comocionado tanto e a tirara tanto de si que fora incapaz de encontrar uma boa desculpa para explicar seu estado

de excitação, então dissera a verdade: um homem de aspecto perigoso a estivera observando e, talvez, seguindo.

Agora desejava não ter dito nada.

E se aquele homem não a tivesse estado seguindo, como ela temera, ou se suas intenções não tivessem sido hostis? Conhecia a brutalidade dos soldados de seu pai. Havia um orgulho tão feroz naquele endurecido e cortante rosto que lhe doía pensar na humilhação que aquele estranho ia sofrer.

Agora, por sua culpa, o arrastariam diante todo mundo, enjaulariam aquele espírito selvagem, e submeteriam a golpes aquele poderoso corpo. Algo naqueles olhos escuros ainda a espreitava, inclusive agora, uma mescla estranha e enigmática de melancolia, desejo e raiva. Por que a olhara daquela maneira?

Não sabia. A única coisa que sabia era que logo que pudesse se livrar de Domenic procuraria os soldados e se asseguraria de que não fossem muito duros com ele e de que fossem justos ao interrogá-lo. Quando soubessem quais eram suas intenções, ela averiguaria seu nome. Então, uma vez que comprovassem que não era uma ameaça, assegurar-se-ia de que o deixassem livre.

As palavras de Domenic a arrancaram daqueles pensamentos.

— E você, jovem dama. Estou tentado a te dar umas chicotadas. Quanto a seus guardas, vou pô-los ante o tribunal por terem abandonado seus deveres. Não, melhor até. Os chicotearei — declarou enquanto pegava o molho de chaves da casa de seu pai e abria a porta do jardim. — Chicotearei todos.

— Não seja absurdo. Não fará tal coisa — respondeu ela. — Como pode dizer algo tão bárbaro?

Ele se deteve e a olhou com altivez, levando uma mão ao quadril.

— Allegra, parece que não compreende. Se os rebeldes conseguem pegá-la como refém, podem conseguir com que seu pai faça tudo que quiserem. Se eu não tivesse saído em sua busca, quem sabe onde estaria agora?

Manteve a porta do jardim aberta e com um educado gesto lhe indicou que passasse na frente dele. Ela notou um olhar amável enquanto passava roçando seu corpo atlético. Depois de caminhar alguns passos pelo jardim, se voltou e o encarou.

— Domenic — perguntou. — Como soube que eu tinha saído?

Enquanto fechava a porta por dentro, ele se deteve um instante, mas não respondeu.

— Quando abandonei a sala de baile, tinha intenção de me dirigir a meus aposentos... — de repente, sua voz se apagou.

Ele a olhou e sorriu.

— Me pegou.

Deixou cair às chaves no bolso do colete e se aproximou devagar dela. Os cabelos, de um prateado-dourado, brilhavam sob a luz da lua.

Ela dirigiu um rápido e nervoso olhar para o *palazzo*, e logo olhou para ele.

— Meu pai não aprovaria — disse não muito certa. Sabia que, para seu pai, Domenic caminhava sobre as águas. Domenic se convertera no filho que seu pai

nunca teve.

— Não se preocupe — sussurrou ele. — Fechei as portas da galeria e despedi os criados dos cômodos traseiros. Inclusive ordenei aos guardas que façam a guarda em outro lugar. Está vendo? Tomei a liberdade de me assegurar de que tenhamos a adequada privacidade.

— Para quê?

— Bom, bom. Sempre tão desconfiada — pegou-a pela mão e a conduziu mais à frente da tênue lanterna do jardim até o loureiro. Arrancou uma das flores, a ofereceu e, sorrindo entre as sombras, empurrou-a até que suas costas ficaram apoiadas contra o fino tronco da árvore.

Ela segurou a flor com estupidez, sem vontade e sem saber o que fazer com ela. Domenic lhe acariciou os braços de cima abaixo.

— Vamos, Allegra. Logo seremos marido e mulher. Deve se acostumar ao meu contato, sabe? — acariciou-lhe as faces com os dedos.

— Isso é muito vulgar — murmurou ela, ruborizando-se e afastando seu rosto. — Não é por isso que um cavalheiro mantém uma amante?

— Quando um homem tem uma mulher tão formosa como você, acredite em mim, as amantes são desnecessárias. A única coisa que quero essa noite é te beijar. Não é pedir muito, não acha? — suas fortes mãos acariciaram seus ombros de forma suave, mas firme. — Descobrirá que somos mais compatíveis do que imaginou.

— Temo que bebeu muito, meu senhor.

— Até que não tenha bebido de seus lábios não me sentirei satisfeito — sussurrou ele.

— Isso soou bem. Pratica com sua amante?

Ele riu.

— Me desfiz dela, Allegra. Querida, você e eu estamos prometidos há um mês. Um homem tem direito a beijar sua prometida.

— Não me sinto cômoda com isso.

— Logo se sentirá excessivamente cômoda. Asseguro-lhe isso.

Parecia muito convencido.

— Oh. Muito bem — murmurou ela.

Ele riu com suavidade de novo. Então, segurando-a com suavidade, aproximou seus lábios dos dela. Não era desagradável, teve que admitir para seu pesar enquanto esperava que ele tivesse acabado.

Passou um longo momento. Ele quase não se moveu enquanto roçava seus lábios nos dela.

— Muito doce — sussurrou ele. Começou a lhe beijar a face e a descer para seu pescoço. Apertou o abraço e a levantou ligeiramente do chão.

Allegra lhe rodeou o pescoço com os braços, indecisamente, e levantou o olhar para o céu estrelado, entre os ramos floridos do loureiro. Perguntou-se quanto duraria. Gostava de Domenic, disso não cabia dúvidas, mas quando fechava os

olhos, só podia pensar nele.

Seu príncipe, que nunca a beijaria porque não era real. Bem. Não gostava especialmente da idéia de que nenhum homem a tocasse.

Seu prometido começou a brincar com o lóbulo de sua orelha de uma forma — Oh — tão agradável. Isso era bastante passível, pensou abrindo os olhos de novo e sentindo certo alarme ante esse prazer.

O alarme cresceu quando Domenic deslizou as mãos por suas costas as aproximando de seu traseiro.

Ela se revolveu e o empurrou.

— Acho que é suficiente.

— Nem se aproxima — murmurou ele com um tom áspero na voz. Dessa vez, ao beijá-la de novo, seus lábios eram duros e quentes e suas mãos a prendiam com firmeza. Ele a empurrava contra a árvore com tanta força que ela notou o punho da espada contra ela.

Então se deu conta de que não levava espada.

“OH, Deus”, lhe agarrou os ombros com ambas as mãos.

— Domenic, se detenha — exclamou, só para conseguir que ele introduzisse a língua entre seus lábios assim que começou a falar enquanto lhe prendia o rosto com ambas as mãos.

Ela não tinha nem idéia do que fazer.

“É absurdo”, pensou.

Ébrio ou não, ele era muito inteligente para não saber que a única coisa que ela devia fazer era contar a seu pai e o compromisso se romperia...

Ficou gelada.

É obvio que ele sabia isso. De repente se deu conta. Domenic sabia perfeitamente que ela estava decidida a se casar com ele por sua posição; então ele sabia que, fizesse o que fizesse, ela não diria a seu pai.

— Não deveria ter saído à praça, querida — lhe disse com estupidez, os lábios contra sua pele, suas mãos segurando-a com força. — Aí fora há homens que podem insultá-la, que podem tomar certas liberdades contigo.

Ele rasgou a seda de seu vestido e introduziu a mão por dentro até que pegou um de seus seios.

— Pare! — tentou se desfazer dele, mas ele a prendia com força contra a árvore.

Com uma mão a agarrou pela garganta e com a outra lhe acariciou o seio enquanto sorria levemente com os olhos brilhantes.

— Vá em frente, grite. Te advirto. O castigo será mais severo quando te encontrar em minha casa.

— Castigo? — perguntou com estupidez ela, com os olhos muito abertos.

— É direito do marido, já sabe. Mas enquanto for uma boa garota, não tem nada a temer — sussurrou ele antes de voltar a beijá-la, se esse assalto podia ser considerado um beijo. — O que está acontecendo? — perguntou ao sentir que ela

se negava a responder.

O olhou fixamente, surpreendida, sem poder acreditar no que estava acontecendo. Não era possível que Domenic, aquele impecável e elegante rapaz do Conselho, fizesse algo parecido. Mas quando notou que sua mão lhe apertava com mais força a garganta teve que aceitar que era, sim, capaz. Ela apertou a mandíbula em uma tentativa de retomar a compostura.

— Se afaste de mim agora mesmo. Está bêbado.

Ele sorriu com disposição.

— Você quer me usar. Por que eu não posso usar você? Nisso consiste o matrimônio, não?

Voltou a beijá-la com rudeza e com um joelho lhe abriu as pernas.

Ela afastou o rosto:

— Não vou me casar com você! — exclamou sem fôlego.

— Querida — disse ele com expressão fervorosa — quando tiver espalhado minhas sementes dentro de você, não terá alternativa.

Ela tomou fôlego para gritar com todas as suas forças, mas ele lhe tampou a boca com uma mão e conteve uma gargalhada.

— Não pode comigo, não vê? — disse, contente. — Oh, será um prazer te dominar, Allegra. Há tão poucos desafios verdadeiramente interessantes na vida.

De repente, ele se voltou como se alguém o houvesse tocado no ombro.

Allegra ficou sem fôlego ao ver o selvagem desconhecido da fogueira atrás dele. Era mais alto que Domenic. Encontrava-se de pé com ambas as mãos nos quadris e os pés, calçados com botas negras com perneiras, abertos e firmemente plantados no chão. Encontrava-se completamente armado, o peito era quase de um metro de área e a camisa negra aparecia aberta e mostrava um peito musculoso e um ventre bem desenhado.

— Peço desculpas pela interrupção — disse educadamente em tom profundo e imperativo — mas ouvi claramente que a senhorita lhe dizia que não.

Ela percebeu um brilho naqueles olhos noturnos bem antes que aquele desconhecido agarrasse Domenic e o separasse dela. Imediatamente se interpôs entre ela e Domenic, dando as costas a ela, aquelas amplas costas cobertas de pele negra. As extremidades cumpridas e sedosas do lenço que levava na cabeça penduravam até as costas e flutuavam levemente a cada elegante passo que dava em direção a Domenic. Na mão levava a faca mais impressionante que ela jamais vira.

Domenic olhou o desconhecido, ela e faca enquanto dava uns passos para trás. Respirava com agitação e tinha os cabelos revoltos.

— Seu amigo, querida? — perguntou com um frio olhar.

— Um bom amigo — respondeu o desconhecido amavelmente antes que ela pudesse responder. — Um muito bom amigo.

O anguloso rosto de Domenic expressou uma compreensão raivosa.

— Ah, já entendo. Agora sei por que sempre escapa para seus asquerosos

compatriotas — disse enquanto observava o desconhecido de cima abaixo.

A resposta do desconhecido ante aquela brincadeira foi uma enorme e sonora gargalhada, alegre e perversa. Ao ouvi-la, Allegra não pôde evitar sorrir um pouco apesar do quanto se sentia alterada. Com mãos trêmulas, recompôs o vestido o quanto pôde, mas Domenic o tinha rasgado desde a gola. Ela fechou tudo o que pôde e agradeceu à Providência que tivesse mandado aquele misterioso desconhecido para salvá-la antes que acontecesse o pior.

— Allegra — começou a dizer Domenic. — Estou surpreso e decepcionado.

— Não seja ciumento, companheiro. Só a tive seis ou sete vezes.

Ela ficou boquiaberta. Fechou a boca e se deu conta de que ele tentava fazer com que Domenic ficasse furioso. Um pícaro esperto.

— Se deitou com esse homem? — perguntou Domenic quase gritando.

— E com três de meus irmãos — respondeu ele — Acabou conosco. A garota é insaciável.

— Bem, já é suficiente — cortou ela, indignada.

— Vou matá-los agora — afirmou Domenic.

— Você sozinho? — perguntou Lazar com suavidade. — Talvez seja melhor que chame alguns soldados.

Dividida entre a raiva e o alívio, Allegra não sabia se batia nele ou ria, mas tinha que admitir que ele estava conseguindo seu propósito. Se seu ex-prometido tivesse um mínimo de bom senso, aproveitaria a oportunidade que o desconhecido lhe dava e voltaria correndo aos braços de sua amante.

Mas, imediatamente, deu-se conta de que Domenic se encontrava muito enervado para aceitar uma saída fácil. Ou talvez sua reputação de excelente espadachim estava interferindo em sua atitude.

Sentiu-se inquieta ao ver que ele extraía uma adaga cheia de jóias do interior de sua casaca.

O desconhecido se limitou a sorrir e a passar a brilhante faca de uma mão para outra.

Agora que o via em ação não se sentia surpreendida de que tivesse escapado dos soldados que Domenic mandara em sua busca. Tampouco podia imaginar como teria transpassado os muros do jardim. Mas não parecia um homem que permitisse que um simples muro de três metros o detivesse.

A questão era por que se incomodara em salvá-la.

— Você é quem a estava seguindo — grunhiu Domenic. — Nunca se deitou com ela.

— Bem, sim — admitiu ele. — Ainda não.

Ela soltou um bufo. Um bárbaro arrogante. Cruzou os braços e se apoiou contra a árvore com um irresistível sentimento de satisfação. Então, pensou, a estivera seguindo. Agora sabia. Mas por quê?

— Allegra, entre na casa. Esse rufião se encontra, evidentemente, junto aos rebeldes.

— Fechou às portas, meu senhor, lembra? — respondeu ela. — Além disso, não acho que ele esteja — continuou, o observando. — Ninguém, em toda a praça, o conhecia.

— Senhorita Monteverdi, não vá a lugar algum, por favor — lhe pediu o desconhecido. — Assim que a vi, tentei encontrar uma forma adequada de me apresentar, na verdade tentei.

— Nossa! — respondeu ela.

— Mas esse cavalheiro se interpôs antes que eu fosse capaz de ir a seu encontro. Aposto que se alegra com minha insistência, não é mesmo? — dirigiu-lhe um sorriso tão sedutor que ela quase perdeu o fôlego.

— Allegra — a chamou Domenic, cortante. — Chame os soldados para que prendam esse canalha, ou o que sobrar quando eu tenha acabado com ele.

— Por qual crime, meu senhor? — perguntou ela.

— Por intrusão.

— Não parece muito justo, dado que...

— Não me contradiga — a interrompeu Domenic sem tirar os olhos do desconhecido. O fio da adaga que tinha na mão brilhava a luz da lua e ambos os homens continuavam girando o em frente ao outro, a ponto de atacar.

— Não é uma intrusão — respondeu ela. — Essa é minha casa. Posso dizer que eu o convidei. Não se preocupe, Domenic. Acho que se queria te matar, agora já estaria morto.

O desconhecido soltou outra alegre gargalhada.

— A que devo esse elogio por minha humilde pessoa? Agora lutarei por você com maior ferocidade, minha senhora. Se desculpe, vilão, ou me verei forçado a tratá-lo com dureza — ordenou ao prometido com uma tirada de humor que Domenic não soube apreciar.

Allegra olhou o céu, encantada para seu pesar, enquanto Domenic entrecerrava os olhos verdes e brilhantes com uma expressão furiosa.

— Parta daqui — disse Allegra ao homem. — O enforcarão.

— Não terão tempo — declarou Domenic, partindo contra ele.

Allegra os observou com inquietação, sentindo-se desesperada pelo sangue que pudesse se verter por sua causa. Mas sabia que se chamasse os soldados para que os separassem, somente seu salvador seria castigado por sua galanteria. E, nesse momento, sentia que era Domenic quem merecia um castigo.

“Quem é ele?”

Levou uma mão à testa com gesto cansado enquanto observava ambos os homens entrechocarem as armas e se lançarem estocadas em um duelo por sua honra.

A tia Isabel teria sentido uma grande emoção.

Apesar disso e ante esse espetáculo, a única coisa em que podia pensar era que essa era uma clara mostra de que seus planos de paz eram uma perda de tempo. Essa cena incitava a refletir a respeito da verdadeira natureza do homem. Mas se

encontrava muito cansada, depois de atuar como anfitriã no baile e de ter organizado a festa, e a única coisa que desejava era subir para seus aposentos e dormir um pouco, sem se preocupar que esses dois loucos deixassem um ao outro desmaiados. De todas as formas, ficou e suportou o temor que cada navalhada lhe suscitava.

Os soldados os ouviriam muito em breve. Devia ficar ali para poder lhes explicar que aquele homem só tentava ajudá-la depois de ter escutado a disputa entre eles dois. Não podia permitir que aquela bela cabeça fosse cortada.

Sob a tênue luz das lanterninhas do jardim, estudou durante uns momentos aquele desconhecido. Era chamativamente atraente, tinha uma ampla e elegante testa, agora parcialmente coberta pelo lenço, e suas sobrelanceiras, de um negro carvão, eram bem desenhadas e terminavam em uma ponta em ambas as extremidades, lhe dando um resultado um tanto diabólico. Sob o marcado arco dos cílios, de um negro de tinta, os olhos, grandes e com alma eram tão negros como o mar noturno. O perfil de seu nariz era do tipo romano e a angulosa mandíbula parecia a de um conquistador nato. Tinha lábios cheios e sensuais, pareciam feitos para beijar e para contar doces mentiras.

Ele sorriu de novo com uma expressão louca e selvagem nos olhos ante um ataque de Domenic. Esquivou-se com agilidade e, agarrando-o pelo braço, derrubou o visconde no chão como se esse não pesasse nada.

— Teve bastante ou devo machucá-lo? — perguntou o desconhecido com educação.

— O machuque — sussurrou ela.

Domenic ficou em pé de novo e seu rosto era uma fria máscara de ódio.

— Morrerá por isso, cão.

— Por isso? Bom, isso não é nada — grunhiu ele, atacando-o.

Durante os próximos minutos Allegra começou a se preocupar. O duelo começou a ficar mais feroz e quando ela decidiu ir em busca dos soldados antes que nenhum dos dois fosse ferido, recordou que a porta do jardim se encontrava fechada. Domenic tinha a chave.

— Querem fazer o favor de se deterem — começou.

O desconhecido lhe dirigiu um rápido olhar para se assegurar de que ela não ia a nenhuma parte e isso foi um erro. Domenic o atacou e lhe lançou uma navalhada. Allegra ficou sem fôlego ao ver que a adaga rasgava o braço esquerdo do desconhecido na altura do bíceps e cortava aquela dourada e suave pele. O sangue fluíu logo da ferida.

Com uma risada suave, Domenic se afastou.

— Sua vez — disse com arrogância.

— Bem, o que acha? — murmurou o desconhecido com surpresa olhando o braço. Quando levantou a vista, seu olhar tinha a luz do raio.

— Lance um pouquinho — disse, devagar.

Olharam um ao outro. Allegra, de repente, sentiu-se aterrorizada.

Deu-se conta de que se não tomasse o controle da situação imediatamente, ele mataria Domenic e, como resultado, seria enforcado. Dois homens mortos por sua culpa.

— Já basta para os dois — ordenou com firmeza, embora sua voz tremesse um pouco. — Senhor, lhe mandarei um médico. Domenic — continuou, enquanto se aproximava dele com o braço levantado apesar do medo que seu aspecto sinistro, com a adaga ensangüentada na mão, lhe provocava. — Demonstrou o que queria. Agora me dê às chaves e saia dessa casa.

Domenic lhe dirigiu um sorriso frio e cruel e com ar arrogante lhe disse:

— Me encarregarei de você mais tarde, querida. Primeiro devo terminar com esse insolente... essa imundície.

O desconhecido, apesar da expressão de alarme de Allegra, lançou ao chão sua faca sem deixar de penetrar Domenic com o olhar. A enorme e curva faca se cravou com força no chão. Domenic olhou o punho de pele que se sobressaía do chão e logo levantou os olhos para ele.

— Agora, meu amigo — disse o desconhecido com suavidade fazendo ranger os nódulos — conseguiu me zangar.

Allegra o olhou com fascinação. Domenic levantou sua adaga e se preparou para outro ataque. Tinha a mão e as barras do punho manchadas pelo sangue do desconhecido.

Houve uns segundos de silêncio e quietude. Toda ação ficou em suspense pelo poder do negro olhar de predador daquele desconhecido. Allegra não podia afastar os olhos dele. Então, ele atacou. Sem prévio aviso se lançou contra Domenic e o derrubou sobre o leito de flores frente à parede do jardim. Allegra soltou um grito e correu para eles enquanto o desconhecido batia em Domenic com tanta brutalidade que parecia que ia matá-lo.

— Pare, pare! — rogou, sem se atrever a ficar ao alcance do braço direito dele.

Depois de quatro ou cinco socos no rosto, Domenic tinha o rosto coberto de sangue.

— Já basta — gritou Allegra.

Ainda debatendo-se, Domenic tentou agarrar a pistola que se encontrava na capa do desconhecido. Esse lhe afastou a mão com um golpe e Domenic então agarrou o lenço que cobria sua cabeça. Debaixo dele o crânio rapado quase a zero ficou descoberto.

O selvagem soltou um grunhido, agarrou a mão de Domenic e com um gesto hábil e contundente a bateu contra as rochas que rodeavam o canteiro, quebrando seu pulso. Allegra ouviu o ruído do osso ao se quebrar.

Tampando a boca com ambas as mãos, ela sufocou um grito. Domenic soltou um penetrante grito de dor que imediatamente reprimiu com orgulho.

— Ha. Então é um tipo duro, né? — murmurou o desconhecido antes de deixá-lo inconsciente com um forte e definido soco no rosto.

Allegra, com os olhos arregalados e com ambas as mãos sobre os lábios, não

conseguiu se mover.

O desconhecido, como se de repente se sentisse envergonhado de sua cabeça rapada, colocou rapidamente o lenço sobre ela com uma mão, em um gesto absurdamente vulnerável que se contradizia com a feroz ameaça que expressava seu anguloso rosto. Enquanto isso, o sangue caía em redemoinhos pelo seu braço.

Pouco a pouco, Allegra baixou as mãos:

— E... está morto? — perguntou em um sussurro.

— Não, não está morto — grunhiu ele enquanto procurava nos bolsos de Domenic. Parecia que o desconhecido se dispunha a roubá-lo diante dela, mas em vez disso ele se limitou a pegar as chaves da porta do jardim.

Quando o desconhecido se levantou, ela se deu conta de que a superava em altura em, pelo menos, trinta centímetros. Um homem grande como um gladiador. Tinha que levantar a cabeça se quisesse olhá-lo no rosto. De repente, agora que Domenic se encontrava inconsciente, que não havia ninguém nas proximidades e que se encontrava presa com aquele duro e sanguinário homem dentro dos muros do jardim, não pôde compreender como fora capaz de confiar nele nem um instante.

Ele a olhou com olhos negros que brilhavam como uma fria e estrelada noite de inverno. Devagar, aproximou-se dela mostrando cada um de seus músculos iluminados pela luz da lua. Foi puro instinto o que a obrigou a se afastar, apesar de que ele falava com sedutora suavidade.

— E onde poderia ir, minha gatinha?

Ela deu meia volta, disposta a correr, mas ele a pegou pela cintura e a atraiu contra seu duro corpo enquanto soltava uma pequena e perversa gargalhada.

— Não, não, *chérie*. É meu troféu — a retinha com maior poder e força do que Domenic fizera. — Tinha que ter ouvido seu prometido.

— Quem é você? — perguntou ela com a voz trêmula por causa do medo.

Ele baixou a cabeça à altura de seu ombro.

— O príncipe encantado — sussurrou. — Não é evidente?

Ela se debateu, deu-lhe chutes e murros, mas não serviu de nada. Sem pronunciar uma palavra, ele atravessou o jardim a arrastando pelo pulso. Aterrorizada, ela não deixava de puxar em uma tentativa para se libertar, mas ele a agarrava como se tivesse uma mão de ferro.

— Me deixe ir. Tome, leve minhas jóias — lhe disse, desesperada. — São diamantes e esmeraldas. Pode pegar. Não falarei com ninguém sobre você. Só vá...

Ele riu dela.

— Ah, senhorita Monteverdi. Alguns homens têm preço. Eu não sou um deles.

Enquanto cruzavam a grama, ele se abaixou com graça letal para pegar sua faca e a embainhou com tal despreocupação que Allegra não entendeu como não rasgou a pele. Ele se deteve ante a porta e a abriu com força sem se preocupar com o ruído que essa fez. Allegra se agarrou com ambas as mãos na grade, mas ele a arrancou dela.

- O que quer de mim? — gritou ela.
- Que se acalme e faça o que eu diga.

Segurou-a pela cintura e a lançou sobre um enorme cavalo negro que não deixava de golpear o chão com os cascos e bufar, e que teria parecido saído do próprio inferno se não fosse pelo escudo do regimento que se via na almofadinha da sela de montaria. Allegra não teve tempo de se perguntar o que teria acontecido com seu anterior cavaleiro.

“Meu Deus, acaba de me raptar.”

Não podia acreditar. Domenic tivera razão desde o começo.

O desconhecido era um dos rebeldes.

Ao se dar conta disso também perdeu o medo já que soube que ele não podia feri-la se quisesse que seu pai aceitasse as demandas de sua facção. Além disso, encontrava-se bem, mais ou menos, então se obrigou a ser sensata.

Em condições normais, ela nunca cumpriria esse tipo de medidas tão extremas. Mas, talvez, um ato tão brutal como esse era a única forma de que tanto seu pai como o Conselho escutassem as pessoas. Talvez, seu rapto ofereceria no final um bem maior a Ascensão.

Com esta idéia na cabeça, decidiu cooperar. Tampouco tinha outra alternativa.

Apesar disso, seu coração pesava porque tinha certeza de que o valente rebelde seria enforcado. Embora ela voltasse para casa ilesa, seu pai o perseguiria e o mataria por essa ação. E se seu pai não o fizesse, Domenic o faria.

— Se agarre — ele lhe ordenou no instante em que se ouviram os primeiros disparos dos soldados.

Ela obedeceu e deslizou suas mãos pela dura e lisa cintura dele, por debaixo da camisa negra. A cálida e dourada pele era como um mármore sedoso sob seu tato e estava coberta por uma fina camada de suor. Ele a atraiu para seu corpo e a sentou sobre seu colo enquanto a envolvia com um braço. Imediatamente, levou o cavalo em direção à estrada que se afastava da cidade. Com as rédeas presas com a outra mão, esporeou o cavalo levemente.

Ato seguido, encontraram-se fugindo a galope.

Capítulo três

filha de Monteverdi se encontrava sentada de lado em cima de seu colo. Por Aque tinha acabado o vendo como seu salvador era algo que Lazar não entendia. A única coisa que sabia era que o tinham ferido porque o distraíra, e isso não lhe parecia divertido.

Tampouco lhe parecia divertido que seus rogos o tivessem convencido de que deixasse Clemente vivo. Tampouco nesse momento lhe parecia divertida a maneira

como o esbelto corpo dela se movia ritmicamente contra o seu. Tampouco o aroma floral de seus cabelos. Tampouco aquelas mãos acariciadoras, cada vez que modificavam o quente contato ao redor de sua cintura.

Teve a forte impressão de que a senhorita Monteverdi desfrutava de seu próprio rapto. Franziu o cenho. Isso não ia funcionar. Supunha-se que ela devia temê-lo.

Vinte ou trinta soldados os perseguiram um quilômetro e meio aproximadamente, mas Lazar se alegrava disso. Em primeiro lugar, porque quantos mais soldados os perseguissem para a armadilha a que ele os conduzia, menos deles ficariam para se unir aos guardas das torres.

Em segundo lugar, a perseguição mantinha sua mente afastada de outras coisas. A forma como sua valiosa vítima movia seu *derrière* sobre seu colo, ou a parte rasgada do vestido que mostrava seu decote virginal. Ao ver o velho carvalho que flanqueava a estrada, fez com que o cavalo se detivesse.

— Por que nos detemos? Estão bem atrás de nós! — gritou à senhorita Monteverdi.

— Shh! — ele escutou com atenção.

“Não. Mais longe.” Esporeou o cavalo de novo, continuaram uns cinqüenta passos e se detiveram outra vez para escutar.

— Maldição, está em algum lugar por aqui — disse enquanto conduzia o cavalo de novo junto à árvore.

“Sim. Ali.”

— Me dê um de seus broches de cabelo. Agora — lhe ordenou, saltando do cavalo e ajudando-a a descer.

Atou as rédeas ao redor do pescoço do animal e ela tirou dos cabelos um broche engastado com uma esmeralda e a cabeleira lhe caiu sobre os ombros imediatamente. Ao longe, através das árvores, viam-se os soldados na estrada avançando com rapidez. Ele pegou o broche e o cravou na almofadinha da sela até que essa cravou o flanco do cavalo, que protestou violentamente. Lazar o esporeou na garupa e o animal arrancou em um furioso galope estrada adiante.

Pegou Allegra pela mão e correu com ela até o bosque que flanqueava a estrada. Penetraram nele quebrando galhos e enganchando-se em sarças. Ele saltou por cima de um enorme tronco e ajudou Allegra a fazer o mesmo. Imediatamente a jogou no chão, ao seu lado, sobre a densa camada de folhas, para se ocultar atrás do tronco. O branco vestido dela os delataria com facilidade se os soldados direcionassem a vista para o bosque.

Ficaram deitados um ao lado do outro. Ela ruborizada. Ele ofegando. Como dois amantes depois de uma tarde de vigoroso sexo. Ela o olhou com os olhos muito abertos. Ele pôs um dedo sobre os lábios dela em um gesto de silêncio, mas, estranhamente, não detectou nela nenhuma intenção de gritar pedindo ajuda.

Olhou-a nos olhos com calidez enquanto ouviam o esquadrão passar galopando atrás do cavalo negro desmontado. O ruído dos cascos apagou o distante murmúrio

da cascata. Ainda com sua refém presa pela delicada cintura, Lazar esquadrinhou a estrada na direção da cidade. Adivinhava que os reforços não podiam estar muito longe.

— Vamos.

Ficaram de pé. Os suaves e finos dedos dela se entrelaçaram com os dele, calosos e fortes. Ele a conduziu através do escuro e cheiroso bosque em direção ao som da cascata. Ele sentiu alegria ao chegar à ponte, posto que se sabia fora de perigo. A estrada já não se encontrava à vista. A cada passo que davam, o som da cascata se fazia mais forte.

De repente, ouviu um grito de dor atrás dele e se voltou. Viu que uma longa mecha dos cabelos dela se enganchara em algumas sarças. Tirou a faca e se dispôs a libertá-la, mas ela gritou:

— Não se atrevera.

Ele a olhou com surpresa. Ela o olhou desafiante.

— Me rapte se deve fazê-lo, mas não permitirei que corte meu cabelo.

Ele continuou olhando-a, sem compreender como era possível tanta raiva por algo tão corriqueiro em um momento como aquele. Mas ao recordar o que tinha que fazer ao amanhecer, um sentimento de culpa o alagou e pensou: “É o mínimo que posso fazer por ela”. Com suavidade, desfez-lhe o cabelo enganchado na sarça. Ela ficou quieta, esperando com paciência. Então ele se deu conta de que ela voltava a olhá-lo. Seu rosto levantado para o seu e banhado pela luz da lua. Ele desfez o último nó e deu meia volta.

— Obrigada — ela lhe disse, um pouco ruborizada. — Qual é seu nome?

— Vamos. Sem perguntas — grunhiu ele, irritado por aquele tom de comando.

Dessa vez pegou a mão com maior suavidade. Sentia-se excessivamente consciente da suavidade de sua pele. Ao final chegaram à clareira onde a cascata se derramava até um enorme lago. Ele se voltou e viu que ela contemplava o brilho da lua sobre a água.

— Poderia fingir certo medo — murmurou.

— Sinto medo — lhe assegurou ela.

Ele a olhou e desejou saborear aqueles belos lábios que agora desenhavam um impudico sorriso.

“Não é possível que eu arrebate a vida dessa criatura”, pensou. Mas então se lembrou de seu pai, como tinham ido para cima dele, como cães sobre um touro ferido, e como o tinham apunhalado várias vezes bem diante de seus olhos. Pensou em como tinham talhado o pescoço de Pip, como se fosse um jovem bezerro, seu pequeno irmão de somente oito anos de idade. Lazar se afastou com brutalidade e tirou as botas.

— Vai tomar um banho? — perguntou ela.

Como resposta, ele penetrou no lago com as botas em uma mão enquanto, com a outra, arrastou-a pelo pulso. Ela lançou um pequeno grito de protesto, mas o lago não era profundo: só lhe cobriu primeiro as coxas e logo a cintura.

— Aonde vamos?

Ele não respondeu.

Atravessaram o lago em direção à cascata e quando chegaram a ela, ele depositou as botas sobre uma rocha. Ao se aproximar da cascata, Allegra observou, fascinada, que atrás da cortina de água se abria a entrada de uma caverna. Ele saltou às rochas, se voltou, abaixou-se e lhe ofereceu uma mão para ajudá-la. Ela pegou e, quando saiu da água ensopada e escorrendo, ele sentiu imediatamente uma corrente de desejo que lhe percorreu todo o corpo.

“Oh, por Deus, por que não a levei nas costas?” A branca seda molhada se aderiu a cada curva de seu feminino corpo e a luz da lua outorgava um efeito mágico àquela visão. Quando ela se pôs em pé, ele consultou imediatamente o bolso de seu relógio.

Quanto tempo restava? Marcava uma e quinze. Não restava tempo suficiente.

Irritado consigo mesmo, apartou essa idéia. Mesmo que dispusesse de uma semana inteira, não pensava em fazer amor com aquela mulher. Nem sequer pensaria naquilo. Talvez ele tivesse sido uma desgraça para sua família, mas não chegaria até aquele extremo. Além disso, que espécie de perverso desalmado poderia pensar em seduzir uma mulher que se dispunha a matar ao fim de algumas horas? Mas era justo que uma criatura tão linda morresse virgem?

“Maldito bastardo”, disse a si mesmo. Olhou para a boca negra que se abria na extremidade dos túneis.

— Vamos — grunhiu.

Não queria contemplar sua beleza nem ver a luz da lua que desenhava os perfis de seu vestido, revelando as elegantes linhas de suas longas pernas até aquela cúpula onde se encontravam os mistérios de Afrodite.

— Por que me leva aí dentro? — perguntou-lhe ela com temor, demonstrando enfim que tinha o suficiente bom senso para estar assustada.

— Porque vou alimentar aos ursos com você — respondeu ele. — Se apresse. Não tenho toda a noite.

— Sua facção se encontra aí dentro esperando?

— Minha o quê? — perguntou ele, se voltando.

Ela deu um passo para ele e olhou seu rosto com seriedade.

— Não vai me deixar sozinha com eles, não? O povo odeia a meu pai, e eu... eu me sentiria muitíssimo mais segura se você estivesse ali.

— Mais segura? — lhe devolveu o olhar, enfeitiçado.

O olhava com acanhamento, mas com um valente sorriso. Prendeu uma das longas mechas atrás da orelha.

— Sei que não permitiria que me fizessem mal. Já me salvou uma vez essa noite.

Lazar recebeu a súbita compreensão como uma bofetada: ela confiava nele.

Angustiado, compreendeu a que conclusões chegara à senhorita Monteverdi em referência aos motivos dele e soube por que ela cooperava de forma tão amável.

Sim, seus espiões o tinham informado sobre as inclinações democráticas daquela pequena patriota, inclinações tiradas dos novos filósofos que freqüentavam os salões e os cafés de Paris. Allegra Monteverdi era uma defensora do povo humilde. Ele tinha conhecimento de seus projetos caridosos e de seus esforços por salvar o mundo, como se quisesse expiar os pecados de seu pai.

“Não lhe dê falsas esperanças. Merece conhecer a verdade”, pensou. Mas se sentiu incapaz de confessar-lhe. Que bem poderia lhe fazer passar as últimas horas de sua vida presa em um estado de pânico e histeria? Não queria que ela sofresse mais que o necessário. Era seu pai quem devia sofrer, não ela. Não, era melhor deixar que ela fosse conhecendo a gravidade de sua situação paulatinamente. Seria mais fácil para ela dessa forma.

E Deus sabia que também seria para ele.

Ela ainda o olhava com os olhos muito abertos, com uma expressão de esperança e confiança que se mesclava com o temor.

Como era possível que aquele seu prometido tivesse tido o pouco coração de pretender violar uma inocência como ela? Bem, fez algo mais que pretender. Nesse instante decidiu que mandaria alguns homens atrás de Clemente: perseguiria o visconde e o mataria pelo que fizera a ela.

Talvez isso ajudaria a aliviar sua própria consciência.

Por alguns momentos, Lazar pegou seu rosto com uma mão em um gesto de inefável tristeza. Por uma questão de linhagem, o destino o convertera em inimigos.

Mas se naquele momento ele tivesse sido um preguiçoso príncipe herdeiro — porque seu pai ainda viveria, com quase seus sessenta anos — e se Allegra tivesse sido dama de honra de sua irmã, da pequena princesa Anna, igual sua mãe tinha sido da rainha Eugenia, quem sabia? Talvez ele a teria conquistado e a teria introduzido nas artes do amor.

— Vamos, *chérie*. Resta pouco tempo — disse em tom rouco. Pegou-a pela mão e a conduziu para a escuridão.

Aquele rebelde era um mistério para Allegra. Agora a conduzia através de uma caverna que era inclusive mais escura que seus olhos. Depois de presenciar a brutalidade com que tinha batido em Domenic, Allegra nunca teria imaginado que aquelas mãos grandes e cálidas poderiam ser tão amáveis para desenredar seus cabelos com tanta suavidade, nem tão reconfortantes agora que a conduziam pela escuridão.

— Em algum lugar deveria haver uma tocha e pederneira — murmurou ele, lhe soltando a mão e começando a procurar. Ela não via nada, mas ouvia seus movimentos e sentia seu calor.

— Quem você é? — perguntou-lhe, surpreendendo-se com o eco que sua voz despertava na escuridão.

- Não precisa saber.
- Como devo chamá-lo?
- Como você gostar. Não importa.
- Sim, me importa.
- Por quê?

Ela deu de ombros:

- Por educação.
- Sinto muito, mas não me importo com isso — respondeu ele.

Suas vozes ressonavam na escuridão da caverna e Allegra se deu conta de que aquela era muito maior do que pensara.

- Quais são suas demandas?

Com um grunhido, ele lhe fez saber que tampouco pensava em responder àquilo.

- Onde estamos?
- Allegra ouviu um suspiro de exasperação e frustração.
- Nenhuma pergunta mais! Quer que a amordace?
 - Não.

Allegra ouviu o estalo da pederneira contra o metal e viu umas faíscas que rompiam a escuridão. Uma delas prendeu e, depois de alguns momentos, uma pequena chama apareceu na tocha. Pouco a pouco, essa iluminou o rosto bronzeado dele, seus escuros olhos e a expressão de suas sobrancelhas, e suas faces. Allegra se perguntou se devia sentir temor em lugar de fascinação ante aquele homem. Mas nenhum homem com uma risada tão alegre podia ter um coração cruel. E suas mãos eram tão amáveis. Perguntou-se se as poria em cima dela como Domenic fizera.

- Não vai me dizer seu nome, não é?
- Direi, se isso acabar com suas perguntas — Sorriu como um diabo. — Meu nome é... Humberto.

— Humberto! Não — riu ela. — Os Humbertos tropeçam em sua própria sombra.

Ele a olhou com malícia e tentou de novo:

- Paolo.
- Ela meneou a cabeça.
- Nunca. Muito suave.

Ele soprou a tocha e a olhou.

- Que tal Antonio?
- É possível — observou a forma de seus lábios quando sopravam de novo para avivar o fogo. — Se pavoneia como um Antonio. Mas se fosse um Antonio de verdade, nunca haveria dito a Domenic que eu era insaciável. Nenhum Antonio admitiria nunca que tinha deixado uma mulher insatisfeita, embora fosse mentira.

— Eu não disse que você estivesse insatisfeita, só que queria mais — respondeu, divertido.

— Não se chama Antonio — insistiu ela.

— Vamos, *chérie*. Temos três quilômetros pela frente.

— Três quilômetros? — repetiu ela enquanto observava a escuridão que os esperava.

Ele levantou a tocha e Allegra se deu conta de que iriam penetrar nas próprias vísceras da terra. Contemplou as trevas e, com incredulidade, soube onde se encontravam.

— Os túneis dos Fiori — sussurrou impressionada. — Antonio-Humberto, como os encontrou?

Allegra lhe arrebatou a tocha e deu uns passos para a frente dele, contemplando tudo com incredulidade.

— Parece assombrada, senhorita Monteverdi — disse ele com voz profunda.

— Acreditava que esses túneis eram somente uma lenda! — deu meia volta para ele e com repentina seriedade lhe advertiu: — Não deveríamos estar aqui.

— Por que não? — perguntou com uma expressão estranha, dura, brilhante e sombria em seus olhos.

— Esses túneis pertencem aos Fiori — respondeu ela em tom receoso.

Ele deu de ombros.

— Estão mortos.

— Um pouco de respeito! — recriminou-o ela, benzendo-se.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Não acredito que eles os utilizem mais.

Levando uma mão ao quadril, Allegra lhe dirigiu um olhar severo.

— Me diga que não revelou a suas facções a existência desses túneis.

— Não — respondeu ele com secura.

— Isso é bom. Devem permanecer em segredo.

Allegra se aproximou de uma das paredes do túnel e passou uma mão pelo duro e cortante granito com a certeza de que aquilo era o mais perto que jamais estaria de tocar a pele dele.

— Pobre Lazar — suspirou.

— O que disse?

Ela lhe dirigiu um rápido olhar e viu algo na decidida curva de seus ombros e no orgulhoso ângulo de sua mandíbula que a impediu de afastar os olhos. Por um momento quase pensou...

Mas não, era impossível. Só se tratava de sua exacerbada imaginação, como sempre. Ninguém poderia sobreviver a um salto de sessenta metros sobre águas infestadas de rochas e tubarões, especialmente um menino de treze anos. Não pelo fato de que não tivessem encontrado o corpo cabia pensar que a lenda do príncipe oculto era algo mais que uma lenda.

“Igual a esses túneis?”, perguntou-se.

O rebelde se aproximou dela e lhe arrebatou a tocha com brutalidade.

— Continuemos, senhorita Monteverdi — disse. Pronunciou seu nome como se

o odiasse.

Lazar partia na frente, zangado pelo fato de que Allegra não pudesse nem imaginar quem era ele. Ainda não queria que ela soubesse, pois guardava essa revelação para seu pai, mas o fato de que ela nem sequer contemplasse essa possibilidade o incomodou profundamente.

Como demônios ela acreditava que ele conhecia aqueles túneis? Era tão difícil de acreditar que ele pudesse ser o filho do rei Alphonse? Por outro lado, essa indignação, essa vaidade ferida, divertiram-no um tanto ironicamente.

Ao fim de um momento ouviu outro grito de dor. Ao se voltar, percebeu que a senhorita Monteverdi torcera um tornozelo.

Deixara-se cair sobre o úmido chão e agarrava o tornozelo com ambas as mãos enquanto o esfregava sem poder reprimir as lágrimas. Ele se aproximou com certa desconfiança, convencido de que fingia. Mas então viu a sapatilha de baile destroçada pela queda e as brancas meias rasgadas e manchadas. Devagar, ajoelhou-se diante dela.

— O que aconteceu?

— Escorreguei — gritou ela, como se tivesse sido culpa dele. Lazar lhe deu a tocha.

— Me deixe ver.

Afastou-lhe as mãos e examinou o tornozelo sem se preocupar com suas pequenas exclamações de protesto. Passou-lhe ambas as mãos pela elegante curva do tornozelo e quando pressionou levemente com o polegar sobre o osso, ela reteve uma exclamação de dor e o olhou mordendo o lábio.

Ele se afastou e a contemplou, pensativo. Ela tinha se mostrado tranqüila durante todo o trajeto clandestinamente, mas agora sua resistência começava a fraquejar.

Tinha sido uma noite difícil para ela, supunha. A ponto de ser violentada, tinham-na raptado, fora perseguida por soldados, fora arrastada por um lago. Agora torcera um tornozelo e o pior estava por chegar. Muito pior.

Ele abriu a cigarreira e lhe ofereceu um pouco de rum. Allegra observou à cigarreira e olhou para ele, desdenhosa, mas pensou e deu um prudente gole. Ele não pôde evitar rir ao ver que ela tinha um ataque de tosse e que cuspiu o rum.

— É horrível! — exclamou com os olhos úmidos. Tampou a boca com ambas as mãos e o olhou com expressão de recriminação.

— Atenuará a dor — Lazar ficou em pé e lhe ofereceu uma mão. — Vamos, minha pequena cativa. Vamos.

Levou-a nas costas durante o resto do trajeto. Ela segurava a tocha e iluminava o caminho. Ao princípio ele se sentiu irritado pelas constantes ordens e queixas dela que o alertavam ante uma poça no chão, avisavam-no ante qualquer pedra que se interpusesse em seu caminho ou o ordenavam a se abaixar para evitar um saliência do teto. Mas ao final, acostumou-se.

Ao que não podia se acostumar era à sensação que lhe provocavam os braços dela ao redor do seu pescoço, as pernas ao redor de sua cintura, o contato das mãos com suas coxas. Havia algo selvagem no fato de levar uma mulher daquela forma e gostava desmesuradamente daquilo. O vestido ainda estava molhado e se aderira a suas pernas e a ele, além de lhe passar a úmida calidez da pele com uma intensidade assombrosa.

Cada vez que notava seu fôlego no ouvido lhe parecia menos provável que a senhorita Monteverdi pudesse sair daquele túnel com a virgindade intacta.

E, apesar de tudo, devia matá-la.

A cada passo que dava tinha maior consciência da luta interna que despertava em seu interior. Desde o começo do planejamento de sua vingança, Allegra Monteverdi fora unicamente um nome sobre um papel, um objeto a utilizar para conseguir um resultado, nunca fora um maravilhoso ser pensante com sentimentos próprios, risada de prata e sardas no nariz.

Ela exalou um suspiro perto de seu ouvido no momento em que se aproximavam da saída interrompendo, assim, a silenciosa luta que mantinha consigo mesmo.

— Agradeço-lhe por ter me salvado de Domenic — lhe disse. — Mesmo que fosse porque tinha a intenção de me raptar.

— O ama? — ouviu-se perguntar a si mesmo.

— Não — ela suspirou e repousou a cabeça sobre o ombro dele. — E você, ama alguém?

— É obvio.

— Como é ela?

— Tem três pontes, três mastros e a popa mais elegante que um homem pode desejar.

— Um navio? — exclamou ela. — Ah, é um marinheiro. Claro! Agora o entendo.

Ela apertou com suavidade o abraço ao redor de seu pescoço e ele não pôde evitar um sorriso apesar de tudo.

— É nativo de Ascensão, mas viajou. Noto em seu sotaque.

— Muito bem, senhorita Monteverdi.

— E, se não me equivoco, é de bom berço, também.

— Meu pai era um cavalheiro — concedeu com a expressão mais modesta que pôde.

Por causa de que foi martirizado, o Vaticano considerava a possibilidade de declará-lo santo.

Por alguma razão, Lazar desejava que não o fizessem, apesar de que nunca saberia. Os cardeais não decidiriam até ao fim de outros trinta e cinco anos, e Lazar não tinha intenção de viver tanto tempo.

— Peso muito?

— É obvio que não.

— Seu braço dói muito? Parece que já deixou de sangrar.

- Está bem.
- Aonde me leva?
- Já verá.

Ela ficou calada durante um minuto. Ele quase ouvia os pequenos gemidos de seu laborioso cérebro.

— Posso te perguntar uma coisa? É algo que Domenic disse enquanto se mostrava tão desagradável, e ainda me persegue, você é um homem... então certamente poderá compreender.

Ele meneou a cabeça exasperado, enquanto ela continuava antes que pudesse detê-la.

— Olhe, Humberto, a principal razão por que eu queria me casar com Domenic era porque ele será o próximo governador de Ascensão.

“Não aposte nisso”, pensou ele.

— Dizem que o poder é um afrodisíaco.

Ela se scandalizou.

— Que coisas assombrosas você diz! Mas isso não tem nada a ver.

— É obvio que não.

— Digo de verdade — disse ela com seriedade. — Pensei que sendo sua mulher poderia ter alguma influência nos problemas de Ascensão, que poderia tentar amortecer as injustiças, mitigar o sofrimento do povo.

— Admirável.

— Já sabe o que dizem — sussurrou ela em tom bem-humorado e apoiando o queixo sobre seu ombro. — Atrás de um grande homem sempre há uma grande mulher.

Ele se deteve um momento para subi-la um pouco mais sobre suas costas.

— Me desculpe, mas duvido que seu prometido seja jamais um grande homem.

— Ex-prometido. É obvio que não vou me casar com esse cretino agora! Não sei o que farei. Talvez ingresse em um convento.

Ele se encolheu ao escutá-la falar de seu futuro quando ele sabia que não teria nenhum.

— Bem, Domenic declarou que o que ia me fazer era justificado porque eu o estava usando. Eu nunca quis usá-lo! — exclamou. — Nunca pensei dessa forma. É isso pouco considerado? Sou perversa por querer me casar com ele para servir a um bem comum? Quero dizer, acredito que Domenic queria se casar comigo somente por causa da posição de meu pai. Vê? Estou confusa. O que pensa você de tudo isso, Humberto?

— O que pensa você disso, senhorita Monteverdi ? — Ihe respondeu ele com calma. — Sua opinião é a única que conta.

Ela ficou em silêncio durante alguns momentos.

— Não sei, mas agora me sinto culpada.

Voltou a apoiar a cabeça sobre seu ombro, dessa vez se acomodando contra ele.

— Humberto? Ninguém tinha defendido minha honra antes.
Ele não disse nada.

“Maria...”

O primeiro pensamento que apareceu em sua nublada mente foi que queria Maria, sua querida, leal Maria, obediente como um spaniel, que sabia como cuidar dele melhor que sua própria mãe. Tentou abrir os olhos, mas só pôde abrir o direito. O olho esquerdo estava fechado pelo inchaço. Sua mente parecia cheia de teias-de-aranha, estrelas e fogos.

Viu as flores por cima de sua cabeça. Malmequeres e lírios o olhavam de cima em silêncio, como rostos de mulheres preocupadas. Durante alguns momentos não sabia onde diabos se encontrava nem como tinha chegado até ali. Então recordou. Domenic Clemente se ergueu com dificuldade respirando pela boca, já que não podia fazê-lo pelo nariz. Ainda se encontrava aturdido por causa dos fortes golpes que tinha recebido na cabeça e teve que comprovar que tinha cada osso em seu lugar. Nesse momento chegaram os soldados.

— Meu senhor!

— Está ferido!

— Uma dedução brilhante — grunhiu ele ao mesmo tempo em que tirava de cima de si a mão de um dos homens enquanto protegia o dolorido pulso contra o peito. — E a senhorita Monteverdi?

— Ele a levou com aquele cavalo que roubou. Temos dois esquadrões atrás deles nesse momento.

— Logo a traremos de volta, senhor. Não se preocupe! O teremos pegado até amanhã!

— Tragam esse homem para mim — lhes ordenou em voz baixa. — Ele é meu.

— Sim, senhor!

Um dos homens encontrou a adaga de Clemente e a devolveu. Domenic a recusou.

— Você — ordenou a um soldado — comunique ao governador que se encontre comigo agora mesmo em seu escritório. E você — disse a outro — procure o melhor cirurgião da Pequena Gênova. E você — continuou com um gesto de cabeça a um terceiro — se encarregue que minha carruagem esteja pronta em meia hora.

Necessitava de Maria. Logo que contasse a história ao imbecil do governador e tivesse recebido atenção médica iria à pequena casa de campo onde ela se encontrava. Maria lamperia suas feridas e apaziguaria seu orgulho ferido.

Quanto a Allegra Monteverdi, aquela afetada pequena raposa, teria que esperar que seu pai a resgatasse. Ele já contribuiria com sua parte.

“Aquele diabo de olhos negros te deu um chute no traseiro, seu covarde

chorão.”

Esse pensamento o fez soltar um grunhido e tentou se recompor. Sacudiu o pó de suas maltratadas vestimentas e passou a mão pelos cabelos enquanto se dirigia ao palácio. Enquanto percorria o vestíbulo em direção aos escritórios de Monteverdi, se esquivando dos convidados e amaldiçoando com o olhar os torpes criados para que se metessem com seus assuntos, meditou a respeito da perigosa questão sobre em quem acreditaria o governador. O que aconteceria se Allegra contasse a seu pai que ele tentara passar um bom momento essa noite com sua frígida filha.

Tampouco havia nada de errado no que fizera. Somente agira no interesse de Allegra, afinal de contas. Não queria que a noite de núpcias se convertesse em um trauma para ela. Monteverdi teria que compreender que ele, Domenic, simplesmente tentara proteger a moça daquele insolente canalha.

Quem era aquele homem? Se era um dos rebeldes, o que tinha de ser, por que não tinha o sotaque vulgar e rústico deles? Por que dissera que era um bom amigo de Allegra? O canalha zombou dela como se fossem velhos amigos. Talvez sua mente não funcionasse bem por causa dos golpes, ou talvez bebera muito, mas havia algo que não se encaixava.

Se Allegra lhe tivesse obedecido e tivesse chamado os malditos soldados como lhe ordenara, nada disso teria acontecido. Diabos, era culpa dela se a tinham raptado. Ele fizera todo o possível para protegê-la, mas ela não cooperara em nada. Era quase como se tivesse desejado que a raptassem.

De repente, deu-se conta de algo assombroso.

Ela conhecia aquele homem. É obvio que o conhecia. Tal como o canalha dissera, “um amigo, um muito bom amigo”

Allegra fazia parte dos rebeldes.

Domenic se deteve, imóvel, no vestíbulo, com o olhar perdido: tentava aceitar. Era óbvio.

Allegra era uma traidora.

Todas aquelas pequenas mostras de rebeldia, as cores dos Fiori em seu vestido, sua falta de respeito por seu pai e por ele, suas infantis discussões com os convidados sobre assuntos que conhecia tão pouco. Nunca lhe outorgara a devida importância.

Ela planejava tudo. Seu rapto era uma comédia. Não se encontrava em perigo absolutamente. Simplesmente se pusera de acordo com os rebeldes para conseguir com que seu pai e o Conselho seguissem sua vontade. E o utilizara, brincara com ele o tempo todo.

Ainda mais furioso que antes, Domenic deu os últimos passos até os escritórios de Monteverdi, ocultos por trás de escuros painéis, dirigiu-se diretamente ao bar e, com torpes movimentos, tentou verter uísque com a mão esquerda.

— Maldição! — voltou para a porta e bramou para que um dos criados corresse a ajudá-lo e a acender algumas velas.

Quando o cômodo ficou iluminado e o criado lhe devotou um copo de uísque, contemplou-se no espelho com o único olho ainda bom. Resultava-lhe quase impossível reconhecer seu atraente rosto naqueles violáceos traços difusos e deformados.

Era natural que todo mundo o tivesse olhado daquela forma.

Nesse instante jurou que se vingaria daquele cão rebelde. Não seria a força, rápida e simples, mas a tortura mais lenta e duradoura. E quanto a Allegra, que se atrevera a convertê-lo num parvo, acabaria lamentando. Lamentaria muito. A vingança também chegaria para ela, mas antes deveria se esquivar de seu pai.

Sabia que Monteverdi nunca apresentaria acusações contra Allegra, como nunca apresentara acusações contra sua esposa quando essa descobriu a verdade sobre a morte dos Fiori. O fato de se encontrar sob a tutela do Conselho o permitira conhecer por completo a secreta história do que aconteceu à senhora Cristã Monteverdi. A mãe de Allegra fora eliminada antes que pudesse contar a história em Roma, tal como planejava em segredo. A causa de sua morte ter sido apresentada como um suicídio, seu marido nunca se inteirou. O governador estava tão obcecado por ela que nunca a questionou.

Da mesma maneira, Monteverdi utilizaria todo seu poder para proteger sua pequena, mesmo que essa fosse uma rebelde e uma traidora.

Talvez fosse possível mantê-la a salvo, pensou Domenic com um sorriso diabólico. Observou seu pulso, agora torcido até o dobro de seu tamanho habitual, e decidiu nesse mesmo momento que se tivessem que amputá-lo por causa da ruptura, manteria em pé seu compromisso com ela. Então, como marido, poderia se vingar dela a cada noite durante o resto de sua vida.

O rebelde não a levou com os dele. Em vez disso a enviou de volta à Pequena Gênova.

A cidade se encontrava às escuras e vazia agora, exceto pelos grupos de guardas que percorriam as ruas ou se agrupavam na praça. Havia tensão no ar, em seus secos chamados, no agudo assobio do apito do sargento, no som das botas sobre o pavimento, nos cascos dos cavalos contra o chão.

“Todo mundo está nos procurando”, maravilhou-se ela enquanto seu raptor a conduzia pelas sombras da muralha romana para as torres da porta. Para a própria boca do lobo, parecia. Por um lado, sentia-se culpada por cooperar com seu raptor. Era como se tornasse contra seu pai e se unisse aos rebeldes. Mas que outra opção tinha? Não podia lutar contra um homem que media trinta centímetros a mais que ela e que pesava o dobro e cuja constituição era de uma musculatura tão sólida e firme.

Sentiu o estômago revoltado e inquieto ao pensar no que aconteceria a Humberto se o pegassem, especialmente quando vissem que o vestido dela estava

rasgado. Embora Domenic o tivesse rasgado, acreditariam que fora ele. Os soldados se vingariam contra toda a cidade e, sem dúvida, fariam às mulheres o mesmo que acreditavam que ele fizera a ela. Então os homens da cidade levantariam um forte ou preparariam uma emboscada, onde os soldados pegos sofreriam terrivelmente. “Vingança sobre vingança, vingança atrás de vingança, assim sempre”, pensou com cansaço.

Tendo em conta que Ascensão era um país católico cujo Salvador instruíra aos homens para que oferecessem à outra face, Allegra não podia compreender a que se devia esse costume medieval da vingança, que infectava toda a Itália como uma praga, uma febre ou uma loucura contagiosa. As ilhas se encontravam arrasadas por ela e as piores de todas eram a Córsega, a Sicília e Ascensão. Embora o rei Alphonse fosse venerado ali, ninguém parecia recordar que ele redigira uma lei contra essa prática vinte anos atrás.

Olhou para o palácio e viu que todas as janelas ainda se encontravam iluminadas. Perguntou-se o que diria seu pai sobre tudo isso. O que tinha certeza era de que seu pai não permitiria que a notícia de seu rapto se filtrasse entre os convidados. Provavelmente já tinham encontrado Domenic e já o tinham levado a um médico. Certamente esse teria contado a seu pai um montão de mentiras a respeito do que tinha acontecido para se fazer ver sem culpa, e teria fugido para se refugiar nos braços de sua amante.

Quando estavam perto das torres da porta, o rebelde se voltou e a olhou em silêncio com uma expressão estranha, febril e dolorosa em seus tristes e escuros olhos. Olhou-a por tanto tempo que acreditou que ele ia aproximar seus belos lábios dos dela para beijá-la. Em vez disso, a pegou entre seus braços e a fez dar meia volta até que suas costas ficara, contra seu peito. Logo lhe passou um braço pela frente da barriga. Ela não protestou.

— Allegra — murmurou.

Ela se sentiu tremer ao ouvir a profundidade e o desejo em sua voz. Fechou os olhos quando sentiu que seus dedos lhe percorriam levemente o pescoço e lhe acomodavam uma mecha de cabelo sobre o ombro. Essa inesperada carícia lhe provocou tal sensação de debilidade que não pôde evitar se apoiar contra ele para não perder o equilíbrio. Ao fazê-lo, notou que ele ficava imóvel. Também notou que ele se freava. Notou em cada um dos fortes músculos que a rodeavam.

— Seu tornozelo ainda dói?

— Só um pouco — suspirou ela sem fôlego.

Ele estava muito quieto e, então, acariciou-a deliberadamente. Toda sua consciência pareceu se concentrar na pele do pescoço onde ele pôs seus dedos, bem debaixo da orelha. Sentiu-os se mover levemente e baixar com lentidão pela curva do pescoço até o ombro.

Onde ele a tocava, sua pele respondia com enorme sensibilidade, como se fosse uma seda que se desdobrasse sob o tato de um perito. Tremia sem poder se controlar e sentia o pulso dele se acelerar contra seu corpo. Sentia o coração dele

pulsar com força e desejava desesperadamente saber seu nome.

Sentiu que seus dedos rodeavam seu ombro e baixavam por seu braço até seu pulso. Quando ele introduziu os dedos em sua mão, ela pegou com força.

— Allegra — disse ele. — Sinto muito o que devo fazer.

— Está bem — murmurou ela com os olhos fechados e a cabeça apoiada contra a firme e suave almofada de seu peito. Sentia-se à deriva sob o feitiço dele. Ele apartou os dedos de sua mão e lhe acariciou o braço para cima.

Ainda desfrutava do contato do corpo dele contra o seu quando ouviu um som duro e metálico.

Abriu os olhos bem quando o desconhecido levantava uma pistola e a colocava contra sua têmpora, suave como um beijo.

Ela ficou gelada entre seus braços.

— O que está fazendo? Oh, meu Deus.

— Fácil, *chérie* — disse ele enquanto a fazia avançar para a porta da torre. — Simplesmente fique quieta, faça o que lhe digo e nada de mau acontecerá.

Os soldados os viram e correram para eles, mas Lazar lhes ordenou que se mantivessem afastados. Eles obedeceram.

— Agora, bata na porta — lhe disse em voz baixa. — Quando responderem, se anuncie.

Ela não se moveu.

— Allegra.

— Não posso — se queixou ela. — Estou muito assustada.

— Sim, pode fazê-lo, *chérie* — lhe disse ele sem afastar a vista dos nervosos soldados.

— Deixe de me chamar assim! Como pode se dirigir a mim dessa forma enquanto segura uma arma contra minha cabeça?

Começou a chorar. Ele disse a si mesmo que isso era bom, causaria mais impacto. Mas o fazia se sentir desolado.

— Te odeio por isso!

— Vamos, querida. Pode fazê-lo — disse com suavidade. — Não vou lhe fazer mal. Devemos manter esses soldados fora de nosso caminho, isso é tudo.

— Me... me promete isso?

— Te juro — sussurrou ele.

— Muito... bem.

Todo seu pequeno corpo tremia contra o dele, mas avançou e deu umas batidas contra a maciça porta de madeira reforçada com ferro que selava a torre. A via minúscula frente a ela, e, por algum motivo, esse detalhe o fez sentir uma pontada no coração. Imediatamente a puxou para seu peito outra vez antes que ela pudesse tentar uma fuga. Ela fez uma careta de dor ao apoiar o peso de seu corpo sobre o tornozelo. Anunciou-se com voz aguda.

— Como pode me fazer isso ? — disse-lhe ela. — Nunca fiz nada a você. Não seria capaz de fazer mal a ninguém.

Ele assim acreditava. Sentia seu coração se retorcer como um cavalo que tivesse recebido um tiro.

Ela fechou os olhos de novo, para retomar a calma, e ele observou aquelas extraordinárias sobranceiras dedilhadas de uma cor dourada.

— Se lhe for de algum consolo, daria minha alma para fazer amor com você — murmurou.

— Não o permitiria! Nem em mil, nem em um milhão de anos.

— Acho que permitiria, sim — respondeu ele.

— Oh, Deus, te odeio tanto.

— Boa noite, cavalheiros — se dirigiu aos soldados em tom firme embora amistoso. — A senhorita Monteverdi e eu queremos que todos vocês saiam fora. Saiam fora com as mãos ao alto.

Em alguns minutos, a torre se esvaziou e ele se fechou com Allegra dentro, assegurando a porta com uma grosseira travessa sem reparar no esparramamento de coloridas cartas com que os soldados estiveram jogando tão somente alguns momentos antes.

— Está louco! — gritou ela com as mãos elevadas. — Se dá conta de que vão enforcá-lo? Logo que saia por essa porta, será um homem morto!

Lhe dirigiu um sorriso.

— É muito doce de sua parte se preocupar — embainhou a pistola, pegou-a pela mão e a empurrou para a escada espiralada obrigando-a a subir os degraus de dois em dois. Na torre, o ar era rançoso e velho, as paredes, úmidas. Chegaram à torre de vigia, levemente assolada por vento. Ele observou aquele cômodo que coroava a torre e que tinha vista para o mar. Encontrava-se vazio, exceto por uma mesa de madeira e alguns bancos descuidadamente colocados, além de algumas lanternas que, ainda acesas, penduravam de uns ganchos de ferro.

Apagou todas as lanternas, exceto uma. Preferia trabalhar à luz da lua e não oferecer um alvo fácil aos soldados, no caso de que esses comesçassem a disparar.

No centro do cômodo se encontrava o enorme eixo do portão este. Sua roda era a culminação de um elaborado sistema de correntes e polias que manobravam o portão. Soltou a mão de Allegra, caminhou até o centro do cômodo e colocou o ombro contra o eixo. Teriam sido necessários dois ou três homens para girá-lo com certa destreza, mas teria que fazê-lo sozinho.

Allegra o olhava, pálida e estranhamente quieta. Ao ouvir o primeiro rangido da porta, ela se sobressaltou.

— Quem é? — ele perguntou enquanto empurrava com força.

O esforço lhe abriu a ferida do braço de novo e ele soltou uma maldição ao ver que o sangue voltava a emanar do braço.

— Arranque uma tira do vestido — lhe ordenou. — Tenho que fechar esse maldito corte ou nunca conseguirei abrir o portão.

— Por que tem que abrir o portão?

— Simplesmente, faça — respondeu com uma doçura áspera.

Tirou a cigarreira de rum e verteu o líquido generosamente sobre a ferida enquanto praguejava por causa da ardência.

De repente, Allegra deu meia volta e saiu do cômodo.

— Volte aqui! — bramou ele. — Maldita seja, mulher — amaldiçoou sem fôlego.

Com o braço cheio de sangue e rum, correu atrás dela.

Ao fim de alguns momentos, voltou com ela pendurada em seu braço direito enquanto lhe dava chutes e golpes. Deitou-a em cima da mesa, arrancou a tira de couro que mantinha a cigarreira em seu pescoço e lhe atou os tornozelos com um nó de marinheiro que ela não poderia desfazer. Ela o amaldiçoava com os piores palavrões que uma garota de convento podia proferir.

— Bruto! Mentiroso! Assassino! Se afaste de mim! Está me manchando de sangue! — grunhiu, olhando com rebeldia.

— Me dê isso — disse ele, puxando a faixa de cetim que usava na cintura. — Isso funcionará.

— Não! — queixou-se ela, agarrando-se à faixa com as duas mãos.

Ele a olhou.

— Não?

Ela agarrou a faixa com mais força.

— Não. Não verterá seu desagradável sangue sobre isso, senhor sem nome!

Ele a olhou zangado.

— Olhe, senhorita Monteverdi. Meu braço sangra por culpa de seu querido prometido de quem, certamente recordará, te salvei.

— Me lembre de te agradecer na próxima vez que apontar uma arma carregada para minha cabeça — gritou ela, mostrando a têmpora.

— Oh, é uma menina irritante. Não ia atirar em você. Além disso, a pólvora se umedeceu durante o caminho. Certamente não teria podido disparar. E agora, me dê isso. É só um pedaço de tecido.

— Não, não é! — rugiu ela.

Ele a arrancou e se aproximou da lanterna para abri-la. Justo quando ia limpar a ferida com ela, deu-se conta do que era. Deteve-se e observou atentamente a faixa. Levantou a tira de cetim para a luz.

Como não se dera conta até aquele momento?

Sentiu que um calafrio lhe percorria a coluna.

“Verde e negro. As cores dos Fiori.”

Com o coração acelerado, Lazar levantou a vista para ela.

— O que diabos é isso?

Ela elevou as sobrancelhas e lhe deu um dar de ombros.

— Eu te fiz uma pergunta.

— Por que deveria lhe dizer alguma coisa quando nem sequer me diz seu nome?

Ele levantou a faixa, mostrando-a.

- Por que você, uma Monteverdi, leva as cores dos Fiori?
- Não é da sua conta.
- Na realidade, é sim.

Encarou-a, com as mãos sobre os quadris, sem se importar com sua ferida que ainda sangrava.

— Essa noite você foi à anfitriã de uma festa em honra a Ottavio Monteverdi, e tinha todo o Conselho de Gênova nela — aproximou o cetim dela. — E usava isso.

Ela levantou o queixo em um gesto impertinente.

— E que que tem, se fiz isso?

Ele contemplou aquela descarada e impenitente criatura com certa admiração. Logo voltou a observar o tecido que tinha na mão quase sem ouvir a corrente de palavras dela.

— Mas sabe do que mais? Já não quero saber seu nome. Não quero saber absolutamente nada sobre você. É o mais grosseiro, incivilizado...

De repente, Lazar sentiu uma enorme alegria.

Cruzou o cômodo até ela em três passos, tomou seu rosto entre as mãos e acabou com seus insultos com um beijo de felicidade. Automaticamente, sua doçura despertou todos seus sentidos e a rodeou com os braços para estreitá-la contra ele sem reprimir um profundo grunhido de prazer.

Allegra Monteverdi nunca poderia imaginar o quanto ela acabava de fazê-lo feliz. Aquela faixa verde e negra constituía um símbolo do futuro tão bom como qualquer outro. Não, atormentaria Monteverdi de alguma outra forma. Allegra viveria.

A tomaria sob seu amparo e, exaltado fosse Deus, conduziria-a diretamente para sua cama.

Oh, a converteria em uma deusa da sensualidade, pensou enquanto saboreava seus lábios suaves da cor da cereja. Pensava dedicar todo o trajeto de volta às Índias Ocidentais instruindo-a e desfrutando dela. Depois disso... bem, pensaria em algo. A única coisa que sabia era que ele seria responsável por ela porque, na manhã seguinte, seu pai, seus parentes e seu perverso prometido estariam mortos.

Um calafrio de desejo lhe percorreu o corpo assim que ela envolveu seu pescoço com os braços e começou a responder seus beijos.

Sim, ela era dos seus. Encontravam-se unidos pelo crime de seu pai. Pela manhã, ambos seriam os únicos sobreviventes de suas respectivas famílias.

Por esse motivo, naquele mesmo instante decidiu lhe confessar sua autêntica identidade. Isso era algo que nunca compartilhara com suas mulheres. Mas aquela situação era completamente diferente. E talvez, finalmente, desejava dizer a alguém.

Com o coração acelerado, passou-lhe a língua, úmida, pelos lábios e os abriu. Ela emitiu um suave gemido. Seria tão fácil ficar ali, continuar explorando-a, mas decidiu se refrear e esperar as longas noites que teriam em alta mar. Com um último e casto beijo, separou-se suavemente dela e sorriu ante sua expressão de surpresa.

Prendeu-lhe os cabelos atrás da orelha e a contemplou, ali sentada com os olhos fechados. Então a atraiu de novo para si e aproximou a face de seus cabelos.

— Allegra, devo lhes dizer algo.

Inalou com força e reteve a respiração com os olhos fechados com força enquanto rezava para que acreditasse nele. Sentia-se um louco por confiar nela daquela forma.

— Sou Lazar — disse. — Sobrevivi.

Ela não se moveu.

Devagar, afastou-se um pouco e o olhou no rosto. Aqueles cílios dourados brilharam quando ela abriu os olhos e o olhou.

— Lazar? — repetiu ela, o olhando nos olhos. — O príncipe Lazar di Fiori?

Ele assentiu.

Ela o olhou.

De repente, começou a rir.

Capítulo quatro

ão era essa exatamente a reação que ele desejara.

N Suas esperanças se fizeram em pedacinhos. Tinha que ter sabido.

— Não importa — grunhiu, afastando-se dela.

Prendeu a faixa de cetim com as cores de sua família fortemente ao redor da ferida e voltou para o eixo.

— O príncipe desaparecido, he? — disse ela, alegre, embora o tom de sua risada tinha um laivo amargo. — Humberto, suas mentiras são melhores a cada vez.

— Não estou mentindo.

— Você não é Lazar di Fiori — disse ela, depois de um instante. — Olhe para você.

— Por que não utiliza uma adaga, senhorita Monteverdi? — murmurou ele. O suor lhe ensopava toda o rosto devido ao esforço.

Ela saltou da mesa e deu alguns passos, coxeando por causa do tornozelo, até a janela. Ele a olhou com raiva no rosto. Se tinha intenção de gritar pedindo ajuda, a sorte não estava do seu lado. Em alguns momentos começaria o assalto à Pequena Gênova.

Ao pensar nisso, decidiu que a prenderia na torre até que tivesse acabado com seu pai e estivesse preparado para zarpar. Ela estaria a salvo lá, e quanto menos ela soubesse sobre os acontecimentos daquela manhã, melhor.

— O que está fazendo? — perguntou ele.

— Estou saindo daqui, me afastando de você... Majestade! — respondeu, furiosa. — Você não é Lazar di Fiori, não é!

Ela perdeu o equilíbrio e tropeçou, mas conseguiu se segurar no batente da janela. Deteve-se de repente ao ver a estrada, abaixo deles, onde certamente já se viam seus homens.

Allegra deu meia volta com os olhos muito abertos.

— O que está acontecendo? — perguntou em um sussurro. — Quem você é?

— Já te disse isso — respondeu ele com cansaço. Escorou o eixo para dar um descanso ao braço e foi até seu lado. Apontou na direção da estrada e da baía. — Chegou o dia do julgamento, senhorita Monteverdi. Está vendo?

As primeiras filas de homens se encontravam a uns quatrocentos metros. Começava-se a distinguir suas silhuetas. Ele se sentiu orgulhoso ao se dar conta do silêncio com que se aproximavam apesar do grande número. Não levavam nenhuma só tocha. Bons rapazes.

No primeiro grupo havia uns duzentos homens que foram escolhidos por sua habilidade no combate corpo a corpo. Esses homens eram veteranos em quem se podia confiar para que se atessem às ordens mesmo em pleno fragor da batalha.

Dessa vez não se repetiria o horror de Antigua, disse a si mesmo. Os homens não perderiam as estribeiras. Não em Ascensão, por Deus. Esperava ter deixado suficientemente claro, inclusive para o mais fechado dos homens, que qualquer um que cometesse uma infração devia receber um tiro.

A disciplina era tudo.

Antigua lhe ensinara.

Depois que o primeiro grupo entrou na Pequena Gênova, o resto dos homens os seguiriam em pouco tempo em três grupos sucessivos de duzentos soldados cada um. Duzentos homens mais ficariam atrás, distribuídos em pequenos grupos, para vigiar e controlar as armas. Gênova se encontrava tão somente a setenta e cinco

quilômetros do outro lado da baía e dispunha de uma poderosa frota de homens bem treinados. Calculava que os navios demorariam seis horas para cruzar a baía em resposta à primeira detonação de canhão que se ouvisse de Ascensão, mas ele e seu exército já faria tempo que teriam partido no momento em que a frota chegasse e encontrasse a administração do governador arrasada.

— Oh, meu Deus, trata-se de um levante — sussurrou ela com terror antes de olhá-lo. — Você se erigiu líder dos camponeses para destronar meu pai. Conduziu-os até aqui para nos assassinar em nossos próprios leitos, e utiliza a lenda do príncipe desaparecido para que o sigam!

— Não é assim.

Levantou-a do chão e a levou de novo até a mesa. Ela parecia muito surpresa para protestar.

— Qual é essa lenda de que todo mundo fala? — perguntou-lhe ele enquanto voltava para o eixo. Esperava que se conseguisse que ela continuasse falando, a impediria de tentar fugir.

Ela estava pálida e seus olhos escuros brilhavam por causa do estupor.

— A conhece perfeitamente — respondeu em tom neutro. — Esse pobre e desesperado povo deseja que o príncipe Lazar não esteja morto. Que de algum jeito tenha sobrevivido depois que os assaltantes o encurralaram no alto daquele escarpado e o obrigaram a saltar no mar. Que tenha crescido escondido em algum lugar e que um dia possa voltar para arrebatá-lo do poder dos genoveses e reinstaurar o grande reino dos Fiori.

Lazar a olhou alguns momentos, incrédulo.

— Isso é patético — cuspiu.

Zangado, continuou empurrando o eixo e, centímetro a centímetro, o enorme portão este se abriu.

— O assassinato desse pobre menino foi uma tragédia — declarou ela, fria. — Se fosse um verdadeiro patriota, nem você nem suas ridículas facções se atreveriam a explorar essa morte nem as esperanças desse povo só para obter o poder.

— Não tenho nenhum interesse no poder — respondeu ele.

Os braços tremiam por causa do esforço, mas imobilizou o eixo em seu lugar. O braço esquerdo voltava a sangrar e manchava o cetim, mas seu coração saltou.

Bem a tempo, Pequena Gênova se encontrava aberta e vulnerável.

Monteverdi estava em suas mãos.

— Você é um impostor — continuou Allegra. — Vocês não é meu Lazar.

— Seu Lazar? — ele a olhou.

— Ninguém acreditará em você. Não é um príncipe.

— Por que acha que conheço a existência dos túneis?

— Simplesmente deu com eles de algum jeito, trata-se de outro truque, como quando impediu que eu chamasse os soldados com sua amabilidade. Sim, é inteligente, mas não tem nenhuma consciência, absolutamente nenhuma, nem nenhum respeito pelos Fiori, nem por Ascensão, nem por mim, nem por ninguém...

— Silêncio — cortou ele.

— ... nem sequer por você mesmo. É um impostor.

Ele se aproximou dela, tentado a lhe dar uma bofetada, mas ela fechou a boca e o olhou com rebeldia.

— Tem razão. Não sou nenhum maldito príncipe. Nunca disse que era, se recordar minhas palavras.

Saltou sobre a mesa e a obrigou a se deitar de costas para ficar montado em cima dela.

— Simplesmente te disse meu nome, já que tinha tanta curiosidade, minha terna senhorita Monteverdi. E me permita que lhe diga quem sou — disse a poucos centímetros do rosto: — Sou um capitão, um exilado, um pirata, senhorita Monteverdi. E seu novo senhor.

Nesse momento, o grito que atravessou o ar quando os homens atravessaram a porta não se parecia com nada que ela jamais tivesse ouvido.

O pirata se encontrava em cima dela sobre a mesa e a olhava como um lobo raivoso enquanto aquele estrondo alagava tudo a seu redor. Parecia que os demônios do submundo tinha arrasado as negras portas do inferno para chegar numa tormenta e arrasar a terra dos mortais. Era como um trovão que se desprendera dos céus e tivesse explodido as pedras dos muros da cidade até romper aquele amanhecer em pedaços.

O olhou, horrorizada.

— O que fez?

— Não há tempo para conversar — rapidamente, desceu da mesa e a tomou nos braços. Correu com ela escada abaixo e, ao chegar ao cômodo da torre, a deixou em um dos cantos ainda com os tornozelos atados.

— Não têm nada a temer — lhe disse com um olhar de franqueza. — Não sofrerá dano algum. Juro pelo túmulo de minha mãe. Mas te advirto, Allegra, não abra essa porta a ninguém exceto a mim. Meus homens fazem com que os soldados de seu pai pareçam alunos de escola. Compreende?

Ela assentiu com os olhos muito abertos, desejou se lançar aos seus braços e lhe suplicar apoio. Felizmente para seu orgulho, recordou a tempo que o odiava.

Ele a olhou um minuto, suspirou e lhe acariciou os cabelos. Aproximou seus lábios da testa dela e a beijou. Seus lábios eram quentes e firmes.

— Parece aterrorizada. Não tem nada a temer, *chérie*. Essa torre tem uma resistente parede. Estará a salvo. Mas fique no andar de baixo. Não suba. O teto não agüentaria uma bala de canhão. Virei te buscar quando tivermos acabado de bombardear a cidade. Por volta do final do dia.

— Virá... me buscar? — o olhou. — Tem intenção de me tomar como prisioneira, não é?

Ele sorriu brevemente em tom de competência:

— Minha querida senhorita Monteverdi. Já o fiz — rindo com arrogância ante o bufido dela, roubou-lhe um beijo, desembainhou sua faca curva e se precipitou

escada acima para sair, pensou ela, pela janela. A porta era muito alta e, certamente, ele poderia saltar até ela da janela e logo se soltar e cair no chão ante a surpresa dos soldados.

Durante alguns longos momentos, ficou ali no escuro canto do cômodo, totalmente aturdida.

Logo a visão clareou e sentiu que puro instinto de sobrevivência lhe percorria todo o corpo. “Seu novo senhor?”

— Nada disso, maldição — disse a si mesmo sem fôlego. Olhou a seu redor, zangada, e observou os muros daquela prisão. Tinha que sair da torre.

Se apressasse, ainda podia voltar para o *palazzo* antes que os homens de seu pai o fechassem ao inimigo. Mas tinha os tornozelos atados em um nó de marinheiro que não havia forma de desfazer. Já tentara sem nenhum êxito enquanto Lazar fazia girar o eixo. Agora, cada minuto era valioso. Examinou o cômodo com a vista procurando qualquer objeto que pudesse utilizar para cortar o couro. As balas de canhão contra a cidade retumbavam em cada um de seus ossos.

— Deus, esse homem me irrita — murmurou naquele cômodo vazio, embora soubesse que o desagrado não era a única coisa que sentia por ele, especialmente depois daquele beijo hipnótico e ávido. Também sentia euforia, raiva, exasperação. Paixão. Esse tal de Lazar se parecia com a pessoa mais viva que jamais conhecera na vida, mas se continuasse por aquele caminho, não viveria por muito tempo.

Não sabia se acreditava na sua história de piratas. Continuava pensando que se tratava de um levantamento popular. Mas aquela história, ao menos, era melhor que a do príncipe desaparecido. Ele não tinha nem idéia do sensível nervo que tocara nela com aquela história. As pessoas não voltavam de entre os mortos. Ela sabia por experiência própria.

Ela desejava, necessitava, que aquele príncipe perfeito se mantivesse a salvo no lugar adequado, em sua mente, onde nunca lhe faria mal, nunca a abandonaria e nunca morreria. Mas como era possível que ele conhecesse os túneis?

Não, impossível! Negava-se a acreditar nele.

Talvez os descobrira quando criança, brincando no bosque. Aquele homem era um impostor, só teria que recordar o que fizera a Domenic. Aquele homem era um animal.

Para começar, o verdadeiro Lazar estava morto. E mesmo que não estivesse, seu príncipe nunca reclamaria seu reino daquela forma, entrando como um ladrão na noite e apontando com sua pistola para a têmpora de uma mulher. Ele chegaria acompanhado do canto de trompetistas e de uma chuva de pétalas de rosa que cairiam a seus pés. Chegaria em um navio de ouro, vestiria roupas luxuosas e teria o respaldo do Papa e de todas as coroas da Europa.

Aquele pirata era um canalha, é obvio, um bárbaro. Era justamente isso.

Seus olhos tropeçaram em uma maçã que um dos soldados deixara meio mordida. Parecia que nela havia uma faca de corte. Mancando chegou até ele e cortou o couro com uma exclamação de alegria. Embora ainda tivesse a corda

enredada nos tornozelos, não perdeu nem um instante.

Com sua improvisada arma bem segura em uma mão, correu escada acima para observar a situação e procurar o melhor caminho para o *palazzo*. Quando olhou para a praça não podia acreditar no que via. O fogo de artilharia caía sobre toda a cidade em relâmpagos selvagens de cor vermelho, amarelo e azul contra o céu negro, e o trovejar dos canhões sacudia a terra. Levou uma mão aos lábios, incrédula.

A praça da cidade se encontrava sumida no caos, cada homem corria por sua própria conta em busca de refúgio através dos coloridos restos da festa da noite anterior. Viu pessoas pisoteadas e soldados ainda bêbados da noite anterior que fugiam daquele paiol de pólvora em uma desordem histérica e tentando se organizar contra os bárbaros invasores. Não viu Lazar em parte alguma.

A lanterna caiu do gancho ao chão e se quebrou em pedaços. Ela soltou um grito de espanto, mas se obrigou a fechar a boca imediatamente. Sentia os nervos tensos como cordas de violino, a ponto de se romper. Suas pernas tremiam, mas cruzou o cômodo para olhar pela outra janela.

Em baixo, na baía, sete navios disparavam uma cortina de fogo contra a cidade. Não tinha muita certeza, mas atrás da nuvem que provocava a artilharia, pareceu que via bandeiras negras nos mastros. Cada vez que os navios disparavam, um raio alaranjado atravessava a espessa nuvem branca que envolvia os flancos dos navios.

Abandonou a sala da torre de vigia e correu escada abaixo com tanta precipitação que esteve a ponto de cair no chão. Com toda sua força empurrou a mesa até que a separou alguns centímetros da porta e, depois de lutar com cada um dos duros ferrolhos da impressionante porta, precipitou-se para o caos.

Correu em direção ao *palazzo* sem se preocupar com o tornozelo inchado. Ao chegar aos degraus se deu conta de que não era a única que procurava segurança atrás daquelas paredes. Uma onda de pessoas enlouquecidas pelo medo se lançavam contra os soldados que defendiam as portas e lutavam para refreá-los, selar as portas e assegurar o palácio. Ela gritou para conseguir passar, mas não conseguiu que ninguém a ouvisse por causa do estrondo ensurdecedor e nenhum dos soldados de seu pai a viu. Correu até a ampla porta da cozinha por onde tinha saído horas antes, mas também estava fechada, igual a terceira e quarta porta que tentou.

Com um terror aumentado, esmurrou a última porta até fazer suas mãos sangrarem enquanto gritava desesperadamente

— Pai! Pai!

Seu próprio pai a prendera fora. Não podia acreditar.

Muito perto começou a ouvir os disparos em resposta aos tiros de canhão contra os muros da cidade e Allegra se deu conta de que devia ter obedecido Lazar. Arriscou-se até o extremo da praça e contemplou os bruscos homens, curtidos pela intempérie, que ocupavam todo o espaço. Homens de peito descoberto e armados com todo tipo de armas, piores e de aspecto mais cruel que os soldados de seu pai.

Não pareciam habitantes de Ascensão, como os que ela conhecia. Tampouco lutavam como eles.

Apertou sua insignificante arma entre os dedos. Não encontrava outra solução que voltar para a fortaleza da torre. Lazar dissera que ali estaria a salvo. Procurou-o entre a multidão, mas não o encontrou.

Céus, e se o tivessem matado? Nesse caso, quem controlaria aqueles homens selvagens? Ainda não era capaz de pensar naquilo. Primeiro tinha que chegar à torre. Isso significava se render ao seu destino de prisioneira, mas era melhor do que morrer. E se ele decidisse ser amável com ela, bem, ainda podia desfrutar em sua cama, pensava um tanto histérica, pois verdadeiramente tinha saboreado aquele beijo.

Não tinha dado nem doze passos quando seus guardas correram entre o caos ao seu encontro, acompanhados de alguns soldados. Ela chorou agradecendo, nunca se alegrara tanto por encontrar alguém. Rodearam-na formando um círculo de segurança e apontando suas armas para o exterior.

— Dona Allegra! A procuramos por toda parte! O que faz aqui fora? — gritou Giraud sem esperar resposta, pois devia enfrentar assuntos mais sérios.

Os guardas, em seus uniformes azuis e dourados, eram um alvo fácil para o inimigo. Esforçavam-se para manter afastada a repentina perseguição dos piratas que chegavam por todos lados. Rodeada pelo fragor das armas, Allegra gritou ao notar que o suor ou uma cuspidela de um pirata caía sobre sua pele, como as primeiras gotas de uma chuva torrencial. Aquele enorme diabo amaldiçoou Giraud e o enfrentou. O fornido guarda acabou com ele com rapidez. Ela sentiu que a cabeça girava à vista do pescoço vermelho e esmigalhado do pirata e de seus olhos arregalados.

Só tinham dado uns cinco passos quando o atraente e jovem Pietro foi abatido.

— Jesus! — exclamou ele ao cair de joelhos.

Allegra contemplou a enorme e conhecido guarda, atônita, enquanto esse dirigia o olhar até a espada afundada em seu peito. Ela cobriu a boca com ambas as mãos em uma expressão de horror e não se deu conta de que sua pequena faca caía ao chão. Levantou a vista do soldado agonizante e olhou o que o atacara. Com a espada manchada de sangue na mão, o selvagem grito de triunfo morreu nos lábios do rebelde ao vê-la. Seu suado rosto mudou por completo a expressão e mostrou uma emoção completamente diferente.

Tinha uma juba de cabelos poucos e embaraçados, os olhos pequenos e brilhantes sob sobranceiras espessas e media quase a metade do penhasco de Gibraltar. Aterrorizada além das palavras sob aquele impudico olhar, Allegra deu um passo atrás.

Naquele momentos, Giraud foi ferido.

— Minha senhora! — exclamou.

— Não!

O agarrou apesar de o braço dele falhar. Allegra cobriu o rosto com ambas as

mãos enquanto ele recebia outro golpe de espada e morria com uma maldição nos lábios. Uma matilha de bárbaros se precipitou contra o último homem que restava ao seu lado.

Mãos toscas a levantaram. Não queria olhar. Morreria, mas não queria ver como se aproximava a morte. “Querido Deus, por favor, faça com que seja rápido.”

— Bom, bom. O que temos aqui? — ouviu em um tom profundo e rachado depois que os canhões a ensurdescessem de novo.

Allegra descobriu o pálido rosto e levantou a vista para olhar o gigante que abatera o pobre Pietro. Imediatamente um fervoroso ódio lhe percorreu todo o corpo e a fez esquecer o medo.

— Me matem aqui mesmo ou me levem ante Lazar! Deus os amaldiçoe para sempre! — acrescentou com um ódio incontrolável

O pirata levantou a enorme cabeça e riu com força.

— É uma gata selvagem o que temos aqui, Andrew McCullough, e uma dama, além disso.

— Me levem ante Lazar — disse ela, apertando as mandíbulas e desejando que esse fosse o nome com o que aqueles homens o conhecessem.

— Moça briguenta! Bom, por que deveria fazer tal coisa? Talvez o velho Goliath não seja tão atraente como o capitão, mas tem suas próprias virtudes — gritou enquanto segurava entre as pernas. — Seus atributos são tão bons como os de seus Irmãos.

Ela se encolheu ao ver que o pirata aproximava sua suja cabeça dela.

— Bom, bela, acho que encontraremos alguma utilidade para você a bordo — e aproximou as mãos dela.

Para diversão dos outros, ela conseguiu retroceder uns passos antes de que outro a pegasse e a levantasse. Devagar, desafiante, ela levantou o olhar. O nauseabundo aroma daquelas podres gengivas alagou seu nariz. Conteve a respiração até que sua visão se povoou de nuvens negras. Por uns momentos temeu que fosse desmaiar.

A cabeça começou a girar ao notar aquelas sujas e enormes mãos ao redor da cintura. Aquela camisa estava totalmente manchada de sangue.

O sangue de seus guardas. Aqueles dois sorridentes e valentes companheiros que a tinham seguido em todas suas excursões, como enormes e adoráveis cães.

— Vem com o papai, bela — roncou ele com um brilho animal nos olhos. Ela lutou com todas as suas forças sem nenhum êxito. O pirata a levantou, a levou ao ombro e a tirou da praça.

Às seis da manhã, Lazar se apoiou na branca vênem-abierta. Encontrava-se no salão do *palazzo* do governador olhando para o mar. Tomar a ilha fora tão fácil como imaginara, pois seus planos tinham sido impecáveis. Tudo evoluíra com

facilidade. Inclusive já tinha mandado três de seus melhores homens em busca de Domenic Clemente para que o matassem, como a outros. Mas por essa mesma razão, tinha um estranho sentimento de estranheza.

O momento chegara. Seus homens punham seu grande inimigo nas mãos. Sonhara com aquele momento desde que tinha treze anos, mas não se sentia como imaginara. Agora não sentia a glória que conhecera no fragor da batalha, nem no assalto a um navio com a espada na mão, nem nas batalhas navais a centenas de quilômetros de porto.

Seus homens bateram na porta e, quando lhes deu permissão, fizeram o governador entrar. Lazar olhou seu prisioneiro e suas dúvidas passaram a uma absoluta desolação. Maldição. No lapso de quinze anos, o diabo de seus pesadelos se convertera num homem velho e cansado.

Os marinheiros lançaram o senhor no chão de seu próprio salão. Esse o amaldiçoou enquanto tentava se recompor entre o nó de cadeias que o oprimiam.

— Não sairão bem dessa! A frota estará aqui a qualquer momento! Os verei pendurados na árvore mais alta!

Monteverdi olhou os homens enquanto se erguia. Pegou as correntes com a dignidade de um homem acostumado ao trato social, mas quando seus olhos cruzaram o cômodo em direção a Lazar, ficou imóvel.

Com o olhar cravado nele, Monteverdi empalideceu.

— Exato, velho, seus pecados voltaram para você — disse Lazar com uma risada suave e amarga.

Nesse momento desejou que seu pai pudesse se encontrar ali para ver seu velho conselheiro. Era um paradoxo que aquele pequeno furão tivesse encontrado o modo de rebaixar um homem tão grande como uma montanha e de uma mente tão penetrante como a antiga espada dos reis Fiori, *Excelsior*, que tão somente uma hora antes Lazar recuperara do tesouro da cidade junto às jóias da coroa e outras relíquias familiares.

Despediu-se de seus homens com um gesto decidido.

Começou a passear pelo enorme e iluminado salão enquanto escolhia entre as diferentes formas de começar a conversa que tantas vezes imaginara. A cada momento que passava em silêncio, notava crescer o medo do velho senhor. Era altamente gratificante.

Ele tivera a oportunidade de aprender todos os truques intimidantes na fortaleza da costa dos bárbaros, em Al Khuum, diretamente de Sua Excelência, que tinha um dom para essas coisas. É obvio, aquele nefasto percurso de dois dias por roteiros tão horríveis não era a menor das dívidas pelas quais o governador pagaria hoje.

Enquanto Monteverdi observava com terror cada um de seus movimentos, Lazar pegou um livro encapado em couro de uma das prateleiras e o folheou. Logo encontrou uma caixa de charutos e pegou um. Depois de acendê-lo com o valioso acendedor automático que havia em cima da mesa, dirigiu sua atenção para seu

inimigo.

— Antes que comece a mentir, ou fingir que não sabe quem sou — lhe disse — me permita que te avise de que tenho sua filha. Seria prudente de sua parte cooperar.

Isso pegou o governador de surpresa.

— Onde ela está? Onde está Allegra? — perguntou tremendo.

Lazar lhe dedicou um breve e maligno sorriso e lhe deu as costas para observar as ondulações das cortinas sob a brisa marinha.

— Em meu poder, não tema.

— O que fez a ela?

— Nem a metade do que penso em lhe fazer. Felicidade, governador, por sua doce pequena. Seios deliciosos, lábios de seda e o mais firmes dos traseiros — fechou os olhos um momento, fingindo uma agradável lembrança que teve o efeito desejado. Deliciosa.

— O que quer de mim? — perguntou Monteverdi em um sussurro entrecortado.

— Em primeiro lugar quero ouvi-lo dizer que sabe quem sou.

O rosto de Monteverdi tinha adquirido um tom cinzento.

— Mas não é possível — grasnou. — O menino morreu. Os assaltantes o mataram... malditos...

— Os assaltantes, han? Essa é a história oficial, não é? — a conversa ficava mais fácil à medida que as lembranças voltavam até ele. Chupou o charuto e olhou para o calvo cocuruto de Monteverdi enquanto dava uns passos a seu redor. — Ambos sabemos, velho. Vim pegar minha parte.

— Não é possível. É um impostor — exclamou, agarrando-o pelo peito da camisa. — Seus animais me disseram que é um pirata chamado o Diabo de Antigua.

— Mas nem sempre foi assim. Vá em frente, Monteverdi. Admita que me conhece. Recorde que tenho Allegra.

O senhor o olhou.

— Meu Deus — sussurrou. — É o filho mais velho de Alphonse, Lazar. Tem o tom de pele de sua mãe, mas é a viva imagem dele — Monteverdi se engasgou de repente. — Sua Majestade, sou inocente...

Lazar riu.

— Sua Majestade? O rei está morto, Monteverdi. Você e o Conselho se encarregaram disso.

— Sou inocente.

— Parece que não compreende o quanto a morte pode ser terrível para você. Não é um homem acostumado à dor, é? Teve uma vida cômoda. Procurou isso muito bem — continuou enquanto passeava a vista pelo suntuoso salão — como carniceiro dos grande Fiori. Quinze anos como governador, não é? Louvável — jogou uma nuvem de fumaça e afastou os olhos do homem, incapaz de suportar a dor de estômago que a visão desse lhe provocava.

— Sou inocente!

Lazar sorriu.

— Estou cansado de ouvi-lo dizer isso. A única coisa que quero é saber de verdade por que fez aquilo. Tenho-me feito essa pergunta mil vezes. Você foi um membro de seu gabinete, um dos seis homens em quem ele mais confiava. Ele se comportou bem com você. Confiava em você. Igual a minha mãe.

Teve que se recompor antes de continuar para não desfalecer.

Monteverdi olhou para o chão e afrouxou os ombros. Meneou a cabeça.

— Iriam fazer de qualquer maneira. Eu não poderia impedi-los.

— Então concordou em ajudá-los.

— No momento em que os componentes do Conselho me apresentaram o assunto, se não tivesse cooperado, eu também teria sido assassinado.

— Por que o escolheram?

Deu de ombros.

— A maior parte de minha família é genovesa. Gênova se encontrava na bancarrota — disse com sofrimento. — Nem mesmo os lucros da Córsega podiam restabelecer a indústria.

— É uma sorte para eles que já tenham morrido de velhos. Você não é tão afortunado — dirigiu um rápido olhar a Monteverdi. — Seu crime é o pior, de qualquer maneira. Você se sentava à mesa conosco. Saía para caçar com ele. Me ensinou a jogar xadrez. Foi nosso amigo e nos vendeu para que nos massacrassem. Nem sequer tentou nos avisar...

— É o suficiente — respondeu com voz entrecortada. — Te direi por que. Fiz isso por minha mulher. Minha linda mulher, que estava apaixonada por ele — disse em voz baixa. Lazar o olhou com cansaço.

Recordava-a com grande clareza: a bela senhora Cristiana, de olhar triste, a melhor amiga de infância de sua mãe e posterior dama de companhia.

— Eu a amava, oh, mais do que nenhum homem pode amar a uma mulher — disse em um inútil tom apaixonado. — Mas não consegui que deixasse de amá-lo.

Naquele instante, Lazar suspeitou que se tratava de um truque. Monteverdi demonstrara ser um mentiroso.

— Claro, então quando me deitar com Allegra, cobrirei minha meio-irmã, não? — respondeu enquanto se aproximava dele. — Realmente crê que isso me deterá?

— Allegra é minha filha — respondeu friamente. — Cristiana era uma adúltera só de pensamento. Era uma mulher crente, e amava muito Eugenia para agir em conseqüência por seus sentimentos por Alphonse... e, é obvio, nunca se conhecera nenhum desvio por parte de seu pai — baixou a cabeça. — Cristiana se acabou em uma profunda melancolia depois de sua morte...

— Morte? — Lazar agarrou Monteverdi pelo lenço de seda e o levantou do chão. — Morte? Quer dizer depois que seus mercenários realizaram uma carnificina com eles! — rugindo, Lazar o jogou ao chão e caminhou até a porta com intenção de partir antes de matar o senhor com suas próprias mãos.

Monteverdi ainda não sofrera o suficiente para receber aquela rápida e piedosa morte.

— Nada do que possa fazer me importa — soluçou o homem no chão. — Nada me importa.

— O que isso quer dizer? — perguntou Lazar da porta o olhando.

— Cristiana descobriu o que eu tinha feito...

— Fizeram-na matar, também?

— Não! Deus, não — exclamou com violência. — Ela já suspeitava, mas de alguma forma, ao fim de seis anos, soube a verdade. Mandou Allegra para Paris, com sua irmã, e um dia, ao chegar em casa, minha linda e nobre esposa voou de cabeça daqui, em nossa casa, onde sabia que eu seria o primeiro a encontrá-la. Deixou uma nota em que dizia que o fizera pela desonra que eu lhe causara.

Levou- as mãos à cabeça e chorou com uns espasmos que faziam seus ombros tremerem.

Lazar o olhou e se deu conta de que aquele homem fora torturado de uma forma mais cruel que a que ele poderia ter imaginado.

— Por favor, não machuque minha filha — sussurrou sem levantar o olhar. — É uma boa garota e já sofreu bastante.

Lazar ficou em silêncio alguns momentos.

— Você é um fracassado de qualquer ponto de vista. Sabe, Monteverdi? Se dá conta de que ofereceu sua própria filha a um homem que ontem à noite tentou violentá-la?

Ele levantou o olhar, pálido.

— O quê?

— Seu Clemente... eu a salvei da situação — murmurou com um gesto de mão.

— Não, não — baixou a cabeça e começou a soluçar com suavidade. — Allegra, minha pequena.

— Tomei-a sob meu amparo — disse — por ela e pela senhora Cristiana, não por você. Dessa forma só restará um único sobrevivente de nossas duas famílias.

Ainda prostrado no chão, o governador levantou o olhar enseada para ele com expressão de repentino terror ao compreender enfim a autêntica dimensão de sua *vendetta*, e compreendendo agora por que Lazar programara sua vingança para que coincidissem com aquela celebração, momento em que toda família Monteverdi se encontraria sob o mesmo teto. — A casa dos Monteverdi, como a dos Fiori, não existirá mais — disse Lazar com suavidade. — Embora quem leve a cabo esta façanha seja eu, é você quem tem as mãos manchadas de sangue.

Saiu e bateu a porta. Sentia-se estranhamente comovido enquanto percorria as salas desertas do palácio. Ia tirar seu amado troféu do seguro confinamento da torre.

“Pobre gatinha”, pensou com tristeza. Sua curta vida devia ter sido muito vazia. Uma mãe rasgada pela morte de seus amigos. Um covarde mentiroso por pai. A imaginava como uma menina pequena perdida naquele enorme palácio de

mármore vazio de amor, uma menina abandonada, mandada para parentes em uma cidade onde nem sequer compreendia o idioma. Pelo menos ele tivera uma família que, embora por pouco tempo, estivera unida e fora feliz: seu pai, sua mãe, ele, Philip — a quem chamavam de Pip — e a pequena Anna, que só tinha quatro anos quando foi assassinada.

Não em atenção a Monteverdi, mas a ela, decidiu que permitiria que Allegra visse seu pai uma última vez para se despedir, algo que não lhe tinham permitido. Em qualquer caso, assim ela poderia escutar dos lábios de Monteverdi que Lazar era efetivamente quem dizia ser, que não era um impostor.

Do vestibulo branco e trespassado por ventos, chamou alguns nomes para que lhe pusessem ao dia. Os Irmãos carregavam cofre atrás de cofre e os empilhavam com a metódica eficiência que ele lhes ensinara.

O capitão Bickerson, de A Tempestade, comunicou-lhe que os navios se encontravam quase totalmente cheios. Se os carregassem mais, pagariam com perda de velocidade. Os vigias ainda não tinham visto nenhum sinal da frota.

— Excelente. E Clemente? Foi capturado?

— Eh...não, senhor. Ainda não o encontramos. Escapou e se escondeu em algum lugar no campo, mas o encontraremos — respondeu Jeffers, o duro ex-sentenciado a quem lhe encomendara a tarefa junto a seu companheiro, igualmente duro, Wilkes.

— Destinem mais homens a isso. Resta pouco tempo Não quero que escape. Confio em você, Jeff — lhe disse em tom muito grave.

— Está bem — respondeu o pesado homem com um gesto afirmativo de cabeça.

— Se por qualquer motivo não o capturarem antes de zarpamos — acrescentou Lazar depois de pensar por um momento — você e seus homens ficarão aqui até que tenham se encarregado dele. Logo nos seguirão — deu-lhe uma palmada no ombro. — Me encarregarei de que a espera seja recompensada para você.

— É obvio, senhor — disse o homem com olhos avaros e, imediatamente, dirigiu-se a cumprir seu encargo.

— E agora. O que aconteceu à família do governador? — perguntou Lazar. — Foram contados?

— Sim, capitão — respondeu Sullivan, capitão do Falcão. — Quarenta e seis. Estão na prisão do paiol de pólvora, como você ordenou.

— Bem. Levem às muralhas daquela parede, onde os recifes caem até o mar. Disponham ali em fila.

— Sim, senhor.

Lazar fez uma pausa com a cabeça encurvada.

— Sully — acrescentou — me envie doze homens armados com rifles, também. O irlandês começou a rir.

— Claro, tenho certeza de que não perdem o valor, não é? Bem, você fumaçava há uma semana para disparar em cada um você mesmo...

Lazar levantou o queixo e olhou o homem nos olhos com uma expressão glacial. Sully deixou de rir de repente.

— É só uma questão de comodidade.

O irlandês engoliu a risada.

— Sim, senhor.

Lazar jogou o charuto ao chão e o esmagou com o salto da bota contra o branco mármore. Mal-humorado, teve que admitir que Sully tinha razão. Na semana passada jurara que ele mesmo colocaria uma bala na cabeça de cada um dos Monteverdi. Tão somente três dias antes estava sedento de sangue como os fantasmas de sua memória.

Tinha a deprimente sensação de que aquele sentimento de desconforto, quase de dúvida, provinha do efeito desestabilizador que aquela moça exercia sobre ele. Estava a ponto de deixá-la tão só no mundo como ele estava, e não podia permitir se sentir culpado a respeito disso. Baixou as escadas do *palazzo* e somente percorrera metros pela povoada *piazza* quando ouviu um grito. De repente viu que um homem corria para ele lhe fazendo gestos com os braços. De forma instintiva, desembainhou a pistola e apontou para ele.

— Alto — lhe disse.

O homem se deteve e se lançou contra o chão enquanto gritava algo. Dois homens acudiram correndo ao seu lado e o levantaram do chão, cada um lhe segurando um braço. Lazar franziu as sobrancelhas, embainhou a pistola e se aproximou daquele homem, ferido em uma perna.

— Quem é esse?

— Diz que é seu criado, capitão.

— Sou! Devo falar com você, senhor. É imperativo!

— É um lunático, isso é o que é — disse o outro pirata enquanto o sacudia pelo braço. — Ele não é seu maldito senhor.

O rechonchudo e andrajoso tipo levantou um olhar cheio de fé para Lazar e esse se deu conta de que era o mesmo músico gordo e oleoso que se encontrava ante a fogueira na noite anterior.

— Ah, você outra vez — suspirou. — O que está acontecendo?

Parecia que o homem se esforçava para manter os olhos baixos em um gesto de humildade, mas ante essa pergunta, olhou para Lazar com um olhar rápido e suplicante.

De repente ele soube. O violonista queria se unir a eles. Era habitual que recolhessem tipos errantes em qualquer lugar onde paravam, tipos valentes e rebeldes que desejavam aventuras, sonhadores em busca de ouro e desesperados que fugiam dele. Esse parecia pertencer a esses últimos. Mas, com o coração encolhido, Lazar compreendeu o quanto se encontrava longe da verdade quando ele lhe disse:

— Estamos nos reunindo fora dos muros ainda, meu senhor — anunciou-lhe com um olhar entusiasta naqueles olhos pequenos. — Seu povo está chegando de

todas as partes para aclamá-lo!

— O quê?

O homem se deixou cair de joelhos com brutalidade e aproximou a cabeça do chão. Os dois piratas o olharam, incrédulo, e logo levantaram a vista até Lazar.

— Louvado seja Deus por um dia como esse, Sua Majestade! — gritou. — Que o sol brilhe sobre seu reino para sempre!

Lazar saiu de seu profundo assombro para ouvir que os dois piratas punham-se a rir. Sentiu que empalidecia.

— É um louco! — gritou um deles.

— “Sua Majestade” — rugiu o outro. — Está doido! Fala com o faraó, ele!

Rápido como uma pantera, Lazar se abaixou ao lado do homem.

— Se levante — lhe disse com voz apagada. — Quem é você? Quem te envia?

O homem levantou a vista.

— Ninguém me envia, senhor! Sou Bernardo de São Eilion, na costa sul. Sou músico. Eu mantive vivas suas esperanças com as histórias e lendas sobre você, senhor — baixou a cabeça e continuou. — Meu pai lutou com Alphonse no Dia de Santa Teresa. Tenho certeza de que presenciaremos momentos gloriosos como esse de novo, senhor, e ainda têm que chegar triunfos maiores agora que Sua Majestade retornou. Esmagou o inimigo genovês!

Lazar se encontrava paralisado. Po trás daquela sensação, algo parecido ao terror emergia em seu interior. Como diabos sabiam quem ele era?

Tratava-se de uma brincadeira?

Teria sido divertido se não fosse porque aquilo podia explodir em seu rosto como um canhão defeituoso. Seus homens não sabiam, e nunca acreditariam, que ele nascera príncipe. Ao mesmo tempo, os teimosos habitantes de Ascensão se negavam a aceitar o fato óbvio de que se convertera em um pirata. Já não restava nada de principesco nele.

Seus homens continuavam rindo e zombando do pobre e patético bardo que, por sua vez, dirigia-lhes olhares de indignação

— Me perdoe, grande senhor, mas esses velhacos não mostram o devido respeito a Sua Majestade. Se eu fosse mais forte, serviria-o com maior respeito...

— Bernardo... — começou a dizer Lazar. Apoiando o cotovelo sobre o joelho, coçou a mandíbula, sem saber como continuar.

— Sim, meu senhor?

— Temo que isso seja um engano. Seja quem for por quem me tomou, posso te assegurar que não sou eu — meneou a cabeça odiando-se por cada palavra cruel que pronunciava. — Somos piratas, não vê? E estamos saqueando tudo isso. Logo partiremos.

Seu súdito o olhou.

— Meu senhor?

Ele negou com a cabeça.

— Simplesmente capitão. Sinto muito. Dou-me conta de que isso significava

muito para você.

A estupefação, o horror e a traição fizeram com que o gordo rosto do bardo ficasse mais desagradável. Seu olhar quebrava o coração de Lazar. Bernardo negava com a cabeça, firme.

— Não, senhor, não!

— Temo que seus desejos nublaram sua vista, amigo — lhe disse com amabilidade. — Com certeza pode ver que não sou nenhum rei.

— Não, você é o filho de Alphonse! É sua imagem viva! A lenda é verdade!

— Uma lenda! — riu como se essas palavras não estivessem cravando em seu coração como uma adaga. — As únicas lendas que correm sobre mim são as que as babás das Índias Ocidentais contam às crianças para que se comportem bem — Meneou a cabeça. — As pessoas como você são sempre tão tolas.

— Senhor, por que nega a verdade de sua identidade não posso dizer, mas eu sei o que sei. Você é o filho de Alphonse, o verdadeiro herdeiro do trono de Ascensão e nosso rei!

Os dois piratas riram sonoramente. Lazar sorriu com rigidez.

— Exato — disse. — Sou rei. Não é verdade, garotos?

— Rei do mar! — disse um.

— Rei dos ladrões! — riu o outro. — Não, príncipe das trevas...

— E nós somos seus leais súditos, não é, William? — uivou o primeiro. Lazar olhou para Bernardo com um sorriso frio enquanto os outros continuavam com suas brincadeiras.

— Está vendo? — disse com calma. — É assim — fez um gesto de cabeça para seus homens. — Levem isso fora de minha vista.

Afastou-se antes de que os homens tivessem tempo de levantar o homem do chão.

Um mero desconforto, disse a si mesmo. Os habitantes de Ascensão sobreviveriam, como sempre tinham feito.

Como ratos.

“Vendetta”, disse às sombras dos defuntos Fiori, mas naquele momento estavam em silêncio.

Atravessou o lugar em direção à torre Este e às portas abertas da cidade. A alguns metros delas se deteve, gelado.

Antes de chegar correndo ao interior e de subir as escadas até a torre de vigilância, sabia que Allegra não estava lá. Alguns momentos depois se lançou no meio da praça e subiu ao alto da fonte. Disparou a pistola para o ar para captar a atenção de seus homens. A atividade da praça se deteve em seco.

Com o rosto coberto pelo suor, rugiu:

— Maldição! Onde ela está? Quem de vocês, malvados bastardos, estão com minha mulher?

Capítulo cinco

Ilegra encontrara um lugar onde se esconder em uma prateleira baixa, entre dois sacos de grãos. A prateleira de cima lhe oferecia um teto e, nesse pequeno buraco da parede, enroscou-se e desejou sinceramente morrer. Depois de tê-la levado ao navio, Goliath fora amável a ponto de lhe deixar uma lanterna lhe assegurando que não havia ratos naquele armazém. Depois, fechara a porta e partira com a convicção de que tinha um tesouro assegurado para quando a ambição por um butim maior o assaltasse.

Dissera-lhe que ia se casar com ela. Alegre sabia que não era aquilo o que queria dizer. Era a criatura mais suja e grosseira que jamais encontrara e desejava estar morta quando ele retornasse. Tentava não pensar naquelas mãos de porco sobre seu corpo. A idéia do que lhe faria a enchia de um horror tão espantoso que lhe parecia que ia perder a razão.

Ouviu alguns passos fortes e rápidos na escada e uma corrente de pânico a atravessou. Se aconchegou mais em seu buraco da parede e, em um último esforço, apagou a lanterna. Preferia os ratos a Goliath.

Seus ouvidos assobiavam depois de horas ouvindo o fogo dos canhões em cima de sua cabeça, mas lhe parecia que, ao longe, uma voz a chamava por seu nome. Não recordava ter dito seu nome a Goliath, mas isso tinha pouca importância agora que ouvia golpes de porta em todo o corredor.

De repente, a porta se abriu de um golpe. Alegre respirava a um ritmo impossível.

— Alegre!

Ela se deu conta de que a extremidade de seu vestido se sobressaía um pouco da prateleira. Colocou-a para dentro. Com os olhos arregalados vidrados, tampou a boca com ambas as mãos para não gritar. Tudo estava em silêncio e alguns passos lentos ressonavam no pequeno armazém: um, dois, três. Não pôde evitar emitir um gemido de terror

O homem que viera em sua busca se abaixou com lentidão. Ela viu seus olhos, negros como o mar, furiosos e amáveis ao mesmo tempo, que a olhavam. Olhou-o sem se atrever a mover um músculo.

— Oh, querida! — ele lhe disse com tristeza. Lazar lhe ofereceu a mão. — Saia. Tudo está bem, *chérie*. Saia fora daí — a animou.

Ao ouvir o tom suave e amável de sua voz, Alegre perdeu a integridade que restava. Já não restava força absolutamente. Começou a chorar sem contenção.

Ele levou as mãos até ela e a ajudou a sair. Ela se abandonou em seus braços e se agarrou em seus fortes ombros como se fossem rochas no meio de um mar enfurecido. Ele lhe acariciou a nuca e a cabeça com uma de suas grandes mãos e a abraçou como se fosse uma menininha. Ela respirava seu aroma ao chorar, um aroma de rum e suor, fumaça e pele, pólvora, sangue, mar. Gostaria de ter se

encontrado na cama do convento na hora de ir dormir e ver a Madre Beatrice apagar as velas. Não queria nada daquele homem, mas já era muito tarde. Seu aroma tinha penetrado fundo em seus pulmões, na pele, nos cabelos.

— Shhh, *chérie* — lhe disse com suavidade enquanto a fazia caminhar para cima e para baixo no cômodo e a acariciava com suavidade. — Pobrezinha, já passou tudo agora, carinho. Agora tenho você — murmurou.

Ela se deu conta de que era verdade. Era sua prisioneira.

Apesar dos olhos fechados, Alegria se deu conta de que a levava a luz do dia. De algum jeito tinham subido os degraus da escada sem que ela se desse conta. Era tão forte. Muito forte. Alegria aproximou o rosto do pescoço dele.

— Bem, já está aqui, minha valente — murmurou ele. — Preciso que me conte exatamente o que aconteceu para que eu possa decidir de que maneira Goliath merece morrer.

Ela negou com a cabeça sem olhá-lo. “Mortes não mais.”

— Alegria — fez uma pausa. Sua voz era uma ameaça de morte. — Ele a violentou?

Ela negou de novo com a cabeça sem falar.

— Te bateu?

Ela assentiu.

— No rosto?

Ela abriu os lábios contra a pele salgada dele.

— No estômago.

— Encontra-se bem?

Ela acreditava que sim. Deu de ombros e se agarrou com mais força, negando-se a abrir os olhos ou a afrouxar os braços ao redor do pescoço dele.

— Ainda te odeio, mas por favor, não me solte ainda — sussurrou.

Ele riu com uma nota triste, embora tranquilizadora.

Alegria, ainda em seus braços, notou que o passo dele mudava de ritmo. Ouviu alguns rangidos e sentiu que penetravam na sombra de novo. Quando voltou a lhe falar, o fez com um tom profundo e deliciosamente amável.

— Agora já pode abrir os olhos, meu anjo. Está em meu camarote, em meu navio. Encontra-se a salvo, aqui. Meu amigo cuidará de você até que eu volte: John Southwell, da Inglaterra. É um cavalheiro, embora na realidade antes era um sacerdote anglicano. O chamem de O Pároco, assim todos o chamam. Confio nele como confio em mim mesmo, *capiscel*.

Ela apertou com força os olhos sem tirar os braços de seu pescoço.

— Oh, Lazar — sussurrou quase em um soluço. — Por favor, não me deixe outra vez. Nunca estive tão assustada em minha vida.

Ele a abraçou com mais força durante um longo momento. Logo, Alegria notou que a depositava em cima de um colchão deliciosamente suave, mas não afastou seus braços dele.

— Chérie, tenho coisas a fazer — lhe disse com suavidade. — Durma um pouco.

Você passou por um inferno. Logo conversaremos. Prometo-lhe isso.

— Meu pai se encontra bem?

— Está bem.

— Posso vê-lo?

— Não, *chérie*. Fique aqui e descanse.

Ela continuava sem querer abrir os olhos. Percebia o contato com a cama, notava a almofada debaixo da cabeça. Uma parte dela protestava ante aquela situação, mas o esgotamento, o sentido prático e sua instintiva sensação de segurança ante sua presença eram forças muito poderosas para a decência.

Finalmente e com indolência, abriu os olhos e viu seu rosto. No momento ficou absorta na visão daquele rosto bronzeado e bem formado que se encontrava bem acima do dela. Lazar tinha tirado o lenço da cabeça e mostrava os cabelos muito curtos, negros e grossos, como uma capa de veludo. Não podia deixar de olhá-lo. À luz do dia, era o ser mais formoso que jamais vira, apesar de saber o que ele era.

Os sequazes sem escrúpulos de Goliath lhe tinham dito que, do outro lado do mundo, Lazar era conhecido como o Diabo de Antigua. O Maldito. Assassino de Inocentes. Incendiário de Cidades. Temido inclusive pelos corsários bárbaros, que o chamavam de o Shaytan do Ocidente, o Diabo de Antigua não temia nem a Deus nem aos homens, conforme se dizia. Seu navio era uma brilhante embarcação de guerra de setenta e sete canhões chamado *A Baleia*.

O Diabo de Antigua era o mal encarnado. Isso era sabido por todo mundo.

Ele a olhava com expressão ansiosa, e em seus olhos tristes, da cor do chocolate, abria-se um mundo cheio de sentimentos. Sua íris mostravam alguns pontos... não, alguns maravilhosos raios dourados. Ele acariciou sua face com um dedo e logo a cobriu com o lençol de linho.

— Goliath vai pagar um preço muito alto pelo que te fez — sussurrou ele com voz rouca. Inclinou-se para ela e a beijou na testa. — Fique aqui e descanse, e dessa vez não me desobedeça: não quero que se meta em mais dificuldades. Temo que esgotou toda sua sorte — acrescentou com um sorriso cálido, embora não isento de certa ironia.

Ela levantou os braços e o atraiu para si para retê-lo alguns momentos mais. Com ele se sentia segura. Ele riu com carinho e lhe devolveu o abraço.

— Agora está aqui e ninguém vai te assustar nem te machucar, Alegria. Deve confiar em mim, *capisce*? Vou cuidar muito bem de você — sussurrou enquanto lhe acariciava os cabelos. — Se comporte como uma boa garota até que eu volte — deu-lhe um beijo na face e acrescentou: — Então poderá ser tão travessa quanto quiser.

Allegra se surpreendeu com a comichão no estômago que as palavras lhe provocaram. Apesar de tudo pelo que passara, ele conseguia fazer com que o recém descoberto desejo despertasse nela, observou seus elegantes movimentos ao se levantar e se dirigir para a porta.

Adorava a forma como caminhava, pensou com um suspiro, aquele presunçoso

guerreiro.

Com certeza havia coisas piores que se encontrar prisioneira de um homem assim, pensou apesar do esgotamento. Talvez essa experiência de ser prisioneira não seria tão má. Estava claro que, tendo-a salvado já duas vezes, não lhe faria mal. Seu pai somente demoraria um ou dois dias para reunir o resgate que ele pediria. Provavelmente se arruinaria, isso era certo, mas pelo menos não teria que se casar com Domenic nem com nenhum aborrecido cavalheiro genovês.

Observou aquele espaço que ele chamava de lar, aquele grande e brilhante camarote alegremente mobiliado com lustrosos móveis de madeira. Fosse quem fosse, o capitão tinha bom gosto, pensou, porque, apesar de todo aquele desordenado luxo, o camarote não mostrava a desarrumação que ela teria esperado nas dependências de um marinheiro. Parecia que um seleto grupo de criados estava constantemente limpando por onde ele passava.

O beliche onde se encontrava era uma enorme cama situada contra o biombo. Era acolhedora e estava rodeada por cortinas de veludo de uma cor verde escura, recolhidas em duas colunas de madeira esculpida. A roupa de cama estava revolta e um lençol de cetim vermelho parecia um novelo numa extremidade do colchão.

Aos pés da cama havia um baú de couro coberto por um montão de roupas. Um lavatório de madeira das Índias com pés de garra se encontrava preso no chão, ao lado.

No centro do camarote, um tapete redondo e descolorido de tons azuis e escuros adornava as lustrosas tábuas de madeira do chão. Em cima dele, uma enorme mesa de mogno suportava montões de livros, pergaminhos meio enrolados e mapas de navegação, além de dois compassos, um globo terrestre e uma ampulheta. Também havia uma impressionante poltrona de carvalho forrada com brocado de uma cor de vinho escuro.

Em cima dele, um gato loiro do qual faltava à ponta de uma orelha se encontrava absorto na tarefa de lamber uma pata.

O biombo de frente se encontrava coberto de gavetas de madeira de cerejeira que continham os pertences do capitão e de estantes de portas de vidro gravado. Na parede de trás do camarote, correspondente à proa do navio, havia uma fileira de bonitas janelas em forma de diamante com coloridas vidraças. No centro dessa parede se via uma estreita porta que conduzia a um balcão que se abria ao vasto e verde mar. Lazar ainda se encontrava na porta e estava falando com um homem que o olhava como se lhe ultrapassasse duas cabeças em altura. Ela imaginou que se tratava de John Southwell ou O Pároco, o amigo do que lhe falara. Alegre se deitou na direção deles e o estudou, meio adormecida, sentindo que se afundava cada vez mais no fofo colchão.

O Pároco era um velho cavalheiro de aspecto gentil e distinto que levava um livro sob o braço. Os cabelos, longos e brancos, encontravam-se presos atrás em um rabo e pequenos óculos coroados o aristocrático nariz.

— A filha de Monteverdi? Estou sem palavras! — exclamou.

— Bom, olhe-a — murmurou seu raptor, olhando-a. — Não tem preço. Que outra coisa posso fazer com ela?

O Pároco tirou os óculos e os guardou no bolso do peito. Seus fundos olhos prateados posaram nela.

Alegre encolheu os dedos dos pés sob o lençol em um gesto de prazer. Nunca ninguém falara assim dela.

O sorriso breve e cálido que Lazar lhe dirigiu do outro extremo do camarote despertou um profundo sentimento de alegria. O Pároco olhou Lazar de novo com uma marcada expressão de incredulidade.

Lazar se dirigiu a ele, ainda sorrindo:

— Lhe dê uma pequena dose de láudano para que a ajude a dormir e a vigia para que não faça nenhuma travessura.

— Como queira — respondeu O Pároco, meneando a cabeça em um gesto pensativo.

— Você também é um pirata, senhor? — perguntou ela com toda a elegância que aquela pergunta podia conter.

Lazar riu e O Pároco a olhou, surpreso.

— Minha querida senhora! Não! — respondeu, rindo com educação. — Fui prisioneiro do Diabo durante... o quê?... onze anos?

— Prisioneiro! — zombou Lazar. — Não faça caso de suas tentativas para ganhar sua simpatia, *chérie*. É um ardiloso homem do mar. Parece que não há forma de expulsá-lo.

Lazar lhe contou que O Pároco fora professor na Universidade de Oxford, na Inglaterra, antes de que seus caminhos se separassem. Aquilo lhe parecia muito interessante, mas se encontrava muito esgotada para reagir.

Quando Lazar saiu, O Pároco ficou na porta olhando-a. Ao fim de alguns momentos, aproximou-se dela e lhe ofereceu a mão.

— Senhorita Monteverdi, eu gostaria de muito lhe apertar sua mão — declarou.

— Oh! Por quê? — perguntou ela com um sorriso sonolento, muito cansada para mover nenhuma outra parte do corpo.

O Pároco se abaixou ao seu lado.

— De algum jeito, você enfeitiçou nosso jovem capitão, senhorita Monteverdi. Não sei como... divina Providência, mas Oh!, estive esperando que acontecesse algo assim durante os últimos dez anos! Talvez isso o liberte enfim de sua obsessão!

— Lazar tem uma obsessão? — perguntou ela com os olhos fechados. — Ah, suponho que quer dizer com as senhoritas. Sim, é um sedutor.

— Claro que não, senhorita Monteverdi. Sua obsessão tem a ver com vingança. Agora deve vir comigo em seguida. Não temos tempo a perder!

Ela se forçou a abrir um olho e o olhou, cética.

— O quê?

— Minha querida senhorita, o que seria capaz de fazer pelo povo a quem ama?

Olhou-o com cansaço, sentindo a cabeça muito pesada para levantá-la do travesseiro. — Trata-se de uma conversa teórica, senhor? Porque não dormi nas últimas vinte e quatro horas...

— Não, não, é um assunto de máxima urgência! Senhorita Monteverdi, Lazar é um homem que se encontra no fio entre o bem e o mal. Talvez você seja a única pessoa que possa exercer alguma influência sobre ele antes que seja muito tarde

O Pároco demorou alguns momentos lhe explicando qual era a intenção de Lazar e a Allegra custou acreditar, mas, ao final, muitas peças da história encaixaram e sentiu que seu cansaço passava a um terror frio.

O Pároco lhe assegurou que, se não agisse imediatamente, toda sua família morreria nas mãos de Lazar por causa de uma vingança que o pirata tinha pendente com seu pai.

— Que mal meu pai lhe fez? — gritou enquanto saltava do beliche, embora conhecendo a atitude despótica de seu pai, era-lhe fácil acreditar que aquele pudera cometer alguma injustiça a Lazar.

O Pároco franziu os lábios um momento, comovido.

— Sua família foi assassinada. Seu pai foi o responsável por isso.

Ela se deteve em seco, o olhando. Aquela horrível idéia, a pior que tivera em toda sua vida, atravessou-lhe a mente e lhe revolveu o estômago.

E se ele fosse mesmo Lazar di Fiori? Era possível que a pior acusação contra seu pai que os rebeldes clamavam fosse certa, que seu pai traía o rei Alphonse?

Nunca seria capaz de acreditar em algo assim. Nunca.

— Quem é ele, Pároco? — perguntou com voz rouca. — Quais eram os membros de sua família que meu pai destruiu?

— Não posso lhe dizer isso querida. Lazar lhes dirá quando lhe parecer conveniente. No momento, temo que deva decidir às cegas.

Só podia decidir uma coisa.

— Vamos!

Saíram. Enquanto corriam, Allegra se perguntou por que Lazar decidira mantê-la a salvo, mas a resposta não era fácil. Agora se dava conta de que ele nunca tivera intenção de pedir um resgate, não se seu objetivo era matar toda sua família. Essa idéia a fazia sentir um terror gelado.

“Seu novo senhor...”

— Me opus a essa *vendetta* desde o começo — disse O Pároco enquanto subiam pela escada e saíam no amplo convés do navio de guerra. — Tentei lhe fazer compreender que essa absoluta vingança não traz nenhuma justiça, mas se nega a me escutar. Talvez te escute. É algo tão primitivo e pouco civilizado! Se o fizer, isso o destruirá.

Ela começou a percorrer a prancha, mas O Pároco a agarrou pelo braço.

— Espere!

Ela se voltou com uma expressão de alarme nos olhos.

— O que foi?

Os olhos dele tinham uma expressão fria e enérgica.

— Se falhar, ele talvez te execute também.

Ela descartou essa idéia com um gesto de impaciência.

— Onde estão?

— No paiol de pólvora.

Ao fim de poucos momentos correram ao largo do cais. O Pároco fez sair todos os rufiões que acabavam de chegar em uma carroça e saltaram no assento do condutor. Ele conduziu a carreta a uma velocidade temerária pela tortuosa estrada que conduzia à Pequena Gênova e atravessaram as portas que Lazar abrira na noite anterior.

Allegra saltou da carroça antes que essa acabasse de parar e atravessou correndo a praça. A cada passo sentia uma pontada de dor no tornozelo. Ninguém se atreveu a detê-la depois de terem sido advertidos a não tocá-la.

Não era possível que ele fosse Lazar di Fiori. Sabia que seu pai não era um homem bom, mas não podia acreditá-lo capaz de algo tão horrível. Por outro lado, com certeza aquele desconhecido tampouco era capaz de ir em frente com tão diabólico como uma execução em massa. Apesar da forma brutal como batera em Domenic, logo a tratara com tanta amabilidade e a acariciara com tanta ternura... Mas, bem quando passava ao lado da fonte de Poseidon, viu que um grupo de homens levava o corpo de Goliath. Um riacho de sangue caía na pavimentação de sua cabeça, afundada com um disparo, a sua passagem.

Então, alguns movimentos no alto da muralha este lhe chamaram a atenção. Um grupo de pessoas saía às altas e ventosas muralhas que rodeavam a cidade pela porta lateral da enorme fortaleza. Distinguiu os perfis de mulheres e crianças no grupo.

— Deus, não! — exclamou. — Não permita que seja tarde!

Pareceu-lhe que demorava uma eternidade acabar de cruzar o lugar até o imenso paiol de pólvora, mas, ao final, subiu os três degraus de pedra da porta e entrou no átrio. Deteve-se um instante. Nunca vira o interior do paiol de pólvora. Encontrava-se deserto. Não queria se perguntar o que teria acontecido com os elegantes guardas de uniforme azul. Sem respiração pelo esforço, olhou à direita e à esquerda. Observou uma escada de pedra que se encontrava ao final de um corredor à esquerda e correu para ela.

Tropeçou em um dos degraus e arranhou a tíbia, mas continuou correndo até que chegou a uma pequena porta acima das escadas. Abriu-a e se encontrou nas muralhas este. Deteve-se a sombra da porta, observando sem poder acreditar o que via.

Seu pai se encontrava ali. Todos seus parentes eram conduzidos em grupos para as ameias que davam nos recifes. Do outro lado, um grupo de homens armados com pistolas se colocava em fila.

E, no outro extremo do grupo se encontrava uma figura negra, gigante, de pé, com os braços cruzados e uma curva espada pendurada de um lado. As longas

extremidades do lenço de seda que levava na cabeça flutuavam lentamente sob a brisa.

Capítulo seis

o topo da muralha este o sol era quente e corria a brisa. Sully dava instruções para os homens para que formassem filas de execução enquanto Lazar, sem se dar conta, observava suas vítimas.

“Maldita seja, idiota. Não olhe nunca seus rostos.”

O capitão Wolfe lhe ensinara isso quando ele não tinha ainda dezesseis anos.

Com um profundo grunhido de raiva se voltou para olhar o mar, mas a imagem da gorda matrona e de seu pequeno embelezado com fitas e laços já se gravara em sua memória para sempre, igual à do magro avô Monteverdi, de barba branca, que gritava a sua chorosa família, com uma profunda ira italiana, que deviam morrer com dignidade.

Lazar emitiu um longo suspiro, sentindo-se um tanto inseguro, e foi procurar a cigarreira de rum que levava a peito. Mas já não se encontrava ali. Recordou que utilizara o cordão para imobilizar Allegra.

Os Monteverdi começaram a rezar ao uníssonos em um tom trêmulo. Lazar os escutou um momento e então se voltou com um grunhido. Fazia muitíssimo tempo que não ouvia o canto das orações.

Observou sua própria sombra que se alongava sobre as lajes do chão. Seus homens esperavam suas ordens, com as armas carregadas. Os Monteverdi pareciam preparados para morrer, de joelhos, com os olhos levantados para o céu, exceto o governador, que parecia conhecer a inutilidade das preces naquele momento.

Ordenou a seus homens que levantassem as armas. Disse a si mesmo que poderia suportar, que poderia viver com aquilo. Fazia coisas piores e, certamente, continuaria a fazê-lo. Tratava-se de seu dever, e se algum dia o enforcassem por aquilo, bem, a verdade é que a vida não tinha nenhum sentido, de qualquer maneira.

Durante alguns momentos se deixou levar pelas lembranças daquela noite em que seu mundo terminara.

Os homens esperavam. Ouviu-se um soluço. A areia arrastada pelo vento lhe feria as faces.

Não gostava que seu dever fosse esse, mas ele havia continuado com vida quando teria que ter morrido. A única forma de lavar aquela desonra era derramar um rio de sangue.

— Preparados — ordenou, forte, sombrio, alquebrado, como o próprio castelo que coroava a montanha.

Os homens levaram as armas ao ombro formando uma ameaçadora fileira.

— Maldito seja para sempre! — disse o governador, tremendo de ódio como um Ezequiel cego pelo sol.

Lazar o olhou com tranquilidade e sorriu com crueldade. “Maldito?”, pensou. “Se você soubesse.”

Mas algo o reteve antes de dar a ordem. Era um covarde. Tinha a vaga sensação de que devia tirar dali o menino e a mulher mais velha que se encontrava no final. Se voltou na direção ao mar, sentindo que uma parte de si mesmo implorava por algo. Observou que no horizonte se desenhava uma mancha negra que, sem dúvida, era a frota genovesa.

“Imbecil tão sensível. Vá em frente.”

— Capitão? — ouviu que Sully lhe dizia, como de uma grande distância.

Não respondeu. Escutou o vento. Mas esse não trazia nenhuma mensagem. Só

ouvia os fantasmas que, em sua cabeça, ansiavam o derramamento de sangue. Queria acabar com tudo aquilo. Queria paz.

Não teve que dizer nada a Sully. O movimento dos olhos do mar até suas próprias mãos manchadas de sangue foi um sinal suficiente.

— Bem — disse o outro capitão com um assentimento de cabeça.

A lealdade de seus homens era um grande consolo. Conheciam-no bem. Seus irmãos.

— Preparados! — gritou o irlandês.

Lazar levantou a cabeça e observou. Afinal de contas, ele era o responsável por aquilo. Não estava disposto a apartar a vista como uma delicada mulher ante uma cena de morte de opereta. Manteve-se firme.

— Apontar!

Foi nesse momento que se precaveu da aparição Dela, vestida em uma sepulcral e virginal cor branca, a longa cabeleira flutuando. Encontrava-se de pé à sombra do paiol de pólvora. O gonzo de pedra da porta a emoldurava como se fosse um sarcófago. Seus olhos, insondáveis, pareciam arregalados pelo terror e a incredulidade. Então ela avançou em silêncio e com rapidez, sem prestar atenção à fila de armas e antes de que ninguém pudesse detê-la. Estavam a ponto de lhe encher o corpo de chumbo.

Ele gritou seu nome e se precipitou ao seu encontro. Ao longe, ouviu que Sully gritava:

— Baixem as armas!

Chegou até ela e seu corpo, magro e esbelto, chocou-se contra o dele. Ela começou a lhe socar o peito e a gritar maldições ininteligíveis. Ele a agarrou com força pelos braços com intenção de sacudi-la com toda sua energia, mas teve medo de machucá-la. Começou a lhe dirigir palavras tranquilizadoras sem nenhum sentido, mas aquele truque não funcionava agora. Ela se soltou dele e se deixou cair de joelhos. Levantou a cabeça e mostrou a branca linha do pescoço.

— Faça se tiver a coragem necessária, ladrão mentiroso! — grunhiu ela como um filhote de tigre encurralado, talvez, embora pouco provavelmente, perigoso.

Ele baixou a vista para ela e fingiu zombar para ocultar sua confusão. Castigaria O Pároco.

— Eu lhe rogo, o que quer, pequena louca? — perguntou-lhe com um domínio de si maior do que se acreditava capaz.

— Corte meu pescoço — gritou ela irrefreável. — Mas te advirto, não se atreva a me deixar com vida se assassinar minha família.

Ele sentiu que sua determinação fraquejava. Sentiu náuseas ante aquela valentia. Ela era uma mulher pura e jovem e já deveria ter desfalecido naquele momento. Mas, como boa nativa de Ascensão, nascera para lutar.

— Faça, maldição!

— Vou te dar uns bons socos, isso é o que vou fazer — lhe disse ele.

A fez ficar de pé. Ouviu os tênues rogos do pai. Ambos o ignoraram.

— Não vou permitir que faça isso, capitão, ou como chamam a você mesmo, Lazar — lhe disse ela, tremendo. A expressão de seus olhos beirava a loucura.

— Não pode me deter — respondeu ele. — Sinto muito.

Ela apertou os punhos e os levou às faces. As apertou com tanta força que deixou marcas nelas. Tinha um olhar frenético. Negava-se a olhá-lo. Só olhava sua família. Com a voz alquebrada, gritou:

— Por quê? Por quê? O que fizemos? Qual é nosso crime?

— Suponho que pode ver que se trata de uma *vendetta* — lhe disse Lazar com serenidade.

— Mas as *vendettas* estão proibidas! — exclamou, precipitando-se contra seu peito como se ele fosse um tolo e lhe falando aquilo como se tudo estivesse resolvido. — O rei Alphonse ditou essa lei faz vinte anos!

Ele meneou a cabeça ante aquele absurdo. Como se não soubesse. Foi um excesso de bondade o que matou seu pai.

— É meu dever.

— Matar minha família? — perguntou ela entre o soluço e a risada. — Que espécie de dever é esse? Tomou tudo o que era nosso. Não tem o suficiente? — levantou a vista para ele, os olhos cor de mogno cheios de lágrimas. — Disse que eu devia confiar em você!

Ele a olhou, mudo, com um nó na garganta, incapaz de encontrar as palavras e perdido no matagal de sua infâmia.

— Allegra.

Ela não respondeu. Somente piscou e as lágrimas rolaram por suas faces. Ele se sentiu subitamente raivoso ante aquela vulnerabilidade. Afastou-se dela, exasperado.

— Por que não pergunta a seu querido pai, então? Vá em frente. Diga, velho. Lhe diga o que fez. Lhe diga quem sou. Lhe diga que foi um traidor e que vendeu meu pai e todos os Fiori aos genoveses.

Ela olhou Monteverdi com os olhos muito abertos.

— Pai?

Monteverdi tinha o rosto de uma estranha e pálida cor esverdeada. Apoiou-se contra o muro.

— Pai, diga algo! — pediu-lhe com a voz alquebrada. O governador olhou Allegra e logo sua família, Lazar e os homens armados.

— Admita — disse Lazar — e deixarei livres às crianças e os idosos.

— Pai? — ela quase gritou.

Antes que o velho senhor pudesse dizer alguma coisa, Lazar percebeu que Monteverdi se perturbava. Agora que devia dizer a verdade ante testemunhas, negaria tudo.

— Filha, sou inocente. Nunca vi esse criminoso antes, em toda minha vida — declarou.

Lazar riu, embora seu coração pulsava com raiva. Lançou Allegra aos braços do

irlandês.

— Não tenho tempo para isso. Sullivan! A prenda em meu camarote e faça com que O Pároco lhe subministre o maldito láudano e que a vigie.

Ela se libertou dos braços de Sully e caiu aos pés de Lazar apesar dos gritos de seu pai. Lazar olhou com incredulidade aquela decomposta figura abandonada no chão, quase prostrada ante ele com os lábios ante seus pés.

— Jesus — começou a dizer ele, afastando-se dela.

Ele, o Diabo de Antigua, que não temia nem Deus nem homem algum, sentia que das longínquas profundidades de sua mente o pânico anunciava sua aparição.

— Me tome em seu lugar — não deixava de pedir ela.

“Obviamente, essa era minha intenção”, pensou ele com ironia. Mas as náuseas e o medo ante aquele sacrifício o impediram de pronunciar essas palavras.

— Allegra Monteverdi, ponha-se de pé! — gritou seu pai do outro extremo do muro. — Prefiro morrer mil vezes antes de te ver assim.

Ela não parecia ouvi-lo. Lazar se abaixou para levantá-la. Ela pegou uma mão dele e começou a beijá-la enquanto sussurrava preces. Ele a olhou, perturbado, o olhar fixo no brilho dourado de seus cabelos acobreados.

As lágrimas dela umedeceram sua pele e se mesclaram com os restos de sangue de sua mão. Ele não pôde suportar a idéia de que ela provasse aquele sabor, o sabor do sangue de seus crimes. Mas se o provou, não deu sinal algum.

Allegra levantou os olhos até os seus, as lágrimas alagando até os longos cílios.

— Por favor — murmurou em voz sufocada — os deixem partir, Lazar. Me tome em seu lugar. Farei tudo que me peça. Dou-lhe minha palavra.

Deus, como desejou render-se ante ela.

Mas a idéia de trair de novo seus pais, de fugir de novo porque seu dever lhe resultava muito duro, encheu-o de raiva. Sentiu-se repentinamente cruel, em uma última tentativa de se defender e não desfalecer ante a firmeza dela.

— Tudo, hã?

Ela fechou os olhos com expressão angelical e assentiu com ardor. De suas vísceras emergiu uma risada selvagem, como alcatrão líquido. Tomou seu queixo com uma mão e a olhou nos olhos.

— Vale tanto assim?

Ela abriu os olhos com terror renovado ao ouvi-lo. Surpresa, ficou de cócoras.

— Não tem nem idéia do que pede — a raiva voltou para ele como uma rajada. Soltou-lhe o queixo com brutalidade e se levantou por completo. — É um troféu tão valioso que pode substituir tudo o que perdi? Minha mãe, meu pai, minha casa? Meu futuro? Meu orgulho? — gritou ele com uma risada selvagem. — Pode me devolver tudo isso? Pode fazer com que meu pai volte de entre os mortos? Que eu tome você? Quem você é? Não tem nem idéia do que significa tudo isso, maldição! — gritou.

Afastou-se alguns passos embora suas pernas fraquejassem. Tirou o lenço da cabeça e com um gesto tosco secou o suor da testa. Olhou-a com ardor.

— Realizei suficientes concessões por você. Morrerão — abriu os braços em um gesto teatral e sarcástico que simbolizava toda sua vida. — *Mea culpa*.

Ela não se moveu nem disse nada. Simplesmente o olhou, pálida. O vento e o sol da manhã lhe acariciavam os longos e dourados cabelos. Seus olhos escuros procuraram os dele com expressão de cansaço e sabedoria. — Então, eu também devo escolher.

Ficou de pé e, com passo inseguro, caminhou até seu pai.

Lazar deixou cair os ombros e olhou o céu. Soltou um suspiro de exasperação, mas não tentou detê-la.

Ela ficou de pé ao lado do governador enquanto os outros estavam de joelhos. Levantou o queixo como se reunisse toda sua fortaleza para manter sua decisão. Em alguns instantes foi capaz de forçar um sorriso frio e recolhimento. Adiantou as mãos com as palmas para cima, como uma virgem de pedra, como se zombando do gesto dele.

— Vá em frente, capitão. É seu dever.

Ele a olhou e ela lhe devolveu o olhar com coragem, como se conhecesse seus mais profundos segredos. A idéia de que uma garota mimada como ela fosse capaz de se manter ao lado de sua família e confrontar a morte caiu em cima dele como um raio: ele, o filho de um herói, tinha escapado e se manteve com vida para acabar se convertendo em uma maldição para todo aquele que cruzasse seu caminho e em uma maldição, também, para si mesmo.

Olhou-a, perdido. Não podia apartar o olhar daquela crua beleza que o obrigava a enfrentar a verdade. Os fantasmas que povoavam sua cabeça estavam sedentos de sangue. Mas, pela primeira vez, dava-se conta de que não se encontravam lá por vontade própria.

Não, tratava-se do assassino que levava dentro de si. Era ele que reclamava vingança. O vingativo monstro que tinha surgido, como a ave fênix, das cinzas de seu reino destruído, como se a ferida recebida fosse tão profunda que não fosse possível curá-la. Só cabia devolver morte por morte. Ele se manterá com vida a qualquer preço somente para saborear aquele momento, inclusive se o preço daquilo fosse o de sua alma.

Mas, uma vez que o tivesse completado, o que restaria dele?

Não haveria possibilidade de ter uma fazenda, como alguma vez sonhara, nem de cultivar seus campos, nem de preparar seu próprio vinho. Isso nunca seria possível, e ele sabia por quê. Uma vez que completasse sua missão e pusesse a salvo seus homens nas Índias Ocidentais, ia fazê-lo: tinha uma bala de prata preparada especialmente para essa ocasião.

O vento soprava forte. Agora ninguém podia detê-lo. A única coisa que tinha que fazer era pronunciar uma palavra.

Destroçado, olhou Allegra. Pela primeira vez em sua vida, não tinha nem idéia do que fazer naquele momento.

A limpa atitude dela o despedaçou. O olhava com olhos angustiados,

acusadores, mas dispostos a perdoar. Esse olhar o fazia insuportavelmente humano. Ante ela não se sentia como um impenetrável anjo exterminador, mas sim como um ser humano, um ser humano necessitado. Não encontrava nenhuma defesa ante aqueles olhos de mel nem ante o tremor daqueles lábios acetinados como pétalas de rosa.

O mundo se moveu sob seus pés. Algo despertava dentro dele, uma maré irreprimível que o fazia beber de uma taça que lhe resultava insuportável, muito pior que a vergonha. A vergonha, a raiva, tudo era melhor que aquilo. Sentia que ia se afogar em uma gigantesca onda de tristeza. Todos aqueles a quem amara estavam mortos e ele estaria sozinho para sempre. Sabia.

— Lazar — lhe chamou ela, com doçura.

Ele a buscou, afogado naquela maré de tristeza. O som de sua voz lhe deu segurança. Olhou-o nos olhos com uma calma que o acalmou, com uma força que lhe deu força.

Respirou. Manteve o olhar.

Não afastou os olhos. Não queria olhar seus homens para que lhe recordassem que era uma besta, que se convertera em um animal. Não parou para pensar. Manteve seu olhar e sua alma presos aos dela, como se fosse uma estrela no meio de uma tormenta. A voz soou em um sussurro estrangulado:

— Soltem-nos.

Capítulo sete

Seus homens se olharam uns aos outros, inseguros, mas Lazar só olhava para sela. Seus parentes começaram a se afastar e Lazar continuava olhando-a com expressão de quem estava profundamente perdido. Allegra o olhava com os olhos cheios de lágrimas do outro lado do caos.

— O que fazemos com o governador, capitão? — perguntou um dos homens —

Ele também?

Pareceu que Lazar não o ouvia.

— O mantenham — murmurou o capitão irlandês.

Um de seus parentes tentou pegar Allegra pela mão, mas ela se soltou. Nem sequer olhou quem era, como se em um instante toda sua lealdade tivesse mudado de objeto.

Naquele momento não lhe importava quem fosse ele. Era simplesmente um homem de mãos amáveis, de maravilhosa risada, que suportava uma dor muita superior a que qualquer homem pudesse suportar sozinho.

Decidida, caminhou até ele através das pessoas, deslizou os braços ao redor de sua cintura e apoiou a cabeça contra seu peito. Ele a envolveu com os braços imediatamente e se sustentou nela afundando o rosto em seus cabelos.

Allegra ouvia os rápidos batimentos de seu coração, como se encontrasse aterrorizado, e notava o tremor de seu corpo, como atacado por uma dor interna. Sussurrou-lhe palavras tranquilizadoras, como ele fizera com ela momentos antes. Disse-lhe que tinha feito o correto, que tudo estava bem.

— Allegra — disse ele com um calafrio. — Agora não posso deixar você ir. Não posso ficar sem nada.

Ela não respondeu, sem saber o que lhe dizer. De repente, notou que ele se retesava e que levantava a cabeça, alarmado.

— O detenham! — gritou.

Allegra se voltou, mas Lazar a reteve com força. Seu pai se encontrava de pé nas ameias, sobre o precipício onde a parede caía centenas de metros por cima das rochas do mar.

— Você, covarde bastardo! Desça daí! — gritou Lazar enquanto tirava sua pistola e apontava para ele, embora não disparou. — Não vai fugir de mim.

— Pai, não! — gritou Allegra oprimida pelo terror. Tentou se livrar dos braços de Lazar, mas ele não a soltou.

— Muito bem. Você ganhou — disse Monteverdi com gravidade a Lazar sem se preocupar com os homens que tentavam segurá-lo puxando suas roupas. — A pôs contra mim, como fez à sua mãe.

Allegra exclamou:

— Não, pai, nunca!

Lazar a prendeu com mais força.

— Calma — murmurou. — Sabe que crimes cometeu. A decisão é dele.

Monteverdi a olhou de cima das ameias com uma expressão alquebrada nos olhos, cheios de lágrimas.

— Me perdoe — lhe disse.

E, devagar, se voltou para o precipício.

Allegra continuava suplicando.

— Pai! Não! Não, pai, por favor, eu te amo, não faça isso, não poderei suportar. Pareceu apenas que se inclinava para frente. E desapareceu.

Allegra gritou e se lançou para onde seu pai se encontrava momentos antes, mas Lazar a agarrou a tempo e a reteve. Allegra, sem deixar de gritar, apertou-se contra seu peito e deixou sair todo seu sentimento. Ele se manteve em silêncio, abraçando-a com força.

Ao fim de uma hora do suicídio de Monteverdi, já se encontravam a caminho, desfilando pela estrada para o porto e subindo nos navios carregados. Atrás deles, colunas de fumaça negra ondeavam céu acima da cidade em ruínas. Durante a maior parte daquele úmido dia tinha havido algumas escaramuças com alguns navios de guerra genoveses que tinham chegado muito tarde.

Agora tinha chegado o crepúsculo. Um espetacular pôr-do-sol se expandia no horizonte pelo ocidente e *A Baleia* flutuava para ele entre nuvens brancas de espuma, ilesa.

Lazar deixou que os homens relaxassem.

Encontravam-se sentados no convés, apoiados contra os equipamentos de barco e escutavam suas palavras. Lazar se encontrava na fortaleza e levantava a voz para se fazer ouvir acima do som das velas e do vento. Elogiou a valentia e a disciplina de todos e felicitou aqueles que tinham lutado especialmente bem. Não disse nada a respeito de Goliath, a quem fizera executar pouco antes dos acontecimentos da muralha, tal como dissera que faria com qualquer um que não respeitasse as normas.

Não ofereceu nenhuma explicação pela mudança de opinião sobre o clã dos Monteverdi nem pela presença da moça a bordo. Sentiu-se aliviado ao se dar conta de que ninguém lhe perguntava a respeito daquilo. Os rapazes tinham o que queriam, o ouro. Olhou seus rostos suados e supôs que, como capitão, ele sempre demonstrara bom critério e agora certamente pensavam que sabia o que fazia.

Se soubesse.

Não tinha nem idéia de quais eram seus sentimentos e não tinha certeza de querer sabê-los. A única coisa em que podia pensar era na garota banhada em lágrimas que agora se encontrava em sua cama, drogada e perdida em um profundo sono. Seu prêmio de consolação em troca do massacre. Ainda não compreendia o que lhe acontecera ali acima, nas ameias. Ela o comovia de uma forma em que ninguém fizera. Isso a fazia indescritivelmente perigosa.

Sim, sabia o que devia fazer e imaginava que ela sabia também. Desceria ao seu camarote e cobraria o preço por ter sido clemente. Ela o pagaria com sua virgindade e ele não tinha nenhuma intenção de ser especialmente cuidadoso. Aquela era a única forma que podia imaginar para recuperar o domínio da situação depois de ter posto sua vontade aos pés dela.

Durante as semanas seguintes faria bom uso dela. Nunca tomara uma virgem antes, nunca desejara essa dor de cabeça, mas no caso de Allegra essa idéia tinha certo atrativo. Faria dela seu brinquedo, faria-a sua por completo, até que se cansasse dela. Quando tivesse se cansado, apresentaria-a como uma irmã ou uma prima dele e a obrigaria a se casar com algum de seus conhecidos do Fort-de-France,

na Martinica.

Encarregar-se-ia de que cuidassem bem dela, ou pelo menos de que seu marido fosse alguém minimamente decente, não como aquele bastardo de Clemente, a quem logo Jeffers e seus garotos matariam. Graças a sua educação parisiense, os colonos crioulos ficariam loucos por ela. Ele conseguiria um bom preço.

Mas, primeiro, lhe ensinaria como o mundo usava uma bela criatura de alma jovem e nobre. Destruiria sua inocência, porque não podia permitir a comoção que lhe causava.

Depois de ter felicitado todos pelo trabalho, de ter comunicado a quantidade de butin e quanto cabia a cada um, premiou-os com alguns barris do excelente vinho de Ascensão que tinham tirado das adegas do governador. Então os deixou a seu bel-prazer.

Atravessou a escotilha até a coberta central e se dirigiu a seu camarote. Abriu a porta e se deteve um momento para contemplar a garota, que estava encolhida como um novelo no beliche. Parecia um desastre. Seus cabelos estavam totalmente revoltos e o vestido de seda branco, rasgado e manchado. Tinha o rosto inchado pelo pranto. Por que, então, era a criatura mais bonita que ele jamais vira?

Lazar fechou a porta atrás dele sem fazer ruído e se desfez do cinturão com as armas. Tirou a camisa sem poder evitar olhar Allegra de vez em quando. Aproximou-se do lavatório e jogou um pouco de água morna na bacia de porcelana. Inclinando-se, jogou a água pelo rosto e pescoço. Olhou-se no pequeno espelho redondo e passou as mãos pelos curtos cabelos negros. Apenas um mês antes tinha uma longa cabeleira negra que chegava além de seus ombros. Tivera que cortá-la por causa dos piolhos que um dos marinheiros lhe devia ter contagiado.

Tudo por vaidade, pensou com um suspiro.

Pegou a lâmina de cabo de marfim, introduziu-a na água e iniciou a prazerosa tarefa de se barbear enquanto se admirava por seu próprio descuido ao postergar a violação de Allegra. Desejou que ela despertasse e brigasse com ele, que continuasse o ferindo com suas brincadeiras a respeito de sua identidade. Nunca antes tomara uma mulher contra sua vontade.

É obvio, não seria totalmente contra sua vontade, tinha que admitir. Não pôde evitar um rápido sorriso ao recordar como tinha lhe arrancado alguns beijos na torre.

Enquanto passava a lâmina, perguntou-se se devia escondê-la se por acaso sua cativa tentasse lhe cortar o pescoço por ter arruinado sua vida, igual à Monteverdi arruinara a dele.

“Bem, a quem importa?”, pensou. Se o fizesse, no fundo lhe faria um favor. De todas as formas, não acreditava que ela completasse um ato tão sanguinário, especialmente porque, se o matasse, ela ficaria a mercê da tripulação. Não era tão estúpida.

Passou a lâmina pela garganta e logo pelo perfil da mandíbula. Ao final

enxaguou o rosto e se despiu para assear rapidamente o resto do corpo. Olhou Allegra. A reação dela à vista de um homem nu pela primeira vez seria sem dúvida divertida.

Mas ela continuava profundamente adormecida quando ele pôs as roupas limpa, calças de couro e uma camisa larga de linho branco. Aproximou-se da cama e se sentou a um lado, perto dela.

— Acorde, gatinha — a chamou com doçura enquanto lhe dava umas batidinhas no ombro nu e branco que o vestido rasgado deixava a descoberto. Inclinou-se para frente e lhe beijou o ombro.

Ela não se moveu. Lazar franziu o cenho e se perguntou quanto láudano O Pároco lhe teria subministrado. Tocou-lhe a testa, mas não parecia ter febre. Não, pensou, simplesmente estava esgotada.

Bem, ele a preferia acordada quando chegasse o momento de lhe arrebatara a virgindade. Levantou-se e a contemplou alguns momentos com as mãos na cintura. Parecia que tinha vivido uma guerra.

— *Chérie*, não vai ser de nenhuma utilidade nesse estado — lhe disse.

Allegra continuava adormecida.

Lazar voltou ao lavatório, levantou a bacia de porcelana, esvaziou-a e jogou água limpa que logo perfumou com sua própria colônia, com um desejo inconsciente de cobri-la com seu aroma. Voltou para o seu lado com a bacia e com a toalha mais suave que encontrou e se sentou.

Levou seu tempo para despi-la, sem se preocupar com sua cada vez mais potente ereção nem com as fantasias que despertavam enquanto tirava o vestido estraçalhado. Ela se encontrava totalmente estendida sobre a cama agora e só levava a camisa. Ele a olhou e examinou com atenção as curvas de sua esbelta figura.

Seu corpo se deixou cair, flácido, enquanto lhe descia as alças da camisola. Limpou primeiro seu rosto e ela se moveu um pouco, mas quando colocou sua cabeça sobre sua coxa ela se enroscou ao redor de seu colo.

— O que vou fazer com você? — perguntou em um murmúrio mal audível enquanto molhava a toalha e lhe limpava o pescoço, tão branco, assim como os ombros e os braços, levando todo o tempo do mundo.

Voltou a molhar a toalha e engoliu em seco à visão de seus seios descobertos, os mamilos suaves, como caramelos de pêssego. Baixou-lhe a camisa de cetim até o umbigo e se deteve para contemplar o ventre plano da cor do creme. Pôs uma mão sobre seu estômago, onde Golly lhe batera.

Batera.

Incompreensível.

— Pobre menina — murmurou.

Realmente, era como um bebê. Com vinte anos era muito jovem, pensou. Era oito anos mais jovem que ele, e virgem. Acariciou-lhe a face e voltou a enxaguar a toalha. De repente, sobressaltou-se ao notar que ela se movia um pouco,

semiconsciente.

— Lazar — sussurrou ela, e lhe agarrou a camisa. Deixou escapar um pequeno gemido como de prazer e, imediatamente, voltou a ficar adormecida.

Esse suspiro o deixou paralisado, momentaneamente cego de desejo.

— Oh, Jesus! — exclamou com os olhos fechados e a boca seca.

Não podia resistir à tentação. Inclinou-se para ela e lhe roçou os lábios com os seus enquanto com uma mão pegava um de seus seios com suavidade. Sentiu que o mamilo se endurecia a seu tato.

“Dá-la a outro? Acha mesmo que poderia compartilhá-la?”

Ignorou essa pergunta e continuou lhe acariciando a cintura e o ventre, explorando o outro seio. Beijou-a no pescoço com os lábios levemente abertos.

Ela voltou a gemer e arquear as costas levemente como se oferecendo a ele. Lazar a olhou e se obrigou a ficar quieto. Seu coração pulsava com força e sua ereção crescia.

Ergueu-se um pouco e pegou a toalha para umedecer a testa, mas a água não o ajudou a se acalmar, então a largou. Finalmente, empurrou a camisa por cima de seus quadris, descobrindo os escuros e sedosos pelos que ocultavam sua feminilidade.

Ela continuava adormecida, mas ele notou que seus sentidos estavam muito acordados. Passou os dedos entre os pequenos cachos entre suas pernas e a acariciou. Extasiado, fechou os olhos ao sentir sua umidade na ponta do dedo do meio.

“Delicioso.”

Lazar abriu os olhos e viu que o rosto de Allegra mostrava prazer. Ela levantou um pouco os quadris para receber suas carícias. Ele ainda não entrou, esperando que ela o buscasse. Quando o fez, deslizou o dedo dentro dela, profundamente, com a respiração presa ante a firmeza dela. Observou o tremor em seus seios e se sentiu penetrar em um transe de sensualidade ao escutar os gemidos dela. Quando deixou que seu dedo polegar pressionasse levemente o clitóris, rígido, ela entreabriu os olhos com uma expressão vidrada, úmida e desejosa sob as inchadas pálpebras.

Voltou a fechar os olhos e ele se afastou um pouco para deslizar a camisa pelas suas pernas, decidido a possuí-la naquele momento. Ao ficar de pé para tirar sua camisa por completo, viu o cordão de pele com que a imobilizara ainda enroscado em seu fino tornozelo.

Deteve-se abruptamente, abatido.

Acariciou-lhe o tornozelo, avermelhado pela fricção dos nós.

De repente, Allegra se voltou para um lado e se enroscou como se todos os acontecimentos anteriores não tivessem sido nada mais que um estranho sonho. Voltou a respirar com normalidade e dormiu com ambas as mãos sob a face.

Lazar observou seus cílios dedilhadas de um tom dourado sobre as faces sardentas, e pensou que parecia uma menina pequena.

— Jesus! O que estou fazendo? — murmurou.

Ficou ali de pé alguns momentos, desejando-a corno nunca desejara nenhuma mulher, mas não podia fazê-lo. Não, daquela forma.

Conseguiu se voltar e se afastar da cama, apesar dos fortes batimentos de seu coração. Com os braços cruzados, olhou-a com desejo, admirando as suaves curvas do traseiro. Mas se manteve afastado até que o sentimento de culpa venceu a luxúria.

Abriu o armário e tirou uma suave camisa de linho como a que vestia. Voltou para a cama e a pôs nela. Cortou o cordão de seu tornozelo. Partiria e deixaria em paz, mas foi incapaz de se mover.

Em vez disso, deitou-se ao seu lado e amoldou seu corpo ao dela, abraçando-a com o braço direito pela cintura. Encaixaram-se como se tivessem sido feitos um para o outro.

Allegra emitiu um curto suspiro de satisfação e se apertou contra ele e, embora o movimento de seu traseiro lhe fosse uma tortura, Lázaro o deixou acontecer com um sorriso. Mas deixou de sorrir imediatamente. Tinha que admitir que, apesar de toda sua presunção, ele não tinha nenhum direito sobre ela, não tinha nenhum direito a tudo o que estava acontecendo.

A corajosa senhorita Monteverdi pronunciara aquele juramento para salvar sua família, mas era a ele quem salvara na verdade. Ele não tinha nenhum direito a obrigá-la a cumprir aquele ousado e desinteressado juramento, mas a obrigaria. Abraçou-se a ela como se fosse seu bote salva-vidas e jurou ao céu que tanto o odiava que nunca a deixaria partir.

Ao inferno dá-la a outro. Nunca.

Ela era sua, agora. A trouxera a seu exílio como Hades raptara a sua deusa da primavera, como a uma involuntária prometida, para que compartilhasse com ele seus sofrimentos. Mas ele não tinha nenhuma intenção de se casar com ela. Por alguma razão que lhe era inexplicável, sentia a necessidade de que ela compreendesse que ele se convertera em algo diferente do que teria querido ser. Ela devia compreender que ele sofrera.

Afundou o rosto nos cabelos revoltos de Allegra. Cheiravam a fumaça e a pólvora, mas o aroma floral ainda se notava, tênue. Afastou uma mecha de cabelo que fazia cócegas em seu nariz e se fez uma pergunta muito simples. Honestamente, era necessário que devesse recuperar o controle da situação à custa daquela vulnerável menina? Ele estava convencido de sua própria força, e ela estava, com certeza, aterrorizada. Precisava destruí-la por causa do pecado de tê-lo impedido de fazer algo que, por outro lado, gelava-lhe o sangue?

Durante alguns momentos pensou nessa pergunta enquanto escutava a respiração de Allegra e lhe acariciava o quadril.

Durante os últimos quinze anos de sua vida, vivera impulsionado pelo ódio, dominado pela ânsia de matar, sem nenhum outro objetivo que a vingança. “E olhe”, pensou “o que isso trouxe.”

Nada.

Se tivesse seguido em frente e acabado com todas aquelas vidas, sentiria-se exatamente igualmente vazio como antes. E agora, deitado ali com Allegra, não se sentia vazio absolutamente.

Dar-se conta disso não lhe deu medo, embora talvez devesse ter lhe dado. Sentia-se como se tivesse se libertado de uma enorme pedra que tivesse arrastando durante tanto tempo que já não podia recordá-la.

Sentia que algo muito profundo lhe acontecia, algo mais profundo que a excitação sexual, mais sólido que todos seus medos, e tinha a sensação de que sua vida tomava um rumo novo e misterioso. A única coisa que tinha que fazer era permitir que aquilo acontecesse. Não estava certo de ter nenhuma outra opção, tão forte era aquele sentimento de mudança de rumo.

Tudo aquilo pelo que vivera até aquele momento terminara. Ela fizera com que terminasse, em um instante. Mas não sentia que isso fosse o fim.

Talvez, pensava enquanto abraçava o quente corpo dela, uma nova viagem estivesse se iniciando.

Capítulo oito

Allegra se apoiou contra os equipamentos de barco e olhou o mar. O dia era quente e o céu estava coberto de nuvens. As ondas tinham o tom cinza esverdeado do cobre opaco. Para ela, naqueles momentos, o mundo era tão pouco sólido como o oscilante convés sob seus pés. Dava-se conta de que sua vida terminara.

Agora se encontrava sozinha de verdade.

Como era possível que seu pai tivesse lhe feito isso?, perguntava-se com tristeza várias vezes como se procurando uma resposta nas águas do mar.

Ele tinha que saber que, depois de sua mãe ter tirado a vida nove anos atrás,

outro suicídio era a única coisa que ela não poderia suportar. A incredulidade a deixara inerte, e a tristeza a oprimia. Mas agora, esse puro e destroçado sentimento de perda começava a decair ante a aparição da raiva. Pelo menos, a raiva tinha uma faísca de vitalidade.

Até aquela manhã se sentira muito esgotada para julgar sua situação ou para pensar em seu futuro, mas agora sentia que sua fortaleza começava a voltar e, em sua condição de prisioneira de um conhecido pirata, Deus sabia que necessitaria dela.

Todos seus esforços, todos seus princípios, todos seus exagerados ideais não tinham servido para nada. Pensou com amargura que a vitória do povo se convertera em brinquedo de um único homem. Um homem que representava todo aquilo que desprezava: vingança e violência, crime e falsidade.

Ela teria sido capaz de acreditar que ele era o príncipe se não fosse por um pequeno detalhe: ele carregara o navio, içara a âncora e zarpara de Ascensão.

Não, era um pirata, e ela era sua prisioneira. E essa era uma situação totalmente absurda.

Franziu o cenho sem deixar de observar o fluxo.

A verdade era que ela era muito sensata para aquilo, e em Ascensão tinha trabalho a fazer.

Notou o aroma de Lazar na umidade da brisa justo um momento antes de que esse aparecesse ao seu lado. Já conhecia aquele aroma, aquela cor, o ritmo de sua respiração enquanto dormia.

Ele não disse nada. Simplesmente apoiou os braços no corrimão de madeira e a acompanhou ante aquele mar. Não olharam um para o outro.

Fazia duas manhãs que ela despertava entre seus braços, mas além de admitir o quanto era agradável aquele abraço, ele mantinha uma receosa distância ante a dor dela. Cada vez que chorava por seu pai durante a noite tentando não fazer nenhum ruído, ele lhe acariciava os cabelos e as costas sem dizer uma palavra, simplesmente lhe oferecendo uma calidez reconfortante.

Aquela amabilidade a assustava. Não confiava nele.

— O mar é um espaço vasto e solitário — murmurou ele.

— Estranhas palavras para um pirata — disse ela em um tom frio como uma lâmina de faca.

— Allegra — disse com um suspiro. — Não me julgue sem saber nada sobre mim.

— Sei muito sobre você — respondeu ela em tom frio e calmo.

— Não vou machucá-la.

“Mas sangro de desejo por você, não é mesmo?”

Ela se voltou e o olhou, sentindo que o via pela primeira vez.

Aquele homem parecia totalmente educado. Quando pusera aquele lenço de seda e aquele colete? Aquelas roupas eram de um gosto impecável, inclusive para um critério parisiense. Não levava a cabeça coberta. Seus cabelos negros

obscreciam mais seus olhos de longos cílios.

Ele a olhou quase com insegurança e certo desconforto naqueles maravilhosos e quentes olhos.

— Estou preocupado com você, Allegra. Não quero que se perca na tristeza.

— Então, me mostrarei alegre para agradá-lo — respondeu ela com a vista cravada nas ondas para ocultar o terror que sentia ante aquelas mostras de preocupação.

— Não queria dizer isso — disse ele com suavidade, olhando-a. Ela não quis devolver seu olhar. Aquela beleza animal a acovardava, especialmente depois daquela pecaminosa fantasia que o láudano lhe provocara: que ele a despira e introduzira seus quentes e calosos dedos dentro dela. Mas era sua interminável paciência, seu cuidado e sua decidida amabilidade o que mais a assustava.

Se a tivesse violado, teria sido fácil odiá-lo. Por que não fora assim, simplesmente era algo que ela não sabia. Ele lhe roubara tudo o que possuía, queimara sua casa, a afastara de sua família, destruíra seu brilhante futuro. A arruinara e agora se atrevia a afirmar que era seu amado príncipe.

Ela não sabia quem ele era. Ele destroçara sua vida sem nenhuma razão aparente, exceto por seu egocentrismo e seu caprichoso prazer pela destruição, e logo utilizaria seu corpo. Sua mente, seu coração e seu ser mais íntimo eram a única coisa que restava. Jurou a si mesmo que ele não poderia arrebatá-lo.

Ele se mostrava hábil em suas tentativas de conquistá-la. Dedicava-lhe palavras amáveis, carícias reconfortantes e uma determinação no olhar que pareciam à resposta para sua própria solidão. Mas ela recusava cada uma de suas tentativas.

Não confiava nele, naquele ladrão, aquele impostor. Tampouco confiava em si mesma quando se encontrava perto dele.

Ele suspirou de novo enquanto observava, pensativo, suas mãos sobre o corrimão.

— Logo passaremos por Gibraltar. É possível que entremos em combate ali. Cruzar o Atlântico levará um mês aproximadamente, segundo os ventos.

— Posso perguntar aonde nos dirigimos?

— Pode perguntar tudo o que desejar, *chérie*. Iremos às Índias Ocidentais. Para casa.

Allegra mordeu o lábio para não lhe dizer que aquilo não era o lar dela.

— E se eu não desejar ir às Índias Ocidentais?

— Aonde quer ir?

— A Ascensão.

Ele se obrigou a sorrir com um gesto de paciência.

— Me comuniquem qualquer outro lugar que deseje ir e a levarei a ele de férias quando tiver concluído meus negócios com meus... colegas.

— De férias — Allegra o estudou, insegura, negando-se a acreditar nele. — Talvez tenha chegado o momento de que me comunique o que quer de mim, capitão.

Negava-se a chamá-lo de Lazar.

Ele se limitou a olhá-la alguns instantes.

— Allegra — lhe disse. — Não vou machucá-la.

Ela cruzou os braços e levantou o rosto para ele. Sentia-se muito pequena ante ele.

— Muito tarde.

— Seja justa. Ainda não ouviu minha parte da história.

— Nada do que diga trará de volta a vida de meu pai.

— Eu não o matei, Allegra.

Ela apertou os braços com força e os lábios começaram a tremer.

— O aterrorizou. Essa foi à única razão por ele ter feito algo assim. É o mesmo que se o tivesse empurrado você mesmo. Não me toque — o advertiu quando ele estendeu mão para seu rosto.

Mas ele a tocou de qualquer maneira: pôs a mão sobre sua face.

— Não sou eu quem terá que culpar. Mas você deve se dar conta disso por si mesma. Não vou obrigá-la a ver a verdade a respeito dele, nem a respeito de mim — baixou a mão. — Trouxe todos os arquivos e documentos oficiais, então, quando se sentir preparada, talvez queira dar uma olhada neles. Então talvez se dará conta de que seu pai não era... um bom homem.

— Já sei que ele não era um bom homem — respondeu ela, apertando a mandíbula. — Mas isso não significa que traiu o rei Alphonse nem que você seja o príncipe.

— Não vou discutir com você. Conhecerá a verdade no devido momento — disse ele com amabilidade. — Não vou obrigá-la a acreditar em nada que não deseje. Compreende?

Ela afastou os olhos dele, resistindo a cair presa por Lazar no último momento.

— Se dá conta de que agora não tenho nada? O que vou fazer agora? Não tenho ninguém.

— Tem a mim.

Ela riu com amargura e olhou de volta para o mar.

— Vou cuidar de você.

— Com certeza.

Ele a olhou com inquietação.

— Sei como é. Eu também perdi minha família.

— Sim, já sei, os grande Fiori — respondeu ela, cáustica, enquanto enxugava uma lágrima antes de que ele se desse conta.

Ele a observou, perdido.

— Não se lembra de como estávamos naquela noite, quando entramos nos túneis? Nos dávamos bem até que eu te disse meu nome. Por quê?

— Nos dávamos bem até que você pôs uma pistola contra minha cabeça! — gritou ela.

Ele meneou a cabeça.

— Sabia que eu não ia disparar.

— Eu não sabia tal coisa! Você é um louco! Não há forma de saber o que vai fazer!

Ele levantou uma sobrancelha e olhou para seus homens. Alguns deles olhavam, curiosos, ante aquela explosão de temperamento.

— Já lhe disse isso. Não tem nada a temer de mim. Se tentasse confiar em mim um pouco, acredito que poderíamos nos dar bastante bem.

— Nunca confiarei em você.

Allegra apertou a mandíbula. Embora tivesse dito, sabia que não era de todo certo. Ele ainda lhe inspirava aquele insensato sentimento de segurança. Mas fechou a boca e evitou seu olhar, não querendo fraquejar ante ele. Tinha perdido tudo por sua culpa, e não podia, não queria, acreditar que era seu príncipe.

Ele procurou seu rosto com um olhar profundo e cheio de esperança.

— Não esqueci como me olhou do outro lado da fogueira, Allegra, e de como recebeu meu beijo.

— Isso foi antes que provocasse com que meu pai se matasse — se queixou ela.

— Sabe que isso é mentira. Não vou lhe ocultar a verdade: sim, eu desejava que Monteverdi morresse, e tinha boas razões. De fato, a princípio queria matar você diante dele. Essa foi a única razão pela qual te segui por toda a praça aquela noite e pela que terminei por salvá-la de Clemente. Não tinha nenhum interesse em você, exceto como peão de minha vingança, mas então... — hesitou — ... eu... não pude.

Ela o olhou.

— Então isso deve me tranquilizar? — perguntou com incredulidade.

— Simplesmente, tento ser honesto com você e lhe mostrar que já não tem nada a temer de mim — olhou com impaciência o mastro. — Sei que não compreende. Eu tampouco o compreendo, mas, de alguma forma, você mudou tudo.

Dirigiu-lhe um olhar abrasador e baixou a cabeça.

— Agora você é minha. Entenda. Estamos unidos por causa do crime de seu pai, nós gostemos ou não. Mas não vou mesmo machucá-la, Allegra. Juro pela tumba de minha mãe. Pelas tumbas dos grande Fiori — disse ele, sarcástico, enquanto se afastava dela.

Confusa e em silêncio, Allegra se voltou e o observou enquanto partia. Contemplou seus poderosos e largos ombros e sua cintura estreita e pronunciada enquanto ele avançava com passo principesco e ofendido e descia pela escotilha.

Era um impostor. Não era Lazar di Fiori.

Seu pai não traíra o rei Alphonse. E sua mãe não se suicidara por culpa de seu pai.

Lazar entrou no camarote que se encontrava ao lado do dele, um espaço que servia tanto de sala de jantar como sala de estar. O Pároco levantou a vista para ele do livro que estava lendo quando ouviu a batida de porta. Lazar ficou em pé ante a porta um momento.

— Vou estrangulá-la — anunciou.

Ato seguido, dirigiu-se ao bar e se serviu um conhaque. Atrás dele, O Pároco riu.

— Ah! Uma recusa! Uma experiência nova para você, não é, rapaz?

Lazar esvaziou o copo de conhaque e se voltou para seu sorridente tutor enquanto O Pároco guardava os óculos no bolso do peito.

— Ela me odeia.

— Bem-vindo ao mundo dos mortais.

Lazar o olhou com aspereza.

— Sério, sua simpatia me encanta — suspirou e olhou o copo vazio. — Pelo menos já se levantou da cama.

— Começou a se recuperar?

— Graças ao desejo de vingança.

— Isso é bom — disse o homem, assentindo. — Tente ser paciente com ela, garoto. Precisa estar zangada por um tempo. Não seria natural que não estivesse.

Lazar deu de ombros, abatido, e deixou o copo vazio.

— A preferia quando estava drogada — impaciente, dirigiu-se à porta e perguntou — Como posso manejá-la, Pároco? Sinto-me como se não pudesse fazer nada de bom com ela.

O inglês simplesmente riu.

— Por que parece tão contente? — disse ele, olhando através da porta. — Você gosta de me ver sofrer?

— Imensamente. Nunca o vi assim por uma mulher.

— Assim, como? — Lazar observou as ondas e se perguntou quando se tornaram tão azuis. No céu, as nuvens mais lindas se apinhavam por volta do oeste e os raios do sol tinham começado a atravessar a neblina da manhã.

— Estou te falando, capitão. Está ruim do ouvido?

— O quê? — Lazar se voltou e olhou O Pároco com olhos interrogativos. Esse meneou a cabeça, divertido.

— Acabava de lhe perguntar recuperou as relíquias da família que procurava no tesouro de Pequena Gênova.

— Ah, sim! — exclamou Lazar. — Um momento, só. As mostrarei.

Entrou em seu camarote, abriu o cofre e tirou a velha espada de seu pai e algumas das melhores jóias de sua mãe. Observou com gesto amoroso o colar de diamantes e de ametistas que combinavam com os olhos violeta de sua mãe.

O Pároco admirou as valiosas jóias. Logo Lazar descobriu a espada envolta em tecido de saco.

— *Excelsior* — disse em voz baixa.

Pegou o cabo da espada e a tirou da bainha engastada de jóias. A lâmina brilhou em um tom dourado. Ofereceu a valiosa bainha ao Pároco para que a olhasse e pegou a espada com as duas mãos e os braços estendidos para frente e para baixo.

— O primeiro rei dos Fiori, Bonifácio, *o Negro* — disse — impediu a invasão dos sarracenos com essa espada. Uns duzentos anos depois, os cruzados franceses que construíram a torre original de Belfort tentaram tomar a ilha. Dessa vez foi o rei Salvatore IV quem acabou com a insurreição. Essa lâmina decapitou vinte cavalheiros rebeldes.

O Pároco meneou a cabeça, maravilhado.

— Como vê, Ascensão foi invadida praticamente por todos os povos da terra. A maioria deixou seu rastro de uma ou outra maneira. Embora originariamente — acrescentou com um sorriso torto — tratava-se de uma colônia penal do Império Romano para onde se mandavam os criminosos mais perigosos para que passassem o resto de sua vida trabalhando nas pedreiras de mármore.

O Pároco riu.

— Seu primeiros antepassados.

— É isso que temo.

Com as pernas separadas, Lazar brandiu a espada de um lado para o outro fazendo com que seu som rasgasse o ar. Ter aquela espada entre as mãos lhe produzia uma profunda impressão.

— Quando era menino não podia nem sequer levantá-la — disse. — Isso fazia com que meu pai me parecesse um deus.

Recordou que conforme as informações que conseguira, *Excelsior* se encontrava nas mãos de Alphonse quando seu corpo fora encontrado no cenário da matança. Por um momento, Lazar ficou em silêncio e deixou cair à ponta da arma até o chão.

“Bem quando chegaram ao Paso D'Orofio, sua mãe pegou a pequena Anna que dormia, a pôs no colo e voltou a se sentar sobre a almofada de veludo. “Vá!”, disse. Como se movia o mar! “Graças a Deus, estamos todos sãos e salvos.”

Não tinha acabado de pronunciar aquelas palavras quando começaram os primeiros disparos.

— Lazar? — ouviu O Pároco dizer como de uma grande distância.

Saíram de um nada, com pistolas e facas. Seu pai, enquanto gritava ordens aos guardas, saltou da carruagem com Excelsior na mão e, por alguns momentos, os homens mascarados pareceram temê-lo.

Recordava aquele olhar nos olhos de seu pai, sua repentina imobilidade ao se dar conta antes de ninguém que estavam todos mortos.

Seu pai o olhou nos olhos entre todo o caos que os rodeava. “Sobreviva”, lhe disse “e mantenha a linhagem.”

Ele obedeceu. Saiu correndo tão rápido como pôde justo quando o primeiro

homem atravessava o rei Alphonse com sua faca e enquanto outro tirava seu pequeno irmão, Pip, da carruagem e cortava seu pescoço ante seus olhos. Ele tinha ficado ali alguns instantes, gelado de terror, e seu pai voltou a gritar: “Corra!”

Assim fez.

Correu e correu com a garganta cheia de bÍlis enquanto ouvia como os guardas, os lacaios e as damas de companhia morriam como animais. Quando ouviu os gritos de sua mãe, deteve-se e se voltou, mas eles o perseguiram através das sarças. Saiu correndo entre raios de tempestade, sem se dar conta de que se dirigia diretamente para os escarpados.

Nesse momento, enquanto segurava a espada real que pertencera a sua família desde o começo da Idade Média, teve um pressentimento tão estranho e misterioso que teve que deixar a espada sobre a polida mesa.

— Me desculpe — balbuciou.

Dirigiu-se para seu camarote e saiu ao balcão da proa. Apoiou-se no corrimão e baixou a cabeça com os olhos fortemente fechados.

Dentro dele ainda havia um aterrorizado menino de treze anos preso naquele pesadelo. De algum jeito, ainda continuava correndo.

Capítulo nove

s marinheiros sentiram terror ante aquilo e disseram:

O — O que fez?

Sabiam que Jonas tentava escapar de Deus, porque assim dissera.

Allegra estava sentada no camarote e lia a Bíblia sob a forte e dourada luz da tarde. Procurava consolo nas velhas e sagradas palavras.

Jonás respondeu:

— Me lancem ao mar e então ele se acalmará. Porque me dou conta de que é por minha culpa que essa violenta tormenta se desatou sobre vós.

Jahvé dispusera que uma enorme baleia se encontrasse ali para engolir Jonas; e Jonas permaneceu no ventre da baleia durante três dias e três noites. Do ventre do peixe, ele rezou a seu Deus; disse-lhe:

— Vós me lançaste neste abismo, no coração do mar, e a maré me rodeia. Todas suas ondas têm me coberto.

E disse:

— Encontro-me fora de sua vista. Como poderei voltar a olhar seu templo sagrado? As águas me rodearam até a garganta, o abismo se instalou a meu redor. As águas se enroscaram em minha cabeça nas raízes das montanhas. Desci até os países do interior da terra, até as pessoas do passado...

Allegra baixou a cabeça e fechou os olhos. Rezou para obter uma sinal. Tinha que ter algum motivo pelo qual os Céus puseram aquele homem ignorante em seu caminho. Rezou a Deus para que lhe desse capacidade de julgamento e pudesse averiguar a verdade ante o desconcertante enigma que era o capitão.

— Roga a Deus por sua libertação, senhora? — perguntou uma profunda e familiar voz.

Ela levantou a vista e viu o Diabo de Antigua que atravessava a sala em direção ao camarote. A atitude despreocupadamente dominadora de seu passo, o poder daqueles largos ombros, a segurança que delatavam os ângulos de sua mandíbula a faziam sentir com maior força sua debilidade como cativa. Nunca durante todas suas conversas de salão a respeito da liberdade imaginara que perderia a sua própria.

Fechou a Bíblia e observou seu captor cruzar a sala. Tinha o aspecto de um imponente capitão com aquele colete azul escuro, as brilhantes mangas brancas de sua camisa e aquele impecável lenço de seda preso em torno do pescoço. Ouviu-o se mover pelo camarote e se perguntou o que estaria preparando agora.

— Devo assinalar, senhorita Monteverdi — disse ele — que você foi quem me implorou que a levasse em troca de deixar a salvo sua família. Segundo lembro, jurou fazer tudo o que eu lhe pedisse: tudo. Acredito que essas foram suas palavras exatas. Fui extremamente indulgente até o momento, não acha?

Ela empalideceu e se perguntou se aquilo significava que sua paciência com ela terminara. Não se arrependia de seu juramento, mas teria sido muito mais fácil mantê-lo se seu pai não o tivesse convertido em um ato inútil.

Um estremecimento lhe percorreu o corpo e decidiu entrar ali e acabar com aquilo naquele momento. Deixaria claras seus protestos, mas não lutaria com ele. Decidida, levantou-se, arrumou o vestido e entrou no camarote. Existia alguma maneira de se preparar para ser violada?

Ficou de pé no marco da porta, o observando enquanto ele procurava algo em sua mesa. O capitão não prestou nela a menor atenção. Não parecia absolutamente um homem enlouquecido de luxúria.

De repente, desconfiada, decidiu averiguar em que pé as coisas andavam, tentar saber que planos ele tinha para ela.

— Capitão — chamou, com calma — eu gostaria de falar com você.

— Sinto-me honrado — respondeu ele sem levantar a vista da escrivaninha.

Ela decidiu começar com algum cortês rodeio, embora lhe parecesse difícil mostrar educação para com ele.

— Como está seu braço?

Ele inclinou a cabeça, em guarda de repente.

— Curando-se.

Observou-o e se perguntou por que ele se mostrava tão precavido com ela, se ambos sabiam que ela se encontrava a sua mercê. Talvez ela tinha alguma vantagem e não se dera conta. Aquela idéia a fez recuperar certa esperança.

Cruzou os braços e se apoiou na porta.

— Capitão, orgulho-me de ser uma pessoa de ampla visão, mas me dou conta de que o que me disse é verdade. Não fui justa com você. Desculpo-me por isso. Estive... fora de mim — as palavras quase se entalaram na garganta, mas continuou — Ainda desconheço seus motivos, mas compreendo que custou-lhe muito renunciar a sua *vendetta* contra minha família. Eu gostaria muito de escutar sua versão da história, tal como me pediu.

— Bom, tudo isso é muito generoso de sua parte, tenho certeza — disse enquanto se erguia e examinava uma pena de ganso — mas decidi que minha versão da história carece de importância, então... — olhou-a com um breve sorriso — Não importa.

Aquilo a tomou de surpresa, embora, bem pensado, não havia motivo pois ele aproveitava qualquer oportunidade para irritá-la.

— Mas estou disposta a escutá-lo sem emitir nenhum julgamento, tal como me pediu.

— Ah, mas já não lhe desejo contar, senhorita Monteverdi. Jantaré comigo essa noite na sala de jantar, agora que já está recuperada. As oito em ponto. Depois do jantar, bom... — dirigiu-lhe um sorriso preguiçoso e malicioso — veremos se vai manter sua palavra.

Ela o olhou, pálida.

— Disseque não me obrigaria.

— Você não acredita em nada do que digo, então por que deveria acreditar nisso?

Ela olhou a seu redor com o coração acelerado. Dava-se conta de que se encontrava a sua mercê por completo. Não sabia se saía gritando ou se começava a tirar a roupa.

Ele riu.

— Estou brincando. Quer abandonar essa expressão de terror? Venha, quero lhe mostrar algo — pegou-a pela mão e a conduziu através do cômodo até o balcão. No marco da porta ela se deteve e olhou com expressão de ansiedade o corrimão.

O balanço do navio era evidente ali, movia-se para cima e para baixo, enlouquecido, contra a firme e longínqua linha do horizonte

— Ai — disse ela, um pouco enjoada ante aquela visão.

— Venha e olhe.

— Não, obrigado. Ficarei... aqui.

— O que está acontecendo?

— Não posso — engoliu em seco com dificuldade — Vou cair.

— Cair? — perguntou ele. — Na água?

Ela engoliu em seco com dificuldade.

— Não posso me aproximar até esse extremo.

— Seja como for, senhorita Monteverdi, se cair, eu mergulharei e a salvarei sem hesitar nem um instante.

Ela levantou o temeroso olhar das águas verde-azuladas até seu firme sorriso. Esqueceu a ansiedade ao ver como o colete abraçava o poderoso peito e o pronunciado ângulo da cintura. O sol brilhava em cada um dos botões.

— Mas já esgotei toda minha sorte — disse com voz débil.

— Tolice. Só o fez por esse período de vinte e quatro horas.

Ele começou a se aproximar dela com um brilho diabólico nos olhos e ela se encolheu, convencida de que ele ia levantá-la do chão para segurá-la por cima da amurada só para assustá-la. Era o tipo de coisa que ele chamava de diversão. Mas ele se deteve, provavelmente alarmado por sua súbita palidez.

Lazar lhe percorreu o rosto e os olhos com o olhar. Logo observou os cabelos e lhe estudou os lábios com atenção até que ela os umedeceu com a língua. Então ela viu o desejo em seus olhos e soube que era tão somente questão de tempo.

Mas de momento, ele se voltou com um olhar decidido e se aproximou da amurada sozinho. Apoiou os cotovelos no corrimão e olhou as águas. O vento fazia ondular as mangas soltas da camisa e esculpia os músculos de seus braços contra o tecido.

— Golfinhos — anunciou, apontando.

— De verdade?

Allegra ficou nas pontas dos pés na porta em uma tentativa de vê-los, porque gostava muito dessas alegres criaturas. Mas não foi uma boa idéia. A única coisa que conseguiu foi uma melhor visão de suas compactas nádegas.

Obrigou-se a afastar a vista. De repente lhe pareceu que seria muito pouco inteligente inquirir a respeito de seus planos para ela. Se propusesse esse tema agora, tinha certeza de que lhe faria uma demonstração direta e não acreditava que pudesse suportar.

A solução mais sensata que lhe ocorria era aceitar sua anterior oferta de amizade, não zangá-lo para evitar qualquer horrível castigo, nem ceder ante a sedução que sentia cada vez que ele a olhava.

Se fosse cuidadosa, pensou, acreditava que seria capaz de manter o equilíbrio naquela fina linha entre ambos os extremos até que desse com alguma maneira de se libertar daquele sofrimento, ou até que ele se cansasse dela.

Sim, pensou, podia ser muito cuidadosa. Nunca gostara dos extremos.

— Do que queria me falar? — perguntou ele sem se voltar.

— Não queria tanto falar como escutar — se atreveu.

— É esperta, senhorita Monteverdi — assinalou ele sem sarcasmo, com um tom pensativo, distante e inclusive um tanto melancólico.

— Minha mãe dizia que existe uma razão pela qual Deus nos deu duas orelhas

e uma boca.

— Ah, sim, a senhora Cristiana. Uma linda mulher — disse. — Uma vez pus um sapo em sua bolsinha de tecido.

Ela abriu os olhos com espanto.

— Como sabe disso? — perguntou.

Ele a olhou por cima do ombro um momento e logo voltou a girar a cabeça em um frio gesto reprovador.

Ela franziu o cenho e logo desprezou a pergunta. Ele já demonstrara ter suficientes recursos e inteligência. Se tinha sido capaz de encontrar os velhos túneis dos Fiori, com certeza conhecera algumas histórias sobre as travessuras do príncipe com a Coroa. Era óbvio que realizara uma boa investigação para manter sua impostura.

Ele se dirigiu a ela em um tom distante ainda lhe dando as costas.

— Parece ter chegado a certas conclusões sobre mim, senhorita Monteverdi, mas estou disposto relevá-las devido ao trauma que você passou. Me permita somente lhe fazer uma pergunta simples, querida. É uma mulher inteligente e jovem. Com certeza poderá me responder imediatamente.

— Sim?

— Se eu sou um enganador e minha intenção consistia em utilizar essa patética lenda do tal príncipe desaparecido para me fazer com o poder em Ascensão, por que motivo abandonei a ilha assim que meu objetivo se completou?

Ela abriu a boca para responder e se deu conta de que não tinha nenhuma resposta.

Ele se voltou e levantou uma sobrancelha.

— Sim?

Ela levantou o queixo.

— Não sei. Talvez se deu conta de que não podia continuar com isso. Quero dizer, pelo fato de que, efetivamente, deixou provas de que não é o verdadeiro príncipe.

Ele cruzou os braços.

— Como é?

Em tom zombeteiro, Allegra respondeu:

— É óbvio que o príncipe nunca teria abandonado seu povo quando esse tanto necessita dele, faminto, assolado pela pobreza e sofrendo a opressão. Ele teria feito todo o possível para ajudá-lo.

— E se ele tivesse avaliado a situação e tivesse chegado à conclusão de que não podia fazer nada a respeito e por isso não se envolveu?

— Então ele seria tão egoísta quanto você — disse Allegra com cautela.

— Ora. E se tivesse lhe parecido que era inútil tentar porque ninguém acreditaria nele?

Ela negou com a cabeça.

— Isso não aconteceria. Seu povo o reconheceria imediatamente.

— E se lhe tivesse acontecido algo nos últimos anos tão humilhante que simplesmente... não se atrevesse a dar as caras? — murmurou ele.

— Então seria um covarde.

Ele soltou uma risada curta e triste, ainda observando os golfinhos.

— Te confesso que é muito rápida para mim, senhorita Monteverdi. Tem resposta para tudo.

— Mas nenhum filho de Alphonse seria tudo isso. Não houve nenhum covarde entre os Fiori — Allegra afastou a vista com impaciência ante seu olhar triste e alquebrado. — Podemos mudar de assunto, capitão? Eu não gosto de sua mentira.

Ele se voltou para ela.

— Por que se mostra, digamos, tão apaixonada quando fala dos Fiori, Allegra?

Ela deu de ombros e olhou para as nuvens.

— O rei Alphonse e a rainha Eugenia eram os amigos mais queridos de minha mãe. Eu mesma brincava com a princesa Anna quando era muito pequena, embora quase não me lembro dela.

Uma expressão de dor apareceu no belo rosto de Lazar, mas logo se desvaneceu.

Ela franziu o cenho e continuou:

— Então pode ver. Cresci escutando as histórias de minha mãe a respeito da vida na Corte. Contou-me tantas coisas dos Fiori que sinto como se os tivesse conhecido pessoalmente, em especial ao príncipe da Coroa. Por isso não pode me enganar.

— Especialmente a ele? Por quê?

Ela sorriu com uma expressão cálida para si mesma percorrendo o chão de madeira com a vista.

— Suponho que se deve a que eu sempre me esforcei em ser boa e obediente, e ele era um safado irreprimível. As histórias que minha mãe me contava sobre ele simplesmente me... emocionavam. Eu sempre tomava cuidado de não me portar mal, mas o príncipe Lazar saía impune de tudo.

— Mesmo? — perguntou ele com incredulidade.

— Oh, sim! — riu ela. — Segundo minha mãe, o menino sempre se mostrava impossível de controlar.

— Tenho certeza de que era só por pura alegria — disse ele, indignado.

— E... suponho que sempre pensava em como seria ter um irmão mais velho, como tinha a princesa Anna — acrescentou com melancolia enquanto lhe dirigia um olhar triste.

Lhe devolveu o olhar sem pronunciar palavra.

— Então, está vendo? — disse ela —, sei tudo sobre o verdadeiro Lazar di Fiori e, acredite em mim, não se parecia em nada com você.

— Que mais lhe contou sua mãe a respeito desse precioso e jovem mártir?

— Não tenho nenhuma intenção de lhe contar. Não penso em ajudá-lo a se fazer passar por ele.

Lhe dirigiu um sorriso suave, como um sedoso desafio

— Se compadeça de mim.

Allegra decidiu que talvez não era muito inteligente se opor a ele naquelas circunstâncias.

— Bom, contou-me que era um bom filho. Amava muito sua mãe. A Rainha Eugenia o chamava de Leão. Tinha muitos, muitos amigos e foi prometido em matrimônio quando criança — continuou, pensativa — a uma das princesas austríacas da Casa de Habsburgo.

— A bulldog... — murmurou ele.

— Perdão?

— Foi com Nicolette, a mais jovem. Mas não importa.

— Sim, é obvio, a princesa Nicolette! — exclamou Allegra. — Li uma notícia sobre sua festa de apresentação no periódico que tia Isabelle me envia de Paris. Foi um assunto muito comentado — suspirou. — Me pergunto com quem se casará agora. Dizem que é uma grande beleza.

— Com certeza. Continue, por favor.

— Gostava de fazer brincadeiras com as pessoas. Odiava estudar. Era um insolente fanfarrão, mas suficientemente encantador para sair ileso de todos os apuros. Uma grande habilidade para um menino tão jovem e... — pensou um momento e continuou — Segundo minha mãe, sabia-se que adorava zombar das senhoritas até fazê-las chorar.

— Tem razão. Não se parece comigo em nada.

Ela se calou e sentiu que já não estava tão convencida, mas descartou aquela dúvida com aborrecimento. Negava-se, negava-se a se deixar arrastar em seu jogo, porque se chegasse a acreditar que ele era Lazar, tinha que aceitar que seu pai fora um traidor de verdade. Nem sequer podia pensar nisso.

— Bom, posso lhe assegurar com toda certeza, sejam quem for — declarou — que se o príncipe Lazar estivesse vivo, nunca navegaria a bordo de um navio pirata aterrorizando as pessoas.

Ele a observou, divertido.

— Por que ruboriza quando fala dele?

Ela levou uma mão à face, desconcertada.

— Não ruborizei.

Ele sorriu:

— Sim, ruborizou.

Lazar começou a caminhar em direção a ela e pela maneira como a olhava, Allegra soube que ele sabia por quê. Adivinhara.

O próprio diabo.

— Parece-me recordar que quando falou dele na torre, chamou-o de “meu Lazar”. Por quê?

Ela ruborizou ainda mais. Ele continuava se aproximando dela com um brilho malicioso nos olhos.

— Não fiz isso.

— É isso que percebo em você, um sonho infantil enterrado em suas mais secretas fantasias, doçura?

— Não tenho a menor idéia a que se refere.

Lhe dirigiu um olhar de carinhosa repreensão e levou um dedo aos lábios em um gesto de silêncio, como se não querendo desvelar seu segredo.

— Devo ser sincero com você, senhorita Monteverdi. Me descobriu. Sou um impostor, tal como disse. Sou um simples fugitivo no mar que busca algo diferente para se divertir. O golpe não saiu segundo o previsto, mas isso tem pouca importância. Consegui me fazer com o tesouro.

— Sim, eu sei. Levou todo o ouro de meu pai.

— Não me refiro a esse tesouro — com clara intenção lhe tomou uma mão e beijou os nódulos.

Ela ruborizou, mas resistia a se deixar seduzir por seu flerte.

— Bem, me alegro de por fim ter decidido ser sincero comigo. Agradeço-lhes que me respeite ao menos nesse sentido.

— Senhorita Monteverdi, meu respeito por você não tem limites. Para mim, você se encontra no mais alto pedestal.

— Quantas mentiras diz — ela meneou a cabeça e o olhou com desconfiança. — Então pensou que passaria de pirata a príncipe, anh? — teve que reprimir a risada ao ver sua arrogância. — Não há nada como começar de baixo. Mas é de Ascensão, não? Por seu sotaque.

Ele assentiu.

— E tinha razão — continuou, animada — É filho de um cavalheiro.

— É obvio.

— É óbvio que foi bem educado.

Ele inclinou a cabeça ante ela, zombeteiro.

— O Pároco teve muito a ver com isso.

— Bom!

Allegra cruzou os braços, enormemente satisfeita de ver que tivera razão todo o tempo. Saber que souvera julgá-lo acertadamente desde o começo a fazia se sentir muito mais segura ante ele. Mas como descobrira os túneis ? E por que a visão da faixa negra e verde o fizera mudar completamente de atitude naquela noite ?

— Como devo chamá-lo? — perguntou-lhe.

— Estou convencido de que pode encontrar todo tipo de epítetos para mim, mas meu nome real é Lazar.

Ela franziu o cenho, a ponto de protestar.

— Fui... nasci poucos meses depois do Príncipe e puseram o nome em mim em honra a ele — disse. — Meus pais eram monárquicos leais.

— Entendo — um pouco agradada demais pelo olhar de seus olhos escuros, Allegra se fixou na mão com que mantinha seu braço apoiado contra o marco da

porta.

Tinha que admitir que aquela explicação tinha sentido, mas por outro lado ele cedera com muita facilidade. Era quase como se tivesse deixado o tema de lado só para lhe dizer o que ela queria ouvir. A dor que ela vira em seus olhos naquele dia na muralha fora real.

— Não é estranho que não tenha podido executar minha família — disse ela em uma tentativa de que lhe revelasse mais coisas — tendo em conta que sua vingança era um truque. Todos eles teriam morrido por seu capricho.

Ele a olhou, divertido, mas negando-se a morder o anzol.

— Sabe por que os salvei, Allegra? Porque você me pediu. Agrada-me fazer o que me pede.

Ela ruborizou:

— Está louco.

— E agora — disse ele — me fale dessa sua fantasia.

— Por todos os céus! Não fale disso!

Allegra se deu conta de que ele quase não podia reprimir a risada. Oh, detestava-o.

Ele voltou a se aproximar dela. Seus olhos escuros como a meia-noite se mostravam malignos. Quando esteve a alguns centímetros dela, levantou os braços e se apoiou no marco da porta por cima de sua cabeça. Ela o olhou com desconfiança.

— Esse seu príncipe — lhe disse, em tom de confiança — se chama igual a mim, tem um tom de pele parecido com o meu e uma idade similar. A única diferença entre nós consiste em que ele está morto e, como pode ver, eu estou vivo.

— Sim, está — respondeu ela, sentindo-se um tanto enfebreçada.

— Essa é uma vantagem importante, deve admitir. Então, minha pequena sonhadora — baixou a mão direita e lhe acariciou um ombro de tal forma que a fez estremecer da cabeça aos pés — por que não põem a trabalhar essa sua vívida imaginação e me converte nele? Dessa maneira eu poderia cumprir suas fantasias e, talvez — murmurou — superá-las.

Allegra tinha que admitir que seus olhos brilhavam exatamente como teriam feito os de seu príncipe. Ele aproximou os lábios dos dela.

— Não sairá bem — exalou quase sem fôlego ao sentir com delícia que ele se aproximava cada vez mais.

— Por que não, querida minha?

Ela o olhou. Ele envolveu sua cintura com ambas as mãos e a atraiu com suavidade para si. Sem saber como, Allegra levou as mãos para ele e começou a lhe acariciar o peito sem poder se deter.

— Porque — murmurou — beija como um pirata.

— Nem sempre — sussurrou ele com um leve sorriso antes de beijá-la. Roçou-lhe os lábios com os seus com uma carícia tão suave como a seda, como as asas de uma mariposa. Uma deliciosa vertigem a fez entreabrir os lábios levemente e ele

ficou um momento respirando seu hálito, oferecendo o dele a ela.

Sentindo mais debilidade a cada momento, Allegra se manteve completamente quieta enquanto ele lhe beijava o canto dos lábios, a face, uma sobrancelha. Quando seus lábios chegaram ao lóbulo da orelha, Lazar se deteve e lhe sussurrou:

— Eu também tenho uma fantasia, *chérie*. Trata-se de uma bela moça que salva minha alma. O que não faria eu por ela?

Durante alguns momentos ele ficou quase quieto lhe acariciando a face com a sua, recém-barbeada. Ela percebia que uma tormenta se desatava dentro dele.

— O que está acontecendo? — perguntou Allegra, lhe acariciando a cabeça. — O que o aflige, meu amigo?

Ele tremeu sob a carícia dela. Beijou-lhe o pescoço, a orelha. Com as duas mãos pegou seus cabelos enquanto afundava o rosto na curva do pescoço.

— Me ajude, Allegra — sussurrou. — Sou tão infeliz.

Lhe acariciou a curtida face.

— O que deseja que eu faça?

Ele fez uma pausa.

— Me ame.

Nenhum dos dois se moveu. Ao fim de um momento, ela começou a tremer.

Sua fortaleza a abandonou. Fechou os olhos e se apoiou contra o marco da porta, à espera de sua investida, sabendo que aquele tinha sido seu destino desde o momento em que seus olhos se encontraram do outro lado da fogueira. Segurou-se em seus ombros enquanto ele lhe acariciava o pescoço com os lábios.

— Me ame — ele murmurou de novo enquanto percorria sua cintura e seus quadris lentamente.

Allegra sentiu suas mãos lhe percorrendo os cabelos. Ouviu-o lhe dizer que eram como seda. Os pentes de prender cabelos de marfim se soltaram e caíram no chão. A um dos balanços do navio, os pentes escorregaram pelas pranchas de madeira e caíram no mar, mas não importou a ela, porque ele voltava a saborear seus lábios. De novo ficou quieto, respirando seu aroma e sentindo a força da magia que havia entre ambos.

Allegra afastou-o com um esforço de vontade. Afastou o rosto do dele.

— Não, não, não quero isso. Não posso fazer — disse sem fôlego. Sentia o coração disparado.

— Fazer o quê, *chérie*?

Ela resistiu à sua ternura e apoiou a cabeça no marco da porta com uma inquietação que não tinha palavras.

— O que não pode fazer? — perguntou ele com suavidade enquanto lhe acariciava o pescoço. — Eu te ajudarei.

Ela arrastou o olhar até encontrar o dele, perdida ante a doçura daquele homem a quem ela tinha que recusar, aquele belo e inquietante criminoso que tinha planejado matá-la.

— Não posso me aproximar até esse ponto — sussurrou com olhos suplicantes.

— Se eu cair... é tão profundo... não sei nadar.

Pegou sua mão e depositou um beijo em sua palma. Olhou-a por alguns momentos, como se aquilo fosse tudo o que tinha que lhe dizer. Lazar não sabia como começar.

Meneou a cabeça.

— Mesmo que fosse assim, eu a salvaria — lhe disse.

Então lhe soltou a mão e tranqüilamente a deixou ali, no balcão, sozinha ante o vasto e vazio mar.

— Está apaixonada por mim — anunciou Lazar enquanto se aproximava a grandes passos da sombra do velame onde O Pároco se encontrava sentado, escrevendo em seu diário de navegação.

Lazar tirou um dos charutos do Pároco da caixa de prata e o acendeu com a candeeiro que utilizava para trabalhar. Ergueu-se de novo e soltou à fumaça, saboreando o momento.

O Pároco consultou seu relógio e o olhou.

— Faz duas horas acredito que disse que o odiava.

— Oh, sim, odeia-me, concordo.

— Perdão?

Lazar se apoiou no cabrestante e observou seus homens trabalhando. Sentia-se bastante orgulhoso.

— Estou competindo comigo mesmo — disse, devagar — pelo coração da dama.

— Não tinha notícia de que fosse seu coração o que procurava — O Pároco realizou uma última anotação e fechou o diário. Olhou Lazar com uma de suas prateadas sobrancelhas levantada.

— Não sou um completo bárbaro — disse Lazar com indignação.

— Está me dizendo que suas intenções com a senhorita Monteverdi ficaram honráveis?

— É obvio que não.

— Ah — exclamou O Pároco, em uma seca reprovação. — Muito bem. Morderei a isca — grunhiu. — Como é possível que esteja competindo com você mesmo por uma mesma mulher?

Lazar sorriu com preguiça e lentidão enquanto observava o charuto.

— A senhorita Monteverdi resguarda uma fascinação secreta pelo defunto príncipe da Coroa — disse. — O ama e me odeia.

— Entendo — O Pároco começou a rir e coçou a cabeça. — O que vai fazer?

Lazar exalou um anel de fumaça, pensativo, e observou como se desvanecia no ar.

— Decidi permitir que continue me vendo como o Diabo de Antigua no momento.

O Pároco o olhou com expressão de simpatia.

— Por quê? Com certeza teria se deitado com ela antes se simplesmente a tivesse convencido de que é o último dos Fiori.

— Sei — disse Lazar e, levantando a vista para as velas, continuou — Mas foi à única forma de que se sentisse tranqüila. E... te pareceria muito estranho se te dissesse que quero que me deseje por mim mesmo? Não por meu nome, não por algum romântico ideal... Não sei — sua voz se cortou e ele franziu o cenho com o olhar dirigido ao horizonte.

— Suponho que a vaidade de qualquer homem se veria satisfeita ao obter o desejo de uma mulher que tem verdadeiros motivos para detestá-lo.

— Não tem nada a ver com minha vaidade — Lazar lhe lançou um olhar de irritação e logo se voltou. — É só que... bom... pode imaginar o quanto se sentirá decepcionada quando souber a verdade? — espetou, zangado.

— Decepcionada?

— Te pareço um príncipe?

O Pároco manteve um silêncio paciente.

— Com quanta amabilidade me faz notar a diferença entre quem sou e quem poderia ter sido... — disse em voz baixa, ao final, observando o charuto que tinha na mão. Logo levantou a vista, como aborrecido consigo mesmo. — Suponho que somente eu poderia competir comigo mesmo por uma mulher — murmurou.

— Não é tão ruim, Fiori — O Pároco riu com suavidade. — Não tão ruim como poderia ter sido, em qualquer caso, se eu não tivesse aparecido para mantê-lo no bom caminho. Talvez deveria lhe contar alguns dos obstáculos que você teve que enfrentar. Fazer com que veja as coisas em outra perspectiva.

— Não quero sua compaixão — grunhiu com o cenho franzido. — O problema consiste em que Allegra quer estar a salvo.

— Isso parece muito natural.

— Mas não no sentido que diz. Nesse sentido, está tão a salvo como em casa, como você sempre diz, e acredito que finalmente está se dando conta disso. O que quero dizer... — olhou Wallace, que estava tendo dificuldades com o cabo de um joanete. — Não tenho nem idéia do que quero dizer.

Inquieto, Lazar se separou do cabrestante e caminhou pelo convés enquanto fumava, assegurando-se de que os homens se ocupavam com energia em suas tarefas.

— A fantasia sempre resulta em um terreno mais seguro que a realidade — comentou O Pároco o olhando.

— Exceto quando encerra uma saudável e desejável moça dentro de si mesma, ali onde ninguém possa machucá-la. Não confiará em mim.

— Como poderia fazê-lo, quando chegaram a esse extremo?

Lazar deu de ombros.

Ambos ficaram em silêncio um momento. Repentinamente, Lazar levantou a vista do chão de madeira.

— Quero dizer, Lazar, está se apaixonando por ela?

Lazar olhou O Pároco por longos instantes.

— Não seja absurdo — replicou.

O Pároco coçou a têmpora enquanto o observava com uma expressão tão fascinada quanto confusa.

— Por todos os infernos!

Dando meia volta, Lazar se precipitou para o timoneiro para lhe arrebatrar o leme, desesperado para ter algo que fazer.

Allegra passou o resto da tarde escrevendo uma carta para tia Isabelle na qual lhe dizia que não devia se preocupar muito por ela. O capitão pirata que a raptara era um homem malvado, tudo bem, mas não agiria com violência, dizia-lhe. Inclusive podia se mostrar quase educado quando quera.

Não podia lhe contar a suavidade com que beijava nem a amabilidade que suas mãos podiam mostrar.

Logo escreveu às matronas das casas de caridade e dos orfanatos que ela mantinha. Dava-lhes instruções para que continuassem sem ela até que pudesse encontrar a forma de voltar. Enquanto escrevia todos os detalhes a respeito de quem necessitaria do quê, a que casas teria que ser levada comida, que crianças necessitavam de atenção — como o pequeno Tomás, cujo pai era um bruto, e a pequena Constanzia, cega, e os Di Rosas para ver como se arrumavam depois que seu celeiro se incendiou — Allegra se deu conta com espanto de quanto peso levava. Essa era outra razão pela que lhe resultava tão duro que o Diabo de Antigua a tivesse afastado das pessoas que acabaram dependendo dela. Duvidava de que lhe desse a oportunidade de mandar aquelas cartas, mas, pelo menos, estava preparada para caso desse.

Dedicou um longo momento a sua higiene para se preparar para o jantar a que o capitão a ordenara participar. Era absurdo fazer algo assim pela ocasião de um jantar que certamente consistiria em bolachas com cidra, mas o ritual de se vestir era uma parte tão familiar de sua existência que a fazia sentir que sua vida anterior estava um pouco mais perto.

Escolheu um vestido estilo Watteau de um tom de pêssego. Ainda se encontrava admirada que Lazar tivesse ordenado que todos seus objetos pessoais fossem levados a bordo. Era um assassino altamente considerado e atento. No convés principal havia um armário inteiro dedicado a suas roupas, amontoadas e jogadas lá dentro de qualquer maneira, porque foram seus grosseiros homens quem realizaram a tarefa. Allegra estava contente de dispor de suas insubstituíveis lembranças, como os retratos em miniatura de sua família e as jóias de sua mãe.

De pé em frente do lavatório de madeira das Índias, no camarote de Lazar, escovou os cabelos enquanto continuava pensando nas palavras dele. Só recordar sua voz em sussurros a fazia sentir um calafrio nas pernas.

“Me ame.”

Que coisa tão absurda de se dizer. Só ele podia dizer algo assim. Embora se dava conta de que era óbvio que ele falava do aspecto estritamente físico. Simplesmente era um temerário fugitivo que reclamava gratificação para seus apetites excessivamente mau-acostumados.

“Um príncipe perdido — lhe sussurrou o coração — que me pede ajuda para encontrar o caminho de volta para casa.”

Ignorou essa voz interna e se concentrou em prender lindamente os cabelos com alguns grampos de topázios engastados enquanto entoava as velhas canções de Ascensão. Escolheu um penteado simples: ela não era uma *artiste de mode* como Josefina, sua dama de compainha parisiense.

Ao contrário, pôr aquele volumoso vestido sem a ajuda de sua dama de compainha não era uma tarefa simples, mas enfim conseguiu amarrar o espartilho e arrumou as anáguas de cor de creme de tal forma que as barras aparecessem ligeiramente pela abertura dianteira do vestido. Cruzou o cômodo a passo rápido e deu duas voltas, feliz de se sentir como um ser humano de novo. Consultou o relógio que levava no bolso e viu que ainda tinha que esperar uma hora.

Com um suspiro, começou a passear pelo cômodo.

A vida no mar era muito aborrecida. Como era possível que um homem de ação como o capitão a suportasse? Não era estranho que se sentisse infeliz. Estava estragando sua vida e todo seu potencial. Como era possível que um homem como ele — forte, inteligente, carismático e valente — não triunfasse se pusesse seu empenho nisso? Se destinasse todas suas forças a isso, conseguiria que o mundo fosse um lugar melhor.

Mas os homens eram tão tolos, pensou, negando-se a lembrar de seu pai.

Era óbvio que o capitão desfrutava ao procurar problemas, mas por que alguém escolhia uma vida dedicada ao crime e marginalizada de tudo aquilo correto e decente? Por que não fizera algo produtivo em sua vida?

Dedicou três segundos pensando em se ela poderia reformá-lo, logo riu de si mesma e contestou esse tolo desafio. Não cabia dúvidas de que inumeráveis mulheres teriam tentado. Perguntou-se a quantas mulheres teria tomado como prisioneiras antes, quantas mulheres teriam dormido entre seus braços naquela suave e deliciosa cama, quantas teriam recebido um beijo lá fora no balcão até sentir que seus sentidos eram a única coisa que as prendiam à vida.

A lembrança da doçura daquele beijo a fez sentir um desejo tão doloroso que sentiu as pernas fraquejarem. Aproximou-se do armário de Lazar e o abriu. Acariciou uma jaqueta de cor escarlata que estava pendurada de um cabide e examinou o suave tecido entre o polegar e o indicador. Passou a mão por um colete de cetim com listras negras e azuis e, com os olhos fechados, recordou a sensação do contato com seu corpo.

“Amá-lo? Belo selvagem, se você pudesse me amar...”, pensou com tristeza. “Se eu pudesse domá-lo, embora só fosse um pouco.”

Mas aquilo não ia acontecer e ela não devia, nem por um instante, enganar a si mesma e pensar o contrário. Aquele homem fora feito para quebrar corações e viver perigosamente, pensou com seriedade, e, durante todos aqueles solitários anos, ela ainda não se recuperara da morte de sua mãe. Não queria voltar a sentir nunca aquela dor e aquela perda esmagadoras. Sabia que aquilo era a única coisa que Lazar lhe ofereceria ao final. Mas ele sabia como ser irresistível.

Ouviu o rangido da porta a suas costas quando ainda se encontrava

bisbilhotando em seu armário. Ficou imóvel. Ele a descobrira.

Ouviram-se uma batida de porta.

— Por Deus, mulher, tenha compaixão! — exclamou ele. — Exibir seus encantos não é a maneira de me manter longe, *chérie*.

Ela se voltou, ruborizada.

— Só estava procurando algo que fazer — mostrou o armário. — Queria ver se havia alguma coisa que necessitasse de um concerto.

Ele sorriu e se aproximou dela.

— Só meu coração.

— Você é bom brincalhão — sussurrou ela, muito mais ruborizada.

Ele lhe arrancou o lenço com tal rapidez que ela não teve tempo de se dar conta de que erguia a mão.

— Me devolva isso!

— Nesse navio não deve haver nenhum gesto de pudor.

— Capitão, eu lhe peço...

— Ah, ah. Qual é meu nome? — perguntou enquanto inalava o perfume do tecido de gaze.

Ela olhou-o firmemente apertando a mandíbula.

— Me devolva.

— Mas é que tornei a me cortar — disse ele com expressão chorosa. — Necessito de uma atadura.

Allegra cruzou os braços e deu umas batidinhas impacientes com o pé.

— Ah, sim? Onde?

— Em meu coração, já lhe disse. Você o partiu endos. Está sangrando.

— Você é um verdadeiro diabo.

Ele lhe lançou o lenço.

— Isso é o que dizem.

E começou a se despir.

Ela, altiva, deu-lhe um grunhido de desdém, escandalizada como estava, e se dirigiu para a porta. Seu coração pulsava de forma enlouquecida por causa do esforço que teve que fazer para ignorar a sedutora languidez com que ele tirou o lenço de seda.

— Se eu fosse você, não sairia aí fora com essa aparência.

Ela se deteve e o olhou por cima do ombro com olhos glaciais.

— Por que não?

— Porque provocará um motim. Não estou brincando. É melhor que fique aqui comigo. Aqui estará segura — lhe respondeu com uma sobrancelha levantada.

Ela o encarou com os braços cruzados, o lenço ainda na mão.

— Então vai exhibir seus músculos para mim?

— Exato. Venha. Me ajude a escolher o que vestir para ser uma companhia certa para você essa noite.

— Não há nada em você que seja certo.

— É óbvio. É verdade que lhe sou estimulante? — perguntou, articulando as palavras com lentidão.

— O que faz um pirata com essa coleção de finos trajes de noite, por certo? — perguntou ela, sem poder resistir a seu jogo.

— Uma excelente pergunta, minha inteligente prisioneira. Durante minhas viagens, freqüentemente desço a terra para provar os variados frutos das cidades do mundo, poderia se dizer. Quando faço isso, prefiro ser recebido como um cavalheiro.

— E funciona?

— Nunca falha.

— Em que cidades estive?

— Em todas.

— O que faz na terra?

— Bom, vejamos... Sempre vou à ópera, é óbvio.

— Para olhar as damas.

Ele sorriu, vaidoso.

— Sou um dos que, verdadeiramente, prestam atenção na música. Vai querer que a leve à ópera, *chérie*?

Ela negou com a cabeça com a única intenção de contrariá-lo. Adorava ópera, e quanto mais dramática fosse a tragédia do herói, melhor.

— Você não gosta de ópera e se considera italiana? — zombou ele. — O que você gosta de fazer? — perguntou-lhe enquanto tomava ambas as mãos dela e as levava ao primeiro botão de seu colete.

Allegra aceitou a tarefa automaticamente.

— Discutir.

— Já tinha adivinhado — respondeu ele com secura enquanto observava a eficiência com que lhe desabotoava o colete. — A respeito do que você gosta de discutir?

— Oh, de qualquer coisa. Idéias. Política. Religião. Filosofia. Os direitos do homem.

— E da mulher?

Ela levantou a vista para ele. Tinha-lhe feito a pergunta em um tom deliciosamente perverso.

— Não é uma piada, capitão. Há pessoas que acreditam que deveria existir um leque de possibilidades maior para que as damas pudessem exercer suas faculdades: uma educação mais prática, mais oportunidades para contribuir com o mundo. Não acha que as mulheres têm direito a, pelo menos, alguns dos direitos de que os homens desfrutam?

— Sempre fui um excelente partidário do direito da mulher ao prazer erótico — respondeu como em um ronrono enquanto a olhava nos olhos.

Ela lhe deu um tapinha no peito, compreendendo por fim o prazer dele em escandalizá-la.

— Falava do direito à propriedade privada, por exemplo, ou do direito ao processo de um marido que leve seu papel disciplinador muito a sério.

Teve que apartar a tenebrosa lembrança de Domenic.

— Que nobreza de pensamento, o seu! Você é uma verdadeira visionária. Acho que eu sou feito de um material mais simples — disse como se já entediado dela.

Ela ruborizou.

— Não acredito que se trate de uma especial nobreza de pensamento. Simplesmente tento estar informada do que acontece no mundo. Uma nova era de liberdade se abate sobre nossa civilização, capitão, mas você não sabe nada disso, verdade? Tão concentrado como está em suas *vendettas* e em seus prazeres...

Por que aproveitava qualquer oportunidade para insultá-lo?, perguntou-se Allegra logo que pronunciou essas palavras e viu sua frágil expressão de dor.

Lazar se separou dela e Allegra ficou ali, atrás dele, arrependida e sem saber o que dizer, e sem saber por que deveria estar arrependida. Olhou-o enquanto ele sacudia o colete com um movimento de ombro, deixava-o cair no chão, e tirava a camisa por cima da cabeça.

— Capitão — começou — não queria...

De repente, Allegra conteve uma exclamação. Ele se voltou rapidamente para ocultar o que ela vira e baixou a vista para o chão.

— É melhor que vá agora, senhorita Monteverdi. Os homens não vão se amotinar. Menti para você — murmurou ele.

— Lazar — lhe pediu com suavidade. — Me deixe ver.

Ele ficou quieto com a camisa ainda nas mãos e ela se aproximou. Seus olhos percorreram o esplendor de sua pele dourada, de seus braços e de seu peito musculoso, de seu ventre bem desenhado. “Um homem bonito.” Não podia acreditar que estivera dormindo entre seus braços durante as três últimas noites sem que ele a violasse.

Lazar se voltou e lhe deu as costas com um gemido paciente. Ao vê-las, ela retrocedeu. Tempos atrás fora açoitado até quase perder a vida.

Tinham-no flagelado.

Tinham-no torturado. As cicatrizes entrecruzadas formavam uma rede de protuberâncias que se expandia por todas as suas costas.

Lazar tinha a cabeça levantada e seus olhos tinham uma expressão precavida, embora orgulhosa.

— Vai desmaiar? — perguntou-lhe com uma ironia mordaz.

— Não. Dói?

— É obvio que não.

— Posso tocá-las?

— Quer fazer isso? — embora estivesse irritado, era óbvio que ainda desejava ser perdoado. Embora não de tudo.

Ela posou uma mão sobre suas costas e a deslizou para sua omoplata. Ele respondeu a esse contato com um quase gemido sem fôlego e Allegra sentiu uma

comichão no ventre.

— Quem lhe fez isso? — perguntou-lhe em voz baixa.

— O velho capitão Wolfe empunhou o látigo — respondeu ele com uma frivolidade fingida. — Mas, indiretamente, foi seu pai.

Ela franziu o cenho.

— Quem é o capitão Wolfe?

— Quem era. Era o rei dos piratas — respondeu em um tom de frio sarcasmo.

— O homem a quem uma vez servi.

— Acho difícil te imaginar às ordens de qualquer homem.

— Digamos que lhe devia algo.

— Por quê?

— Não, Allegra.

Ela se calou.

— Isso não deveria ter te acontecido nunca — disse ela com tristeza enquanto percorria uma longa cicatriz que avançava do seu ombro em diagonal até o quadril esquerdo.

— Foi por culpa de minha estupidez — grunhiu ele. — Eu me ofereci como voluntário.

— O que quer dizer?

— Um dia O Pároco se encontrava muito inspirado e discutiu com o velho cão do mar para que soltasse alguns dos prisioneiros cujas famílias não tinham o dinheiro do resgate. Nem sequer você, senhorita Monteverdi, teria discutido com Raynor Wolfe.

— Você se fez açoitar no lugar do Pároco?

Aqueles largos e poderosos ombros se levantaram em um gesto de indiferença.

— Ele não teria sobrevivido.

— Foi uma ação muito nobre.

Ele ficou em silêncio.

— Não deveria se envergonhar dessas cicatrizes — lhe disse ela com doçura enquanto lhe acariciava languidamente as costas. — Deveria se sentir orgulhoso.

— Deus, você é a mulher mais estranha que conheci — disse ele. — Se acha que suportei com um silêncio estóico, está muito equivocada. Gritei e amaldiçoei aquele bastardo holandês a cada chicotada. Foi o ódio que me manteve com vida.

— De meu pai?

— E de Deus.

— Não diga isso! — exclamou ela enquanto implorava mentalmente aos céus que não levassem a sério.

Fez-se um longo silêncio quando ela massageou sua coluna vertebral com a ponta dos dedos. Ele sentiu um ligeiro calafrio.

— Allegra — lhe disse. — Eu gosto de como me toca.

Com o coração repentinamente acelerado, ela se aproximou dele e deslizou ambas as mãos por sua cintura para lhe acariciar o peito e o ventre. Beijou-lhe com

suavidade as costas uma vez. Logo, outra vez.

Allegra não podia acreditar que estivesse fazendo aquilo, mas não podia se deter. Conteve o fôlego com a face contra as costas dele enquanto com as mãos explorava cada linha de seu quente torso, a suave pele, os poderosos braços. Levantou uma mão para lhe acariciar o pescoço e tocou o suave veludo de seus cabelos curtos.

Ele jogou a cabeça para trás em um gesto de rendição às suas carícias. Allegra ouviu um suave gemido que escapou de seus lábios e notou as fortes batidas de seu coração sob seu tato. Lazar ficou imóvel enquanto ela deslizava a mão esquerda pela sinuosidade da parte inferior de suas costas e até os rijos músculos de suas nádegas cobertas pelas calças azuis. Era agradável acariciar aquele corpo tenso e poderoso.

— Você gosta? — perguntou ele em um murmúrio enfebrecido.

— Sim — respondeu ela sem fôlego.

Ele se voltou e passou ambas as mãos pelo pescoço até a nuca. Dessa vez ela recebeu o beijo com agrado. O sabor de conhaque de sua língua. Ele devia ter sentido seu desejo, porque a apertou contra seu corpo e começou a beijá-la com paixão, penetrando com força com a língua entre seus lábios.

Empurrou-a contra o armário com firmeza e, sem deixar de beijá-la, deslizou as mãos para seus quadris. Ela o tocou e sentiu sua pele quente. Não podia acreditar que tivesse aquele efeito sobre ele.

Allegra posou ambas as mãos sobre o peito nu dele em uma tentativa de moderá-lo, mas ele era muito forte. Não deixava de beijá-la nem um momento sequer, nem mesmo para que tomasse fôlego. Allegra sentia cada músculo de seu tenso corpo apertado contra o seu.

Ao fim de alguns instantes, ela sentiu que quase desmaiava, ultrapassada e inundada pelo sabor dele e o tato de suas grandes, quentes e trêmulas mãos em seu pescoço, seus ombros e seu busto. Desabotoou-lhe as fitas do vestido com uma destreza que a surpreendeu.

— Allegra... — sussurrou quando lhe desfez o último laço. — Deus, como te desejo...

Ela sentiu que suas pernas fraquejavam ao escutar o desejo em sua voz. Manteve os olhos firmemente fechados enquanto agüentava a corrente de sensações e emoções em seu interior. Ele a segurou pelas nádegas e a atraiu com mais força contra seu corpo, para se assegurar de que ela notava a firmeza de sua ereção contra seu estômago.

Allegra afastou um pouco o rosto dele.

— Capitão, por favor...

— Tenho um nome, maldição. Use.

— Disse que nunca me forçaria!

— Pronuncie meu nome. Diga, Allegra, ou a tomarei aqui mesmo.

— Lazar — disse ela com voz sufocada.

— Outra vez.

— Não!

Lazar enredou os dedos em seus cabelos em um súbito e selvagem gesto de ternura.

— Outra vez, Allegra. Me agrade.

— Mas você não é...

— Por favor — sussurrou ele.

De repente, beijou-a com tanta suavidade e tanta doçura que ela estremeceu. Lazar lhe acariciou as faces com os dedos enquanto lhe prendia o rosto em ambas as mãos.

Para seu pesar, a doçura daquele beijo, daquela língua que acariciava a sua com lentidão, produzia-lhe um prazer quase doloroso que a embotava e a confundia. Sentiu que começava a fraquejar. Lazar a seduzira tanto que não pôde continuar reprimindo a necessidade de tocá-lo.

Ele ficou quieto ao sentir suas carícias indecisas sobre o peito. Afastou-se um pouco e observou como lhe acariciava o musculoso estômago e os pelos do peito até que levou suas mãos até a nuca.

Allegra levantou os olhos para os dele. Estava assustada, mas sabia que o desejava.

Lazar, com uma expressão quase dolorida, aproximou sua testa da dela e emitiu um longo e trêmulo suspiro.

— Allegra, pelo amor de Deus — disse, devagar — me diga quem sou, porque quase já não posso recordar.

Ela ficou completamente imóvel, com os braços ainda ao redor de seu pescoço. Fosse quem fosse, a tristeza de sua voz rompia os fundamentos de suas defesas. Por um momento se sentiu tão fraca que desejou fingir que ele era — tal como lhe sugerira em uma ocasião— só para imaginar...

Sentia o coração disparado e os lábios dele sobre os seus, roçando-a. Rendeu-se.

— Lazar.

Ele apertou os braços ao redor de sua cintura.

— Oh, sim. Mais — ofegou ele com suavidade, embriagado.

— Lazar.

Ela levantou um pouco mais a cabeça para fazer aquele beijo mais profundo e acariciou de novo seu peito, tão sólido e real. Tão perigoso.

— Lazar — sussurrou. — Lazar...

Ele a levantou suavemente do chão e a levou até a cama. Sem deixar de beijá-la, deitou-a de costas nela. Postou-se em cima dela, cobrindo-a com seu corpo grande e poderoso. O peso de seu corpo sobre o dela lhe era delicioso. Ele se apoiou nos cotovelos e lhe acariciou o rosto com delicadeza.

— Não tema — murmurou.

Beijou-a com grande lentidão e ternura, lhe roubando o fôlego enquanto lhe

abria o vestido e lhe acariciava os seios. O poder e a amabilidade daquela carícia a fez se sentir estranhamente frágil e delicada.

Não sabia em que momento começara a sentir aquilo, mas algo na sensação de tê-lo entre as pernas lhe era profundamente prazeroso e a fazia se retorcer sob seu corpo em busca de algo que ele possuía. Deu-se conta de que estava gemendo.

— Sim, querida — sussurrou ele. — Sinta. O que quer? Farei qualquer coisa que deseje...

Os movimentos de Lazar seguiam os seus completamente, com uma fluidez que era surpreendente e embriagadora. Cada vez que ele pressionava para baixo contra sua pélvis levantada, Allegra sentia um contentamento cada vez mais selvagem. Cada vez, uma doce ansiedade. E cada vez, por que ele? Por que agora? Até que deixou de lhe importar. Ela desceu as mãos pelo corpo dele até lhe segurar os quadris. Começou a guiá-lo com precisão contra ela com um movimento rítmico que aumentava a cada pulsar de seu coração. Ele, generoso, oferecia-lhe o que pedia.

Allegra sentiu que sua mente se inundava pelo fluxo do desejo. Então ele se afastou um pouco e começou a subir as barras do vestido para os joelhos, até as coxas. Ela se esforçou em abrir as pálpebras e o olhou. Ele a olhava com uma expressão que ela não foi capaz de decifrar, mas que possuía uma sombria ternura. Ele fechou os olhos e voltou a beijá-la. Ela se sentiu de novo naquele sonho provocado pelo láudano. Ele se deteve, ofegante e com os olhos fechados. E então a acariciou, só uma vez.

Allegra se surpreendeu de se sentir tão úmida. Notava nos dedos dele. Olhou-o, aturdida, e observou sua expressão de prazer e de concentração. Logo fechou os olhos e gemeu ao sentir que ele a penetrava suavemente com um dedo.

Lazar a beijou de novo e introduziu dois dedos dentro dela com uma grande lentidão. Com o polegar começou a acariciar seu centro mais delicado movendo-se deliciosa e intencionalmente. Ela lhe acariciava o musculoso braço enquanto, durante alguns momentos, rendia-se sob sua habilidade e lhe permitia que a acariciasse como quisesse. Sentia-se como se indo à deriva em tamanho prazer. Ele lhe mordiscou o pescoço e o lóbulo da orelha.

— É agradável, não, *chérie*? — sussurrou-lhe ao ouvido.

Ela se sentia muito aturdida pelas sensações para responder, mas entendeu por sua risada suave que ele já sabia. Sua voz era como a de uma fantasia lhe sussurrando ao ouvido. Então não pôde evitar arquear as costas, empurrada para ele pelo desejo, a cada carícia, precisando ir ao encontro de seu tato.

— Não lute, querida. É assim. Deixe que se inunde.

Ela se segurou em seus ombros e sua entrecortada respiração se converteu em uma fôlego curto, rítmico.

Ele se calou e toda sua atenção se concentrou em lhe dar cada vez mais prazer. Baixou a cabeça e lhe beijou um seio antes de lambeu seu mamilo com a ponta da língua.

Lazar abriu os olhos e a olhou com intensidade. Sua pele estava ruborizada e seus lábios eram cheios e flexíveis. Dirigiu-lhe um meio-sorriso como de um sátiro antes de voltar a passar a língua pelo mamilo endurecido.

Allegra sentiu que ele deslizava o dedo mínimo até a fenda de suas nádegas e gemeu ante o inesperado prazer ao sentir que ele tomava um seio em sua boca e o sugava, consumido pela paixão.

— Sim, Oh, sim — exclamou ela com um sentimento de urgência enquanto jogava a cabeça para trás. — É sublime.

Sentia algo crescer em seu interior.

Com a cabeça em cima de seu seio, ele incrementou o ritmo entre suas pernas. O beijo no seio ficou doloroso e ela conduziu o rosto dele até sua boca. Sentiu-se completamente possuída por ele ao ouvir sua voz que lhe sussurrava à orelha em um tom de suave autoridade. Ela teria feito tudo que ele lhe pedisse.

— Grite de desejo por mim, *chérie*...

Mas ela só pôde emitir um gemido entrecortado, quase de dor.

— Lazar...

Ele emitiu um suspiro trêmulo.

— Te desejo tanto...

Lazar quase se deteve e ela não pôde suportar. Agarrou-se aos seus ombros, gemendo.

— Lazar, oh, Lazar, por favor...

Ao ouvir seu grunhido de desesperado desejo, Allegra sentiu que a primeira onda de prazer a inundava para ceder caminho à outra imediatamente. Segurou-se com força ao pescoço dele enquanto se retorcia sob seu tato ensopado. Foi o momento de maior vulnerabilidade em toda sua vida, e ele não lhe falhou. Um grito de êxtase explodiu em sua garganta, mas algo mais profundo que a alegria emergiu e deslizou com as lágrimas faces abaixo. Ele as apanhou com os lábios enquanto ela continuava empurrando seu corpo contra o dele, desesperada, retorcendo-se de desejo até que extraiu a última gota de prazer de seus dedos.

Allegra ficou quieta, incapaz de se mover, com um profundo sentimento de libertação, de totalidade, de cura. Ele afastou a mão com suavidade e ela sentiu sua carne inchada. Surpreendeu-se ao sentir a respiração tão acelerada, o pulso tão rápido e a calidez e o prazer entre as coxas.

Com os olhos fechados e o corpo trêmulo, Lazar a envolveu com os braços e murmurou ao seu ouvido que era a coisa mais bonita que vira em sua vida. Parecia uma mentira, mas ela não pôde não acreditar nele inteiramente. Havia certa verdade no tom em que dizia.

Allegra o beijou na face sentindo-se, de alguma forma, completamente debilitada e estranhamente perto dele.

— Oh, Lazar — suspirou, muito esgotada para mover a cabeça.

Ele não disse nada. Repousou a cabeça no travesseiro. Allegra lhe passou os dedos pelos suaves cabelos negros e lhe acariciou as costas cheias de cicatrizes com

os olhos fechados, tomando consciência de que naquele momento se sentia mais perto dele do que nunca havia se sentido de ninguém. Daquele desconhecido que mostrava tal tragédia no fundo dos olhos, daquele fugitivo que poderia ser um herói se apenas tentasse.

Havia tal doçura em seu interior...

Abraçada a ele, perguntou-se se já não era muito tarde para ela. “Você me tem”, dissera ele antes. E assim parecia ser, no momento. Mas, oh, pensava com os olhos fortemente fechados, aquilo a aterrorizava. O que lhe dava medo se mostrava com muita rapidez. Rezou como se os céus pudessem evitar que seu coração caísse no mar que era ele. “Por favor, Senhor, não com ele. Com quem for, mas não com ele. Ele é muito perigoso para mim.”

Era um pirata e um libertino.

Morreria jovem, muito antes de que aprendesse certa sabedoria e aceitasse o maravilhoso feito de amar uma mulher. Se aquela calamidade lhe acontecesse algum dia, ela estava certa de que não a escolheria, a simples, prudente, aborrecida e reta filha de seu inimigo.

Ele era um criminoso. Destruíra sua vida. Diziam que era a encarnação do diabo. Aquele canalha selvagem e irresistível que penetrava em suas fantasias e por quem ela fraquejara desde o primeiro momento em que posou seus olhos nele.

Fosse ele quem fosse.

Capítulo onze

odo mundo vê o que parece ser, poucos se dão conta do que é, e esses poucos não se atreverão a enfrentar a maioria...

As badaladas do relógio interromperam sua leitura. Domenic Clemente levantou os olhos.

Eram duas da manhã.

Deixou sua usada edição de Maquiavel de lado com cuidado e ficou em pé. Se espreguiçou e saiu de casa em busca de um pouco de ar noturno para clarear a cabeça.

Uma semana antes, Pequena Gênova fora saqueada e queimada, Monteverdi se precipitara nos braços da morte, Allegra fora raptada e ele tomara o poder. Depois disso, a ilha se encontrava em um caos absoluto: incêndios, revoltas, combate entre os cidadãos e os soldados. Os convidados à festa, assim como todos os nobres genoveses, tinham reunido suas famílias e saído correndo.

O fato de ter subido ao poder com um pulso quebrado, um olho arroxado e sem prometida complicava a crise de ter que enfrentar os esforços dos rebeldes para tomar o poder.

O engraçado do caso era, pensava Domenic, que capturara alguns rebeldes e, depois de tê-los torturado para que falassem, todos tinham coincidido em que o homem que comandou a destruição de Pequena Gênova não era um deles. Nenhum homem de nenhuma de suas facções o conhecia nem podia explicar o porquê de tanta destruição ou o porquê de seu desaparecimento.

Cada vez era mais evidente que o rufião de olhos negros que raptara Allegra não era, na verdade, um dos rebeldes de Ascensão. Pobre pequena Allegra, nunca fora uma traidora como ele acreditara a princípio. Domenic se sentia muito arrependido.

Tornou a se cansar de sua amante e queria recuperar sua prometida. Era óbvio, sua reputação dependia de que demonstrasse que era capaz de defender Allegra e de se vingar de seu rapto levando aquele rufião ante a justiça.

Com a pistola na mão esquerda — já não se atrevia a sair de casa desarmado — e com o braço direito preso contra seu peito, Domenic passeou até os estábulos para visitar seus elegantes cavalos árabes. Quando voltou a sair à brilhante noite, ouviu que alguém o seguia.

Deteve-se um momento, sorriu para si mesmo e continuou caminhando.

“Condenadamente pontual”, pensou. Estava preparado. Fazia uma semana que estava preparado. Muito preparado. Desde a noite em que se deu conta de que estava sendo espancado, tornou-se quase louco com a espera.

Por todos os infernos, quantos assassinos aquele selvagem de olhos negros mandara atrás dele? Já matara um, mas o homem morreria antes que Domenic pudesse interrogá-lo.

Ante ele se erguia a imponente silhueta da elegante cidade. Dois lampiões em ambos os lados da enorme porta brilhavam e pareciam dar as boas-vindas, mas ele não necessitava daquela luz. A escuridão da noite sempre agonizara seus sentidos. Ouviu, ou melhor, sentiu que o homem se aproximava cautelosamente dele por trás, mas ainda se encontrava a vários metros. Sorriu enquanto se entregava àquele atraente jogo de espera pelo momento de converter o caçador em presa.

Assobiou um lento minueto enquanto segurava a pistola prateada na mão, brilhante à luz pálida da lua. Toda sua atenção se encontrava concentrada na sombra que o perseguia. Por sorte, era um atirador igualmente bom com a mão esquerda.

Quando ouviu o tênue e mortífero estalo da arma ao ser disparada, voltou-se com rapidez e atirou contra a sombra de forma humana. O mercenário caiu ao chão como uma codorna um segundo depois ter apertado o gatilho. A bala passou ao lado de sua cabeça. Domenic abriu os olhos surpreso ao sentir a brisa quente que essa ergueu em sua trajetória, embora sem tocá-lo. Ouviu uma exclamação proveniente daquele corpo ao cair. A arma bateu contra o chão pavimentado. Correu para o inimigo com a pistola ainda na mão.

Ao chegar a ele, levantou-o e o aproximou da luz.

— Quem é seu chefe? Como se chama? — perguntou.

O homem não queria lhe dizer nada. Domenic o sacudiu com a mão esquerda.

— Me diga!

— O Diabo — respondeu o volumoso gorila, com um sorriso torto sob as mãos asfixiantes de Domenic.

Domenic empalideceu.

— O que quer dizer, asqueroso desgraçado? — inquiriu enquanto o levantava pelo peito ensangüentado da roupa.

— O Diabo — sussurrou o homem.

— Não é o diabo — zombou Domenic. — É um homem. Sangra.

O homem pareceu quase surpreso e então riu dele. Em seus olhos se percebeu o primeiro bater de asas da morte. Com respiração sibilante, estremeceu.

— Não se atreva a morrer ainda, filho da puta. Quero respostas!

Mas, imediatamente, o mercenário morreu.

Domenic atirou o corpo ao chão, aborrecido. Bom Deus, estava coberto de sangue por toda parte.

— O diabo — repetiu. — Satã? Belzebu?

Mas aquilo era melhor que o conto que corria entre os camponeses rebeldes a respeito de que aquele homem de olhos negros não era outro que o príncipe Lazar di Fiori, que retornava de entre os mortos.

Por acreditar que tinham visto o último sobrevivente dos Fiori, o povo já odiava

ao seu novo governador, mais inclusive do que tinham odiado ao anterior. Mas o visconde Clemente não era um homem que tolerasse insolências.

Já era insulto suficiente ter que resolver os assuntos da ilha da casa de campo porque aquele rufião incendiara a mansão do governador.

Ainda estavam limpando Pequena e, talvez, demorariam dois meses mais para acabar, quase o mesmo tempo que, segundo seu médico, demoraria seu pulso a se curar. Pelo menos, e graças a Deus, não houvera necessidade de amputar sua mão.

Domenic deu um chute no corpo, gritou para seu criado e entrou rápido na casa, mal-humorado. Quando seu estúpido criado apareceu no cômodo, Domenic o esbofeteou e o mandou se desfazer do cadáver.

“Voltem a me atacar”, pensou, olhando a escura paisagem. “Da próxima vez me assegurarei de deixá-los com vida.”

Chegaria ao fundo daquilo. Príncipe ou não, por Deus, não daria o poder que finalmente conseguira. Mas não podia se defender daquele misterioso inimigo até que não tivesse capturado os homens que mandara contra ele. Quando conhecesse a identidade de seu inimigo, bem, aquele selvagem de olhos negros se arrependeria de ter posto os pés em Ascensão.

Lazar se encarregara da vigilância noturna porque sabia que, se tivesse ficado na cama ao lado de Allegra, teria sido incapaz de não fazer amor com ela. Depois daquele delicioso momento na tarde anterior, sentia-se extremamente frustrado, e os últimos vestígios daquele mal-humorado príncipe da Coroa admitiam o desprezo com muito pouca elegância.

O amanhecer eclodia em raios de uma brilhante cor dourada que rompiam o céu atrás da linha do horizonte. Lazar estava apoiado no leme e se sentia cansado e aborrecido depois de toda a noite em pé, além de inquieto, sem saber no que pensar, exceto nas possíveis estratégias para se deitar com Allegra.

Mas aquilo era melhor que pensar em que justo naquele momento atravessavam o ponto zero da longitude ao norte de Al Khuum. Aquele era o ponto mais próximo daquele lugar ao que tinha intenção de chegar. Afastou aquele pensamento da mente.

A noite tinha sido cálida, mas agora esfriara. A umidade emprestava um halo à lua, que começava a ficar minguante. Lazar se perguntou se Allegra estaria dormindo, se teria sentido sua falta no seu lado na cama. Então grunhiu. Que diabos estava se passando com ele?

Não recordava ter reagido nunca de forma tão tola ante uma mulher, além da en vaidescimento que sentiu com a sábia mulher mais velha que o libertou da virgindade aos dezesseis anos. Mas agora quase não podia recordar seu rosto. Durante os anos seguintes tivera mulheres por todo mundo. Em sua fuga dos demônios internos, converteu-se em uma espécie de conhecedor da pele feminina.

Mas o que sentia por Allegra fazia com que suas aventuras passadas lhe resultassem incomodamente vazias, e não recordava nenhuma mulher cuja opinião lhe tivesse importado o mínimo, sempre e quando tivesse aberto as pernas para ele.

Tampouco acabava de compreender que perverso impulso o conduzira a ocultar sua verdadeira identidade ante ela no dia anterior no balcão. Era quase como se houvesse se sentido envergonhado por algum motivo.

Pensou que se tivesse mantido a verdade todo o tempo, ela ao final teria acreditado nele. Mas, para seu desgosto, não podia permitir que sua pequena prisioneira o julgasse e lhe mostrasse o quanto baixo ele caíra para manter o nome dos Fiori.

A única coisa que queria era se deitar com ela e, com sorte, tirá-la da cabeça o quanto antes. Sua preocupação por ela começava a lhe parecer alarmante. Tranquilizou-se, dizendo a si mesmo que logo se cansaria de Allegra.

Por outro lado, começou a pensar em quem, entre seus amigos de Martinica, poderia ser digno dela.

Na noite anterior, durante o jantar, ela estivera todo o tempo ruborizada e com a vista fixa no prato. Ele a olhara do outro extremo da longa mesa como um homem faminto, e considerou a possibilidade de arrasar com os pratos do jantar de Emilio e tomá-la ali mesmo. O Pároco se encontrava sentado à mesa também, enormemente divertido enquanto olhava para um lado e para o outro. Ele se via desfrutando ante a miséria de Lazar, embora de vez em quando tentava começar algum educado tema de conversa.

Pouco preparado como estivera para receber suas carícias precisamente em suas costas, a paixão que ela mostrou o consumiu como fogo.

Allegra era feroz e doce, exigente e pura, seu entusiasmo sexual era ingênuo, mas sincero, não escondia nada. O desejara, tinha lhe dado as boas-vindas entre seus braços e entre suas coxas e aquilo o enchia de uma alegria que, absurdamente, já lhe parecia uma satisfação suficiente.

Por quê?, perguntava-se.

Allegra não era a mulher mais linda que ele perseguira, pelo menos não era em um sentido comum. Era a filha de seu inimigo, e ele se preocupava por se sentir daquela forma com um Monteverdi, como se quilo fosse um insulto direto a sua família. Mas ela era valente e honesta, e seu idealismo a fazia parecer tão inocente e tão vulnerável que ele se desesperava para protegê-la.

Havia algo em seu olhar claro e contemplativo que o enfeitiçava. Como uma nota de esperança que despertasse um secreto desejo e que o fazia agir continuamente como um idiota somente para vê-la sorrir.

Nunca deflorara uma virgem antes, mas queria suavizar o caminho para ela antes de fazê-la cruzar a linha entre a infância e a idade adulta. Sua. Ela seria sua, pensava. Tivera certeza daquilo desde o primeiro momento em que a vira à luz da fogueira. Aquela pequena gatinha perdida.

E as lágrimas, pensou, ainda impressionado. Naquele momento o permitira

entrar em seu interior de uma forma que era imensamente melhor que a penetração direta.

Ela tinha desdobrado sua paixão de forma encantadora, e ele tinha continuado se movendo lentamente para obrigá-la a lhe oferecer o tesouro de sua confiança, a única coisa que um ladrão pirata não podia roubar.

— Olá — disse uma voz baixa e tímida vinda de trás que o tirou de seus pensamentos.

Ele se voltou, surpreso, e viu a pequena silhueta dela que se aproximava através da fortaleza.

— Bem, aí vem minha gatinha — disse em voz alta enquanto lhe dirigia um sorriso sonolento. — Se levanta cedo.

— Trago café para você — aproximou-se dele com cuidado por causa do vaivém do navio. — Há umas bolachas se por acaso estiver com fome. É melhor que o pegue — disse com urgência e com um gemido de dor ao verter um pouco de café quente em cima da mão. — Não pude encontrar *açúcar*, só leite.

Ele lhe roubou um beijo ao mesmo tempo em que pegava a xícara.

— Esse açúcar me basta.

— Você é um sedutor — gaguejou ela.

Ele sorriu e a viu ruborizar apesar da luz cinza da manhã. Decidiu tentar sua sorte.

— Bolachas? — perguntou.

Olhou para sua mão direita sobre o leme e para sua mão esquerda, ocupada com a xícara. Logo a olhou com a melhor dos sorrisos.

— Se importaria, *chérie*?

— Oh — exclamou ela, mas pegou a bolacha de amêndoas e, com cuidado, molhou-a no café. Logo, devagar, a ofereceu para que a mordesse.

Ele sentiu uma enormes gana de rir ante sua dúbia seriedade.

Allegra levantou a vista para as velas e procurou um assunto para conversar.

— Nossa. Foi um excelente jantar o de ontem à noite. Seu Emilio é um excelente cozinheiro.

— Me alegro que você tenha gostado dele — disse ele quando terminou de mastigar. — Ele freqüentou a escola dos Medici, na Toscana. Sou um grande aficionado à culinária italiana — desejou estar com uma mão livre para poder beliscá-la com picardia no traseiro.

— Confesso que estou surpresa ante seus gostos de sibarita — disse Allegra.

— Nós, hedonistas, levamos nossos prazeres muito a sério. Uma mordida?

Ela repetiu o processo, molhando a bolacha no café. Dessa vez, seus dedos ficaram perigosamente perto de sua boca. Fez-se um silêncio tranquilo entre eles durante alguns momentos enquanto ele tomava um gole de café. Logo, ela levantou os olhos para a ondulação das velas sob a límpida brisa.

— Seu navio é bonito — murmurou.

Ele não disse nada, mas a olhou. Lhe devolveu um olhar brilhante.

- Venha — disse ele de repente. — Vai conduzi-lo.
- Eu?
- Você, senhorita Monteverdi.
- Mas não sei como fazer.
- Te ensinarei.

Ela lhe ofereceu o último pedaço de bolacha e ele lhe mordiscou, brincalhão, os dedos. Logo pegou o café com a mão esquerda enquanto prendia o leme com o pulso. Com a mão que ficava livre, conduziu Allegra até o leme, justo diante dele.

- É simples — lhe disse. — Simplesmente, segure.

Colocou-lhe as mãos em ambos os lados do leme. Aquilo lhe deixava a mão esquerda livre para acariciá-la, mas se deteve no último minuto e se separou dela.

Seria muito pouco inteligente fazer aquilo com ela, agora que finalmente começava a confiar nele. Apoiou-se contra a escotilha e a observou enquanto acabava de tomar o café.

- Faço bem? — perguntou ela, maravilhada. — Está bem assim?

Ele riu.

- Você é uma exímia marinheira.

Ela ficou nas pontas dos pés para olhar o mar aberto com o rosto iluminado por um sorriso.

- Logo vai poder passar piche no convés — sugeriu ele.

- Lazar! — riu-se ela e, rapidamente, corrigiu-se — Quero dizer, capitão.

Ele sorriu. “Ora, ora.”

Ela afastou a vista com um leve bufo.

Sim, pensou ele. Estava chegando até ela.

Embora somente esteve ao leme durante um quarto de hora, até que o timoneiro foi substituir o turno de Lazar, conduzir o enorme navio tinha produzido nela uma emoção que sabia que nunca ia esquecer. Maravilhou-a que Lazar confiasse nela e que não estragasse aquele momento. Sentia-se tão contente que o permitiu ficar contemplando a saída do sol com ela. Aquela era a razão de por que se levantou tão cedo.

O capitão insistiu em que a melhor vista era a que se obtinha da coifa de vigia, aquela instável plataforma que se balançava no alto do maior mastro. Devia se encontrar a trezentos metros acima deles.

- Não vai conseguir que eu suba aí em cima — declarou ela.

Mas o sorriso dele acabava com todos seus medos como o sal erodia a rugosidade da concha. Apesar disso, estava decidida a desprezar aquela possibilidade pelo medo que tinha de altura. Mas ele a desafiou.

- As provocações são para as crianças — replicou ela, rápida.
- Você é um traseiro trêmulo — lhe disse ele.

Ela estreitou os olhos.

— Já veremos quem é um covarde!

Ao fim de um instante se encontrava subindo pela escada de corda. Ele ia atrás dela e jurava por sua honra que não estava olhando por debaixo do vestido.

A fizera tirar os sapatos, porque o cetim escorregava sobre as cordas. Com os pés sobre o tecido das cordas, Allegra se encontrava rodeada pelo enorme e branco velamen, que se balançava com suavidade e ritmo como se fosse o bater das asas de um anjo.

A excitação e o sentimento de maravilha a fizeram esquecer o medo. Nunca antes presenciara a saída do sol no mar. Tampouco compartilhara seu ritual mais sagrado com alguém.

Subir ali não era fácil, mas se deu conta de que o truque consistia em manter os olhos para cima. Uma vez que ultrapassara metade do mastro, olhar para baixo a punha nervosa, apesar de que Lazar a ajudava a se sentir mais segura. Se apressou para não perder nem um momento daquela maravilha que explodia no céu.

Mas o terror a invadiu ao chegar à coifa da vigia: era uma plataforma redonda que não tinha nada, exceto uma viga baixa para se agarrar. De novo, Lazar a ajudou até que ela se agarrou ao enorme mastro. Não tinha imaginado que se sentiria como se agarrada ao pêndulo de um relógio gigante voltado ao contrário. Allegra se afezrou a uma das pranchas de madeira que estavam pregadas no mastro. Lazar lhe explicou que eram para os rifles, já que durante as batalhas os atiradores se postavam ali. Ela quase não pôde escutá-lo.

— Não acho que eu seja capaz de descer — sussurrou ela com os olhos arregalados pelo medo.

Ele lhe disse que não devia se preocupar e subiu atrás dela, tão cavalheiresco como sempre. Quando foi segurá-la, ela cravou os olhos nele, paralisada.

— Não me toque. Vou cair!

Ele levantou as mãos.

— Como queira.

Olharam para o leste. Ao sentir a agradável brisa que soprava entre as velas Allegra se deu conta de que talvez sua vida não se encontrava em um perigo tão imediato, então se apoiou contra o mastro e se obrigou a relaxar um pouco.

Lazar a olhou e lhe acariciou o joelho.

— Está bem agora, *chérie*?

Ela assentiu.

— Sinto muito. Suponho que sou um traseiro trêmulo, no fim das contas.

— Isso não é possível. Foi capaz de chamar de ladrão o Diabo de Antigua. A maioria dos homens não se atreveria a fazer isso.

Olhou-o com uma expressão que era uma mescla de agradecimento por tentar animá-la e de mau-humor ao recordar aqueles terríveis momentos na muralha.

Ele prendeu seu olhar por alguns momentos. Logo se inclinou um pouco para ela e a beijou castamente na face.

— Bom dia, Allegra.

Ela baixou a cabeça e ruborizou violentamente.

— Bom dia, Capitão.

Pareceu que ele reprimia um sorriso e que se forçava a adotar uma expressão séria.

— Vamos seguir com seu ritual. Me diga por que é tão importante um nascer do sol — com as pernas pendurando, apoiou ambas as mãos sobre a viga e descansou a cabeça sobre elas.

— Quando era menina, uma manhã minha mãe me despertou muito cedo, vestiu-me e me levou ao topo de uma colina próxima a casa. Ali contemplamos o nascer do sol e lembro que ela chorou.

Ele a olhava em silêncio. A luz alaranjada parecia esculpir a firmeza dos traços de seu rosto.

— Nesse momento não compreendi nada, mas com os anos entendi — continuou explicando ela. — Eu tinha cinco anos quando os Fiori foram assassinados e acredito que minha mãe se encontrou sumida na dor depois. Talvez não devesse te falar de minha família? — perguntou-lhe de repente.

— Seu pai pagou seu preço — respondeu ele. — Continue. Eu gosto de escutá-la falar de sua vida.

— Meu pai tentou reconfortar minha mãe, mas — fez uma pausa — nunca foram próximos. Tenho certeza de que ele não tinha nem idéia de como administrar sua dor. Não foram somente seus amigos, mas toda sua vida que foi destruída. Durante anos ela pareceu uma mulher em transe. Tinha a saúde fraca. Nunca saía. Chorava muito freqüentemente e não se importava muito comigo.

Ele lhe tocou o joelho outra vez com uma expressão cálida e preocupada nos olhos.

— Bom, não digo como queixa. Tive uma babá excelente — disse ela precipitadamente com um sorriso, apesar da pontada de dor que sentiu.

Ele inclinou a cabeça sem deixar de observá-la.

— Acredito que nesse dia que contemplamos o nascer do sol, minha mãe finalmente superou essa perda. Deu-se conta de que ainda tinha algo que se parecia com vida, ainda tinha uma filha que precisava dela. Depois desse dia se pôs em marcha, pouco a pouco recuperou a saúde de novo. Desde que tomou a determinação de voltar para a vida, pelo menos até o seguinte acesso de melancolia, minha mãe possuiu um aura de força. Uma atitude de calma e estabilidade.

— Igual a você.

Allegra se sentiu desconcertada. Ele sorriu.

— Certamente foi uma mulher admirável — lhe disse.

— Sim, quando estava bem — assentiu Allegra com a voz sufocada de repente. Pareceu-lhe que se continuasse falando não poderia evitar gritar: “por que me abandonou? O que foi o que fiz de errado?”

— Assumo que agora nos encontramos contemplando esse nascer do sol porque toda sua vida anterior foi destruída. Eu a destruí — ele lhe disse, olhando-a nos olhos — e agora deve criar um novo começo. Estou certo?

Ela assentiu devagar, olhando-o nos olhos.

Ao fim de um momento, ele desviou o olhar para o horizonte.

— Me alegro de que tenha decidido que há esperança.

— Sempre há esperança — respondeu ela automaticamente enquanto enxugava uma lágrima. Logo, com amargura, acrescentou — A não ser que alguém tire a vida. Tanto minha mãe como meu pai a abandonaram, Capitão, e é por isso que nunca poderei perdôá-los.

Ele ficou em silêncio um bom momento.

— Querida, perguntou-se alguma vez se a morte de sua mãe não foi um suicídio? Afinal de contas, seu pai tinha muitos inimigos.

Ela o olhou com os olhos muito abertos.

— O que está insinuando? Que foi... assassinada?

Ele se limitou a lhe dirigir um olhar interrogativo.

— Lazar, se sabe de algo que eu não sei, deve me dizer.

Ele negou com a cabeça e lhe acariciou uma face com o dorso da mão.

— A única coisa que sei é que o mundo é um lugar mais sombrio do que imagina, pequena. Não acho que sua mãe desejasse deixá-la sozinha no mundo, por mais infeliz que pudesse se sentir pela morte do rei Alphonse.

Ela apartou o olhar.

— Não quero falar mais disso.

— Por que não?

— Porque ela me abandonou por sua própria vontade, Capitão. Abandonou-me para se reunir com seus amigos no túmulo. Não me amava, e meu pai tampouco me amava. Por isso me mandaram para minha tia Isabelle e, pela graça de Deus, fui amada. Mas isso não significa que eu tive um sentimento de pertencer a algo ou alguém. E agora, se não se importar, podemos mudar de assunto? — resolveu com rigidez. — Podemos falar de sua família, por exemplo — decidiu averiguar se o que O Pároco lhe contara a respeito de sua *vendetta* coincidia com a história de Lazar. — Como perdeu sua família?

Lazar não disse nada durante alguns momentos.

— Foram assassinados.

Ela fechou os olhos.

— Sinto muito.

Ele deu de ombros ligeiramente.

— Faz eras. Ou foi ontem — voltou a dar de ombros. — Eu era um menino. Conhece a história, Allegra — lhe disse com certo tom de ironia. — O Caminho D'Orofio, a noite da grande tormenta. As dez e dez em ponto. Em doze de junho de mil setecentos e setenta.

Ela o observava.

— Não o entendo. Ontem me disse que é um pirata.

Ele não lhe devolveu o olhar mas a manteve firme na frente dele. A brisa fazia ondular a camisa sobre seu corpo.

— Julgue você mesma, Allegra. O que vê quando me olha?

Ela ficou imóvel.

— Está me dizendo de verdade que é o filho do rei Alphonse?

Fez-se um silêncio que durou alguns minutos enquanto ele se continha com o olhar fixo no horizonte. Allegra esperou sua resposta enquanto tentava ler a verdade em seu rosto.

— Não importa quem eu seja — disse ele por fim. — Sou simplesmente um homem, e você é uma mulher. Isso é a única coisa que importa entre nós.

— Se Deus o trouxe para esse mundo para comandar e proteger Ascensão, importa muito — olhou-o. — Se for ele, não pode renegar seu destino e abandonar seu povo ao sofrimento. Não pode desafiar a vontade de Deus.

— Não há nenhum Deus, Allegra.

Ela levantou os olhos para a neblina do céu e emitiu um longo suspiro, reprimindo sua exasperação.

— Se é ele, por que nos fez abandonar Ascensão?

Lazar não se moveu, inescrutável, com uma expressão remota.

Ela tentou outra estratégia:

— Como escapou dos assaltantes?

— Não eram assaltantes. Eram assassinos treinados, contratados por seu pai. E foi só uma questão de sorte — Lazar olhou tanto tempo em direção ao sol que Allegra acreditou que ficaria cego. — Não — continuou por fim — não, não foi sorte. Meu pai deu sua vida para que eu pudesse escapar. Oxalá não tivesse feito isso! — acrescentou em voz baixa.

— Oh, vamos, não diga isso — murmurou ela em voz baixa. Ergueu uma das mãos para tocá-lo, mas ele se afastou sem olhá-la.

Allegra meneou a cabeça, inquieta, sem saber no que acreditar.

— Eu gostaria de poder fazer algo por você.

— Deite-se comigo — respondeu ele, embora continuasse sem olhá-la.

— Essa não é a resposta.

— É, para mim.

— Muito bem. Olhe para você! — explodiu ela. — Seja quem for, é uma alma perdida. Por que não procura uma resposta para o que o aflige? Fixe em sua vida. Você é um homem forte, inteligente e valente. Por que se conforma com tão pouco? Poderia ter tanto...

Lazar cortou suas palavras com uma risada fria.

— A inteligente e de nobres pensamentos senhorita Monteverdi. Desfruto aqui de novo de suas brincadeiras! Já começo a reconhecê-las.

— Brincadeiras? Do que está falando?

— De sua forma de zombar de mim, minha arrogante e pequena prisioneira. De

seu desprezo. Por isso não quer fazer amor comigo.

Allegra ficou boquiaberta.

— Você é um homem impossível! Essa é sua conclusão? O que posso lhe dizer? Não é desprezo o que sinto por você, mas terror!

Ele finalmente a olhou.

— Terror? — perguntou com o cenho franzido. — Não.

— Sim! Você me aterroriza! Me desculpe se não sou capaz de me oferecer a um homem cujas intenções para comigo vão do desejo de me matar a me seduzir, talvez me fazer um filho e logo depois me abandonar em qualquer lugar desconhecido sem ninguém em quem me apoiar. Estou certa de que a princípio seria muito agradável, mas alguém deve se mostrar sensato aqui. Você me aterroriza — continuou Allegra — porque é tão egoísta e selvagem e tão difícil de resistir. Não sou um brinquedo para que se divirta! Minha vida não é um jogo! Tenho sentimentos, tenho direitos e tenho um coração!

Ele deu de ombros.

— Você fez um juramento.

— Sim, mas que outra opção me deu? O que qualquer outra pessoa teria feito em meu lugar? — perguntou ela. — O que você teria feito?

— Bem, eu teria saído correndo, *chérie* — respondeu ele com uma nota terrível e sombria na voz. — Teria deixado que morressem e teria salvado a pele.

— Não, não teria feito.

Ele se voltou para ela.

— Ah. Mas isso é o que fiz. Isso é exatamente o que fiz, e esse é seu príncipe.

Ela abriu os olhos com expressão de incredulidade.

Ele voltou o olhar para o mar.

— Não tem medo de mim. Tem medo de se preocupar comigo e não posso dizer que se culpe por isso. Normalmente, as pessoas que me amam acabam mortas. Mas já vai ver, não vou lhe deixar nenhuma opção. Você me pertence agora, goste ou não.

— Eu não gosto! Eu não gosto absolutamente!

— Tente escapar — sugeriu ele com frieza. — Vá em frente. Veja o que acontece. Me dê uma desculpa para que tire de você o que quero, embora seja contra sua vontade. Te desejo tanto... Maldição, tanto!

Sem prévio aviso, ele se voltou e a beijou, empurrando-a contra o mastro.

Imediatamente, Allegra se sentiu petrificada. Sabia que cairia e se mataria, que quebraria a cabeça contra o convés a centenas de metros abaixo deles, tudo por aquele beijo que a fazia perder o equilíbrio. Aquilo não importava a Lázaro, era óbvio. Seus lábios a consumiam com uma paixão feroz e implacável.

— Está aterrorizada agora, senhorita Monteverdi? — ele lhe perguntou com brutalidade, mas não a deixou responder. Com seus beijos duros e zangados a empurrava cada vez mais para aquele vórtice interior. Sua necessidade a invadia cada vez mais profundamente.

Mas não estava disposta a cair. Agarrou-se na viga enquanto sentia que sua cabeça girava. Sentia o peso do desejo no estômago, o desejo formigava na ponta de seus dedos em uma ânsia por tocá-lo, mas se negou a fazer aquilo.

“Que contradição!”, pensou enlouquecida. O perfeito cavalheiro de suas fantasias se transformara em um demoníaco amante de quem não podia escapar.

“Um homem extremo, intenso, perigoso.” Era perigoso em mais aspectos dos quais podia imaginar. Sentia que todo seu corpo tremia de desejo por ele, desejo por suas mãos, por seus beijos, inclusive por sua violência.

Lazar se afastou, ofegante.

—Agora me diga que essa não é a resposta.

Ela foi incapaz de pronunciar qualquer palavra. Tinha a mente em branco. Ele a ajudou a se apoiar contra o mastro ao deixá-la. Ela apoiou a cabeça nele durante um momento e fechou os olhos em um esforço para se recuperar.

Ele a olhou e emitiu uma risada amarga.

— Não se alegra de que eu tenha perdoado sua vida?

Ela o olhou, tremendo. Logo dirigiu o olhar para o sul e emitiu um suspiro longo e furioso.

Ficaram sentados enquanto o sol se levantava no céu, sem se tocarem.

Capítulo doze

ra um desastre.

E Desejava não ter posto nunca os olhos nela. Supunha que teria visto vir se tivesse usado a cabeça em lugar de outras partes de sua anatomia em referência a Allegra Monteverdi. Agora seu vínculo com ela se encontrava enredado entre sua pélvis e seu plexo solar e já não sabia o que pensar.

Detestava se questionar. Era muito melhor não se preocupar, estar morto por dentro. Como ela se atrevia a lhe dizer qual era seu dever? A tarde tinha chegado. Não acontecera nada glorioso depois do nascer do sol. Não houve nenhum novo começo, tampouco queria algum. Por Deus, devia tê-la forçado no primeiro dia e acabado com aquela fulana, pensava com desgosto.

Lazar caminhou até o baú e procurou dentro dele, entre um monte de roupas bagunçadas, até que encontrou uma camisa. Logo procurou alívio em uma garrafa de excelente xerez francês, da qual se serviu de um generoso copo. Dirigiu-se até o balcão e ficou à sombra da saliência da popa, observando o “V” espumoso da esteira do navio.

Era cruel de sua parte atormentá-lo daquela forma, pensava com mau-humor. Ela punha o dedo em velhas feridas para que voltassem a sangrar.

Allegra despertara uma guerra em seu interior e hoje houvera os primeiros disparos no momento em que o obrigou a admitir em voz alta, pela primeira vez em sua vida, que seu pai enfrentou os assassinos para lhe dar tempo de escapar e se sacrificara — com a intenção de que Lazar, seu herdeiro, sobrevivesse e mantivesse a linhagem.

Não de que sobrevivesse e... o que ela dissera?... navegar pelo mundo em um navio pirata para aterrorizar as pessoas.

“Não pode renegar seu destino”, havia-lhe dito

“Olhe”, pensou, e tomou um gole.

Naquela manhã, lá em cima na coifa de vigia, o fizera admitir a si mesmo, se não a ela, que ele renegava o último desejo de seu pai. O destino para o qual nascera, os deveres e as responsabilidades para os que fora educado até os treze anos, quando o mundo terminara.

Ele era exatamente quem ela dizia que era.

Era um covarde. Era um desesperado egoísta que levava uma vida que era inútil para todo mundo. Odiava-a por ter visto a verdade e não compreendia como o fizera. Ela era só uma menina, afinal de contas. Formidável gatinha. Anjo de olhos claros. Estava ressentido com ela por perturbar a paz em sua miséria. Não tinha nenhum direito àquilo. Ela era uma Monteverdi, por Deus. Tirava-o do sério e a desejava tanto que se cegava. Tinha que possuí-la.

Logo.

Deus, os médicos diziam que não era saudável viver com aquela pontada interna de luxúria enroscada no ventre como uma serpente em chamas.

Diabos, necessitava de sexo. Não. Necessitava dela, mas depois daquela briga pela manhã, a satisfação parecia se encontrar mais longe. Se a senhorita Monteverdi

o desprezava por ser um pirata, nunca o perdoaria pelo que era de verdade, um príncipe que dera às costas ao seu povo. Nunca lhe poderia explicar por que não retornara à Ascensão. Era um segredo que tinha intenção de levar para o túmulo. Não tinha sentido nem sequer pensar.

Nada daquilo tinha nenhum sentido e lhe doía muito.

Lazar olhou o sol brilhante com um ódio mudo. Quase terminara a garrafa de xerez, e o álcool afundara sua dor no poço de insensibilidade e indiferença onde devia estar. Ao fim de meia hora estava bêbado e contente de estar.

“Uma bebida excelente”, pensou enquanto voltava a entrar no camarote e se sentava na poltrona, exausto. Era muito mais inteligente não levar nada a sério.

Curvou a cabeça para trás, sua mente ocupada por um ponto geográfico equivocado. Cada vez que pensava em *Al Khuum*, sua mente parecia se encher de nuvens e de estranheza.

Cada lembrança que lhe chegava daquele lugar vinha envolta em um halo de ópio, porque Malik encontrara a forma perfeita de que seu escravo mais problemático estivesse quieto.

Fazer com que o menino ficasse viciado em ópio. Brilhante.

Embora fosse estranho, às vezes ainda o desejava. Mordeu o lábio, aborrecido e com um sentimento de amargura. Acabou o último gole da garrafa e apoiou a cabeça em uma mão.

Observou que as sombras da tarde se enchiam de curiosas cores, marrons e verde-oliva, púrpuras profundos e ocre de terra. O sujo gato do navio tinha subido à mesa e o observava com curiosidade com aqueles olhos verdes fosforescentes.

— Que demônios você quer? — perguntou-lhe.

O gato saiu correndo ao notar seu mau-humor.

Ele fechou os olhos com a mente ocupada em *Al Khuum*. Longitude zero, esperança zero.

E que linda, com altos arcos brancos, azulejos de brilhantes cores, um inferno adorável, o murmúrio da fonte de alabastro: um alívio nas intermináveis tardes do deserto. O estranho e misterioso chamado do *muacín* aos fiéis para a oração, e a música sedosa que se projetava do alaúde ao coração da fria noite. A pistola de Malik na ténpora o obrigando a se ajoelhar.

Um calafrio percorreu seu corpo e ele fechou os olhos com força para combater aquela lembrança.

O que diria Allegra se soubesse no que se convertera de verdade seu amado jovem príncipe, pensava enquanto sorria com uma expressão de louco. Teria desejado ter ainda seu selo real para fazê-lo engolir.

Antes ele tinha uma prova de seu alto berço. Fazia muito, muito tempo.

Seu selo era o anel com um leão rampante de ônix, cujos olhos eram um rubi extraído do punho de *Excelsior*. Uma antiga tradição dos Fiori. Seu lugar ficara vazio para que, quando chegasse o momento de ele subir ao trono, voltasse a colocá-lo em seu lugar. Ao fim dos anos, ele tornaria a tirar a jóia do punho para colocá-la de

novo no anel destinado a seu herdeiro.

Mas o círculo se quebrara.

Seu anel, o último vestígio de sua realeza, tinha-lhe sido roubado igualmente à sua fé, seu orgulho e seu respeito por si mesmo. *Sayf-de-Malik*, a quem chamavam *Espada da Honra*, possuía-o, agora. O tesouro do menino príncipe que os corsários pescaram no mar, meio morto, para levá-lo a *Al Khuum*.

Não importava o preço que tivesse que pagar: nunca voltaria ali.

Allegra emitiu um suspiro e, cansada, esfregou a nuca vendo como o candeeiro ia se apagando. Decidida a saber a verdade, passara o dia no bagunçado e mau-iluminado armazém, tal como Lazar lhe sugerira, procurando entre caixas de documentos cobertos de pó procedentes dos escritórios de seu pai. Durante as últimas horas aprendera muitas coisas do desconhecido que fora seu pai, mais do que teria aprendido se tivesse vivido com ele durante o resto de sua vida em Ascensão e o tivesse visto diariamente.

Não gostou muito do que averiguou. A ferida ainda estava muito aberta. Era muito cedo para saber que seu pai aceitara subornos, desviara recursos e mandara dezenas de jovens rebeldes à prisão ou à forca com provas muito fracas.

Aquelas descobertas reforçavam a afirmação de Lazar de que seu pai traía o rei Alphonse para adquirir riquezas e uma posição, de que pagara alguns assassinos para que levassem a cabo a sanguinária tarefa, homens a quem enforcara pelo mesmo crime pelo qual lhes pagara. Daquele ponto de vista, o suicídio de seu pai era praticamente uma admissão da culpa.

Mas como ela poderia aceitar tudo aquilo? E como poderia aceitar que seu feroz pirata raptor não era outro que o verdadeiro príncipe dos grande Fiori?

Estragado, é obvio. Allegra depositou a pesada gaveta de madeira na prateleira mais baixa e estirou os braços e o pescoço para se alongar. Logo saiu para tomar um pouco de ar.

Era uma tarde fresca. A luz do sol poente tingia de um tom de rosa as velas cor de marfim. Olhou para o castelo de proa e para o leme, mas o capitão não era visto por nenhuma parte. Não o vira desde a briga daquela manhã. Supunha que se encontrava em algum lugar dentro do navio, preparando-se para seu turno de noite.

O Pároco estava lendo a Bíblia para meia dúzia de homens sob a sombra das velas. Com um sorriso tímido, Allegra se uniu a eles e escutou. Eles lhe deram lugar, amontoando-os uns sobre os outros, educados.

Enquanto O Pároco lia para eles um parágrafo sobre o amor extraído do Evangelho segundo São João, Allegra deixou sua mente vagar. Tinha uma leve idéia de por que o capitão já não passava as noites com ela. Embora apreciasse aquele cavalheirismo, sentia que a enormidade do mar lhe pesava muito quando ele a deixava sozinha. Por estranho que fosse, sentia falta do apoio de seu quente corpo

sobre o colchão, o efeito reconfortante que lhe produzia sua profunda e regular respiração. De noite, a solidão do mar era enorme e os rangidos do navio soavam como uivos de fantasmas presos.

Ao fim de um momento, deu boa noite ao Pároco e aos homens e se dirigiu para baixo, ainda preocupada e perdida em seus pensamentos. Estava com fome, então se deteve na cozinha. Emilio não cozinhou essa noite, então ela deu algumas voltas procurando algo leve para comer. Preparou uma tigela com frutas. Ainda não vira Lazar e deu uma olhada na galeria para ver se encontrava lá repassando os canhões, mas não estava. O senhor Hartcour lhe dissera que era possível que cruzassem com algum inimigo naquela noite, ao passar pelo estreito de Gibraltar.

Allegra entrou no refeitório enquanto comia um suculento pêssego. Bateu na porta do camarote mas não obteve nenhuma resposta. Entrou e viu o capitão profundamente adormecido, aconchegado em uma extremidade da cama.

Apesar de tudo, ela sorriu. Fechou a porta atrás dela e viu a garrafa vazia. Com o cenho franzido, depositou o pêssego e a tigela com frutas em cima da mesa e cruzou o cômodo para abrir a porta do balcão. Também abriu a janela esperando que a brisa a reanimasse. Olhou-o ao passar ante aquele beliche onde, no dia anterior, ele a conduziu para o que a Madre Beatrice chamaria de tentação da carne.

Lazar passou seu enorme braço ao redor de uma almofada, abraçando-a. Tinha o rosto voltado para ela, os olhos fechados, e dormia tranquilamente

Vê-lo lá a tranqüilizou e, ao mesmo tempo, despertou seus sentidos. Pura beleza masculina. Cansaço e dor. Tinha um aspecto inocente. Parecia que aquele homem não podia fazer mal a ninguém de forma intencionada. Era um homem bom, embora duro, e se encontrava em luta contra o mundo era porque sentia uma grande dor.

“Querido Jonas”, pensou com um sorriso triste e afetuoso”, “desperte. Seu destino o espera em algum lugar.”

Ele continuava dormindo.

Allegra voltou a procurar a tigela de frutas e se dirigiu à entrada do balcão. Atirou a semente do pêssego ao mar e começou a morder as cerejas maduras. Encontrava-se observando a esteira prateada de um peixe voador sobre a água quando, de repente, ouviu que Lazar emitia um estranho som. Com curiosidade, Allegra se voltou e olhou-o.

Ele ainda dormia, mas seu rosto mostrava uma expressão de ódio ou de dor procedente das profundezas do sonho. Tinha o cenho franzido e um protesto silencioso nos lábios. Olhou-o, fascinada, um momento, hesitando se devia despertá-lo.

Ele murmurou:

— Não, não.

Automaticamente ficou em silêncio de novo, totalmente adormecido. Enquanto continuava mastigando, Allegra continuou o observando durante um

quarto de hora.

Se ela fosse outra mulher, pensava, teria descartado todo sentimento pudico e se colocado na cama com ele. Teria-o acariciado. Teria-o despertado. Teria se deitado com ele, e não só para acabar de uma vez com tudo aquilo.

“Me ame.”

Allegra não estava tão cega para não se dar conta de que o que mais ele gostara foi ela ter iniciado o contato físico entre eles. Era como se ele tivesse estado faminto de contato físico, mas ela sabia que não era assim. Mas o que era certo era que ele gostava de ser acariciado, abraçado, amado, como se aquilo lhe desse segurança. E ela sentia que uma parte sua nascia em seu interior com uma dolorosa necessidade de oferecer aquele homem tudo o que lhe pedisse.

Talvez ele tivesse razão, pensava enquanto chupava os dedos úmidos pelo suco das cerejas. Talvez a confiança que dava o contato físico fosse a resposta ao que afligia a ambos, dado que as palavras tanto resolviam quanto causavam problemas.

“Vá para ele.”

Allegra engoliu em seco com dificuldade, deixou a tigela de lado e disse a si mesma que ele precisava descansar até que chegasse seu turno noturno.

Pensou que observá-lo daquela forma implicava certa violação da intimidade, então passou o olhar pelo cômodo procurando o livro de Thomas Pine, *Senso Comum*, que O Pároco lhe emprestara. Decidiu que o leria por cima sob a tênue luz do entardecer até que o capitão estivesse preparado e abandonasse o camarote.

Estava ainda procurando o livro no monte de coisas em cima da mesa quando ouviu que Lazar se movia na cama e gritava.

O grito quase o despertou e Lazar se calou de repente com os olhos cheios de pânico.

Allegra o olhou surpresa. Ele lhe devolveu um olhar aterrorizado que lhe conferia um aspecto repentinamente infantil e abandonado, como se não soubesse onde estava.

Um homem chamou fortemente à porta, certamente acreditando que ela o matara, e ele se ergueu, assustado.

— Tudo bem aí dentro, capitão?

Lazar, encolhido ainda, olhou para a porta.

— Sim... sim... — gritou, quase sem respiração, com o peito agitado.

Com o coração acelerado, Allegra rodeou a mesa e lhe perguntou.

— Está bem?

— Oh. Oh, Deus! — grunhiu ele.

Voltou a se deitar e passou um braço por cima dos olhos. Ela pensou que devia se sentir um tanto envergonhado.

— Está bem? — voltou a lhe perguntar.

Ele não respondeu.

Allegra se sentiu surpresa ao perceber o medo nos olhos de seu protetor, daquele homem que, até aquele momento, tinha-lhe parecido um guerreiro

invulnerável. Com mãos trêmulas, encheu um copo com a água de uma jarra que estava no chão, aproximou-se da cama e se sentou nela.

Ele não se moveu, não respondeu e não afastou o braço de cima dos olhos. A tensão era evidente em cada um dos músculos de seu corpo. Lazar tentava controlar o desespero.

Ela lhe ofereceu o copo.

— Não me toque.

— Lhe trago água, capitão.

Ele lhe respondeu com uma voz rouca e carregada de um ódio antigo:

— Meu nome é Lazar.

Ela emitiu um suspiro de paciência e observou o biombo.

— Sua Majestade Real se dignará a beber um pouco de água?

— Vá ao inferno.

Ela sorriu aliviada ao ver que voltava a brigar.

— Bom — disse ela com lentidão ao fim de um momento —, agora já sei o que te assusta. Domenic não conseguiu. Meu pai não conseguiu. Os soldados de meu pai não conseguiram. Goliath não conseguiu. E, é obvio, eu não consegui. A frota genovesa não conseguiu — enquanto falava, enumerava-os com os dedos. Olhou-o. — Acho que você mesmo é o único que lhes dá medo.

— Não o único.

— Bom, bom, querido, todos temos pesadelos. Beber não ajuda — acrescentou enquanto lhe dava um tapinha no braço para incomodá-lo um pouco e afastar sua atenção do pesadelo.

— Se me der lições, a amordaçarei.

— Oh, sim, e o que acontece? — zombou enquanto lhe acariciava o plano ventre por cima da suave camisa. — Sente-se envergonhado, querido? — perguntou-lhe, imitando o suave tom de realza que ele utilizava quando se mostrava condescendente.

— Vadia.

— Perdão?

— Vadia. Descarada vadia esquentada varas.

Ela levantou o copo e lhe jogou a água por cima da cabeça.

Ele se levantou, cuspidando a água, com o rosto e o peito ensopados. Olhou-a, incrédulo.

Ela sorriu, inocente.

— Você gosta do perigo, não é verdade, senhorita Monteverdi? — perguntou-lhe, lambendo a água dos lábios.

Ela desejou lambê-la também.

Com um repentino brilho nos olhos, Lazar lhe agarrou uma mão e a arrastou sobre a cama. Caiu em cima dela e lhe fez cócegas até que ela gritou pedindo perdão. Mordeu-lhe um ombro e lhe esfregou o nariz contra o pescoço. Ela o empurrava sem muito ânimo, contente de ter conseguido distraí-lo.

— Você está com cheiro de xerez — protestou.

— Tenho seu sabor, também — respondeu ele, beijando-a. — Você tem sabor de cerejas. Eu gosto de cerejas — murmurou.

Passou-lhe os braços ao redor do pescoço e a beijou com intensidade.

Ao fim de um momento, ele pôs-se a rir interrompendo o beijo.

— O cômodo dá voltas. Ainda estou carregado.

Deixou-se cair em cima dela com todo seu peso.

— Não é fantástico? — exclamou ela, afastando-o para poder respirar. — Tem o turno dentro de cinco minutos. Talvez afunde o navio.

— A quem importa? Não me importa absolutamente. Eu somente te desejo — respondeu ele em um tom baixo e quente e com um sedutor sorriso enquanto se punha entre suas coxas e levantava um joelho dela contra seu quadril.

— Achava que estava irritado comigo — ela lhe disse em tom mal-humorado enquanto lhe passava os dedos pelos cabelos suaves. — Fugiu de mim o dia todo.

— Tolice. Eu não sou rancoroso.

— Não? — ela empurrou a cabeça contra a almofada para olhá-lo enquanto reprimia a risada. — Não é você o homem que tinha aquela terrível vingança? O mesmo que arrasou a cidade a fogo?

Ele entrecerrou os olhos e a olhou.

— Teremos tempo mais tarde para satisfazer seu gosto por discutir. Agora, para mudar um pouco, faremos o que eu gosto — baixou a cabeça. — Me rodeie com as pernas — sussurrou.

Imediatamente, ela ruborizou.

— Não.

— Sshh, vamos. Só um momento. Você gostará. Desde o momento em que a vi, estive sonhando em sentir suas longas e impressionantes pernas me rodeando.

— Está brincando.

— Oh, não. Não estou brincando. Recorda quando a arrastei dentro da lagoa de água na cascata? Vi tudo.

— Não — exclamou ela com os olhos muito abertos.

— A seda branca ensopada — sussurrou ele. — Foi uma visão que nunca esquecerei.

Ela levantou a vista para ele e observou o desejo acumulado naqueles olhos de longos cílios, naqueles lábios cheios e úmidos pelo beijo. Ele lhe acariciava a coxa e, suavemente, conduziu-lhe o joelho até a altura do quadril. Abraçou-a e voltou a beijá-la. Fez o que lhe pedia, rodeou-lhe os firmes quadris com as coxas.

— Mmm. Você é uma excelente aluna, minha pequena virgem — murmurou ele, apertando-se contra ela de tal forma que a fez estremecer.

Ela ficou quieta embora sorrisse fracamente, desfrutando sem nenhuma vergonha da sensação de notá-lo entre as pernas. Pareceu-lhe natural e fácil começar a se retorcer levemente sob seu corpo que tão bem se encaixava no dela. Afinal de contas, tia Isabelle lhe dissera que o acanhamento era próprio de

provincianos. Finalmente, Allegra começava a compreender o que significava aquilo.

— Eu era uma pessoa decente antes de conhecê-lo, sabe? — ele lhe disse com os olhos fechados enquanto lhe mordiscava o lóbulo da orelha. — Você pode me converter em uma mulher lasciva.

— Já tenho feito isso.

Ela emitiu um muxoxo de indignação e afastou as coxas dele.

— Ah! — exclamou ele, olhando-a.

Ela lhe devolveu um olhar interrogativo:

— Me conte seu sonho.

A marota expressão dele se ensombreceu e Allegra se deu conta de que aquela sombra estivera ali todo o tempo escondida sob uma malícia superficial. Deu-se conta de que ele ainda não estava preparado para contar a ela. Allegra lhe acariciou a face.

— Havia um monstro? — perguntou-lhe com doçura e com tom brincalhão em uma tentativa de que o sofrimento não voltasse a se separá-lo dela.

Ele assentiu.

— Tentou devorá-lo?

Sua expressão de seriedade passou a um meio sorriso de tristeza e ela pensou: “Poderia me apaixonar por você com tanta facilidade...”.

— Me fale — lhe pediu. — O que te aflige, Lazar? Desejo ajudá-lo. Não vou julgá-lo.

— Não posso, Allegra — respondeu ele, olhando-a com uma expressão de silenciosa súplica em seus olhos escuros. Esse olhar teria conquistado um coração de pedra.

Ela acariciou sua face lentamente, observando-o.

— Não posso — repetiu ele.

— Está bem. Está bem, Lazar — fez uma pausa e lhe passou a mão pelos cabelos. — Meu Lazar.

Ele fechou os olhos e ficou imóvel, sentindo ainda o som de seu nome nos lábios dela.

Ela levantou a cabeça e lhe beijou os lábios com tranquilidade.

— Lazar... — sussurrava entre cada beijo. — Lazar, meu salvador. Meu selvagem, perdido príncipe pirata, Lazar...

Voltou a envolvê-lo com suas coxas.

Ele a beijou ferozmente enquanto entrelaçava os dedos da mão com os dela.

Bom, desejava que na verdade não fosse seu príncipe. Mas ele começou a deslizar para baixo lhe beijando todo o corpo. Allegra pensou que a princesa Nicolette não teria gostado muito do que ela estava fazendo com seu prometido.

Lazar depositou um beijo sobre seu joelho enquanto cravava os olhos nos dela. Observou-a enquanto lhe subia a saia lentamente. Ela sentia-se um tanto nervosa, mas não tão nervosa como teria que ter de se sentir.

Ele continuou subindo pelo interior de suas coxas suaves e pálidas.

Lazar afundou o rosto.

Ela emitiu um gemido de surpresa e fechou os olhos em êxtase.

Oh, sabia que devia tê-lo detido. O que lhe estava fazendo era indecente. Mas era pecaminosamente prazeroso. Muito em breve se sentiu muito debilitada pelo desejo para pensar. Ele bebia dela, lambia-a, fundo entre suas pernas como um leão sedento na margem do lento curso de um rio.

Transcorreram alguns instantes. Ela reteve a respiração concentrada no prazer e a perversão daquele presente.

Alguém bateu à porta para lhe recordar seu turno, mas ele não se preocupou. Com uma mão em cima de seu ventre, tinha-a imobilizada. Ela olhou-o, fascinada. Ele tinha uma expressão de erótica devoção no rosto que era muito bela.

Allegra fechou os olhos e se deixou jazer. Com um doce e profundo gemido se rendeu à vontade dele, aceitou o alimento que a fome dele oferecia, aceitou aquela dolorosa necessidade que ele conseguira despertar com paciência e apesar de todas suas negativas e recusas: solidão e desejo de amor.

Deus, ele era um cavalheiro, pensava admirada justo quando a doçura daquelas sensações a superaram.

Allegra arqueava as costas em frenética busca daquela língua enquanto lhe acariciava os cabelos e se agarrava aos lençóis. Retorcia-se de êxtase e seus gemidos cada vez se pareciam mais com os gritos que ele lhe pedira.

Oh, ela podia amá-lo. Era tão louca para isso. “E que que tem?”, pensou, desafiante. Logo, tudo se dissolveu em sua mente.

A crescente necessidade a fazia gritar com uma nota de ansiedade. No dia anterior ele lhe ensinara como procurar o clímax, como esperá-lo, como estar à espreita dele e como caçá-lo e, quando o fez, pronunciou seu nome várias vezes — se aquele era seu nome — enquanto lhe apertava os ombros até que seus dedos ficaram dormentes.

Agora foi ela quem ficou deitada com um braço por cima da testa. Ele se ergueu sobre ela: uma silhueta negra sob a tênue luz do camarote. Ela se sentia quase zangada com ele agora que sabia com que espécie de perigo enfrentava.

— Por que não permite que eu te odeie? — perguntou-lhe, esgotada, quando pôde recuperar o fôlego.

— Porque você é minha amante.

— Não, não sou. Sou sua prisioneira.

— Precisa de mim, Allegra. Você sabe e eu sei. E é muito possível que eu necessite de você, também.

— Ainda está bêbado!

— Não.

— Então, trata-se de um plano novo, de algo que tramou para se vingar...

— Não. Acabei com isso.

Ela passou ambos os braços em cima do rosto. Sentia-se encurralada.

— Por que me faz isso? Por que não me violenta, simplesmente, e acaba com

isso?

— Nunca faria isso — ele lhe disse enquanto tirava a camisa e secava o rosto com ela.

— Por que não?

— Por que... — fez uma pausa, lhe dando as costas. — Porque sei o que se sente.

Capítulo treze

— Como disse? — perguntou Allegra, apoiada sobre os cotovelos.

Transcorreram alguns minutos e o cômodo permaneceu em silêncio.

Lazar prestava atenção ao som da água na bacia enquanto lavava o rosto e as mãos do elixir dela. Escutava a canção de ninar do som do mar e o batimento de seu próprio coração.

— Lazar? — perguntou-lhe ela em voz baixa da cama enquanto se erguia e arrumava a saia. — O que significa isso?

Ele pôs uma camisa limpa, caminhou devagar até mesa e acendeu o lampião que se encontrava acima dela. Enquanto a chama crescia, Lazar a olhou por um momento e se perguntou com incredulidade como era possível que alguma vez não a tivesse visto como incrivelmente linda. Tinha a beleza da água pura, do ar límpido, do quente sol, das coisas essenciais e Lazar soube que precisava tanto dela quanto daquelas.

Também soube que se decepcionou, quanto antes a senhorita Monteverdi soubesse que seu meloso captor era um suicida em potencial, melhor.

Era melhor matar suas vãs esperanças naquele mesmo momento. Caminhou até a cama e se sentou ao seu lado. Ela o olhou com os olhos muito abertos. Sua íris tinham a cor cálida da canela.

Lazar pensou que era uma mulher incrível. Tinha uma aparência tão doce, com os lábios inchados por seus beijos, seus cabelos cor de avelã jogados para frente por cima de um ombro. Desejou beijar cada uma de suas suaves sardas. Mas não fez isso. Baixou a cabeça, subiu as mangas da camisa e, girando as mãos com as palmas para cima, mostrou-lhe os pulsos. E esperou.

Os longos cabelos dela caíram como uma cortina de seda enquanto ela os observava. Ele a observou, quieto, esperando que o recriminasse e o evitasse. Afinal de contas, ela veria as cicatrizes cedo ou tarde. Não tinha nenhuma esperança de que o aceitasse por causa daquelas cicatrizes, depois de que tanto sua mãe quanto seu pai tiraram a vida. Era mais do que podia pedir a qualquer um.

Ela permaneceu em silêncio e ele se preparou para receber uma inundação de perguntas, Allegra atraiu sua mão para seu colo e ele não a impediu. Acariciou a

velha cicatriz branca com a ponta dos dedos, justo em cima da grossa veia azul que um dia ele cortara com um prato quebrado.

Transcorreram alguns instantes e ele começou a se dar conta de quê, talvez, não gritaria com ele.

Quieto, esperou. Ela o acariciou lenta, meigamente com a ponta dos dedos, como se a cicatriz fosse simplesmente giz e pudesse ser varrida em vez da rugosa marca do raio marcado a fogo em sua alma.

Ele fora jovem e idealista uma vez, também, fazia uma eternidade, e teria querido lhe dizer aquilo. Mas aquela mesma tormenta que o salvou o deformou, como uma jovem árvore tocada por um raio, que cresce torta.

Desejou que ela dissesse algo.

Ele estava ainda com a cabeça curvada quando notou a primeira lágrima sobre o pulso. Ambos a olharam e ela começou a espalhá-la contra sua pele, como se fosse um ungüento precioso que pudesse lavar a velha, velha ferida. Logo, ela massageou seu pulso esquerdo da mesma forma e, depois, toda a região entre os braços sem pronunciar palavra.

Ela o abraçou com firmeza, com solidez e quietude, como se fosse uma ilha verde em meio daquele tempestuoso mar escuro.

Nenhum dos dois se moveu durante um longo momento. Ele fechou os olhos, assombrado ao notá-los cheios de lágrimas. Engoliu em seco com força e acariciou a curva das costas dela. Lazar sentiu um calafrio e notou que ela o abraçava com maior força. Agora lhe sussurrava ao ouvido.

— O que lhe fizeram, meu querido? O que lhe fizeram?

Ele não pôde responder. Voltou a estremecer e apertou o rosto contra seu pescoço. Cheirou seu aroma floral e ele lhe pareceu um bálsamo curativo de efeitos muito distintos aos do ópio que provocaram aquelas cicatrizes, mas igualmente poderoso. Ela lhe acariciou a nuca, os ombros, as costas. Lazar estranhou não se sentir excitado ante aquelas carícias depois de tê-la desejado durante tanto tempo, mas a única coisa na que podia se concentrar era na corrente de dor que emanava de seu coração. Ela era mais forte que ele.

Lazar estava admirado. Abraçou-se a ela, a sua cálida deusa de marfim, como se fosse o espírito de Ascensão encarnado em uma mulher.

— O que o empurrou a se ferir dessa maneira?

— Eu deveria estar morto — murmurou com voz destrojada. — Se tivesse o mínima coragem, estaria morto. Sou como um animal, somente instinto. Nada de orgulho. Deixe-o morrer. Deveria estar morto também.

— Não, Lazar, não.

Ela chorava como fizera naquelas primeiras noites por seu pai. Agora sua dor era por ele e, de certa forma, aquilo fazia com que sua dor se reduzisse um pouco.

Uma lágrima caiu pela face de Lazar e ela a pegou com os lábios entreabertos. Ele sentia muito dor para se sentir envergonhado por aquela demonstração tão pouco masculina. Ela o atraiu ainda mais. Desejava escondê-lo dentro de si mesma.

Ao fim de alguns momentos, Allegra se afastou um pouco e apoiou sua testa na dele. Ele continuava com os olhos fechados temendo encontrar o olhar sereno dela. Ela o acariciou o peito com uma mão enquanto ainda o abraçava pelo pescoço com o outro braço.

— Eu soube, oh, soube quem você era durante aqueles primeiros instantes nos túneis, mas não me atrevi a acreditar.

— Não esperava que o fizesse, na realidade.

— Lazar di Fiori, nunca mais vou negá-lo — jurou com um feroz sussurro.

Ele exalou um suspiro de intranquilidade e abriu os olhos. Nos dela, escuros sob os cílios dourados, viu uma determinação pura. Também viu o que lhe pareceu amor ou, pelo menos, compaixão. Não queria sua compaixão. Afastou o olhar.

Ela tomou seu rosto entre as mãos e o obrigou a olhá-la outra vez. Ele esperou, olhando-a com precaução. Ela parecia pensativa e o observava. Allegra lhe acariciou uma sobrancelha com um dedo, logo, os lábios com o polegar.

Ele permanecia sentado com uma expressão desolada enquanto esperava seu veredicto. Os lábios cheios dela se curvaram em uma leve careta, como de preocupação maternal.

Lazar pensou com tristeza que Allegra seria uma excelente mãe.

Absurdo. Mas teria gostado de amá-la para vê-la crescer com uma criança dentro dela. A vida. A criação. Ela lhe inspirava o desejo daquele tipo de milagre.

Mas não tinha sentido.

Apesar de todas as mulheres que tivera, Lazar nunca permitira que nenhuma delas o conhecesse de verdade. Mas Allegra o vira em seu momento mais sombrio e, é obvio, o salvara daquilo. Então ela sabia perfeitamente o que ele era. É obvio que não o queria. Ele não a culpava. Especialmente agora, que ela sabia que ele tinha idéia de arrancar a cabeça qualquer dia.

Somente havia dois lugares adequados para um homem assim, pensou ele com um sentimento de miséria. O cemitério ou o mar.

Ela posou a palma da mão sobre sua face e, sem deixar de olhá-lo, seus olhos se encheram de lágrimas. Allegra se obrigou a falar

— Estava muito assustada para acreditar em você e rogo que me perdoe essa covardia.

— É obvio, Allegra — murmurou ele. — O que for.

— Você é tão bom — ela lhe disse com ternura enquanto acariciava seu rosto.

— Não sou bom — respondeu, e apoiou a face na palma da mão dela.

Ela se inclinou para ele e o beijou suavemente nos lábios posando a mão sobre sua nuca.

— Vou ficar com você, Lazar. Prometo — sussurrou. — Estou disposta a ajudá-lo como puder. Não falharei com você outra vez.

— Acredita em mim?

Ela assentiu fervorosamente.

— Acredito em você.

Ele a olhou e se perguntou se aquele era um bom momento para seduzi-la, mas se sentia muito machucado por dentro para tentar. Só queria estar perto dela, o suficiente para sentir seu contato.

Allegra lhe deu um último beijo na sobrancelha e se afastou um pouco dele. Quando fez aquilo, Lazar viu que em seus olhos aparecia um fogo novo e frio. Seu rosto, impecável, continuava sereno, mas suas sobrancelhas desenhavam uma clara expressão de determinação.

Perguntou-se se aquilo deveria preocupá-lo. Aquela mescla de intensidade e de calma angelical o espantava. Não tinha certeza de estar preparado para aquilo.

Allegra levantou seus pulsos até seus lábios, primeiro um e logo o outro, e os beijou de todo coração. Logo posou ambas as mãos sobre seus ombros e a olhou nos olhos com grande intensidade.

— Já não está sozinho nisso. Compreendem? Meu querido e desaparecido amigo, deve me contar tudo isso e, de alguma forma, juntos, poremos tudo em seu lugar.

Allegra entendia tudo agora. Aquela não era a vida que ele escolhera: era simplesmente a vida em que tinha caído. Não era por irresponsabilidade ou hedonismo que abandonara Ascensão. Era por dor. Pura desolação e sentimento de perda. Cada brincadeira que fazia era uma forma de suportar aquelas feridas. Aquele nobre e pobre ser não podia perdoar o fato de ter sobrevivido enquanto sua família tinha perecido.

Como pudera duvidar dele nem um segundo?

Com toda sua capacidade de atenção concentrada no alma de seus olhos, uns olhos tão escuros e cheios de mistério como a noite marinha que os rodeava, Allegra reteve o fôlego e esperou quase sem poder conter a impaciência que seus lábios de cetim lhe contassem tudo o que queria saber, cada detalhe de sua existência. Em vez disso, somente se ouvia o rangido dos mastros de *A Baleia*.

Seu príncipe parecia preocupado. Afastava-se do olhar direto dela com obstinação e desamparo. Allegra estava a ponto de pronunciar alguma palavra terna para ajudá-lo quando um dos homens foi resgatá-lo: bateram à porta

— Gibraltar se encontra a quatro léguas de proa, capitão! Vai subir?

— Sim! — respondeu ele com um súbito gesto de mandíbula.

Lazar a olhou sem poder dissimular uma expressão de alívio, mas, apesar disso, ela percebeu sua luta interna, como se uma parte dele precisasse descarregar aquele peso interior e outra desejasse fugir.

— Devo ir — disse, devagar.

— Posso ir com você?

Ele levou uma mão ao queixo.

— Eu gostaria disso.

Lazar se levantou e lhe ofereceu a mão para ajudá-la a saltar da cama. Ela tentou recompor um pouco o vestido para que não fosse tão evidente que fora quase violentada. Ele consultou um mapa de navegação entre o monte de coisas na mesa, logo apagou o lampião com um sopro e ambos foram até a porta do camarote. Ele se deteve antes de abrir a porta para ela. Sua mão grande, forte e endurecida procurou a dela e entrelaçou seus dedos com os dela.

— Espere — sussurrou ela. — Durante os últimos dias eu disse algumas coisas que... bem... devo me desculpar...

Ele lhe colocou o indicador sobre os lábios, fazendo-a se calar.

— Coisas que, talvez, eu precisava ouvir. Poucas pessoas se atrevem a me criticar, Allegra, inclusive embora esteja equivocado. Você é honesta e diz o que pensa. Espero que sempre faça isso — acariciou-lhe os lábios com o dedo. — Um navio precisa de uma bússola.

Allegra sentiu que uma calidez invadia seu coração por aquelas palavras e lhe beijou o dedo. Ele sorriu na penumbra.

— O dever reclama — lhe disse enquanto abria a porta — Me permita que lhe mostre como um pirata realiza seu trabalho,

Quando estavam em cima, Allegra seguiu Lazar por toda parte, como se caminhasse à sombra de uma lenda.

Como ele fizera? Como era possível que tivesse sobrevivido? Cada vez que pensava em tudo o que ele passara, quase não podia acreditar que, durante todo aquele tempo, ele fosse seu amado príncipe. Não era estranho que ele tivesse encontrado a nobreza de coração necessária para esquecer sua vingança e perdoar sua família. Ao recordar aqueles horríveis momentos nas ameias, sua expressão se ensombrecou e ela baixou a cabeça.

Agora acreditava em Lazar, como sua mãe acreditara no rei Alphonse. E, de alguma forma, tinha que aceitar a culpa de seu pai.

Observou-o enquanto ele dava ordens eficientemente do leme do navio de guerra sem mostrar nem por um momento sua dor interna. Allegra sentiu que todo seu ser idealista e metodicamente responsável clamava por reparar os pecados de seu pai.

Agora tudo tinha sentido: a infelicidade de Lazar, sua paralisação naquela forma de vida como fugitivo, a intranquilidade e anarquia de Ascensão. Quando ambos se unissem de novo tinha certeza de que reinaria a paz. O coração quebrado de Ascensão e a dor do capitão Jonas seriam um de novo quando Lazar fosse restituído ao trono que lhe correspondia.

Não duvidava que ele era capaz de levar a término aquela impressionante tarefa nem de que merecia todos os privilégios depois do que sofrera. A compaixão que mostrara com sua família demonstrava que podia ser um rei justo. O fato de que tivesse sobrevivido a coisas terríveis e ainda conservasse a capacidade de ser amável e, inclusive, de rir de si mesmo, era uma mostra da profundidade de seu caráter e de sua força. Ele era o que Ascensão pedia.

“Será inclusive maior que Alphonse”, pensou com um sentimento de impressionante poder enquanto a brisa da noite penteava seus cabelos sobre suas costas. Sentiu que podia fazer tudo por ele, matar dragões, enfrentar qualquer desafio por mais impossível que fosse.

Mas, acima de tudo, agradecia a Deus do mais profundo de seu coração que sua irritante prudência a tivesse salvado de novo no último momento. Levantou os olhos ao escuro e estrelado céu desfrutando da carícia da cálida brisa noturna nas faces.

Graças a Deus, tomara cuidado. Era um alívio que ele não soubesse que ela havia se sentido tão loucamente apaixonada por ele. Agora poderiam ser amigos, disse a si mesma. Amigos muito queridos. Aliados.

Nada mais

Aquela idéia a deixou com um sentimento de vazio quase entontecedor, mas sabia que era o melhor. Lazar pertencia a Ascensão e à princesa austríaca, não a ela. Se os Habsburgo ainda estivessem dispostos, ele necessitaria daquela aliança para desterrar os genoveses de Ascensão. Por sua parte, se ela se permitisse amá-lo, só seria para sua maior tortura e não tinha nenhuma intenção de reviver a tragédia de sua mãe: a de amar um homem que não poderia ter. Era melhor ser sua amiga e deixar que a princesa Nicolette quebrasse o coração para domesticá-lo.

Era melhor não se aproximar mais daquele fogo de paixão que a consumia. Melhor não conhecer o céu que ia perder. Não precisava partir o coração.

Não era estranho que ele não a tivesse forçado, pensou com admiração. Nenhum filho do rei Alphonse faria nunca uma coisa assim. Durante alguns momentos ficou meditando na afirmação que ele fizera no princípio da noite: de que sabia o que se sentia ao ser violentado. Pelo que ela sabia — e seus conhecimentos não eram amplos — só as mulheres podiam ser violentadas. Se estava equivocada naquilo, preferia não saber.

Allegra chegou à conclusão de que devia ter dito de forma figurada em referência a suas trágicas perdas. Era uma forma muito cruel de perder a inocência, pensou. Ela mesma tivera dificuldades em superar a morte de sua mãe, quando jovem, e Lazar perdera toda sua família, sua casa, seu reino, sua herança e todo seu mundo. Sentia admiração por sua fortaleza e, depois de tudo pelo que tinha passado, ela não podia culpá-lo por ter tentado tirar a vida em algum momento. Embora dava graças a Deus de todo coração de que não tivesse conseguido.

Quando se aproximaram de Gibraltar, Lazar ordenou que todos os lampiões fossem apagados. Estavam a ponto de passar diante das armas britânicas postadas no promontório, na ponta mais meridional da Espanha. Allegra via as tênues luzes da fortaleza na distante península.

Toda a tripulação manteve um tenso silêncio. Inclusive os remos tinham sido envolvidos com tecidos para amortecer o som da água contra a madeira.

Allegra perguntou a Lazar em um sussurro por que eram necessárias todas aquelas medidas. Ele lhe explicou que se os britânicos os retivessem naquele ponto,

os navios genoveses — que se encontravam a um dia de distância — os apanhariam e teriam que entrar em batalha. Se a Irmandade de Plymouth perdesse a batalha, disse-lhe, cada um daqueles homens seria enforcado.

Allegra sentiu um calafrio e rezou aos céus para que os protegessem. Se seu príncipe acreditava que ela ia permitir que o enforcassem, era um louco, pensou com raiva.

A cada golpe de remo se aproximavam mais da boca do Mediterrâneo.

Allegra se voltou para o leste, onde, em algum ponto a muitos quilômetros de popa, encontrava-se Ascensão. Despediu-se temporariamente de sua terra natal com a promessa de que voltaria algum dia.

Então Lazar a atraiu entre seus braços. Juntos, sentindo a calidez de seus corpos, esperaram em um tenso silêncio enquanto *A Baleia* conduzia os outros seis navios através do estreito.

Algumas nuvens desfiadas os ajudaram ao cobrir parcialmente a lua minguante e ao fim de duas horas tinham atravessado o estreito, sãs e salvos. A pequena frota de Lazar chegara ao Atlântico sem ser vista. A tripulação relaxou e emitiu um suspiro de alívio. As garrafas de rum correram por todo o navio. Por toda parte se ouviam risadas.

Os sete navios navegavam em uma formação relaxada através das águas mais bravas e frias do Atlântico. Lazar agarrou Allegra pelos ombros e a voltou para pô-la face a face com ele. Deu-lhe um longo e quente beijo. Ela levou os braços ao redor de seu pescoço, esquecendo por um momento sua decisão de ser precavida ante a alegria de seu triunfo.

Alguém acendeu um lampião perto deles e quando Lazar terminou de beijá-la a olhou com um sorriso valente e arrogante, como o de um pirata.

— Minha pequena prisioneira — murmurou, apertando seus braços ao redor da cintura dela. — Vá para a cama e descanse um pouco. Precisarás ter forças quando eu descer.

— Não vai terminar a guarda noturna? — perguntou ela alarmada de repente.

Ele jogou uma olhada a sua redor com expressão de capitão perito.

— Ficarei ao leme algumas horas mais e logo me reunirei a você.

“Oh, nossa!”

— Não tem que me esperar desperta. Eu a despertarei. Confie em mim.

— Não poderia dormir de maneira nenhuma — respondeu ela, escolhendo as palavras com cuidado. — Talvez eu continue lendo os documentos de meu pai...

— Ora, por que quer continuar enchendo a cabeça com esses assuntos precisamente essa noite? — Lazar tomou seu rosto entre as mãos com ternura. — Ambos estivemos esperando isso, Allegra. Chegou o momento.

— Mas não acho que...

— Não ache nada Allegra. Sinta, apenas — sussurrou ele. — Eu posso ler os sinais que seu corpo me oferece, sabe? Compreendo o que significa quando seus olhos se escurecem quando me olham. Quando seus mamilos se endurecem sob seu

vestido, desejando meus lábios. Abandone-se a isso, Allegra. Nada se interpõe entre nós agora, não vamos fingir mais.

— Mas...

— Allegra — lhe disse ele. — Você está preparada para mim.

Ela levantou a vista para ele. Negá-lo teria sido dizer uma mentira.

— Inclusive agora se umedece por mim, não é verdade, meu amor? — perguntou-lhe em voz baixa, sedutora e profunda. — Você acha que conheceu o prazer depois de ter conhecido meu tato e, essa tarde, quando bebi sua beleza. Mas quando formos um, Allegra, quando eu estiver dentro de você, se dará conta de que tudo isso não era mais que um pálido reflexo.

Allegra piscou e se apoiou contra a viga, sentindo-se desfalecer.

— Vá para baixo — sussurrou ele. — Tome um copo de vinho. Não demorarei.

Lazar trocou o turno com Hartcour com o coração alegre, jogou um último olhar ao convés, levou as mãos aos bolsos de suas gastas calças negras e se dirigiu para a escotilha. Em seu rosto não se lia nenhum sinal das emoções que sentia fervilhar em seu interior.

Sentia uma maravilhosa sensação de unidade, como se sua alma estivesse entrelaçada com a dela, e aquilo lhe provocava uma sensação de leveza na cabeça. Não podia tirar de cima dele aquele sentimento de maravilhoso. Nunca permitira que ninguém se aproximasse tanto dele. Apesar das batalhas em alto-mar, os assaltos e os duelos, aquilo era a coisa mais perigosa que jamais lhe acontecera. Embora sentisse uma profunda sensação de alívio depois de ter desabafado a Allegra, a expressão decidida que vira em seus olhos o preocupava.

Lazar percorreu o escuro corredor com clara consciência de que cada passo que dava sobre aquele chão de madeira o aproximava mais do camarote onde ia deflorar sua virgem. Atravessou o refeitório e bateu com suavidade à porta do camarote. Logo, entrou. Ficou imóvel ante a cena que viu.

— Ah, *chérie* — exclamou com uma risada de cansaço.

Allegra se encontrava no meio de um monte de documentos e papéis, totalmente adormecida, meio apoiada contra a poltrona. O lampião ainda estava aceso ao seu lado. Aquela pequena chama tinha a mesma calidez que seu coração ao vê-la.

Certamente teria dor na nuca, pensou ao ver a postura em que adormecera contra a poltrona.

Lazar fechou a porta devagar atrás dele. Caminhou com cuidado entre os papéis jogados pelo chão, tomou-a nos braços e a levantou sem esforço. Levou-a até o beliche e, com cuidado, depositou-a nele. Automaticamente, Allegra tomou sua postura habitual para dormir. Ele se sentou ao seu lado e a contemplou.

— Leve os pasteis — ela lhe ordenou em um sussurro majestoso.

Ele sorriu na penumbra.

— Sim, senhora — lhe respondeu em voz baixa.

— Josefina, ponha em mim esse... vestido verde... — e ficou em silêncio.

— Ah, *chérie* — sussurrou ele. — O que vou fazer com você?

Lazar pensou alguns momentos e ao final, com um bocejo, admitiu a derrota. Ela estava profundamente adormecida e ele se sentia muito cansado. Estava a ponto de amanhecer e aquela não teria sido a maneira adequada para ela. Não a defloraria naquela noite.

Ao diabo com as guardas noturnas, pensou, cansado, enquanto esfregava a nuca com uma mão.

Despiu-se e ficou apenas com os calções. Afrouxou o vestido de Allegra e se deitou no beliche ao seu lado, abraçando-a. Ela se aconchegou contra ele, com a cabeça contra seu peito e um braço sobre seu estômago.

Enquanto começava a adormecer, Lazar viu filas de laranjeiras sob o sol, como lhe acontecia às vezes. Viu plantações de brilhantes tomates e cachos de pálidas uvas que penduravam por cima de sua cabeça. Então viu Allegra, descalça e rindo, segurando a saia sobre as coxas e pisando nos cachos para recolher a uva para o vinho caseiro. Também viu o cavalo de lavoura malhado e de cor cinza que aparecia sempre naquelas visões. Dessa vez ele conduzia o preguiçoso animal pelas rédeas e no seu lombo havia três maravilhosas crianças pequenas.

Abriu os olhos com um sentimento de grande admiração. Sim, aquela era a resposta, clara como a luz do dia. A linhagem de sua família fora cortada, mas ele podia fazer com que crescesse de novo. Não tinha que acabar com ele, como pensara durante todos aqueles amargos anos.

Os filhos dos Fiori, pensou maravilhado, viveriam livres e a salvo, longe das intermináveis obrigações da Coroa e dos inumeráveis perigos que o poder suporta. A única coisa que tinha que fazer era levar seus homens até Wolfe's Den, permiti-los que escolhessem por voto outro líder para a Irmandade de Plymouth, e ele e Allegra ficariam livres para seguir seu caminho.

Poderiam se estabelecer na Martinica, ou na costa da Flórida, ou inclusive em algum ponto de Nápoles ou da Sicília, à vista de Ascensão.

Lazar contemplou a escuridão com a mente disparada. Deu-se conta de que se encontrava em um dos momentos mais felizes de sua vida e isso lhe provocou um sentimento de vaga diversão, como de certa ironia. Mas devia admitir que o que Allegra lhe dissera era verdade: sempre há esperança.

“Crianças”, pensou admirado ainda.

Lazar fora especialmente cuidadoso com seus amores passados. Por muito que tivesse desfrutado com as mulheres que conhecera, não eram o tipo de mulher que ele teria querido para suas filhas e filhos. Ainda conservava o orgulho de sua linhagem. Que ele soubesse, não tinha deixado nenhum filho ilegítimo à sua passagem.

Acariciou um momento o braço de Allegra enquanto ela continuava dormindo.

Era uma mulher linda, valorosa e com força moral e aquilo o fazia se sentir orgulhoso. Era a única mulher merecedora de trazer filhos de um sangue real de mais de setecentos anos de antigüidade ao mundo.

Lazar se encontrava meditando em qual seria a melhor forma de pedi-la em matrimônio sem parecer um completo idiota quando uma irritante voz interior projetou uma sombra nas vívidas fantasias de sua imaginação. Talvez fossem os anos em alto-mar que o converteram em um supersticioso, como todo marinheiro, mas e se o destino tentasse lhe arrebatrar aquela felicidade e ele voltasse a perder àqueles a quem mais amava?

Aquilo era irracional. Zombou de si mesmo e pensou no Pároco. Aquele velho amigo estivera com ele durante dez anos e, de algum jeito, tinha conseguido continuar a salvo.

Apesar de tudo, a idéia de que pudesse acontecer algo a Allegra como conseqüência de seus crimes do passado ou de sua perigosa carreira criminosa era suficiente para aterrorizá-lo e fazê-lo trocar de opinião. Com certeza ela estaria melhor com qualquer colono da Martinica. E as crianças?

Bom Deus, o que havia mais frágil que uma criança?

A expressão de seu rosto se ensombreceu na escuridão. Allegra o chamara muitas vezes de egoísta, e aquele seria o ato mais egoísta, até mesmo tentar.

Debatia-se consigo mesmo. Os assassinos, os velhos conspiradores do Conselho, agora o próprio Monteverdi, estavam mortos. E, naquele momento, Jeffers e seus moços provavelmente tinham levado Domenic Clemente ante o Criador.

Acabara. Tinha que ter acabado.

Certamente, a maldição que tinha parecido persegui-lo tinha se quebrado. Já perdera uma família. Nem sequer ele podia acreditar que o mesmo raio cairia em cima dele pela segunda vez.

Mas quando sentiu a calidez e a tranqüilidade da respiração de Allegra no pescoço, soube que não podia se arriscar. Não. Tinha que enganar o destino ou, ao menos, fazer um pacto com ele.

Não se casaria com ela.

Seria sua esposa em todos os aspectos, exceto o legal. Então Deus não a castigaria em seu lugar. E quando estivessem em sua granja, longe da violência e do caos do mundo, os Fiori poderiam se arraigar de novo. Se alguma vez chegasse o perigo, tinha certeza de que poderia proteger aos seus. Naquele aspecto sabia que ele era melhor que seu pai.

Sim, disse a si mesmo, tudo iria bem enquanto não se casasse com ela. Esperava que ela pudesse compreendê-lo.

Com o assunto resolvido daquela incômoda forma, finalmente Lazar dormiu.

Capítulo Quatorze

clara luz da manhã, Allegra despertou seu adormecido príncipe com um beijo.

Fazia um momento que ela se levantara, lavara-se, vestira-se, comera algo e preparara suas notas a partir dos últimos documentos de seu pai que lera à noite anterior enquanto Lazar terminava seu turno. Havia trazido o café da manhã para ele da cozinha. Tinha que comer algo antes de ouvir o que ela devia lhe dizer.

Precisaria dele.

Ele despertou com a doçura dos lábios dela sobre os seus. Allegra se afastou antes de que ele pudesse conduzi-la a um jogo mais sério, mas ele a agarrou pelo pulso, embora ainda piscasse à luz da manhã. Tinha uma aparência maravilhosa com os cabelos revoltos e as linhas do rosto adoçadas pelo descanso noturno. Os lençóis ainda estavam cálidos pelo calor de seu corpo.

Ele lhe dirigiu um sonolento sorriso e se sentou para pegar o copo de suco de laranja que havia em cima da bandeja. Sem sequer respirar o bebeu de um gole. Ela observou como subia e descia o pomo de Adão e pensou com um suspiro que nunca soubera que um homem podia parecer tão bonito enquanto bebia um copo de suco. Lazar emitiu um gemido de prazer e voltou a deixar o copo na bandeja.

— Bom dia, gatinha — lhe disse com um grunhido brincalhão enquanto a puxava para ele. Deitou-se de costas na cama e a colocou em cima de seu peito nu. Beijou-a.

Ela o deteve.

— O que está acontecendo? — perguntou ele.

— Seu café vai esfriar.

— Não se estiver perto de nós.

— Ora, seu maroto, até parece — lhe disse em um terno tom de zombaria.

— Alguém adormeceu ontem à noite — lhe disse, dando-lhe um beijo na ponta do nariz.

Ela colocou ambas as mãos sobre seus ombros em uma tentativa de se afastar de seu quente e forte corpo e de sua cama antes de que a arrastasse inteira.

— Sim, disso precisamente queria falar com você...

— Nada de bate-papo — ele a reteve contra ele com ambos os braços ao redor de sua cintura — Me beije.

De repente ela notou aquela parte de seu corpo onde sua dignidade estava totalmente acordada.

— Lazar — exclamou — devemos falar de Ascensão!

— Devemos?

Era-lhe difícil pensar com clareza enquanto ele lhe mordiscava o lóbulo da orelha daquela forma. Empregou todas suas forças para se afastar dele outra vez. Olhou-o nos olhos.

— Me escute. Há muitas coisas a fazer.

— Ora — murmurou ele, ignorando cada uma de suas palavras enquanto conduzia a mão dela para que o acariciasse lá em baixo.

Allegra estremeceu ao contato com sua titânica virilidade, mas se negou a cooperar e, apontando o indicador para ele, advertiu-o:

— Pare! Agora, se comporte como é devido. Me solte e saia dessa cama. Consulte os documentos, e não temos um minuto a perder.

— Concordo. Estou louco para possuí-la.

— Isso é totalmente impossível!

Ela se soltou dele e cruzou o cômodo para pôr uma distância segura entre ambos. Ofegava com uma mescla de desejo e de preocupação, mas o olhou fixamente.

Ele se sentou na cama e a observou. Então, suas negras sobrancelhas desenharam uma expressão de aborrecimento.

— Por que — perguntou sentindo um mau presságio — é impossível?

— Porque já está comprometido — disse ela com voz fraca.

Seu aborrecimento passou a uma expressão de incredulidade.

Allegra trabalhou em excesso em um monte de documentos que havia sobre um canto da mesa e levantou alguns, oferecendo-os a ele.

— Está tudo aqui. Seu compromisso com a princesa Nicolette da Áustria. Seu dote sobe a dois milhões de ducados de ouro, Lazar, o suficiente para salvar Ascensão. Os nomes e os endereços de todos os membros do Gabinete de Alphonse estão também aqui. Meu pai até acreditava que esses homens eram brilhantes! Permaneceram escondidos por toda a Europa desde a morte de seu pai: Dom Pasquale, o primeiro-ministro a quem chamavam de Raposa. O general Enzo Calendri, o chefe das forças armadas. E o arcebispo, o Padre Francisco. Lembra-se deles?

Lazar não respondeu. Olhava-a como se estivesse aturdido.

— Esses homens podem ajudá-lo, Lazar — lhe disse ela com os papéis no alto.

— Pode recuperar seu reino. Tudo o que necessita para recuperar Ascensão se encontra aqui!

Ele continuou olhando-a, olhou os papéis em sua mão e logo se deitou sobre o colchão e cobriu o rosto com o lençol enquanto emitia um grunhido de irritação.

Oh, nossa, pensou ela observando o perfil de seu rosto debaixo do lençol.

— No que importa, acho que será um rei esplêndido. Uma vez que tenhamos limado suas asperezas um pouco — acrescentou em tom duvidoso.

Outro grunhido de irritação debaixo do lençol. Lazar levou uma mão ao rosto.

— Decidiu que seu objetivo na vida é me deixar louco, não é?

Ela levantou a cabeça.

— Pode ser que meu pai tenha sido um traidor, mas minha lealdade para Ascensão não é questionável. Tento ajudá-lo.

Ele afastou o lençol de seu rosto, deitou-se de lado e apoiou a cabeça sobre a mão. Olhou-a com uma expressão abatida.

— Me ajudar a quê, se posso perguntar.

— A recuperar seu trono, é óbvio.

Ele começou a rir.

Allegra sentiu suas faces arderem.

— O que é tão engraçado para você?

Lazar dirigiu o olhar para a janela e soltou um suspiro longo e cansado.

— Você, minha pequena fanática. Não creia que não conheço suas tentativas para salvar Ascensão por sua conta. Conheço seus projetos caridosos, sua intervenção em assuntos políticos, suas inclinações democráticas. Mas, acredite em mim, mantenha-se longe de tudo isso. São águas mais profundas do que pode navegar — deu um tapa no colchão com a mão aberta e acrescentou — Agora, volte para a cama e seja deflorada.

Ela conseguiu ignorar aqueles ardentes olhos, aqueles lábios feitos para beijar e a pele dourada daquela mão que agora acariciava o branco lençol como um indesculpável convite a se abandonar ao pecado.

— Há tantas coisas que quero lhe perguntar. Como sobreviveu ao ataque? Como viveu todos esses anos? Como eram seus pais, na verdade? Como se converteu em pirata...?

— Não... — disse ele — simplesmente não faça isso.

— Mas não posso evitar — disse ela espantada, mas decidida. — Posso averiguar quem entre a nobreza ainda é fiel aos Fiori e quais inclinam suas simpatias para Gênova. Posso ajudá-lo a comandar os homens do Conselho e conheço dezenas de pessoas importantes em Paris cujo apoio o ajudaria na revolução...

— Revolução? — gritou ele. — Não haverá nenhuma revolução! Por todos os infernos! — saltou do beliche e, zangado, foi até o lavatório. — Não vou voltar lá, nem tampouco você, então esqueça. Gênova pode ficar com ela, pelo que me diz

respeito.

Ela lhe dirigiu um olhar de incredulidade.

— Deveria ter sabido que faria isso — grunhiu ele. Tornou a jogar água no rosto com impaciência, molhando tudo a seu redor. Secou as mãos e o rosto com uma camisa que estava pendurada numa cadeira.

Ela ficou muda de assombro. Pensara que, por mais cínico que ele tivesse se mostrado durante os últimos dias, não tomara uma decisão sobre Ascensão. Não imaginara que ele se negaria daquela forma.

Lazar se deixou cair sobre a cama e colocou o pé esquerdo na bota.

Enfim, ela levantou a voz:

— Lazar!

— Sim, Allegra? — perguntou ele, entediado.

— Não... não pode estar falando a sério — disse.

— Por que não? — perguntou, introduzindo o outro pé na bota.

— Não pode estar me dizendo que zarpou de Ascensão, uma vez que essa se encontrava em seu poder, sem nenhuma intenção de expulsar os genoveses de lá. Não pode me dizer que não tinha nenhum plano.

Ele ficou de pé e a olhou com os olhos acesos.

— Minha missão, meu plano, Allegra, era a vingança: uma missão que demorei dois anos para planejar e que você destruiu em um momento com suas encantadoras lágrimas.

— Bom, não importa, então. Riscaremos um plano. Pelo menos temos a informação desses documentos — levantou os papéis. — Em primeiro lugar vamos mandar um aviso aos conselheiros de seu pai...

Ele caminhou até ela e lhe tirou os papéis da mão. Atirou-os no chão, espalhando-os por todo o camarote.

— Absurdo. Sem sentido. Palavras vazias, palavras sobre papel! Nada! Não tenho nenhuma prova, Allegra! Compreendem? Não posso reclamar o trono porque não tenho nenhuma prova de quem sou!

Tremia com ira enquanto lhe dizia aquilo e a olhava nos olhos.

— Mas há muitas pessoas que ainda se encontram com vida, que o conhecia então, e que o reconhecerão agora — protestou ela. — Todos o reconhecerão se for ao seu encontro.

— Refere-se àqueles corruptos e bastardos hipócritas que têm interesse no reinado de Gênova? Ah, vejamos. Que devo fazer? Entrar nas câmaras do Conselho e oferecer meu cartão a eles? É obvio! Então todo mundo me dedicará uma reverência e dirá “Deus salve o Rei”. E viveremos felizes para sempre, suponho.

— Por que se mostra tão sarcástico?

— Você é tão inocente — disse ele com amargura. — Me matarão, como ao meu pai. E essa morte será mais absurda ainda que a vida que levo. É muito tarde, Allegra, graças a seu doce pai. Todo mundo acha que estou morto e, acredite em mim, é melhor para todos que continue assim.

— Inclusive para quem está morrendo de fome? Para quem tem sido injustamente metido na prisão? Para aqueles que tem suas terras confiscadas?

— Todos temos que levar nossas cargas.

— Lazar!

— Olhe para mim, Allegra. Olhe o que sou. Minha presença em Ascensão não faria outra coisa que esombrear o nome de meu pai.

— Está totalmente equivocado. Se não acreditasse que seria um rei justo e compassivo, não o ajudaria.

— É óbvio que não me conhece absolutamente.

— Lazar, como pode dizer isso depois da outra noite?

— Porque não sabe o quê... — de repente se amaldiçoou e deu meia volta, afastando-se. Estava claro que não quisera dizer aquilo. — Não sabe de nada.

— Me conte — pediu ela.

— Esqueça.

— É algo que tem a ver com essas cicatrizes dos pulsos, não?

Ele não respondeu.

Ela respirou profundamente.

— Lazar, quando foi violentado?

Ele empalideceu.

— Jesus Cristo! Que idéia tão absurda. Estou surpreso de que possa dizer algo tão desagradável.

Rígido, Lazar se dirigiu até o armário.

Ela o olhou. Ele estava mentindo.

Tinha todo o corpo tenso enquanto se esforçava para vestir a roupa. Ela observou o pânico em todo seu corpo. Baixou a vista para o chão com o coração acelerado.

Deu-se conta de que estava zangada.

“Pai”, pensou “espero que esteja no inferno.”

Não podia pensar em nada para lhe dizer naquele tenso silêncio enquanto ele lutava desesperadamente para encontrar uma jaqueta que estava pendurada bem na frente dele. “Quem foi? Quem se atreveu a fazer algo assim a ele?” Devia fazer muito tempo. Aquele corpo poderoso e aquela habilidade mortífera tinham sido cultivados com um claro propósito, mas ele fora, uma vez, um menino assustado. “O quanto deve ter sido pouco preparado para suportar tanto horror.”

Allegra engoliu em seco, comovida, e o observou, incapaz de suportar seus movimentos entorpecidos pelo medo.

Nunca o vira tão estranho. As mãos dele tremiam enquanto tentava amarrar os laços da gola da camisa. A única coisa que lhe ocorreu que podia fazer era salvar seu orgulho, embora aquilo significasse fingir que acreditava naquela mentira, ao menos no momento. De alguma forma soube que se lhe falasse com amabilidade naquele instante, aquilo o destruiria. Então levantou o queixo.

— Lazar di Fiori, você tem um dever — lhe disse no tom mais frio que foi capaz.

Ele se voltou para ela com uma estranha expressão de raiva e alívio ao mesmo tempo.

— Não se atreva. Meu único dever é comigo mesmo.

— Como pode dizer algo assim depois do que seu pai sacrificou?

— Última palavra: meu pai está morto. Eu estou vivo. E se não se importa, tentarei continuar estando. Agora, me faria o favor de me deixar só de uma vez?

— Não.

Ele a olhou um momento. Abriu as pernas e, com as mãos sobre os quadris, lhe disse:

— Não. É obvio que não fará — finalmente, ele emituiu um longo suspiro e se aproximou dela. — Sei que a decepcionei, Allegra...

— Não, não decepcionou — respondeu ela com força.

— ... e sinto muito. Admiro, e talvez inveje, seu idealismo, mas eu não posso, e não quero, voltar à Ascensão. Não sou um herói e, certamente, não sou um mártir. Vá aonde eu vá a partir desse momento, me enforcarão por ser um pirata. Devido a ter suportado grandes dificuldades para evitar até esse momento, me perdoe se prefiro prolongar minha curta e infeliz vida. Embora Deus sabe que não importa — acrescentou, sem fôlego

— Esquece que o vi em ação, Sua Majestade. De alguma forma, custa-me acreditar que teme alguém, e muito menos um conselho de guerra genovês.

Lazar riu com tristeza e meneou a cabeça enquanto punha ambas as mãos sobre seus ombros. Acariciou-lhe a face suavemente com os nódulos.

— Ora, isso é um elogio depois de todas suas palavras depreciativas? Não poderia nem sequer pronunciar uma delas.

Ela sorriu com tristeza ante aquela tentativa de brincar com o tema. O desespero que via em seus olhos reforçou sua decisão de fazê-lo recuperar sua herança.

Tomou uma mão e a apertou em um gesto esperançoso.

— Pense, Lazar! Pense nas mudanças que poderia realizar. Nas cidades que poderia construir. Por fim, uma tarefa digna de você! Poderia completar as reformas que seu pai sonhou.

— Estou surpreso de que acredite que sou capaz disso — murmurou ele.

— Você é impossível, com certeza é — levantou uma mão e lhe acariciou a face. — O povo o seguiria, sabe? Vi como o povo responde a você. Governar Ascensão não pode ser mais difícil que comandar homens como os de sua tripulação. Se tiver um pouco de fé, sei que podemos fazer isso. Sei como o povo o amaria...

— Allegra, está me matando. Já basta — sussurrou ele com os olhos fechados.

— Mas não posso suportar essa injustiça! É tão injusto! E saber que meu próprio pai foi o único responsável...

Ele meneou a cabeça.

— O que está remediado, remediado está — atraiu-a para si e, apoiando o

queixo sobre sua cabeça, acariciou-lhe os cabelos. — A única coisa que quero de verdade é paz e tranquilidade. Eu gostaria de cultivar vinhedos, acho, e poder dormir de noite sem a preocupação de que alguém possa cortar meu pescoço.

— Oh, Deus, não diga algo assim — ela fechou os olhos para não ver aquela imagem. — O ajudarei — lhe disse com determinação. — De algum modo, o ajudarei.

— Então, me ajude assim — sussurrou ele, aproximando os lábios dos dela. — Me faça esquecer.

Beijou-a com lentidão.

— Eu também tenho um plano, *chérie*. Quer escutá-lo?

Ela assentiu, com os olhos fechados, enquanto suas carícias relaxavam todas as tensões de seu corpo.

— Meu plano consiste em conduzi-la até essa cama e fazer amor com você, lhe fazer um filho. Nosso filho. Quero deixar o passado para trás, Allegra — murmurou. — Quero que meu futuro esteja ao seu lado.

Ela o abraçou, imobilizada por suas palavras. Allegra aceitou aquele beijo que a inundava com tanta dor até que notou os batimentos de seu coração sob as mãos pousadas em seu peito. Não tinha nem idéia de como resistir, nem sequer de se seria capaz de fazê-lo.

— Viva comigo — lhe pediu ele. — Tenho ouro. Posso cuidar de você e de nosso filho. Desejo ter uma plantação ou uma granja...

Ela se arrancou de entre seus braços e atravessou o cômodo com o corpo tenso, dando-lhes as costas. Com um braço trespassado na cintura, levou uma mão até a boca para sufocar o pranto.

Lazar, atrás dela, ficou em silêncio.

Aquele homem estava louco. Como era possível que a escolhesse em vez de seu reino? Como ela podia estar tão louca para recusá-lo? Fechou os olhos com força lutando por manter a compostura. Tinha que pensar no que era melhor para ele. Melhor para Ascensão.

— Não posso lhe oferecer matrimônio...

— Não.

Silêncio.

— Não me quer — disse ele finalmente, surpreso.

A mão que tinha sobre a boca a impediu de pronunciar a crua verdade, como deveria ao menos para manter sua dignidade, “não sou uma recompensa suficiente para tudo o que você perdeu.”

“Não me quer.”, o sentimento de surpresa passou a um mais frio e duro. “Bom. Bem. Se é assim que quer.”

Ela não foi capaz de falar. Tampouco se voltou. Todo seu corpo tremia.

Lazar falou em um tom baixo e áspero.

— Essa noite, Allegra, pagará sua dívida. Minha paciência acabou.

Ouviu-se a batida da porta.

— *Capullito de alelí!* — Maria gritou de dentro da casa para a adega mau iluminada. — Ceuzinho, a comida está pronta!

— Um minuto — gritou ele com aspereza.

Deus, Maria o irritava. E pobre e inocente Allegra, pensou. Domenic caminhava para cima e para baixo diante dos três homens sangrando que o selvagem de olhos escuros mandara atrás dele para que o matassem.

Tinha utilizado o primeiro deles como exemplo aos outros do que lhes aconteceria se não cooperassem. Os restos daquela pobre criatura se encontravam desabados sobre a cadeira na qual o prendera. Estava a ponto de morrer.

O segundo deles apenas recebera uma surra dos ajudantes de Domenic, uma parte do trato inquisitorial dos velhos tempos, tão bom para a alma. Aquele não duraria muito tempo a não ser que comesse a oferecer alguma informação muito em breve.

O terceiro, um assassino que respondia pelo nome de Jeffers, era o único que Domenic esperava que falasse. Até aquele momento, o senhor Jeffers se encontrava ileso. Domenic se agradava por ter Jeffers esperando com angústia seu turno de ser torturado.

— Piratas, hã? Ainda mantemos essa história, não é, cavalheiros? Por desgraça, ainda não acredito em vocês. Deixe de choramingar — zombou Domenic ante o segundo dos homens. — Agora, pela última vez, perguntar-lhes-ei amavelmente. Me diga. Quem é ele?

Jeffers, trêmulo, foi quem falou para repetir a mesma história que lhe fora contada centenas de vezes.

— Chamam-no de Diabo de Antigua, senhor juiz, e seu nome é Lazar.

— Que Lazar? Qual é seu sobrenome? — grunhiu ele, áspero.

— Nunca o ouvi, Senhor.

— Somos piratas, é verdade! — gritou o segundo homem de repente. — A Irmandade de Plymouth! Dê a ele as coordenadas de Wolfe's Den, Jeff! Vamos! Dê a ele! Já não me importa ninguém: que enforque a todos!

Jeffers estava em silêncio.

O moribundo emitiu um gemido confuso.

Domenic pensou na possível sinceridade do homem ileso enquanto aquele o olhava como um cão espancado.

Entre os rebeldes a quem capturara e aqueles homens, Domenic tinha duas histórias contraditórias para escolher. A primeira consistia naquele conto que aqueles homens derrubados e encolhidos pelo medo lhe tinham contado: que o selvagem de olhos negros era na verdade um pirata conhecido como o Diabo de Antigua. Originário de Ascensão, navegara até ali por causa de uma vingança contra o imbecil do Monteverdi que, no último minuto, decidira não completá-la.

Não tinha nenhum sentido.

A outra opção era considerar que o mito que se difundira entre o povo com tanta força se realizara: que ele não era outro que o filho mais velho do rei Alphonse, Lazar, que, de algum jeito, retornara de entre os mortos para restabelecer a lei dos Fiori.

— Céu! A comida está esfriando, carinho! — gritou Maria em tom alegre do alto das escadas.

— Cale-se! — gritou ele. Deus, aquela mulher atuava como se fosse sua esposa em vez de sua criada, embora um tipo especial de criada.

Maria parecia bastante inteligente sempre que não abrisse a boca.

“Pirata, pirata, pirata”, meditava enquanto caminhava para cima e para baixo na frente dos homens e batia na adaga que tinha pendurada na cintura.

“Ou príncipe? Não, rei?”

Parecia razoável supor que, se seu capitão era efetivamente Lazar di Fiori, ele não teria contado sua autêntica identidade àqueles homens vulgares. A realeza, afinal de contas, não era algo que devesse se mostrar a qualquer um.

Por sua parte, era mais aceitável para a vaidade de Domenic acreditar que, já que naquela noite fora vencido, ao menos fora por um rei e não por um vulgar cão de Ascensão.

Jogou uma olhada aos prisioneiros.

— Talvez seja verdade que não saibam de nada. Talvez os torturei, pobres almas, por nada. Que forma de perder tempo — chegou ao final da adega, deu meia volta e continuou caminhando em direção contrária.

“Objetivos”, disse a si mesmo com determinação. Primeiro: recuperar Allegra. De outra forma, o povo acreditaria que simplesmente não importava a ele o que pudesse acontecer a ela, e aquilo não seria uma boa imagem, não?

Segundo: se aquele rato fosse Lazar di Fiori, teria que impedi-lo de voltar à Ascensão para tomar o poder. Porque, se efetivamente fosse ele, Domenic não tinha nenhuma dúvida de que voltaria. Sim, pensou, tinha que atuar prevendo a pior das situações. Não estava disposto a permitir que ninguém lhe arrebatasse o poder depois de ter trabalhado tanto e de ter se humilhado tantas vezes ante homens que não eram dignos nem de limpar suas botas.

Mas, então, por que o Fiori zarpara? Domenic imaginou um plano tão tortuoso quanto sua mente. Tinha que admitir que o selvagem de olhos negros o igualava em força. Tinha que assumir, então, que seu competidor talvez também o igualasse em astúcia. Embora duvidasse. Ainda não podia imaginar qual era a estratégia daquele homem. A única coisa que sabia era que se Lazar di Fiori retornasse, não havia possibilidade de que ele, Domenic, pudesse permanecer no poder. A não ser que...

A não ser que levasse ao fim uma cruzada para levar o Diabo de Antigua ante a justiça acusado de pirataria antes de que ele pudesse se declarar herdeiro dos Fiori. Domenic sorriu enquanto pensava em qual seria o passo seguinte.

“Quer jogar comigo, bastardo de olhos negros?” Poria um alto preço pela

cabeça do pirata, e Domenic conseguiria que o povo o amasse como amava Allegra. Aproveitaria-se de seu amor por ela para declarar publicamente que a traria de volta sã e salva e que manteria o compromisso matrimonial. Todo mundo saberia, silenciosamente, que ela estava arruinada e sem nenhuma possibilidade.

Ele lhes demonstraria que tinha um grande coração.

Estava inclusive disposto a passar por cima o fato de que, provavelmente, aquele canalha de olhos escuros teria forçado sua entrada entre suas longas e esbeltas pernas. Algo o excitava vagamente ao pensar naquilo: aquele corpo grande e duro dominando-a enquanto ela lutava, retorcia-se e chorava.

Bom, pelo menos podia se consolar com a segurança de que aquela menina frígida não devia ter desfrutado. Era melhor que não desfrutasse.

Porque aquilo, pensou com mau-humor, aquilo o faria se zangar de verdade.

Oferecer um ultimato era um recurso de principiantes, e Lazar sabia, mas seu orgulho ferido o obrigara a proceder assim com Allegra. Arrependeu-se daquela manifestação de arrogância no momento em que seus lábios pronunciaram aquelas palavras, porque não queria que aquilo acontecesse assim com ela, não com raiva. Ela tinha alguma coisa de tão frágil. E agora, ele devia quebrá-la. Acabava de comprometer sua dignidade no fato de possuí-la naquela noite, e se não completasse aquela ameaça, ela o acreditaria um ser de vontade fraca, além de um egoísta, autocomplacente e covarde suicida.

Disse a si mesmo que não lhe importava o mínimo o que ela pudesse pensar dele. A única coisa que queria era aliviar sua carne atormentada.

Durante o dia se ocupou em suas tarefas, embora distraído e meditativo. Nem sequer O Pároco se atreveu a se aproximar dele. Cada vez que levantava o olhar, sentia-se irritado com seus homens. Um que ficava ocioso e não cumpria sua ordem de girar a vela do mastro a estibordo; outro que, tolo, vertia um balde inteiro de alcatrão por convés; outros dois que riam como imbecis por qualquer piada obscena.

Dava-se conta de que era seu mau humor o que os punha tão nervosos e os deixava estúpidos, então subiu até a coifa de vigia só para se afastar deles. Ao subir, deu-se conta de que aquela pequena plataforma não era tão divertida sem Allegra e seu medo de altura. Teve que afastar aquele pensamento.

Observou o horizonte com o telescópio e se deu conta de que não havia nada para ver, exceto as nuvens gigantes e os outros seis navios que levavam os Irmãos de Plymouth para as Índias Ocidentais.

Afastou o telescópio do olho e emitiu um pesado suspiro.

— Maldição, Allegra — disse no meio do silêncio. Como tinham chegado àquele ponto? Justo quando ele permitira que ela se aproximasse mais do que permitira a ninguém: ponto morto. Não gostava de se dar conta de quanto se preocupava com

o que ela pudesse sentir, quanto se preocupava por seu ponto de vista. Aquela preocupação por ela era desproporcional e, era óbvio, ela não o correspondia.

“Mas me abri para ela”, pensou com uma estranha dor no peito. “Que diabos mais quer de mim? É porque não lhe pedi que se casasse comigo?”

Talvez não tivesse pedido que se casasse com ele, mas era a melhor oferta que ele jamais fizera a uma mulher. E ela nem sequer a tivera em conta. O recusara diretamente. Sabia que existiam ao menos cinquenta mulheres que teriam beijado o chão ao seus pés se ele lhes tivesse pedido que tivessem um filho dele.

Não valia a pena aquela dor de cabeça. Não por Allegra, maldita mulher, sua nobre e idealista pequena mártir.

Jurou que, a partir daquele momento, só se relacionaria com mulheres que não fossem virgens, que fossem tão egoístas e frívolas quanto ele. Mas não podia ser que ele a tivesse interpretado tão mal. Ela o desejava. Notava.

Ora. Aquela garota era tola. Estava tão decidida a salvar o mundo, e a ele de passagem, que nem sequer pensava em sua própria felicidade. Parecia-lhe detestável.

Não só tinha descartado sua vida para salvar sua miserável família da morte, não. Agora, Santa Allegra renunciaria àquilo que ele suspeitava que ela também desejava tanto em nome de Ascensão.

Em nome dele. De sua felicidade, fosse isso o que fosse.

Aquela garota não tinha nenhuma noção de qual era seu próprio interesse, nem sequer praticamente um mínimo?, perguntava-se. Não se dava conta de que estava arruinada? Bem, ele não estava disposto a permitir que ela se sacrificasse por ele.

Ele era muito capaz de se mostrar duro se a ocasião requeresse e, no que respeitava a Allegra, estava totalmente decidido a se comportar de tal forma. Sorriu e decidiu que não se dedicaria a seduzi-la simplesmente: a engravidaria naquela mesma noite. Prenderia-a com um filho, obrigaria-a a ser feliz, maldição.

Deus, que idéia tão estúpida. Era justo aquilo o que ele necessitava. O ele que faria com um catarrento gritadeiro? O que ele acreditara com todos aqueles sonhos tão sensíveis? Como teria rido dele o capitão Wolfe se tivesse sabido que levava tão a sério aquela menina tão inocente. A única razão pela que a subira a bordo era porque queria se deitar com ela. Quanto antes tivesse se satisfeito com ela, antes sua vida voltaria a ser tão frívola quanto sempre. Então talvez seria capaz de voltar a pensar com clareza.

Abandonou as alturas da coifa de vigia e se dirigiu a seu camarote. Abriu a porta: a dama não estava lá, graças a Deus.

Fechou a porta com chave. Zombando intimamente de sua própria tolice, serviu-se de um grande copo de seu melhor rum e, relutantemente, aproximou-se dos documentos que aquela mártir virgem abandonara otimistamente sobre sua mesa.

Cada um daqueles livros de contas, registros oficiais e livros maiores que ele

trouxera dos escritórios de Monteverdi tratavam de diversos aspectos do estado de Ascensão. Sua única intenção era dar uma breve olhada enquanto Allegra não se encontrava ali para se alegrar com aquilo ou encher sua cabeça de tolices. Só tentava se distrair da agitação interna que sentia. Não tinha nenhuma intenção de se concentrar naquilo durante três horas, nem de se enfurecer ante o que averiguasse.

A tarde passou a noite e Lazar ainda estava sentado à mesa. Um tic nervoso no olho esquerdo delatava a raiva que sentia enquanto examinava os documentos. A iminente ruína financeira de Ascensão se encontrava limpidamente explicada em um relatório que tinha diante ele. Não havia nenhum rastro de nenhum plano que se esteve usando para evitar aquele desastre.

O que leu era suficiente para deprimir o mais hedonista dos homens.

Os registros demonstravam como Gênova estivera saqueando Ascensão durante os últimos quinze anos. Agora que já fortunas já tinha sido perdidas e que a bancarrota era iminente, os genoveses foram retirando discretamente e as hostilidades aumentavam à medida que as arcas se esvaziavam.

Todos os registros, um após o outro, narravam com detalhe a revolta dos camponeses contra os ricos, a desumanidade dos crimes que os ricos tinham cometido contra os pobres. Lazar estudou os censos e conheceu o impressionante número de mendigos e a taxa de mortalidade infantil. Repassou informações sobre todos os temas, da agricultura à criminalidade. Soube da escassez de médicos, da corrupção do sistema, da cada vez maior influência das famílias criminosas. Nenhum oferecia uma solução possível. No tema econômico, inclusive as mais novas e aceitas teorias de modernização eram desconhecidas. Não encontrou nenhuma palavra a respeito da construção de um moderno canal, de um sistema de estradas de pedágio nem da construção de caminhos decentes apesar de que aquelas teriam sido medidas adequadas para conseguir que alguns velhacos trabalhassem e para que os bosques de madeira de Ascensão onde ele brincara de Robin Hood quando criança fossem limpos. Ao final, soltou um suspiro de desgosto e afastou os papéis para um lado. Notava que começava sentir uma dor-de-cabeça para se somar a suas misérias, entre elas a de sua necessidade de uma mulher. Levantou-se e, daquela vez, se serviu de um copo de conhaque. Se espreguiçou para desentorpecer depois de tantas horas sentado à mesa. Porque talvez durante a última meia hora estivera meditando, apesar de tudo, em várias estratégias que poderia utilizar para resolver os problemas de Ascensão. Sempre de forma hipotética, é óbvio.

Quando começou a sentir a emoção por aquele enorme projeto, por todos aqueles desafios e dificuldades, fechou as caixas com os documentos dentro e pegou outro copo.

Negava-se, negava-se a se deixar-se apanhar pelas fantasias de Allegra. Ele não era esse tipo de homem. Não era seu príncipe. Bem, era, mas só de nome. Ele não tinha nem um fio daquele espírito de sacrifício, e se alegrava daquilo. Ainda sentindo o tremor no olho esquerdo, disse a si mesmo que tinha melhores coisas

nas que pensar.

Nos seios de Allegra, por exemplo, e na alegria que sentiria aquela noite ao arrebatá-la sua castidade.

Seria fácil. Faria-a arder, retorcer-se e gritar por ele. Ensinar-lhe-ia o que pensava a respeito de sua moralidade e de toda sua altivez. Sim, pensou, um pouco de sexo a poria em seu lugar.

Olhou para o cruel mar verde. O sol estava se pondo.

Na cama, pensou, enquanto levava o copo aos lábios. Pelo menos ali era o único lugar onde ele não a decepcionaria.

O sol já estava se pondo e Allegra ainda não sabia qual devia ser sua resposta ante o ultimato de seu captor.

Tinha passado o dia ocupada em várias tarefas. Pôs-se a ordenar os papéis de seu pai, começara a arrumar um de seus vestidos e estivera contemplando com tristeza uma imagem em miniatura de sua mãe. Todo aquele tempo tentara aceitar a situação com Lazar.

Tentava dormir um pouco no refeitório, com o vestido meio arrumado como travesseiro porque não se atrevia a se deitar no camarote por medo de que ele aparecesse a qualquer momento. O piso era incômodo e os fantasmas se reuniam a seu redor em meio aos rangidos da madeira do navio. Fechou os olhos.

Aquele homem — o mais valente, o mais incrível, adorável e desamparado homem que ela jamais vira — queria que ela vivesse com ele. Ainda não podia acreditar naquilo. Ele lhe dissera que ela era sua bússola: “Todo navio necessita de uma bússola”, dissera ele, e também lhe dissera “me amem”. Ele falara coisas muito bonitas, dissera-lhe que era linda. Ele desejava formar um família com ela: Lazar di Fiori, seu príncipe.

E ela dissera não.

Aquilo lhe gerava tal dor no estômago que nem sequer podia chorar. Ele lhe devotara suas fantasias numa bandeja, mas tudo aquilo era errado. Ascensão necessitava de Lazar mais do que ela o necessitava. Sim, o necessitava, isso era certo, mas ela necessitava que ele se curasse e o que Lazar necessitava de verdade era seu reino, sua casa. Se encontrasse no lugar que lhe correspondia, poderia curar aquelas feridas de vergonha que tinham arrebatado toda a fé de sua alma.

“Não me quer” Como podia pensar aquilo? Que homem tão tolo! Por que tinha que atormentá-la daquela forma, pensava enquanto se revolia, inquieta, naquela dura cama. Por que não podia deixá-la em paz? E quanto àquela noite, ela poderia resistir, lutar com ele? Poderia? A única coisa que ele tinha que fazer era beijá-la uma vez. Não, nem sequer precisava tocá-la. A única coisa que tinha que fazer era olhá-la daquela forma e ela não seria capaz de resistir. Aquela era a parte mais amarga de todas. Naquela noite, ele iria até ela como Lúcifer para pôr a prova sua

fortaleza moral, para encontrar seu ponto fraco com suas muitas artes de sedução. Como poderia ela se manter a salvo se todo seu corpo pedia a gritos aquele homem, se cada olhar dele a fazia arder de desejo? Que oportunidade lhe daria seu próprio coração se não a de se abandonar a ele e ao que lhe pedisse, lhe oferecer tudo o que tivesse para oferecer?

Não, ela não devia lhe dar nenhuma oportunidade. Devia permanecer firme.

Estava disposta a fazer tudo para ajudá-lo a recuperar Ascensão, mas não podia pôr seu coração em um homem que nunca poderia ter, como sua mãe fizera. Não podia se condenar a uma vida de solidão. E se entregasse a ele naquela noite, não haveria forma de evitar sua completa devoção por ele.

Seria capaz de se negar aquele clímax bem naquela noite, como fora capaz de recusar a irresistível oferta daquele dia, a de fugir de seu destino e se esconder em uma granja idílica com algumas crianças felizes e descalças. Sim, tudo aquilo parecia adorável. Mas em Ascensão, seu povo estava sendo perseguido. Em nome deles, ela não podia se permitir ser seu brinquedo. Tampouco acreditava que ele a teria de nenhuma outra forma.

Allegra percebera a dor nos olhos dele quando o recusou. O tolo. Por ter ferido seu orgulho, naquela noite ele levaria sua lenta e deliciosa vingança e a verdade era que ela o desejava.

Não havia nenhuma maneira de que encontrassem seu caminho? Ele podia se converter em rei e ela podia ser sua amante. Os homens poderosos tinham amantes e isso era sabido por todo mundo, sussurrava-lhe uma voz tentadora, porque aqueles homens se casavam por razões de poder.

Às vezes amavam mais suas amantes que suas esposas. Por que ela não poderia ser sua amante e conseguir que se casasse com a princesa Nicolette de Habsburgo?

“Oh, porque isso iria contra o Sexto Mandamento, para começar”, disse a si mesma.

Não devia nem pensar naquilo. Se ela não permanecesse íntegra em sua dignidade, de que utilidade poderia ser para ele, ou para si mesma, ou para Ascensão ou para qualquer um, por certo?

Talvez devesse fazer aquilo, de qualquer maneira. Talvez devesse lançar ao mar seu juízo sadio como se lançasse uma moeda a uma fonte. Talvez devesse suportar a tortura. Estraçalhar sua moralidade por ele.

Talvez então ele estivesse satisfeito, pensou com tristeza, ao ter tomado seu orgulho em troca do dele, ao não sobrar nada mais dela que pudesse irritá-lo. Ele a afastara de tudo, seu príncipe demônio. Que esperança cabia de que lhe permitisse conservar sua alma?

Ao final se levantou, afastou os documentos em que fora impossível se concentrar. Respirou fundo, arrumou o cabelo e caminhou para a popa pelo escuro corredor, escutado os fantasmas de Lazar.

Seria sincera. Mostraria-se decidida. Seria orgulhosa.

A sala de estar se encontrava vazia e mau iluminada. Emilio não cozinhou nenhum jantar especial naquela noite. O Pároco não era visto por nenhum lado.

Allegra tentou deter o tremor nas mãos e pegou o pomo da porta do camarote. O cômodo se encontrava às escuras, as cortinas ondeavam de forma fantasmagórica na porta do balcão. Ela não podia vê-lo naquela escuridão, mas sentia sua presença. Então ele falou. Sua voz soou doce como um cetim negro.

— Feche a porta.

Capítulo quinze

Com o coração acelerado, Allegra obedeceu aquela suave ordem e logo se voltou para observar a escuridão do cômodo. Percebeu a silhueta dos ombros de Lazar na poltrona. Estava completamente vestido, notou com alívio. Vestido de forma bastante elegante, não como um pirata. Tinha uma perna em cima

da outra e os braços em cima dos braços da poltrona. Tinha uma taça de vinho na boca com a qual acariciava os lábios lentamente.

— Venha aqui.

Hesitando, ela se aproximou e ficou de pé diante dele a uma distância prudente. Não tinha que se aproximar mais para notar seu humor perigoso. Aquele era o lado de Lazar que conhecera uma vez, aquele ser sombrio que albergava uma tormenta em seu interior e ante o qual ela se dobrou ao fazer seu juramento.

— Mais perto.

Ela deu um passo para ele. Ele estava em silêncio. Allegra notava seu olhar que a atravessava e, para sua própria vergonha, sentiu que seu corpo respondia a ele.

— Solte o cabelo.

Com mãos trêmulas, Allegra obedeceu como se estivesse em transe.

— Me mostrarei amável, sabe? — murmurou ele. — Não utilizarei força. Não vou precisar dela.

Fez-se um tenso silêncio enquanto se olhavam com tanta hostilidade quanto atração. Ela lutava por manter a mente clara contra a droga do desejo que sentia.

— Por que brinca assim comigo? — perguntou ela com a voz tranqüila. — Eu só quero o melhor para você, como sabe muito bem.

— Nós, os hedonistas, somos muito aficionados aos jogos.

— Bebeu seu veneno outra vez? Terá pesadelos.

— E a levarei a eles comigo. Tire o vestido, *chérie*.

Ela engoliu em seco com dificuldade sem saber o que lhe dizer.

— Deve ser dessa forma? — perguntou-lhe, dando-se conta de certa nota leve no tom de voz que dificilmente escondia seu desejo.

— Oh, sim — sussurrou ele. — Tire o vestido.

Ela não conseguiu fazer aquilo.

Olhou-o, sentindo-se presa, impressionada. Lazar tinha os olhos escuros e acesos, brilhantes pela dor das feridas que albergava. Ele tomou um gole. A alvura de um dente brilhou a luz da lua enquanto ele limpava os lábios com a língua.

Ao ver que ela não tirava o vestido, Lazar se levantou e se aproximou dela como um predador. A respiração de Allegra se agitou ao vê-lo se aproximar. Ele era imponente. Seus ombros pareciam duas enormes montanhas e as linhas de seu rosto apareciam muito agudas. Naquela noite seus olhos não mostravam brilho, seus lábios não desenhavam nenhum sorriso.

— Por favor, não posso lutar com você — sussurrou ela. — Vai me destruir.

— Ora, ora, tão dramática. Só é sexo — lhe disse ele, ficando atrás dela.

Ela apertou os olhos fechados e ele começou a lhe desabotoar o vestido.

— Lazar, não queria feri-lo. Teria gostado muito de viver com você em sua granja...

— Essa oferta já não continua de pé.

Ela ficou tensa.

— Não dou por certo que esteja.

Suas mãos se detiveram em suas costas.

— E apesar disso, está aqui.

— Sim.

— Esperando uma boa transa, não é, minha pequena Santa?

Ela deu um salto ao ouvir aquelas palavras, pronunciadas deliberadamente para destroçar a beleza do que ambos tinham compartilhado.

— Não, Não desejo estar aqui. Você sabe tão bem como eu que isso não é certo. Estou aqui porque lhe dei minha palavra de honra e porque não sou uma covarde. Além disso, não há nenhum lugar onde se esconder nesse navio.

— Nisso tem razão — ela notava a respiração cálida dele no pescoço enquanto percorria suas laterais com as mãos e a agarrava pelos quadris para atraí-la contra sua pélvis. — Você é minha. Não existe nenhum lugar onde possa se esconder de mim. Se fugir, abrirei o mundo em um canal até que a encontre e, enquanto a busco, irei até você e a tomarei em cada um de seus sonhos.

Ela fechou os olhos com desejo, com todos os músculos do corpo tensos e cada centímetro da pele dolorida. Ele terminou de lhe desabotoar o vestido, abriu-o e introduziu as mãos debaixo do tecido para tomar os seios com as duas mãos. Acariciou-lhe os mamilos lentamente com os dedos, mas não com suavidade. Ela reprimiu um gemido de desejo.

Allegra não podia acreditar no que sentia. Só fazia alguns minutos que se encontrava naquele cômodo com ele e já caíra rendida em suas mãos.

— Por favor, me deixe ir — pediu com voz entrecortada.

— Parece que não se dá conta do quanto necessito disso — ouviu o que ele lhe sussurrava ao ouvido. — Não sou uma fantasia, Allegra. Sou um homem de carne e osso e tenho necessidades.

Ela fechou os olhos desesperada.

— Se fizer amor comigo, nunca superarei, Lazar. Sempre estarei ferida por sua causa.

— Mas isso é o que eu quero, *chérie*. Que se consuma comigo em meu inferno.

Fraca, ela se apoiou contra ele consumida por aquela paixão, quase desarmada pelo desejo. Ele empurrou um lado do vestido para baixo e começou a lhe beijar o ombro, mordiscando-o com suavidade. O corpo de Allegra estremeceu e sentiu, profundo, seu desejo por ele.

Esforçou-se para se recompor. Mas quando ele deslizou as mãos para a frente do vestido pela segunda vez e as desceu por cima de seu ventre até deslizar os dedos entre suas pernas, Allegra quase soluçou de necessidade e jogou a cabeça para trás, sobre seu largo ombro.

— Mmm, que umidade tão sedosa...

— Lazar di Fiori — sussurrou ela — está partindo meu coração.

Ele se deteve.

Tirou as mãos de baixo do vestido e, tomando-a pelos braços, obrigou-a a se voltar. Ela estava tremendo. Segurou-a pelos ombros e a olhou quase com ternura.

— Por que, *chérie*? Por que diz algo assim?

Ela não levantava a cabeça, então ele tomou o queixo entre os dedos e lhe levantou o rosto. Olhou-o nos olhos.

— Porque agora compreendo tudo. Você sobreviveu à custa de sua honra.

Os olhos negros de Lazar se mostraram ofendidos. Ao fim de um momento, a fúria apareceu neles.

— O que disse?

Ela deu um passo para trás, assustada, e recompôs o vestido sobre o ombro. Tinha o coração acelerado. Devia lutar para sobreviver.

— Pode se apresentar como uma vítima e justificar o fato de que toma tudo que deseje daqueles que cruzam em seu caminho pelo fato de que foi mal tratado. Mas são as pessoas de Ascensão as verdadeiras vítimas em tudo isso. Você diz que meu pai traiu o rei Alphonse — cuspiu ela — mas você é o único que o está traindo agora.

Ele empalideceu ao escutar aquelas palavras e a olhou, imobilizado pela ofensa.

— Não se atreva a me dizer isto.

— É verdade. Olhe que a conduta provoca sua dor. Não se dá conta de que continuará sofrendo até que decida fazer o que acredita que é certo?

Ele a olhou em meio a um profundo silêncio.

— Essa noite estou aqui porque você me importa, e é porque me importa que devo lhe dizer isso — Allegra tomou ar — Alteza, você traiu seu povo, seu pai e você mesmo. Não posso me oferecer a um homem assim.

Lazar a olhou em silêncio, surpreso. Abriu a boca mas não pôde dizer nada. Voltou a fechá-la e apertou a mandíbula.

Deu meia volta com brutalidade, dirigiu-se para a porta e abandonou o cômodo dando uma batida atrás dele.

Allegra ficou ali, de pé, tremendo na escuridão.

— Oh, Deus — murmurou. — O que fiz? Agora ele me matará.

Escutou os furiosos passos dele que atravessavam a sala de estar e saíam ao corredor.

Allegra se precipitou para a porta e a fechou a chave. Logo apoiou uma cadeira contra ela, por baixo do pomo. Suas mãos tremiam: sabia que daquela vez fora longe demais.

Se aconchegou no chão, na porta do balcão. Ouvia as vozes dos homens lá em cima e tentou escutar o que diziam. Pareceu escutar a voz de Lazar entre elas.

Acabava de fechar os olhos em um esforço para se acalmar enquanto rezava uma oração quando se sobressaltou ao ouvir o primeiro disparo de canhão.

Raposa.

Lazar se dirigiu à popa. Sentia o pulso agitado nos ouvidos. Ao chegar, ordenou que jogassem a âncora para o desconcerto do timoneiro e do vigia. Logo se dirigiu para o pequeno canhão do castelo de proa e disparou o triplo tiro de canhão que indicava aos outros navios que deviam se deter.

Com a mecha que utilizara para disparar o canhão, acendeu um charuto e esperou enquanto tentava reprimir a fúria e se tranquilizar com o olhar cravado nas ondas do mar. Muito em breve, os outros seis navios devolveram os disparos indicando que também tinham jogado a âncora. Mas os capitães ainda demorariam um pouco a chegar com seus botes.

— Capitão, o que aconteceu? — perguntou Hartcour, preocupado.

— Estejam atentos — grunhiu ele a seu fiel contramestre.

O homem se encolheu de medo e escapuliu. Lazar caminhou até a proa com um punho apoiado no quadril. Com o charuto entre os dentes, subiu ao mastro de proa e se agarrou a uma das cordas de **foque**. Dali observou as brilhantes estrelas além do espectral velame. Pareceu-lhe que o céu escuro que envolvia aquelas pequenas estrelas estava zombando dele, daquela cabeça de turco. O mar, ao seu redor, era tão negro como os olhos de um árabe. Os tubarões o sulcavam em silêncio.

Agora sua alma seria posta a prova, pensava com amargura. Agora saberia se tinha algo da coragem de seu pai

“Que assim seja”, disse em tom de ameaça olhando ao céu. “Quanto a você, minha querida Allegra, engolirá suas palavras e que Deus ajude a ambos.”

— É um suicídio! — exclamou Bickerson, o capitão do *Tempestade*.

Lazar lhe dirigiu um olhar ameaçador. O Pároco, ele e os seis capitães piratas se encontravam reunidos ao redor de uma mesa sobre a qual os lampiões balançavam suavemente ao ritmo do navio.

— Sem recompensa? — perguntou Fitzhugh.

— Nada — respondeu Lazar.

Fitzhugh, o capitão do *Sabujo*, era um escocês taciturno de longas costeletas cinzentas e sobrancelhas despenteadas. Tinha a mesma idade que O Pároco e era um dos primeiros recrutas de Wolfe, nos primeiros tempos da Irmandade de Plymouth. Fitzhugh era mais prudente que a maioria dos seus, e para ele a pirataria era um negócio. De todas as formas, sua galera, embora tivesse um desenho antigo, era a melhor armada da pequena frota.

— Sabe que estou com você, capitão — disse Sullivan —, não importa o que esses bundas moles decidam — o jovial irlandês passeava pelo cômodo com os braços cruzados.

Estava claro que Sully tinha algo na cabeça, pensou Lazar.

— Capitão Morris? — perguntou O Pároco ao petimetre e jovem norte-

americano, um bucaneiro que não tinha escrúpulo nenhum em cortar pescoços.

— Estou pensando — respondeu o super jovem capitão enquanto brincava com os sujos laços do punho.

Russo, o feroz capitão português da embarcação *A Sultana* golpeou a mesa com as palmas das mãos e olhou o grupo. Apontou para Lazar e disse:

— Esse homem os tem feito ricos e, um dia, recebeu os golpes de Wolfe em lugar de todos vocês! — gritou com paixão. — Nos pede um favor. Eu digo temos que fazer!

— Temos que levar a mercadoria ao mercado de Cuba — insistiu Bickerson, o corado gigante alemão. — Já sabe que nossos compradores não gostam de esperar.

— Não são eles quem me preocupa — disse o jovem Morris arrastando as palavras. — São os malditos genoveses que nos seguem.

Lazar entrecruzou os dedos das mãos. Tinha o sabor da raiva na boca.

— Landau, não disse nada.

O alto e ardiloso francês, filho deserdado de um cavalheiro, era o capitão do belo e ágil navio *A Libélula*.

— Minha única objeção é que não nos conta nada — respondeu Landau. — Nos pede que demos meia volta, para possivelmente nos encontrarmos com os navios que nos perseguem, que voltemos a atravessar Gibraltar e que passemos pela costa dos Bárbaros, apesar dos traiçoeiros bancos de areia que a protegem. Tudo isso sem nenhuma recompensa. Somos seus amigos, Lazar, mas deve, pelo menos, nos dizer por que é tão importante para você ir à fortaleza daquele traficante de ópio.

— Ou estão comigo ou não estão — respondeu Lazar, dando de ombros. — Os detalhes desse assunto são de minha incumbência.

— Esse homem tem os ovos de chumbo! — exclamou admirado Morris. O jovem capitão tomou um gole de sua cigarreira. — Que diabos! — disse enquanto limpava os lábios com o sujo punho da camisa. — Eu farei.

— Já são três — disse O Pároco, o olhando.

— Fitzhugh ?

— É uma loucura — grunhiu o velho escocês. — Para mim soa à busca de glória de um juvenzinho, e suspeito que o fim último disso é impressionar uma mulher. Não vou arriscar minha tripulação para o prazer de seus atributos!

Lazar estava decidindo como podia responder àquilo quando Allegra entrou na sala do camarote, bem a tempo. Lazar se deu conta de que estava pálida e tensa, mas se negou a acusar sua presença apesar de que os homens afastaram as cadeiras para seguir o exemplo do Pároco que ia se levantar.

— Há uma batalha? Fomos atacados? — perguntou ela, o olhando.

Seis dos homens se levantaram para lhe assegurar que tudo estava bem: só tinham sido sinais de canhão. Lazar tinha o olhar cravado em suas mãos sobre a mesa. O Pároco se encarregou de apresentar cada um dos piratas à indômita senhorita Monteverdi.

Lazar estava absolutamente atento a ela, embora nem sequer lhe dirigiu um

olhar. Cheirava-a, sentia-a a um metro de distância. Recém asseada e radiante, aquela pele de marfim nunca lhe parecera mais tentadora. Usava o vestido cor de pêssego preso castamente e prendera os cabelos com esmero. Tinha todo o aspecto de uma senhorita de escola de convento.

Quem poderia suspeitar que uma criatura de aparência tão delicada podia ter uma língua tão letal como o aguilhão de um escorpião?

O extravagante e jovem Morris tentou iniciar um educado diálogo com ela e o francês dirigiu um olhar de cumplicidade para Lazar. Ele estava perto no momento em que Allegra o desafiara e Lazar se deu conta de que o olhar de admiração de Landau falava de que aprovava sua coragem.

Landau se apresentou a si mesmo e lhe beijou a mão com galanteria. Naquele momento, Lazar sentiu, não sem certo humor amargo uma pontada de ciúmes no peito. Outra experiência nova, mas Landau se voltou para ele com um sorriso enquanto Allegra saudava outro dos homens.

— Muito bem — murmurou Landau. — Participarei desse seu jogo e talvez, algum dia, meu amigo, me contará o que significa tudo isso. Mas lhe advirto, se meu navio receber nem sequer um arranhão...

Lazar lhe dirigiu um sombrio sorriso e ambos observaram como Allegra cativava Fitzhugh. O Pároco olhou, divertido, para Lazar, quando o velho capitão tomou a mão dela como se fosse de porcelana com o chapéu preso contra o peito.

Depois do Russo mostrar cálidas boas-vindas e Sullivan a saudar com cortesia e certo acanhamento, Allegra rodeou a mesa e se colocou submissamente, como em atitude de obediência, atrás de Lazar. Esse se surpreendeu, mas logo compreendeu por que o fazia.

Allegra simplesmente indicava àqueles homens que a olhavam com grande interesse que ela já tinha um protetor.

Allegra pôs uma mão sobre o ombro de Lazar.

Aquela garota tinha caráter, pensou Lazar. Ousava reclamar sua proteção poucos momentos depois de lhe ter negado seu direito sobre seu corpo e de tê-lo insultado como ele nunca fora em sua vida.

Apesar disso, Lazar levou a mão esquerda até o ombro e entrelaçou os dedos com os dela. Não disse uma palavra, simplesmente olhou inexpressivamente o grupo.

Allegra se aproximou um pouco mais dele e Lazar notou seu medo. De algum jeito, isso lhe provocou um perverso prazer. Parecia que aquela seria a única satisfação que ia obter dela. Um vago sentimento de culpa o corroía pelas palavras que lhe dirigira e por como a tratara, “mas, diabos”, pensou “não vou me desculpar. Está conseguindo tudo o que quer.”

Fitzhugh olhou primeiro para Allegra e logo para Lazar com uma expressão implorante.

— Conduza esses caçadores de glória até o próprio rio Estige se esse for seu desejo, capitão, mas não leve essa menina ao perigo com você! — disse-lhe

zangado. — Bickertan ou eu mesmo velaremos por sua segurança.

— Oh, eu permanecerei com Lazar, senhor — respondeu ela com calma, embora com determinação enquanto levava a outra mão sobre a de Lazar.

— Senhorita, isso é muito perigoso.

— Isso é verdade? — ela perguntou a Lazar.

— Fitzhugh é um homem honesto.

Ela olhou o escocês com seriedade.

— Essa é uma boa razão para ficar ao seu lado.

Ao ouvir essas palavras, Lazar sentiu uma pontada de dor no peito. Não podia compreender aquela criatura. Um minuto antes o destroçara com sua língua afiada, e agora ia ao seu lado como se fosse uma esposa obediente. “Aonde você for, eu irei.”

Se soubesse aonde os conduzia, comportar-se-ia de outra forma.

— *Bravo*, bela — disse Russo com um amplo sorriso.

— *Quelle femme* — sussurrou Landau.

Bickerson, ao se dar conta de que ficava sozinho, cedeu e o assunto se decidiu por unanimidade.

Ao fim de uma hora, Lazar tinha feito toda a frota virar e os conduzia para o leste em direção à costa dos Bárbaros.

Apesar de que naquele momento não teria deflorado aquela pequena ferinha de língua afiada mesmo que ela lhe pedisse de joelhos, Lazar tinha que admitir que ela tinha razão outra vez.

Ela não poderia respeitá-lo, nem ele poderia se respeitar, se não o fizesse. Estava cansado de lutar contra o inevitável.

Se queria Allegra, tinha que socorrer Ascensão. Para demonstrar que Ascensão era sua por direito, teria que mostrar o selo do anel. E isso significava enfrentar seus piores pesadelos.

Por Deus, embora tivesse que gastar toda a pólvora que possuía, voaria aquele delicioso inferno de Malik pelos céus e obteria aquele maldito anel.

Ou, talvez mais provavelmente, morreria tentando.

Durante a meia hora seguinte, ele e seus homens discutiram a rota, os ventos e as formações de batalha em caso de enfrentamento com os navios genoveses. Apesar de tudo, Lazar não acreditava que os navios inimigos os tivessem seguido no Atlântico.

Ao final, todos os capitães, menos Sullivan, voltaram para seus navios.

— Devo lhe falar sobre um assunto, capitão — lhe disse enquanto dirigia um cauteloso olhar para Allegra. Ela não pronunciara palavra alguma em todo o momento.

— Fale com confiança, amigo.

— Encontrei um vagabundo quando zarpamos de Ascensão — comunicou-lhe.

— Trouxe-o a bordo para que possa interrogá-lo, se assim deseja. Encontra-se em seu navio.

— Traga-o aqui.

Enquanto Sully abria a porta e ordenava a um dos homens que fosse procurar o prisioneiro, Lazar se voltou para O Pároco sem ignorar que Allegra o estivera olhando com nervosismo todo o momento.

— Quero que desaloje seu camarote.

O Pároco o olhou por alguns momentos.

— Droga. Já sabia.

Com um gesto cansado, o homem se levantou, deu uma palmada amistosa nas costas Lazar e saudou a senhorita Monteverdi antes de abandonar a sala. Na porta, Sully lhe desejou boa noite. Logo, o irlandês fechou a porta e olhou para Lazar com o cenho franzido.

— Esse vagabundo, capitão — começou. — Esse homem conta algumas histórias estranhas. Diz — continuou, hesitando — diz que você é o rei da ilha. Rei, ele diz. Diz que assassinaram sua família e que todo mundo esperou sua volta ao poder.

— Ah, sim? — perguntou Lazar com leveza.

Sully o olhou com expressão interrogativa e profundamente surpreso.

— O tive preso em meu navio, mas suas histórias correram por todo o navio. Os homens fazem perguntas e quero saber o que devo lhes dizer. Bom, diabos, isso é... verdade?

Lazar olhou por um longo momento seu bom amigo.

— Sim — respondeu. — É verdade.

Lazar notou que os olhos de Allegra se fixavam nele. Antes que Sully pudesse dizer nada, fizeram entrar o prisioneiro.

Lazar o olhou, abatido e com desagrado, ao ver que se tratava de Bernardo, o mesmo violonista gordo e desajeitado que tinha se aproximado dele na praça depois do assalto.

— Senhor! Oh, meu senhor, arrisquei a vida para segui-lo...

Calou-se de repente ao reconhecer a filha do governador. Olhou-a com uma expressão de reconhecimento e malícia naqueles olhos vermelhos e pequenos. Allegra lhe devolveu um olhar imperturbável e cruzou os braços sobre o peito.

— A senhorita Monteverdi se encontra sob meu amparo — anunciou Lazar com frieza. — Pode ficar a bordo de *A Baleia*; talvez você seja de alguma utilidade, por menor que essa seja. Mas se dirigir a essa dama o mais leve dos insultos, se seu mero aroma ofender o olfato dela, meu amigo, será isca de tubarões.

Logo que Sully e Bernardo partiram, Lazar deu meia volta e entrou no camarote.

Allegra seguiu seu alto captor a uma distância prudente. Só se arriscou a chegar à entrada do camarote, de onde escapara com tanta dificuldade de perder a

virgindade... *no momento*, disse-lhe uma voz interior.

Com cuidado, observou o largo perfil dos ombros e das musculosas costas contra o azul escuro da noite. Lazar se deslocava pelo camarote com uma elegância inquieta. Acendeu um lampião e, sob aquela luz laranja, sua expressão apareceu dura e pensativa.

— Lazar, o que está acontecendo? — perguntou ela com acanhamento.

— Recolha seus pertences dessa cômodo, senhorita Monteverdi — lhe ordenou em tom duro e inexpressivo.

— Eu... eu não tenho nada aqui — respondeu. — Meus baús se encontram no armazém lá de baixo.

Lazar se dirigiu até o lavatório e pegou seu pente de prata. O ofereceu a ela sem se aproximar e com um olhar de reprovação. Ela o pegou e o manteve contra o peito, atemorizada por aquela atitude distante.

— Venha — lhe ordenou enquanto passava ao seu lado e se dirigia à sala de estar. — Me siga, por favor.

Ela o seguiu com o coração acelerado. Entraram no segundo camarote, que se encontrava abaixo da escada. Só havia um camarote a mais no navio, e esse era compartilhado pelo Pároco, o doutor Raleigh, o cirurgião do navio, o senhor Hartcour, o contramestre, o senhor Donaldson, o contável, e Mutt, o chefe carpinteiro. Todos eles se encontravam tirando suas esteiras e seus poucas pertences.

Allegra baixou a cabeça, envergonhada por aqueles homens terem de sair de seus aposentos por que ela não se dava bem com o capitão. O senhor Hartcour passou ao seu lado e lhe dirigiu um sorriso como se lhe dissesse: “Não se preocupe, Senhorita”.

O Pároco lhe dirigiu uma piscadela de ânimo e riu para si mesmo enquanto caminhava pelo corredor para pendurar sua rede com os outros na sala comum dos marinheiros.

Quando saíram, Lazar observou o camarote, que era a metade do seu. Assentiu com um gesto breve de cabeça.

— Boa noite, senhorita Monteverdi.

— Lazar, por favor. Por que demos a volta? Aonde você nos leva? Qual é o perigo de que o capitão Fitzhugh falou? Me diga o que está acontecendo.

Ele fez uma pausa e girou um pouco a cabeça para ela. Olhou-a com seu olhar mais severo e autoritário, o mesmo que fazia seus homens tremarem.

— Vou lhe contar com exatidão o que está acontecendo, *chérie*. De novo você me obrigou a fazer sua vontade. Vá em frente, pode se felicitar. Só que, dessa vez, é possível que custe a minha vida. Mas não tema: quando estiver morto, você ainda conservará sua virtude para que a console.

— Vamos voltar para Ascensão ? — perguntou em um sussurro.

Ele olhou seus olhos negros e frios durante um momento.

— Primeiro devo demonstrar minha identidade.

Ela reteve a respiração: ele voltaria de verdade!

— Qual é essa prova? Onde devemos consegui-la?

— Está forçando sua sorte, minha menina — a advertiu.

— Por favor, me diga — lhe pediu com expressão submissa.

Devagar, Lazar se aproximou dela. Ela se afastou dele até que se encontrou de costas contra o biombo. Ele se aproximou, ameaçador, respirando pesadamente.

— Começamos uma corrida em direção à costa dos Bárbaros, senhora. Também conhecida como O Inferno — estendeu uma mão e a introduziu entre suas pernas, sobre o monte de Vênus, acariciando-a com intensidade enquanto baixava a cabeça e lhe roçava uma face com os lábios. — Será melhor que valha o esforço — murmurou.

Afastou-se antes de que ela tivesse tempo de protestar. Voltou para a porta.

— Essa porta tem um bom ferrolho — lhe disse, se detendo. — A conselho que o utilize.

Então a deixou sozinha, com os olhos muito abertos e o pente contra o peito, no pequeno cômodo.

Agitada por aquele contato, Allegra se sentou, sentindo-se fraca, e começou a se perguntar que diabos fazia uma prova de sua identidade na costa dos Bárbaros.

Capítulo dezesseis

o fim de dois dias recebendo o trato mais frio de Lazar, Allegra estava arrependida, mas não disposta a se desculpar por sua implacável sinceridade.

No primeiro dia se sentira muito contente consigo mesma. Preservara a castidade, que era seu objetivo principal, e além disso conseguira fazer com que o obtuso e teimoso Lazar di Fiori desse os primeiros passos para recuperar o trono. Quanto à forma em que ele a ignorava, a única coisa que ela podia fazer era rir a suas costas.

Pobre príncipe perdido, tão mal-humorado porque não a conseguira. Não o permitira brincar com seu brinquedo. “Bom, que esteja de mau-humor!” Ele lhe dissera que cada navio necessitava de uma bússola. Pedira-lhe que lhe dissesse sempre a verdade, mas era óbvio que não podia suportá-la. Allegra se sentia possuidora de toda a razão.

Então, passou outra noite sozinha.

No segundo dia, ante aquela fria e distante cortesia, começou a se sentir atemorizada. Sentia falta de seu sorriso vaidoso como se tivesse perdido um amigo. Além disso, começou a meditar sobre o perigo ao que deviam enfrentar.

O mais provável era que ele não pensasse que ia morrer. Só se expressara de forma um tanto dramática para que ela se sentisse culpada de não ter cedido a seus desejos carnavais.

O pior de tudo era que não lhe permitiria entrar em seu camarote para ajudá-lo nos planos para Ascensão, e aquilo era a única coisa que ela desejava fazer. Sabia que estava negando a ela aquela participação só por uma questão de rancor, mas tinha certeza de que, em um momento ou outro, aquele teimoso se daria conta de que precisava de seus conselhos, pelo menos em certos assuntos.

Naquela tarde, Allegra se vestiu com seu melhor vestido de musselina, prendeu os laços do chapéu sob o queixo e se dirigiu para cima com a intenção de encontrar algo útil para fazer.

Ao sair pela escotilha, olhou para o céu azul e o mar índigo e procurou Lazar entre as nuvens de brancas velas que ondeavam ao vento. Ele se encontrava vigiando o convés de seu posto no castelo de proa. Tinha as mãos cruzadas às costas e levava um chapéu tricórnio. Parecia um autêntico e temível capitão.

Allegra tentou decifrar seu humor, mas não conseguiu. Ele tinha uma atitude suave e serena, como o mármore dourado.

Allegra o observou por alguns momentos, pensando em se devia tentar falar com ele. Mas então ele a viu e lhe deu as costas enquanto caminhava para um lado do navio.

Ela entrecerrou os olhos ressentidamente e se dirigiu para o convés. Ali ofereceu sua ajuda aos veleiros que estavam remendando as velas.

Os dois marinheiros que trabalhavam naquela tarde eram conversadores e mostravam bom-humor. Ambos provinham das ilhas francesas nas Índias Ocidentais. Depois que ela lhes ofereu sua ajuda, eles se mostraram dispostos a responder suas perguntas.

— Por que chamam seu capitão de Diabo de Antigua? — perguntou-lhes, sentada com eles entre um monte de redes.

Pierre riu.

— Bom, isso é toda uma história. Até quatro anos atrás, os Irmãos de Plymouth tinham outro chefe...

— O capitão Wolfe? — inquiriu ela.

Os homens assentiram.

— Como ele era?

Eles sorriram e Jacques meneou a cabeça.

— Se poderia dizer assim, senhorita: alguma vez viu uma dessas pinturas das Igrejas em que há imagens do Criador? Sim, senhorita, de Javeh. Uma longa barba branca e olhos ferozes...

— Se parecia com Deus? — gritou ela.

— Ah, sim, mas sem uma perna. Diziam que um tubarão a tinha comido enquanto pescava. Ele o capturou, matou-o e cuspiu em cima dele. Logo alimentou seus homens com ele.

— Meu Deus! — exclamou ela, revirando os olhos enquanto eles riam.

— Sim, tinha o instinto de um velho leão marinho, mas se cruzavam com ele...

Ela meneou a cabeça, impressionada.

— Estava louco. Um — perdão — filho de puta cruel — afirmou Pierre, rindo. — Mas tinha que gostar dele. É obvio, sabia-se que extrapolava com o chicote, e isso provocou sua queda.

— Lazar o matou? — perguntou ela com os olhos muito abertos ao recordar as cicatrizes nas costas dele.

— Oh, não, senhorita! O capitão adorava aquele homem.

— Adorava-o? Não pode ser verdade — disse ela com o cenho franzido. — Wolfe o açoitou.

— Ah, sim, foi um duelo de caráter — riu Pierre. — Wolfe não conseguiu dobrá-lo, então, ao fim, adotou-o como seu próprio filho.

— O quê?

— Sim. Wolfe não tivera nenhum filho, então tomou Lazar como filho. O capitão se uniu à Irmandade quando era apenas um rapaz.

— Quantos anos? — perguntou ela, recordando que Lazar tinha treze anos quando assassinaram os Fiori.

Pierre e ele pensaram.

— Talvez quinze, dezesseis? Dezessete no máximo.

Jacques riu.

— Teria cortado seu pescoço se tivesse tentado pôr um dedo sobre seu prato de comida. Tranqüilizou-se muito depois — acrescentou.

Allegra se perguntou imediatamente onde ele devia ter passado aqueles anos entre seu desaparecimento de Ascensão e sua incorporação à tripulação do capitão Wolfe.

— Tem certeza de que quer saber, senhorita?

Ela assentiu, convencida. Os homens foram interrompidos por um dos homens da tripulação a respeito de uma vela rasgada.

Allegra escutou pela metade o diálogo entre eles enquanto observava com dissimulação o homem no castelo de proa.

Lazar esteve quase todo momento com um punho sobre o quadril, um charuto entre os dedos, enquanto gritava ordens à tripulação com voz grave e autoritária.

Allegra se deu conta de que ele amava aquilo.

De vez em quando, Lazar se dirigia ao corrimão e observava o mar através do telescópio, procurando um caminho para a frota que ela não podia discernir.

Os veleiros se dirigiram para ela.

— Bom, atacamos Antigua faz uns quatro anos — disse Pierre. Ambos os homens trocaram um olhar triste. — Os homens enlouqueceram com o sangue, o rum e o ouro. Foi um mau dia. Uns vinte homens começaram um motim em meio a tudo. Mataram o velho Wolfe.

— O capitão conseguiu controlar os homens e nos tirou dali antes de que a frota chegasse. Logo, já de volta, executou os que se amotinaram. Os homens votaram e o escolheram. Depois disso, ele foi o chefe da Irmandade.

— Votaram nele? — perguntou ela admirada. — Votaram nele como capitão?

— Sim, sempre fazemos assim. É nossa maneira de fazer — respondeu Pierre com tranqüilidade.

Ela o olhou.

— Querem dizer que ele os governa em uma democracia?

Os dois homens se olharam.

— Suponho que essa é a palavra, senhorita.

Ela meneou a cabeça para clarear as idéias.

— O que pensam de Lazar como chefe?

— Não houve nenhum melhor — afirmou Jacques.

— É duro, mas é justo — disse Pierre.

— Mostra-se cruel alguma vez, como Wolfe? Os açoita?

— Nunca açoitou ninguém — respondeu Jacques imediatamente. — Não, o capitão tem só algumas normas, e se você infringir alguma, tem uma única oportunidade. Então... — fez uma pistola com a mão e, fazendo como se a apontasse para Allegra — Bang.

Aquele estúpido não podia saber até que ponto aquele simples gesto a assustara. Allegra sentiu que toda sua pele arrepiava ao recordar o pelotão de

fuzilamento de Lazar e sua pistola apontando sob o olhar de seu pai.

— Me pergunto quantas pessoas ele matou — murmurou.

— Não saberia dizer.

— Pergunte a ele — disse Jacques rindo enquanto enfiava a linha numa agulha.

— Não se atreva, senhorita. Está tirando o sarro com você. O capitão é um homem reservado.

— Me perguntar o quê? — ouviu-se de repente uma voz profunda, em um tom ameaçadoramente educado.

Os três empalideceram ao ver Lazar na plataforma que se encontrava acima deles. Por sua expressão, Allegra se deu conta de que a ouvira enquanto ela fazia perguntas aos homens para obter informação sobre ele. Entrecerrou os olhos e fez uma provisão de coragem.

— Quantas pessoas você matou, capitão — disse com valentia.

— Bem, senhorita Monteverdi, nunca me preocupei em contar — replicou ele com doçura. Logo, enquanto dirigia um olhar de advertência a seus homens, acrescentou, educado — Que tenham um bom dia — ato seguido, afastou-se sem pressa.

“Oh, detesto esse homem”, pensou Allegra.

Naquela noite ambos jantaram tensos e em silêncio. Allegra, o olhando de soslaio o tempo inteiro, deu-se conta de que Lazar quase não havia tocado no prato. Bebia água em vez de vinho e parecia completamente absorto em seus pensamentos.

Apesar de que aquela atitude podia ser causada pelo perigo que o esperava, Allegra tinha a deprimente sensação de que era sua indesejada presença que o mantinha tão calado. Afinal de contas, fosse o que fosse que ele tivesse que enfrentar, não podia imaginar que nada assustasse realmente Lazar, exceto seus próprios pesadelos.

Não, o mais provável era que ele estivesse se arrependendo de tê-la raptado. Pensar naquilo a punha de mau-humor. Sem dúvida, naquele momento, ele se sentia aliviado de não tê-la engravidado como fora sua intenção, já que aquilo o teria encadeado a ela para sempre, o teria atado a seu filho e a ela por causa de seu sentido de... honra. Por que o acusara de não ter honra? Não fora isso um tanto exagerado?

Allegra, com o olhar fixado em seu prato, perguntava-se como era possível que estivessem ali sentados como dois estranhos depois da intimidade que tinham compartilhado. Ele introduzira os dedos dentro dela, por Deus. Tomara seus seios em sua boca. Agora nem sequer queria se cruzar com seu olhar.

Allegra desejava se meter em sua cama, cobrir-se completamente com os lençóis e ficar ali durante o resto da viagem. Mas aquela cama era muito solitária sem ele, para passar nela mais tempo do que o estritamente necessário.

Não podia compreender por que era ela quem se sentia tão mal se era ele quem estava equivocado. Tampouco compreendia por que se sentia ferida ante

aquela indiferença se a única coisa que ela quisera fora manter sua virgindade.

Bem, estava claro que conseguira.

Muito em breve, quando chegasse o momento de que Lazar recuperasse Ascensão, também retomaria seu compromisso com a princesa Nicolette e se casaria com ela, tal como Allegra quisera que ele fizesse.

Aquela idéia a fazia se sentir muito pior.

Allegra tomou um gole de vinho e olhou Lazar. Esse ficou em pé, deixou o guardanapo em cima da mesa e se desculpou, saindo da mesa dizendo algo ininteligível. O Pároco e ela se olharam. De repente, Allegra jogou seu guardanapo, pôs os braços sobre a mesa e segurou a cabeça com ambas as mãos.

— Está preocupado, querida. Não é culpa sua — a consolou o velho inglês.

— Não posso suportar isso — se ouviu dizer em tom tenso. — Meu destino se encontra nas mãos de um homem que me odeia.

— Eu não diria que a odeia — riu ele.

Allegra o olhou com olhos suplicantes.

O Pároco estendeu uma mão e lhe acariciou a face.

— Ah, querida. Não o deixe sair com a sua. Mantenha-se firme. Tudo acabará bem.

Allegra se obrigou a sorrir.

— Você é um homem amável, John Southwell.

— Ora — repôs O Pároco. Ruborizou um pouco e tomou um gole de vinho.

— Pároco, ele raptou muitas mulheres?

Ele quase se engasgou de riso. Limpou os lábios com o guardanapo e, com olhos alegres, meneou a cabeça:

— Senhorita Monteverdi, você é a primeira. Também é a primeira mulher que conseguiu que aquele menino perdesse o juízo.

Ela se sentiu mais abatida ainda.

— Isso demonstra o quanto o aborreço.

— É isso o que demonstra? — perguntou-lhe enquanto lhe piscava um olho. — Não esteja tão certa.

Ao fim de um momento, Allegra se encontrava na cama com os braços debaixo da cabeça e o olhar cravado nas sombras do teto de madeira. Não podia negar a verdade por mais tempo. Ferira Lazar. Ferira-o muito.

Ele não era uma fantasia. Era um homem de carne e osso e tinha necessidades.

Além disso, lhe ensinara que ela também tinha necessidades. Sentia falta do contato de suas mãos fortes, calosas e tão, tão amáveis.

“Por que tive que feri-lo?”

“Oh, o que está acontecendo com você?”, recriminou-se. Impaciente, se voltou na cama e escutou os rangidos da madeira do navio e o surdo estrondo do mar contra o casco.

Não sabia quantos minutos tinham passado. Talvez uma hora. Cada vez que fechava os olhos via seu rosto, o olhar de completa concentração enquanto a

beijava naquele lugar onde ela não sabia que podia ser beijada. Só pensar naquilo quase a fazia gemer alto. Que sentido tivera se negar a oferecer sua virgindade depois de tê-lo permitido lhe fazer aquilo?

Ainda podia sentir o contato de suas mãos sobre sua pele, ver suas próprias mãos sobre aqueles largos ombros, desenhando a grandiosidade daquele peito bronzeado, agarrando-se a seus quadris estreitos e segurando sua fortaleza contra ela.

Allegra fechou os olhos, incômoda por aquele desejo que sentia por ele. Ocorreu-lhe que devia haver alguma forma de fazê-lo sentir tanto prazer como ele a fizera sentir. Seria maravilhoso sentir que ele se submetia a ela por prazer, embora fosse por uma vez. Como amante, Lazar se tinha dado por completo, mas não lhe ensinara como se oferecer a ele, como dar prazer àquele magnífico corpo de guerreiro. De repente, renunciou a tentar conciliar o sono. Desceu da cama e, tremendo, colocou seu vestido de musselina em cima da camisola e o fechou às costas. Saiu em busca de seu captor, o mesmo que, uma vez, declarou-se seu amante. Tinha intenção de se desculpar antes de que seu bom senso a detivesse.

Aquilo era a única coisa sensata que podia fazer, disse a si mesma. Aquele homem tinha seu destino em suas mãos. Só uma estúpida o teria insultado e humilhado.

Olhou no salão, mas aquele se encontrava às escuras e vazio. Não se via luz por debaixo da porta do camarote. Decidida, percorreu o escuro e estreito corredor para a escotilha de popa. Encontrava-se a meio caminho da escada quando se deteve o ouvir sua risada, alegre e profunda, e algumas palavras que faziam referência a ela.

— Bem, o que aconteceu, capitão? Todos queremos saber.

— Continuam apostando sobre minha vida amorosa, não é? — riu Lazar.

— Já se entediou dela? — perguntou um dos homens.

— Não cede, não é, capitão?

— O deixem em paz. Um homem deve ser um cavalheiro — respondeu um deles. Pareceu a Allegra que era o senhor Donaldson.

Lazar riu com despreocupação.

— Não é meu tipo, isso é tudo.

Allegra conteve o fôlego, quieta na escada, enquanto escutava as exclamações e as brincadeiras.

— Bem, se ela não é seu tipo, passe para cá!

— Anh, han. A senhorita Monteverdi ainda se encontra sob minha custódia — advertiu.

— Não vai se casar com ela, capitão?

— Não, mesmo que fosse a única mulher que restasse em toda a terra — replicou em tom amistoso.

Allegra ficou boquiaberta.

— Por que não, capitão? É uma garota bastante bonita.

“Sim, por quê?”

— Ah, sim. É bonita — assentiu ele com frivolidade.

— E parece bastante inteligente para uma mulher.

— Ah, sim, é dotada de engenho, com certeza, e virtude — acrescentou Lazar, despreocupado. — Virtude e mais virtude. Encontra-se na cúpula de uma autêntica montanha de santidade. Tão alta que fala com Deus ao ouvido. Acreditem em mim, meninos, nenhum de nós é digno nem de tocar a barra de seu vestido.

Eles riram. Allegra estava paralisada na escuridão, com a boca aberta. Mas Lazar não terminara.

— Não, cavalheiros, apesar de todos seus encantos, temo que a senhorita Monteverdi é uma harpia, uma dissimulada e uma ferinha de língua afiada. Seja quem for o homem que tenha a má sorte de se casar com ela, com certeza acabará como um desgraçado “bunda-mole”.

Os olhos de Allegra se encheram de lágrimas. Sentia-se horrorizada. Com uma mão sobre a boca, desceu os degraus e correu até seu camarote. Encerrou-se nele e chorou e chorou. Porque sabia que cada palavra que ele pronunciara era certa.

Naquela mesma noite, tarde, Lazar se encontrava diante da porta do segundo camarote brigando consigo mesmo. Sentia que a escuridão se fechava a seu redor. Estivera horas escrevendo cartas para os antigos conselheiros de seu pai que pensava enviar logo que chegasse a *Al Khuum*. Agora estava esgotado, mas cada vez que tentava dormir, entrava em um pesadelo. Agora, ali de pé, sentia-se tremer.

Chérie.

Se pudesse se aproximar dela e descansar entre seus braços.

Aquelas noites que passara com ela entre os braços tinham sido as mais doces e tranquilas que jamais tivera. Teria dado seu próprio navio e todas as moedas de ouro que tinha para apagar aquele arrogante e estúpido ultimato que lhe fizera.

Segurou com ambas as mãos o marco da porta e apoiou a testa contra ela, com os olhos fechados.

“Me ajude, *chérie*. Tenho medo.”

Estremeceu e emitiu um longo e lento suspiro. Mas não bateu na porta. Não lhe daria, não podia lhe dar, outro motivo para que zombasse dele. Suas palavras tinham parecido farpas sobre sua pele. Por Deus, ganharia seu respeito.

“Se eu sobreviver a isso”, pensou, “talvez então a merecerei.”

À tarde seguinte, o capitão a chamou. Allegra teve que abandonar o refúgio de seu úmido camarote. Estivera escondida nele todo o dia, com os sentimentos feridos, muito envergonhada para aparecer no convés.

Enquanto se dirigia a seu camarote para atender seu chamado, decidiu que manteria um digno silêncio. Pelo menos, não devia temer que ele a tivesse chamado para seduzi-la. Não, ele não a queria nem que fosse a única mulher que restasse na Terra. Sentia que suas pernas fraquejavam, mas bateu à porta.

— Entre — ordenou Lazar com voz potente. Ela respirou profundamente, levantou o queixo e entrou. Lazar estava sentado em sua escrivaninha e ia vestido como na primeira noite em que o vira: como um bárbaro, totalmente de preto.

Pensou que não era um bom presságio.

— Bem, já está aqui — disse ele com vivacidade.

Allegra fechou a porta e levou as mãos às costas. Com o rosto inexpressivo, perguntou-lhe:

— O que deseja?

— Sente-se.

Sem olhá-la, Lazar tirou suas duas elegantes pistolas de uma gaveta e as depositou na mesa. Logo pôs ao lado delas um saquinho de pólvora. Ela o obedeceu e se sentou, tensa, na poltrona, com as mãos unidas sobre o colo, como a dissimulada que era.

Sem pressa, Lazar carregou as armas sem olhá-la.

— Em uma hora desembarcaremos. Há alguns detalhes aos quais devo avisá-la. Em primeiro lugar, não vá ao convés até que tenhamos acabado aqui.

Ela estava desejando lhe perguntar por que, mas se negou a fazê-lo. Obrigou-se a permanecer em silêncio. Demonstraria! Mesmo que fosse uma única vez, ela daria crédito a suas palavras e não o questionaria absolutamente. Era óbvio que o homem sabia o que fazia.

Lazar passou o dorso da mão pelo rosto em um gesto cansado e preocupado.

— Em segundo lugar, há algumas coisas que devo lhe dizer — se pôs a um lado da escrivaninha, apoiou-se nela e cruzou os braços sobre o enorme peito. Olhou-a. Ela, ante aquele penetrante olhar, preparou-se para ouvir algo parecido ao que escutara na noite anterior. — Me comportei de forma abominável na outra noite e sinto muitíssimo, senhorita Monteverdi.

Ela levantou o olhar, espantada.

— Posso lhe pedir perdão? — perguntou ele, direto.

Atônita, ela respondeu:

— É óbvio.

— Agradeço-a por isso — deu-lhe as costas. — A verdade é que sinto tudo o que aconteceu — murmurou. — Destruí sua vida, tal como me revelou em várias ocasiões. Mas você, em troca, senhorita Monteverdi, me deu mais do que nunca poderei lhe pagar.

Ela o olhava, estupefata. Que diabos...?

— Por essa razão, a fiz beneficiária de meu testamento. Me dê à mão.

— Seu testamento?

Ele se aproximou dela e Allegra lhe ofereceu a mão. Ele depositou nela uma

pequena chave sem olhá-la nem um momento nos olhos.

— É sua chave do cofre. Se eu não voltar, quero que fique com as relíquias dos Fiori. Sei que não as venderá. Nomeei o velho Fitzhugh seu guardião para que a leve até algumas conhecidas minhas na Martinica, mulheres que servirão como dama de companhia até que encontre marido entre os cavalheiros colonos. Estou certo de que encontrará alguém a quem possa tolerar igual, ao menos, ao seu ex-prometido. E como ainda é... bem, não haverá nenhum tema delicado que requeira nenhuma explicação a seu futuro marido.

Pálida de terror, Allegra o olhou.

— Meu Deus, Lazar, está em um grande perigo, não é verdade?

Ele a olhou com cinismo.

— Está preocupada comigo, enfim, *chérie*?

— Por que viemos até aqui?

— Oh, negócios de piratas — respondeu ele com insolência enquanto se dirigia de novo a sua escrivaninha.

Allegra tinha o coração acelerado. Sentia a chave cada vez mais pesada na suada palma da mão.

— Por favor, não se mostre impossível agora. Que lugar é esse?

— Uma espécie de inferno — admitiu ele com um sorriso leve e agridoce. Baixou a cabeça e continuou — Vivi aqui durante um tempo quando era um menino. Quando abandonei Ascensão, possuía meu selo real. O senhor desse lugar me roubou. Vim recuperá-lo.

— Quem é ele?

Ele a observou, como se julgasse a possibilidade de lhe dizer ou não.

— Chama-se *Sayf-de-Malik* — disse. — A Espada de Honra.

— É possível que ele o devolva?

— Quando souber que todos os canhões de meus navios se encontram apontando para *Al Khuum*, Sua Excelência encontrará motivos suficientes para me obedecer.

— E se se recusar a fazê-lo? — sussurrou ela.

Ele ficou em silêncio um longo momento.

— Farei tudo o que puder, Allegra, mas se ele tentar me humilhar, lutarei até a morte. Não voltará a me envergonhar. Pode tirar minha vida, mas não tirará meu orgulho.

— Não se atreverá — se obrigou a dizer, compreendendo mais do que ele imaginava a que tipo de vergonha se referia. — Além disso, seus homens estarão lá para apoiá-lo e defendê-lo.

— Não — assinalou ele. — Vou sozinho.

Allegra sentiu como se o próprio punho de Goliath houvesse tornado a afundar seu estômago.

— Sozinho?

— É a única forma — Lazar lhe dirigiu um sorriso triste. — Seja forte, senhorita

Monteverdi. Se em duas horas não retornar, os Irmãos abrirão fogo contra *Al Khuum* sem trégua. Muito em breve terá se libertado de mim.

Lazar cruzou o camarote até chegar onde se encontrava seu cofre e tirou uma pedra de amolar. Voltou a se sentar a sua escrivaninha e começou a amolar sua faca árabe.

Allegra ficou em pé e ele a olhou com curiosidade. Ela se sentia inquieta e apertou os punhos em ambos os lados de seu corpo. Olhou-o com medo nos olhos. Sentia o coração disparado, as mãos geladas e as faces cada vez mais quentes.

— Eu sabia. É minha culpa — disse com voz trêmula. — Não deve arriscar sua vida pelo que eu te disse. Retiro. Retiro tudo o que disse. Não deve ir lá.

— É obvio que devo, se quiser recuperar Ascensão. Isso é o que queria, não é, Allegra? — perguntou com um penetrante e sombrio olhar.

Ela lhe devolveu o olhar, necessitada.

— Sim, mas mande mais alguém. Se tiver que recuperar seu trono, há muitas vidas que dependem de você, Lazar. Há muito em jogo para que faça um alarde de orgulho...

— Não é orgulho, Allegra. É honra, tal como você assinalou. Além disso, posso liderar minhas próprias batalhas.

Ela ficou em silêncio um momento enquanto ouvia a lâmina da faca contra a pedra.

— Por favor, não faça isso — se ouviu dizer. — Deve haver alguma outra forma. Talvez não precisem do selo. Se se puser em contato com os conselheiros de seu pai, ninguém negará que você...

Sua voz se apagou. Suas palavras não surtiam nenhum efeito sobre ele.

Lazar comprovou a lâmina entre os dedos polegar e indicador. Tinha os pés em cima da escrivaninha e parecia perdido em seus pensamentos, a milhares de quilômetros.

— Lazar, me escute...

Ele desceu as pernas da escrivaninha.

— Isso é tudo, Allegra. Deixe de discutir.

— Não tem que fazer isso!

— Sim, tenho — respondeu ele com ferocidade contida. Olhou-a, e seus olhos tinham a força do raio.

Ela se sufocou.

— Não tenha medo, Allegra. Não desmaie. Preciso de sua força agora.

Frustrada, Allegra juntou as mãos e as levou sob o queixo.

Fechou os olhos e baixou a cabeça.

— Leve alguns homens com você, Lazar, pelo amor de Deus — lhe pediu, enfatizando cada palavra. — Com certeza entre eles há alguns em quem possa confiar para que guarde qualquer segredo que deseje.

— O Pároco vem comigo — sorriu e olhou para o teto. — Não fui capaz de dissuadi-lo.

— O Pároco! — exclamou ela. — E o que ele vai fazer? Não é um guerreiro! Leve Sully ou o capitão Russo, ou aquele selvagem jovem norte-americano...

— Não se trata desse tipo de luta.

— O que quer dizer?

— Teria que conhecer Malik para compreender — uma sombra atravessou seus olhos. Atirou a pedra e a faca sobre a mesa.

— Me permita ir com você. Se tratar de uma luta de esperteza mais que de força, não vejo por que não eu mesma não possa acompanhá-lo.

— Realmente você é adorável — riu ele. — O que vai fazer, minha feroz gatinha? Bufar para o homem mau?

— Dói isso que diz! — levantou a cabeça, os olhos ardentes. — Eu disse que o ajudaria em tudo o que pudesse!

— Essa não é a questão.

Lazar se levantou e continuou se equipando para sua luta. Prendeu o cinturão da pistola ao redor da cintura e logo cruzou a correia da espada sobre o peito.

Allegra sentia o coração disparado pelo medo. Seu desespero crescia a cada segundo. Desejou jamais ter tirado à luz o tema de Ascensão.

Rodeou a escrivanhinha e se aproximou dele. Envolveu-lhe o pescoço com os braços sem se importar com o arsenal de armas que ele levava sobre si.

— Fique, por favor. Não tem que demonstrar nada — conteve o fôlego, assustada por seu próprio atrevimento. Olhou-o nos olhos — Deite-se comigo. Me ensine como lhe dar prazer. Não vá.

Ele se levantou e a olhou com olhos vibrantes. Fez um gesto negativo com a cabeça e afastou seus braços dele.

— Não posso me arriscar a abandoná-la com um filho sem pai.

Allegra bateu em seu peito.

— Pare! Não vai morrer! Eu te proíbo!

Ele a olhou com expressão severa.

— Todo o tempo desejei te dizer o quanto você é linda — engoliu em seco com dificuldade e afastou os olhos dela. — Tão linda...

Allegra se agarrou ao colete dele, suplicante.

— Por favor, não me abandone. Não poderei suportar perdê-lo — envolveu-lhe o pescoço com os braços e o prendeu com todas suas forças enquanto caíam lágrimas de seus olhos.

Lazar lhe passou os braços ao redor da cintura e baixou a cabeça. Deu-lhe um apaixonado beijo que ela recebeu com desejo enquanto duas lágrimas lhe caíam faces abaixo. Sabia que a única razão para tê-la chamado era para se despedir.

Lazar deixou de beijá-la muito cedo. Ofegava. Enxugou-lhe as lágrimas das faces com os polegares, tomou seu rosto entre as mãos e a olhou nos olhos com intensidade.

— Voltarei por e para você.

Allegra recebeu aquele olhar febril e se deu conta de que ele lutava consigo

mesmo. Viu que a única coisa que fazia era deixar mais difícil para ele. De alguma forma, conseguiu reprimir suas súplicas.

— Allegra, eu gostaria de ter sua bênção — sussurrou ele.

— Oh, muito bem, parta ! — gritou ela, arrancando-se dele antes que pudesse começar a chorar: aquilo só fizera com que perdesse mais a confiança nele. — Faça o que quiser! Não me importa! Parta !

— Allegra, eu... — deteve-se. — Adeus, *chérie*.

A porta se fechou atrás dela.

Ela sussurrou:

— Adeus, meu príncipe.

azar se precipitou pela prancha com O Pároco a um passo atrás dele. Levava uma tocha que difundia um círculo de luz na escuridão. Tinham dado tão somente alguns passos quando Lazar ouviu que o estropiado caís tremia. Ouviram-se alguns passos que se aproximavam. De repente, duas dúzias de assassinos árabes apareceram na seca e cálida noite africana.

O Pároco soltou uma maldição.

— Marhaba, meus irmãos — gritou Lazar, tirando a faca. — *Assalam'aleykum*.

Aquelas palavras os fizeram se deter. O primeiro deles se aproximou devagar apontando a adaga em direção ao peito de Lazar. Esse olhou o homem com prudência, observando a agilidade que inclusive o mais baixo deles tinha com as armas.

— É *A Baleia*! — gritou um do grupo, excitado, do fundo. Alguns homens se aproximaram da proa para observar a silhueta do navio.

— É — assegurou ao resto, que naquele momento os tinham rodeado lhes apontando as armas.

— Pachá *Shaytan*? É você de verdade? — perguntou o primeiro deles, o da adaga, ficando quieto e o olhando com suspeita da extremidade inferior do sujo turbante. Seus olhos escuros mostravam cautela.

Lazar lhe dirigiu um triste sorriso.

— Sete negócios e nada de sorte — respondeu.

O homem lançou um grito e se voltou para os outros. As sujas roupas voaram seguindo seu gesto. Logo voltou a olhar para Lazar.

— Que a paz de Deus esteja contigo, irmão! Irmãos — gritou — é o valoroso Diabo do Ocidente. Retornou! *Ahlanwa sahlán, Shaytan*. Bem-vindo! Sua excelência se sentirá exultante.

— *Ahlan beek*. Tenho certeza de que se sentirá — murmurou enquanto estreitava a mão que lhe oferecia o homem. Enquanto lhe dava a mão, levou a outra ao peito como a fazia o árabe. Era um gesto que indicava sinceridade. — Que a graça esteja contigo, irmão. Tive o prazer de vê-lo antes? — perguntou-lhe, cauteloso.

O homem de pele escura se aproximou muito dele e lhe dirigiu um amplo e branco sorriso. Lazar sorriu por dentro. Esquecera-se daquilo. Sempre se colocavam endemoniadamente perto, quase pisando em seus pés, para falar. Esforçou-se para não dar um passo à trás apesar do desdém que sentia.

— Não me conhece, pachá *Shaytan* — explicou o homem — mas eu, é óbvio, escutei as histórias a respeito de suas grandes façanhas e, portanto, me desculpe por isso, sinto como se te conhecesse muito bem. Sou Hamdy, filho de Ibrahim, o *Feio*. Me permita conduzi-lo, e aos seus homens, até Sua Excelência.

— *Shukran* — disse Lazar com um assentimento de agradecimento.

Ato seguido, seguiu os corsários bárbaros através da seca e estéril terra em

direção ao palácio de seu *sheik*.

— É um milagre — disse Hamdy meneando a cabeça. — Sua Excelência, com sua sabedoria, predisse que viria no mesmo dia que ouvimos falar de sua batalha em Ascensão.

— Ah, sim? — perguntou Lazar em tom leve.

Observou à areia brilhante sob suas botas. Lembrou-se dos escorpiões. O caminho que conduzia até a fortaleza de Malik estava semeado de rochas e de algumas palmeiras baixas. O terreno era desolado e estéril por toda parte. O mar, mais abaixo, parecia morto também, enquanto lambia a praia branca.

Lazar levantou a vista e viu a silhueta do edifício sob a lua, engastado em um fundo azul como uma das moedas de prata de Judas.

Assaltaram-lhe as lembranças. Lazar tentou evitá-las. Pegou a cigarreira e a esvaziou de um gole. Necessitava do líquido para reunir coragem. Sentia a boca amarga e nem todo o rum do mundo podia lhe tirar aquele sabor. Deus sabia que tentara.

“Tinha treze anos...”

Subiu pelo caminho atrás dos árabes, admirado pela elegância do ondear de suas sujas roupas. Segurou o punho da espada, embora soubesse que aquela não podia salvá-lo.

— Sente-se bem? — perguntou-lhe O Pároco.

Lazar se deu conta de que estava tremendo. Pensava naquela vez, fazia quatro anos, quando voltara para *Al Khuum* para se vingar de Malik. Treinado por Wolfe e pelas matanças, recém renomado capitão de seu primeiro navio, se sentia cheio de orgulho depois de ter matado todos os homens que se amotinaram em Antigua. Acreditou que já não tinha medo e desejava exorcizar de uma vez por todas os demônios que o perseguiam.

Falhara.

Seus antigos amigos de entre os guardas, as criaturas que agora eram carne e unha de Malik, tinham-lhe dado uma surra em uma mostra de sua habitual brutalidade e o tinham deixado inconsciente em seu próprio navio. Despertara machucado e humilhado. Eles estiveram esperando aquela tentativa de vingança durante muito tempo, conforme lhe disseram. Conheciam-no melhor do que ele teria gostado. Ninguém se mostrara surpreso, e Malik nem sequer sentiu o mínimo temor. Todo mundo tinha rido dele.

— *Ma'alish* — lhe tinham dito. Não importava. Pertencia ao passado. Não foi tão sério.

Naquele dia, quatro anos atrás, dera-se conta, para sua surpresa, de que eles não tinham ficado afetados da mesma forma que ele pelas torturas de Malik. Não tinham nem idéia de como seu espírito se afetara, até que ponto o ódio e o mal de Khuum o tinham deformado: e ele era muito orgulhoso para fazer saber.

Lazar levantou o olhar e se encontrou no salão de ouro e mármore que tão bem conhecia. O salão de divãs carmesins, paredes cobertas de seda e de

maravilhosos azulejos. E ali, no magnífico trono de ouro, encontrava-se *Sayf-de-Malik*: imóvel, o olhando com os olhos negros, belo e mortífero como um tubarão. A Espada de Honra.

Ele olhava para Lazar com expressão pensativa, e com dois dedos sobre os lábios.

Lazar sentiu que todos os músculos de seu corpo se retesavam. Aquele olhar lento e afiado era algo que nunca poderia esquecer. Nem a passagem de eras do tempo poderia apagar.

— Bem — disse Malik enquanto repousava a mão languidamente sobre a poltrona dourada e olhava Lazar com olhos que brilhavam com o calor do deserto. — Meu jovem falcão voltou para minha luva. Ele sulca os céus, mas ainda recorda quem é seu verdadeiro amo — murmurou com um brilho ainda mais intenso e afiado nos olhos negros. — Não é mesmo, Lazzo?

Allegra estava frenética, caminhava para cima e para baixo no convés enquanto observava Lazar e O Pároco descerem pelo cais rodeados pelos assassinos de pele escura, cujas falas não podia compreender. O grupo subiu pelo caminho paralelo à branca praia iluminada pela lua e desapareceram atrás de um topo povoado de palmeiras velhas.

Se voltou para olhar a tripulação que se encontrava em silêncio. Seus rostos mostravam uma expressão sombria. Os homens evitaram seu olhar suplicante e Allegra soube que, apesar de que percebiam o perigo, nunca desobedeceriam às ordens. Nunca na vida se sentira tão desamparada.

Ao longe, na baía, os seis navios se encontravam ancorados e esperavam. Dentro de duas horas, se Lazar não retornasse com o anel, abririam fogo contra a fortaleza que se encontrava naquela cidade do deserto. Allegra queria matar Lazar por não ter levado ninguém mais que O Pároco com ele. Que homem tão orgulhoso e obstinado!

— Não posso suportar mais — exclamou.

Tentou rezar, mas não teve paciência para aquilo. “Tenho que fazer algo.”

Notou o aroma de Bernardo antes que esse pudesse chegar à amurada e ficar ao seu lado. Entre eles ainda havia uma hostilidade tão forte como houvera desde o começo, mas Allegra devia reconhecer que sua devoção por Lazar era inquebrável.

— Está pensando o mesmo que eu penso? — perguntou ele.

Ela o olhou.

— Tenho que ajudá-lo. Estou ficando louca.

— Pode usar uma arma ?

— Posso tentar — assentiu.

— Vamos.

Lazar olhou nos olhos de seu velho torturador. Não era consciente de nada mais ao seu redor.

— Vim procurar o que me roubou.

— Roubei? O quê? Sou um ladrão, Lazzo? Com certeza nunca tomei nada que você não estivesse ansioso para me oferecer — murmurou antes de passar a língua pelos lábios ressecados.

Lazar levou uma mão até a pistola em um gesto automático ante aquele insulto, mas imediatamente seis espadas apontaram para seu pescoço antes de que pudesse tirar a arma da capa.

— *Diir baalak* — riu Malik como o repreendendo com suavidade. — Tome cuidado com os demônios que alberga em você, meu temerário jovem amigo. É possível que superem sua força. Mas olhe para você! Já é todo um diabo e nem sequer tem trinta verões. Ora, Ora, tão jovem, e sua força destrutiva já ultrapassou minhas mais altas expectativas. Talvez te interesse saber — continuou, juntando os dedos das mãos — que Gênova mandou trinta navios em sua busca. E o novo governador de Ascensão pôs preço por sua cabeça, um tal visconde Domenic Clemente, acredito que se chama assim. Mil luíses de ouro. Sim, meu amigo. Estes são tempos perigosos.

Lazar jogou uma olhada a suas costas e se surpreendeu ao ver que os corsários bloqueavam a saída.

— Vamos, vamos, para mim você vale muito mais que isso, Lazzo. A que vem esse olhar de preocupação? Eu não te traí — Malik aceitou uma xícara de café que um criado lhe oferecia e tomou um gole. — Afinal de contas, se o entregasse a eles, nunca mais teria o prazer de desfrutar de sua companhia.

— Nunca o terá.

Os lábios de Malik, zombeteiros, desenharam um sorriso como uma meia-lua.

— Não? Eu, é obvio, desejo te proteger e aos seus homens, mas esses meus rufiões são criaturas de uma avareza imensa e para eles não seria um esforço. Um navio tão ágil, uma tripulação tão valiosa. Gênova pagaria com generosidade, acredito, para ter o prazer de ver todos enforcados. Mas você, meu perverso menino, guardarei para mim custe o que custar.

— Há seis navios ancorados em seu porto preparados para abrir fogo contra *Al Khuum* se não tiver retornado dentro de duas horas.

Malik riu.

— É obvio que sim.

Lazar olhou-o nos olhos.

— Não é uma fanfarronice. Me devolva o anel com o selo. Isso é a única coisa que quero. É meu por direito.

Malik, com olhos brilhantes, indicou com um gesto a um homem que saísse para investigar se o que Lazar dizia era certo.

— Embora esteja dizendo a verdade, ambos sabemos que seus homens lhe têm muita devoção para abrir fogo enquanto estiver aqui.

Lazar sentiu que sua ameaça perdia força.

— Me devolva o anel ou teremos que averiguar.

— Me atreveria a dizer que nem sequer necessitarei de uma hora de seu tempo, Lazzo — lhe disse com um sorriso que queria se mostrar íntimo. — Recorda os jogos fazíamos?

Oh, sim, ele recordava. Aquela pergunta singela e feita em voz baixa foi um ataque à sua integridade mais efetivo que a legião de corsários que bloqueavam a porta. E Malik sabia disso.

De repente, a maldição daquele lugar começou a ficar muito forte para ele. Só o aroma já lhe era insuportável.

O Pároco interveio em um tom suave, mas afiado.

— Sua Alteza, que homem piedoso ameaçaria assim o filho de seu irmão? Alá seja louvado.

Malik se recostou contra o respaldo do trono de ouro e juntou os dedos das mãos enquanto lhe dirigia um sorriso desmentido pela fúria de seus olhos.

— É muito nobre ao proteger seu jovem amigo, doutor Southwell, mas o capitão Wolfe faz muito que morreu e acredito que o escravo é capaz de falar por si mesmo. Aprendeu a lutar entre meus soldados, já sabe, meus chacais do deserto, então não acredito que precise se agarrar a suas saias, se é que é um homem. É um homem, Lazzo?

Lazar tinha a cabeça curvada. Sentia-se imobilizado pela vergonha: nem sequer podia falar.

Malik riu de seu desamparo, como fizera quando ele era um menino e não podia se defender.

— É essa então a grande hospitalidade de A Espada? — replicou O Pároco com frieza.

Lazar quase não podia ouvi-los. Tinha o olhar perdido e aterrorizado, os olhos cravados no chão de mármore. Por que fora até ali? O que o fizera se acreditar invencível? Que fantasia ou ilusão o fizera acreditar que aquele plano funcionaria? Odiava o deserto. Não tinha que estar ali. Queria gritar, desaparecer. Queria tirar aqueles insidiosos olhos de suas órbitas, mas não conseguia se mover.

Quando enfim levantou os olhos, deu-se conta de que um dos árabes apoiava a ponta da espada no pescoço do Pároco.

Em um arranque de raiva que não teria podido imaginar, esquivou-se das lâminas das espadas que o rodeavam, tirou a pistola da capa com um gesto ágil e colocou o canhão contra a nuca daquele homem. Ordenou-lhe em árabe que atirasse a espada no chão. Ele obedeceu.

Malik riu suavemente.

Lazar se voltou e sua voz trovejou com o ódio de setecentos anos de reinado.

— Me devolva o que me roubou!

— Ora, ora — zombou Malik, levando dois dedos aos lábios outra vez e o acariciando com o olhar. Ficou pensativo um momento e, finalmente, devolveu a xícara de café ao criado. Com um rápido gesto do pulso fez aparecer o anel entre o polegar e o indicador. Um círculo de ouro e ônix com um rubi que brilhava como o fogo no olho do leão. — Talvez, se me oferecer uma adequada diversão, o recupere.

Lazar segurava a pistola com o coração acelerado. Engoliu em seco com esforço. Sentia que começava a perder o controle e que a ira o dominava. Começava a se dar conta de que, daquela vez, não sairia vivo dali, e já não lhe importava. Não podia se submeter aos sujos sofrimentos que Malik desejava lhe infligir. Daquela vez lutaria até a morte, fosse qual fosse o resultado.

— Temos muitas coisas a discutir, você e eu — acrescentou Malik em tom suave.

— Não. Esqueça — afirmou Lazar.

Malik estalou os dedos, impaciente, e os árabes seguraram Lazar pelos braços.

— O soltem, hereges bastardos! — gritou O Pároco com raiva enquanto lutava contra o homem de turbante que o prendia. Um dos homens bateu no Pároco na cabeça com o punho da arma e o deixou sem sentidos.

Lazar gritou ao ver que O Pároco desmoronava e se debateu contra os árabes que o prendiam como um touro contra dois cães.

Ante aquela cena, Malik deu duas palmadas para chamar os soldados. Os guerreiros apareceram imediatamente na porta. O primeiro deles era seu antigo amigo Gordon, um inglês de cabelos loiros que fora popular por suas brincadeiras. Ao ver seu olhar morto e frio Lazar se deu conta de que já não restava nele nada daquele amigo. Se Gordon o reconheceria, não deu nenhuma mostra disso. O segundo homem era um jovem africano de tez morena — um recruta mais recente — fornido como uma montanha. Seus olhos mostravam a mesma expressão assassina que os de Gordon.

Os olhos de Malik brilharam com um brilho avermelhado e diabólico. Levantou-se do trono dourado e desceu devagar os degraus da plataforma. Lazar o olhou com cautela. Malik se colocou a suas costas e deslizou as mãos até as capas das pistolas de Lazar. Desarmou-o com cuidado.

— Não vais necessitar delas.

Lazar soltou um grunhido e se afastou dele ao tempo em que tirava sua faca, a espada e a camisa. Preparou-se para o combate. Conhecia as normas do mortífero jogo de Malik por experiência.

— Se ganhar, fica com isso — lhe disse Malik, fazendo girar o anel entre os dedos.

— E se perder?

Malik lhe dirigiu um sombrio sorriso.

— Então voltará para casa para sempre, Lazzo. Voltará para seu dono.

Lazar ficaria furioso com ela por ter abandonado o navio, mas não lhe importava. Allegra não tinha nem idéia de como, nem sequer de se havia alguma coisa que ela e Bernardo pudessem fazer para ajudá-los. Ao fim de um quarto de hora já se encontravam caminhando depressa pelo caminho arenoso na mesma direção em que os árabes levaram Lazar e O Pároco.

Voltaram a ouvir o uivo daquele misterioso animal do deserto. Allegra baixou o queixo para cheirar o reconfortante aroma de Lazar que se desprendia da suave malha da gigantesca camisa que usava. Vestira-se com suas roupas: a camisa dentro das calças negras presas à cintura com duas voltas de cinturão. Cobrira os cabelos com um capuz de seda preta que prendeu como se fosse um lenço como o que Lazar levava na cabeça. A única coisa em que podia pensar era em como ele ria ao vê-la daquela forma.

Vestir-se como um homem fora uma idéia de Bernardo para que não chamasse tanta atenção.

Além de estar aterrorizada, Allegra se sentia profundamente ridícula. Vestira-se com aquelas roupas tão depressa que não acreditava que pudesse enganar ninguém. O fato de ir armada com uma faca só conseguia pô-la mais nervosa. Talvez devesse fazê-la se sentir segura, mas só conseguia fazê-la desejar que não tivesse que utilizá-la. Confiava na afirmação de Lazar. Em que o encontro com Malik consistiria em uma batalha de astúcia ou de vontade mais que em uma luta violenta. Se efetivamente fosse assim, acreditava-se capaz de se defender-se.

Ouviram-se outro uivo, dessa vez mais próximo. Pareceu que enchia a noite para desaparecer lentamente e passar a um imenso silêncio quebrado somente pelo murmúrio do mar contra a praia do deserto.

— Seja o que seja — disse Bernardo — está faminto.

Ela assentiu com um murmúrio e jogou uma olhada por cima do ombro para comprovar que aqueles animais não os seguiam. Atrás deles se encontrava *A Baleia*, ainda completamente visível no ancoradouro, as brancas velas ondeando no alto dos mastros

— Recorde que esse povo o chama *Shaytan* do Ocidente. Espero que possamos nos comunicar com eles um pouco.

Diante deles, sobre a arenosa colina, elevava-se uma fortaleza de aspecto antigo, baixa e quadrada, construída com blocos de pedra de um tom claro que brilhavam na noite. À medida que se aproximaram, deram-se conta de que a escuridão e a distância tinham ocultado o verdadeiro estado daquela construção. De perto parecia ter mil anos de antigüidade. Apesar de que o calor do deserto a preservava, mostrava sinais de desmoronamento progressivo. Alguns homens cobertos com túnicas se encontravam sentados nos degraus que conduziam ao pórtico que precedia à entrada.

Allegra e Bernardo se detiveram a uns duzentos metros ainda. Estava escuro, então eles não os viram.

— Aqui é onde o trouxeram — murmurou ela. — Vamos.

Avançaram.

Quando o grupo de árabes os viram, Allegra se voltou para esperar que Bernardo a alcançasse mas a única coisa que viu foi que aquele se afastava correndo pelo caminho sem dizer uma palavra. Allegra o olhou com os olhos muito abertos, surpresa.

— Bernardo!

Ele continuou correndo.

Allegra se voltou, furiosa. Observou os rostos estranhos e morenos dos homens que se aproximavam. Eles tinham Lazar em seu poder. Allegra não lhe seria de nenhuma utilidade se ficasse ali fora. Levantou as mãos um pouco para mostrar que não tinha intenção de lutar e se aproximou devagar deles.

— Aonde levaram o homem chamado de *Shaytan*? Quero vê-lo — disse em tom frio, embora duvidasse de que eles pudessem entendê-la mais do que ela os entendia.

Dois dos homens a prenderam pelos braços e, depois de lhe tirar a faca do cinturão, levaram-na para a fortaleza.

Ali havia mais árabes que conversavam, agitados, enquanto fumavam longos cachimbos, algo que avermelhava seus olhos. Um deles estava sentado em um degrau e tocava um instrumento de corda retangular que emitia uma série de notas estranhas que subiam e baixavam com uma fluidez de prata. De vez em quando se dirigiam aos dois que a conduziam em um idioma estranho.

— Onde ele está? Aonde levaram o *Shaytan*? — gritou ela.

Um deles lhe ofereceu uma resposta ininteligível enquanto assentia com a cabeça.

— Me levem até ele — insistiu ela. — Agora!

Eles disseram algo e a arrastaram para frente.

Allegra tentou outra tática.

— Me levem até Malik.

Eles riram e assentiram olhando-se entre eles. “Malik” era a única palavra que ela entendia do que disseram.

Allegra se sentia maravilhada pelo exotismo da fortaleza. As salas douradas estavam adornadas com alabastro e repletas de colunas. Parecia óbvio que o mau aspecto exterior era uma estratégia para desviar a atenção. Dentro, tudo era suntuoso. O piso era de mármore de um branco muito puro. Os muros estavam decorados com azulejos de cores que formavam intrincados desenhos. Cada vez que passavam de pela frente de uma sala, Allegra se debatia para se soltar dos homens e ir à procura de Lazar. Todo o tempo se ouvia um retumbar de fundo como de uma multidão enfurecida, como se estivesse acontecendo um encontro esportivo em algum dos enormes salões daquele labirinto.

O som diminuiu quando a fizeram atravessar uma ampla porta vigiada por dois guardiões gigantes, dois obesos eunucos etíopes que, imóveis, encontravam-se em

ambos os lados dela. Da porta penduravam duas cortinas de seda que ocultavam a vista da câmara de trás.

Os homens a empurraram e lhe fizeram gestos para que entrasse. Ela olhou com desconfiança os dois sentinelas imóveis de pele de ébano enquanto abria as cortinas que se fechavam a passagem à sala.

Encontrou-se em uma enorme e arejada sala tenuemente iluminada por pequenas chamas acima de pedestais de ferro. O incenso ardia sobre o carvão nas terrinas e enchia o ar com uma fragrância embriagadora e densa. Elegantes colunas rodeavam toda a sala em cujo centro havia uma banheira de belos azulejos e uma fonte. O piso de mármore se encontrava coberto por tapetes e as paredes, adornadas de sedas de várias cores.

Enquanto observava a sala em busca de uma saída por onde escapar à procura de Lazar, Allegra ouviu um som tênue atrás dela. Se voltou e viu um menino de uns quatorze anos que se encontrava de pé entre duas colunas. O menino olhou para um lado e para outro e lhe fez um gesto para que se aproximasse.

Era um jovem incrivelmente bonito, bem proporcionado e forte, nada desajeitado para sua idade. Tinha os cabelos preto azeviche e olhos escuros de cílios densos e longos. Os lábios cheios lhe outorgavam um aspecto sensual que era um tanto inquietante em um menino tão jovem. Ia vestido com roupas vaporosas de cor branca, como os homens de fora, mas de um tecido mais fino. Quando chegou até ele, o menino lhe dirigiu um gesto com a cabeça e lhe perguntou algo em um idioma que, supôs, era árabe.

Allegra deu de ombros e negou com a cabeça.

— Não te entendo. Fala italiano?

Entenderam-se em espanhol.

— Venho da Andaluzia — lhe comunicou com um rápido sorriso que não continuava em seus olhos. — Me chamo Darius Santiago.

— Tem que me ajudar! — pediu-lhe ela. — Então talvez ambos possamos sair daqui. Como posso fazer para que me leve ante Malik?

— Não se preocupe. Ele virá te ver muito em breve — lhe respondeu com um curto e frio sorriso. — Mostra o maior dos interesses em seus novos escravos.

Ela o olhou sem compreendê-lo durante alguns instantes.

— Escravos?

Ele a olhou com expressão zombeteira.

— Não sabia?

“Oh, meu Deus.” Agora sabia. Lazar fora um escravo ali.

Ficou ali de pé, sem poder se mover e quase sem poder respirar pelo horror. Sentiu como se seu mundo se quebrasse em pedaços a seu redor. Mas não podia perder nem um minuto.

Rapidamente, apresentou-se e, embora parecia que Darius não acreditava que ela fosse uma mulher debaixo daquele disfarce masculino, escutou-a com atenção enquanto lhe explicava que em menos de uma hora a cidade ia ser bombardeada.

Quando lhe disse que Lazar se encontrava em algum lugar dentro da fortaleza, os olhos do Darius se iluminaram de admiração.

— Esse é o motivo da excitação dessa noite! Não posso acreditar! Ele está aqui, o grande pachá *Shaytan*! O que não daria eu para lutar ao lado de um guerreiro assim!

— Ouviu falar dele?

— É obvio — repôs ele enquanto afastava uma mecha de cabelo dos olhos. — Todo mundo o conhece. Ouvi histórias sobre ele muitas vezes. São histórias que me dão coragem cada vez que desejo a morte. Ele sobreviveu a esse lugar, e eu também sobreviverei. A Espada não romperá meu espírito. Escaparei, como *Shaytan*, e serei valente e poderoso, como ele! Mas quando voltar, matarei Malik — acrescentou com um brilho selvagem nos olhos. — Eu não falharei.

— Pode nos ajudar?

— Talvez. Vou investigar qual é a situação. Espere aqui.

— Vou com você.

— Não a deixarão — repôs ele — mas estão acostumados comigo. Ele permite me mover com liberdade por toda a fortaleza.

— Se apresse, por favor — lhe suplicou ela.

Ele assentiu com um gesto de cabeça. Antes de chegar à porta, se voltou e lhe dirigiu um olhar duro.

— No caso de que Malik venha te ver enquanto isso, siga meu conselho. Não lhe peça clemência e tente não gritar. Ele gosta do medo e do prazer de causar dor.

Depois de dizer aquilo, Darius deu meia volta e saiu pela porta. Os dois sentinelas lhe permitiram a passagem. Allegra fechou os olhos um segundo, lutando para manter a calma.

Acabava de confiar o destino de Lazar, o seu próprio e o de Ascensão a um menino. Mas, no momento, não tinha outra alternativa.

Precisaria fazer qualquer coisa, exceto ficar ali esperando. Aquele lugar, apesar de seu aspecto sereno e elegante, parecia cheio dos ecos da dor da inocência violada. Por toda parte se viam pequenas árvores frutíferas plantadas em vasos de barro. Mas aquele refinamento não podia dissimular a certeza de que Lazar fora torturado ali, um inocente órfão. Nunca ela estivera em um lugar tão terrível.

Seu olhar se dirigiu até um canto onde havia uma jaula de ferro forjado. Dentro dela se encontrava uma enorme e rara cacatua. Tinha um bico curto e curvo e uma plumagem longa e branca, tão brilhante como uma pérola. Aquela maravilhosa criatura parecia estudá-la do outro lado do exótico salão.

Com a única intenção de fazer alguma coisa, ela se dirigiu até a jaula da cacatua e abriu a pequena porta. Ao ver que o pássaro não saía voando, introduziu a mão para pegá-la. Sentiu-se aliviada ao ver que o animal não a bicava e que aceitava o contato de sua mão. Estava acostumado a que o pegassem.

Quando o aproximou da janela, o animal começou a bater as asas, excitado ao sentir o ar noturno. As garras arranharam a sua mão. Aquele bonito animal não

conhecia sua própria força. Allegra levantou a mão e o soltou.

O pássaro de longas e brancas plumas abriu as asas e voou, livre, no ar da noite.

Lazar estava esgotado.

Sentia os músculos como se estivessem queimando, e pesados como rochas. Sentia o sabor do sangue na boca. Parecia-lhe que levava toda uma vida brigando. Gordon, mudo e com gestos mecânicos, os cabelos loiros grudados pelo suor contra a testa, continuava atacando.

Depois de um combate selvagem, Lazar deslocara o ombro direito do africano. Agora era vez de Gordon: uma luta justa, só que ele já estava esgotado quando começaram a brigar.

Surpreendeu-se ante o ataque selvagem de seu antigo amigo. Sem se dar conta ficou exposto várias vezes porque cada vez que olhava nos olhos de seu velho amigo e via neles aquele autômato, Lazar perdia a concentração. Gordon estava muito bem treinado para desperdiçar aquelas oportunidades.

Antes Lazar realizara algumas tentativas de que seu amigo mostrasse uma reação mais humana, mas não serviram de nada. Agora Lazar continuava se esforçando, triste, em silêncio e começando a se sentir desesperado, contra aquele corpo e contra aquela força, esforçando-se ao limite.

Derrubaram-se no chão de mármore como dois titãs sem prestar atenção ao vociferante grupo que os observava. Bateram-se brutalmente. Logo se separaram e deram círculos um frente ao outro durante alguns momentos, respirando com dificuldade e manchados de sangue. Quando voltaram a se atacar, Lazar lhe deu um potente murro na mandíbula.

Gordon deu um passo atrás para se recuperar do golpe e, imediatamente, foi para frente e bateu na cabeça de Lazar com sua própria testa. Lazar viu estrelas.

Com a cabeça ainda dando voltas pelo golpe do inglês, Gordon começou a estrangulá-lo. Empurrou Lazar contra os frios azulejos de uma das paredes fazendo com que um grupo de árabes se amontoasse em ambos os lados para lhes dar passagem.

Lazar tentou arrancar aquele tenaz de aço de sua garganta. Seus pulmões necessitavam de ar imediatamente. Bateu no ventre do gigante, mas esse lhe deu uma joelhada no estômago.

Passavam os instantes e ele continuava sem ar. A enorme sala começou a se obscurecer... a brilhar... distante... e Gordon o deixou cair no chão. Lazar sentiu como se tivesse aberto a cabeça contra o mármore.

Deitado sobre o frio chão, tentando respirar, a vista nublada por negras nuvens e dupla visão, Lazar ouviu que Malik declarava Gordon como vencedor. Percebeu a fúria ansiosa na voz do *sheik*.

Lazar grunhiu, derrotado, como um animal.

Voltou a abrir os olhos esperando ver os árabes que se aproximavam para pegá-lo do chão, mas se deu conta de que já tinham prendido suas mãos. Tudo acontecia com muita lentidão, como em um sonho. Levantaram-no, puseram-no de pé e o empurraram para aquela sala intolerável.

Ao fim de quinze minutos, Darius entrou precipitadamente no salão em penumbra. Allegra correu até ele. Sentiu que seu coração subia até a garganta ao ver aquele olhar de aflição.

— Ele o têm. Vão trazê-lo para aqui.

— O que lhe aconteceu? Está ferido?

— Tome aqui — o menino levantou a túnica e tirou duas pistolas. Deu uma a ela. Ela conteve uma exclamação quando a sentiu entre as mãos. Mas quando o menino lhe mostrou a familiar faca árabe de Lazar e a depositou em suas mãos, Allegra se sentiu aterrorizada.

— De onde tirou isso?

— Roubei-a debaixo do trono de Malik. Posso roubar qualquer coisa. Venha. Temos que nos esconder.

Allegra sentia o coração disparado. Sentia a pulsação nos ouvidos. Esconderam-se atrás de um divã que se encontrava na frente de uma parede de brilhantes véus. Ao fim de um segundo ouviram algumas vozes e passos que se aproximavam para a entrada protegida pelos guardas etíopes.

— Colocaram o velho inglês nas masmorras — sussurrou Darius precipitadamente.

O homem vestido de branco que apareceu à vista debaixo do arco das estreitas colunas era magro, moreno e mostrava um evidente estado de agitação. Olhou para frente e logo se voltou com impaciência, esperando outros. Tinha uma elegância sinistra. Ao notar como o corpo de Darius ficava tenso ao seu lado, Allegra soube que aquele tinha que ser *Sayf-de-Malik*.

Mas quando Lazar apareceu na porta, Allegra sentiu como se seu coração se partisse em dois.

Levava as mãos atadas na frente e tinha a cabeça caída em uma clara mostra de derrota. Sua atitude mostrava esgotamento e dor e, apesar da penumbra do cômodo, Allegra distinguiu o suor sobre os braços, e restos de sangue. Estava espancado, derrotado. Allegra não podia apartar os olhos dele.

No mais profundo das veias, Allegra sentiu pontadas de uma cólera divina que nunca antes sentira.

Enquanto isso, Malik fazia com que os guardas se apressassem com o homem derrotado. O grupo passou pela frente deles, um tanto atrasado pelo abatido prisioneiro, e quando chegaram ao final da sala Malik abriu uma porta e fez Lazar

entrar. Imediatamente, despediu os homens.

Darius tremia ao seu lado. Allegra acreditou que era por causa do medo, mas quando ele falou, deu-se conta de que era pela raiva.

— Vamos — indicou, em um tom que lhe gelou o sangue.

Enquanto seguia o jovem andaluz pelo escura e ampla sala, Allegra começou a se sentir estranhamente fortalecida. Chegaram à porta fechada por trás da qual Malik levava Lazar, e Darius se deteve e colocou o ouvido contra ela para escutar. Sem fazer ruído, o menino deixou as pistolas de Lazar ao lado da parede.

— Estão falando — sussurrou. — Eu distrairei Malik. Quando ele te der as costas, o mate.

Ela assentiu. “Sim. o mate.” Por Lazar, Allegra mataria aquele Calígula sem nenhum escrúpulo.

De repente compreendeu Lazar mais do que nunca sonhou que faria. Compreendeu sua raiva para se vingar, seu desejo de acabar com toda sua família e de arrasar Pequena Gênova por completo.

Darius lhe indicou com um gesto que se afastasse um pouco da porta. Então chamou. Ao ouvir o latido de Malik, anunciou-se. Darius olhava para a frente, e suas faces avermelharam quando ouviu que o tom de Malik mudou da rudeza para um tenso e rouco convite.

Allegra estremeceu e se alegrou de não compreender aquelas palavras.

Era óbvio que o menino teve que reunir coragem. Entrou. O aroma do ópio alagou a sala depois que a porta se abriu. Darius a deixou entreaberta a sua passagem. Allegra esperou.

— Entre, menino. Tenho a cabeça cheia de interessantes possibilidades — disse Malik, dessa vez em espanhol. — Agora, vá até o pobre Lazzo. Limpe suas feridas. Não tenha medo dele. Está dominado. Não parece um leão enjaulado?

Allegra apertou a mandíbula. Seu coração pulsava com força. A palma suada da mão grudava no punho da faca árabe. Quando se deu conta de quanto deveria se aproximar de Malik para matá-lo, pegou com cuidado uma das pistolas. Mas pensou de novo. Voltou a deixar a arma no chão. Não se atreveria a utilizá-la. Não tinha prática, e Lazar se encontrava muito perto.

— Não me toque — ouviu a voz de Lazar em um tom baixo e letal. Imediatamente se escutou um grito de Darius.

Ouviu a risada de Malik. Sua maldade era palpável no ar.

Ela se aproximou da porta. Conteve a respiração e olhou para dentro. Lazar tinha lançado Darius ao outro lado da sala com um golpe, e Malik se encontrava, talvez, a cinco passos dela. Dava-lhe as costas e observava Darius, caído no chão de pedra.

— Meninos, meninos. Quero que sejam amigos. Não acha que esse andaluz é um menino estranho, Lazzo? Tem o coração de um lobo, mas seu rosto é fresco como o orvalho.

Allegra se sentiu tranqüila e com a mente extraordinariamente clara.

Fechou os olhos, secou o suor da face, benzeu-se e, com o coração cheio de raiva, entrou no cômodo para, sem hesitar nem um momento, afundar com todas suas forças a faca entre os ombros de Malik.

A carne cedeu sob o metal com uma facilidade nauseabunda. Allegra sentiu dor no pulso por causa do impacto da lâmina contra a coluna e não pôde reprimir um grito.

Malik bramou e se voltou com uma expressão feroz no rosto. Allegra retrocedeu, assustada.

Enquanto Darius corria a fechar a porta, Malik continuava bramando, surpreso. Allegra, incapaz de se mover, levou ambas as mãos à boca ao ver a adaga que se sobressaía das costas de Malik. Esse se debateu em círculos, retorcendo-se e gritando, até que caiu ao chão de joelhos.

— Façam-no se calar — grunhiu Lazar.

Darius se apressou até Malik, tirou-lhe a faca das costas e, com calma, cortou-lhe o pescoço. Imediatamente Malik caiu de cara contra o chão.

De repente, tudo estava cheio de sangue.

O menino ficou olhando Malik alguns instantes, como se não pudesse acreditar que tivesse feito aquilo. Tinha a faca na mão e seu peito subia e descia, agitado. O sangue ensopava o branco linho da roupa árabe. Darius soltou uma gargalhada que fez com que o sangue de Allegra gelasse. A gargalhada se converteu em um grunhido perverso. Darius se ajoelhou ao lado do corpo do Malik e começou a apunhalá-lo com um rancor sombrio e irrefreável.

— Darius! — exclamou Allegra com os olhos muito abertos enquanto retrocedia, espantada ante aquela cena.

O menino se ergueu e, sem deixar de dissimular sua satisfação ante o homem morto, repôs:

— Ele merece.

Com movimentos eficientes, Darius limpou a lâmina manchada de sangue na manga das brancas roupas de Malik. O sangue continuava emanando em redemoinhos do corpo do homem. Ato seguido, Darius cortou as cordas que imobilizavam as mãos de Lazar e, com uma receosa inclinação de cabeça, ofereceu àquele a adaga árabe pelo cabo.

— Príncipe de Ascensão — disse em voz baixa, embora pronunciando com rapidez — aceite por favor a ajuda de quem sofreu o mesmo que você. Devemos sair daqui imediatamente, agora que ainda há tempo. Venham. Seu amigo, o inglês, encontra-se nas masmorras. Lhes mostrarei onde.

Mas Lazar só olhava para Allegra.

Os olhos dela se encheram de lágrimas ao se encontrar com aquele olhar mudo e desgarrado. Sem palavras, observou aquele rosto abatido e inchado. Aproximou-se dele, mas Lazar a evitou com um gesto.

— Não me toque — sussurrou.

Em um instante, sem dizer nada mais, Lazar emergiu daquele estupor

fantasmal e atravessou a porta. Darius o seguiu imediatamente, a um passo atrás dele. Allegra ficou sozinha com o corpo por um momento. Baixou o olhar até ele e sentiu a tentação de chutá-lo. Observou o escuro rosto resistente que ainda mostrava uma expressão de raiva. Allegra afastou o olhar, transtornada, e foi então que seus olhos bateram em um brilho dourado no chão.

Deu uma volta para evitar a poça de sangue derramado ao redor do corpo de Malik e pegou aquilo que tinham ido procurar. À primeira vista distinguiu o leão do brasão dos Fiori: era o selo de Lazar, do tamanho do dedo de um menino.

A prova.

“Está contente agora?” Fechou os olhos e se sentiu adoecer de remorsos por tê-lo empurrado até ali, por tê-lo empurrado a enfrentar aquilo. “Já não sofreu o bastante por causa de seu sangue real?”

Me ame. Isso era tudo o que ele lhe pedira. Allegra deixou cair à cabeça para frente, abatida, enquanto segurava o anel com força. Como Lazar ia se recuperar daquilo?

Ao longe se ouviram os gritos dos guardas. Esse gritos de alarme a fizeram reagir. Allegra correu para fora do cômodo e girou para a sala atrás de Lazar e de Darius. Viu-os justo quando eles giravam por uma esquina muito mais a frente. Correu pelo corredor pavimentado os seguindo, embora sem se atrever a chamá-los para que a esperassem.

— Podemos sair dos calabouços — comunicou Darius a Lazar, ofegante, enquanto corria ao seu lado por um corredor iluminado com tochas.

Somente os anos de treinamento obedecendo seus instintos mais finos foi o que permitiu a Lazar continuar se movendo. Tinha a mente em branco por causa do trauma, como se um morteiro tivesse explodido diante dele. Nada lhe parecia real. Sentia a alma atravessada pela metade, como um verme preso em um anzol de linha, mas seu corpo continuava lutando, instintivo, embora eficiente, continuava se negando a morrer embora a morte fosse a única coisa decente que restasse. Era como se visse si mesmo de algum lugar fora de seu corpo, como um fantasma que flutuasse acima de seu próprio corpo morto.

Detiveram-se ante uma porta de madeira e ferro que fechava a passagem. Lazar sabia que Allegra não estava muito longe. Teria que cuidar de si mesma no momento, porque ele simplesmente não podia olhá-la cara a cara.

Lazar desencapou a pistola imediatamente e disparou contra o ferrolho, destroçando-o. Com um chute, abriu a porta. Darius, com uma elegância de gato selvagem, desceu a dúzia de degraus que penetravam na escuridão cheia de ecos das masmorras. O lugar cheirava a excrementos humanos e a feno rançoso. Os instrumentos de tortura apareciam entre as sombras como monstros à espreita. As celas eram construídas com madeiras podres e barrotes de ferro oxidado. Lazar

desceu pelos doze degraus até o piso pisado.

Enquanto Lazar abatia o guarda que se aproximara deles, Darius corria corredor à frente em busca de O Pároco. Quando o encontrou, Lazar foi até a porta da cela e disparou contra o ferrolho para abri-la. Um dos prisioneiros do fundo gritava e batia contra as barras, suplicando que o libertassem.

Lazar perguntou ao Pároco se encontrava bem. Ele assentiu com uma expressão amarga, apesar do mau-aspecto que mostrava. Lazar fez um gesto ao menino para que lhes mostrasse o caminho de saída e ele se precipitou para o outro extremo do complexo de celas onde dois degraus empoeirados conduziam a outra enorme porta.

— Dá para o anfiteatro — lhe disse. — Não haverá ninguém aí fora agora, mas temos que nos apressar.

Lazar assentiu, mas tinha suas dúvidas de se poderiam abandonar aquele lugar com vida. Quando se dispunha a fazer voar o ferrolho, Darius gritou e apontou para trás.

— Alguém está vindo!

Lazar girou e viu uma esbelta silhueta na porta de entrada, no outro extremo das masmorras. Reconheceu aquele perfil imediatamente. Apertou a mandíbula sem poder reprimir um gemido como de um animal ferido.

— Que diabos ela faz aqui? — grunhiu O Pároco.

— Ela? — exclamou Darius.

— Não importa. Vá buscá-la — disse ao Pároco.

Lazar o deixou ir e empregou aqueles instantes preciosos para voltar a carregar as pistolas. O Pároco se apressou pelas escadas, percorreu o corredor e saltou por cima do cadáver do guarda.

— Senhorita Monteverdi, por aqui!

— Pároco? — inquiriu ela com uma voz trêmula que ressonou por todas as masmorras.

Aquele doce eco fez Lazar vacilar. Poderia voltar a olhá-la nos olhos alguma vez? Não poderia. Viera até ali para ganhar seu respeito e, em vez disso, fora profundamente humilhado diante dela.

Chegara o momento. O momento de fazer aquilo que deveria ter feito fazia muito tempo. “Só uma hora mais. Só para me assegurar de que O Pároco e esse feroz menino cheguem ao navio sãos e salvos. Então já não haverá mais dor.”

Voltou a embainhar as pistolas e cruzou os braços enquanto esperava. O menino o olhou com uma expressão interrogativa. Lazar o ignorou. Ao fim de alguns instantes O Pároco chegou até eles conduzindo Allegra pela mão. Essa tinha o rosto pálido. De uma olhada, Lazar se deu conta de que usava sua camisa e de que fazia uma desesperada tentativa para se mostrar valente.

Afastou a vista dela rapidamente antes de ver o olhar de repulsão que, sabia, encontraria em seus olhos.

Sem mais preâmbulos, abriu o ferrolho e empurrou a porta. Ambas as pistolas

ainda estavam carregadas. A única coisa que encontrou ante ele foi o círculo empoeirado e vazio do anfiteatro onde ele e seus amigos tinham treinado e tinham derramado sangue tantas vezes só para a diversão de Malik. No alto, a brilhante noite do deserto estava infestada de estrelas.

O edifício principal da fortaleza se encontrava muito perto. A julgar pelos caóticos sons que provinham dali, Lazar se deu conta de que tinham descoberto o corpo de Malik. Talvez teria que ter se sentido feliz por seu inimigo estar morto, mas não sentia nada. Absolutamente nada.

Justo quando se dirigia para a saída, com o breve séquito atrás dele, começou o bombardeio. Ordenara a seus capitães que reduzissem aquele lugar a pó.

— Corram! — bramou O Pároco.

A areia saía voando como em gêiseres por toda parte. Correram de volta até o navio e abandonaram *Al Khuum* a seu destino.

Capítulo dezoito

Quando subiram ao navio, Allegra observou Lazar em uma tentativa de Qaveriguar o que acontecia com ele. Notava que um imenso mau-presságio tomava forma em seu íntimo. Além do fato de que ele não a olhava no rosto — era óbvio que ele fingia que ela não existia — parecia que se encontrava perfeitamente bem.

Lazar se sentia destruído, e ela sabia disso, mas parecia que ainda existia uma pequena fresta no muro que acabava de levantar ao seu redor.

Agora ele se encontrava no castelo de proa e dava ordens à tripulação. Os homens trabalhavam enfebrezidos, dirigiam o cabrestante para içar a âncora, retiravam a passarela, recolhiam as amarras e dirigiam os canaletes para conduzir o navio para fora do ancoradouro. Lazar escutou com paciência as servis desculpas de Bernardo e lhe garantiu o perdão. Logo levou O Pároco à enfermaria para que olhassem um forte golpe recebera na cabeça.

Ao fim de alguns momentos voltou ao convés para se certificar que o navio atravessasse os bancos de areia sem problemas e entrasse nas cálidas correntes do Mediterrâneo.

Darius usava algumas roupas que Lazar lhe dera para que pudesse tirar as odiadas roupas de escravo, mas não pareceu a Allegra que ficassem melhor do que tinham ficado nela. Lazar acabava de indicar ao menino que se dirigisse à cozinha para que comesse algo, mas no último instante, antes de que aquele cruzasse a escotilha, deteve-o. À tênue luz da lanterna, Allegra observou que Lazar oferecia ao menino a curva adaga árabe. Esse a aceitou com uma expressão de admiração e devoção no rosto. Efetivamente, o menino fizera bom uso da adaga, mas pareceu a Allegra que era um mau-presságio que Lazar se desprendesse de sua arma preferida.

Observou-o enquanto ele voltava para o leme. Ali repassou uma vez mais a rota exata da viagem com o Senhor Hartcour. Lazar continuava a ignorando. Quando terminou, abandonou o leme e se dirigiu para a proa. Allegra o observou enquanto ele se detinha para contemplar o mar e se deu conta de que, apesar das aparências, Lazar se sentia perdido.

Ela hesitou, sem saber como se aproximar dele depois do que ele passara na sala com Malik.

Antes de que pudesse se aproximar, Lazar abandonou a proa. Quando chegou à altura do mastro, deteve-se e levantou a cabeça para contemplar as velas. Durante alguns momentos, acariciou a suave madeira com amor. Foi então quando ela soube.

Lazar completara os últimos preparativos. Cuidara de todo o mundo. Agora estava se despedindo de seu amado navio.

— Oh, Deus, não — exclamou sem fôlego. Sentia que os joelhos começavam a tremer. O terror a capturou como se fosse um tubarão, com uma mordida.

Lazar, ao pé do enorme mastro, baixou a cabeça, deu meia-volta e caminhou devagar para a escotilha. Ela ficou ali quieta, imobilizada, tentando se convencer de que estava equivocada. Não podia ser que seu pior pesadelo se realizasse agora para engoli-la daquela forma. Não podia ser que seu valente Lazar a abandonasse. Tinha a vitória ao alcance da mão.

Assim que ele desapareceu de sua vista, Allegra se precipitou atrás dele.

Lazar fechou a porta do camarote à chave e se dirigiu à escrivaninha. Deixou-se cair sobre a cadeira. Tinha o orgulho destroçado, a alma arrasada e seu corpo todo doía. Abriu a gaveta superior e começou a procurar a bala de prata que guardava para aquela ocasião.

Não a encontrou. Levantou a cabeça ao ouvir que Allegra esmurrava a porta e seu olhar caiu sobre os documentos de Ascensão. Com um golpe raivoso os espalhou pelo piso. Tirou a gaveta da escrivaninha e derrubou o conteúdo no chão.

— Maldição! Onde está? — exclamou em voz alta.

— Por favor, Lazar, me deixe entrar.

Ele não respondeu. Ouviu que ela se afastava correndo enquanto gritava em busca de ajuda para que alguém derrubasse a porta. Lazar se abaixou e procurou entre o monte de coisas da gaveta. Quando por fim encontrou a bala de prata e a pegou entre o polegar e o indicador, deu-se conta de que não podia fazer aquilo.

Não podia fazer aquilo a Allegra.

De que forma ia continuar vivendo era algo que não sabia, mas a vida o tinha em seu poder, preso entre suas garras como um leão, e não ia soltá-lo.

De repente notou que não conseguia respirar. Ficou em pé, enjoado. Tirou o cinturão com as pistolas e o atirou ao outro extremo do cômodo. Não queria voltar a se sentir tentado. Também tirou a correia que segurava a espada e a atirou ao chão. Logo saiu ao balcão em busca de ar. Estava sem fôlego e ainda tinha a bala na mão. Apoiou-se na amurada e lançou a bala ao mar, tão longe como pôde. Logo, apoiando-se com ambas as mãos sobre a madeira, baixou a cabeça, desesperado.

O Pároco tinha uma chave do camarote. Allegra, com um grupo de homens atrás dela, brigava com a fechadura sem conseguir abri-la, confusa pelo terror e a pressa. Por fim, conseguiu.

Aquele era o momento mais difícil de sua vida.

Recompôs-se e agarrou o pomo para abrir a porta. Mas antes de que pudesse fazer aquilo, ele girou por si só. A porta se abriu e Lazar apareceu atrás dela, ameaçador na penumbra.

— Não está acontecendo nada — disse aos homens. — Voltem ao trabalho.

Com um grito, Allegra se lançou contra ele e o abraçou com força pela cintura. Percorreu-lhe o corpo com o olhar, procurando algum sinal de que Lazar fosse um perigo para si mesmo. Mas, a parte do sua aparência destroçada, parecia estar bem.

“Obrigada, meu Deus.” Allegra apertou a face contra seu peito e escutou o batimento de seu coração. Sentia uma grande fraqueza em todo o corpo e se sentia aliviada ao se dar conta de que sua reação fora exagerada. Girou o rosto na direção dos homens sem soltar Lazar e murmurou desculpas por tê-los preocupado. Aqueles olharam para Lazar e para ela, inquisidores, mas assentiram e voltaram para seu trabalho. O Pároco lhes dirigiu um olhar penetrante e, sem pronunciar palavra, saiu.

Ainda com os braços ao redor da cintura dele, Allegra se dirigiu ao último dos homens que abandonavam a sala.

— Esquente água na cozinha. Seu capitão tomará um banho — ordenou sem ruborizar. — Diga a Emilio que lhe prepare algo para comer, algo suave para mastigar — acrescentou, observando sua mandíbula machucada. — Depois diga ao cirurgião que me traga cataplasmas e ataduras.

O homem assentiu e se apressou a cumprir suas ordens.

Lazar estava calado e tinha uma expressão distante, como se seu rosto fosse esculpido em granito. Ainda não fizera nenhum gesto para lhe devolver o abraço. Ela imaginou que, provavelmente, estava furioso pelo fato de que ela tivesse abandonado o navio, além de ter sido humilhado. Apesar daquilo, ele não a afastou nem opôs nenhuma resistência.

Allegra o pegou pela mão e entrou no camarote. Fechou a porta à chave e se deteve para olhá-lo no rosto. Ao fim de um momento, conduziu-o até a enorme e cômoda poltrona para que se sentasse nela.

Ele fez. Olhava-a com uma expressão receosa e ela tirou o escuro capuz com a qual havia coberto os cabelos. Ainda com o tecido na mão, cruzou os braços sobre o peito e o olhou, observando cada uma das feridas, cortes e hematomas que seu corpo poderoso mostrava.

Ao ver a rigidez, a súplica e o desamparo no sombrio olhar de Lazar, Os olhos de Allegra se encheram de lágrimas. Aproximou-se dele e pôs uma mão em sua face. Ele apertou o rosto contra a palma de sua mão e fechou os olhos com uma expressão exausta.

— Por que foi até lá? Não deveria ter ido — sussurrou com a voz destroçada.

Ela observou sua beleza, seus longas, negros cílios suaves como plumas, agora

fechados. Seu valente e orgulhoso capitão pirata, seu príncipe, não estava simplesmente ferido; estava envergonhado no mais profundo de sua alma. Allegra sentiu aquela ferida como se fosse a sua própria.

— Lazar di Fiori — lhe sussurrou — eu o amo mais que à própria vida.

Ele abriu os olhos de repente. Olhou-a desconfiado, com o cenho levemente franzido.

Fez-se um longo silêncio. Ele se afastou de sua mão e olhou para um lado.

— Não quero sua compaixão — se esforçou, em tom imperturbável. — Me deixe sozinho. Sei que minha mera presença lhe é repulsiva. Não tem por que manter essa farsa.

— Amor — ela o interrompeu com doçura — me olhe.

Com a mandíbula apertada, ele levantou a vista, insolente.

— O quê é?

— Eu pareço decepcionada? — o olhou com todo o coração nos olhos. — Você é o homem mais valente e de maior coração que jamais conheci. O fato de que sua fortaleza tenha sobrevivido a um lugar como aquele me enche de admiração.

Ele a olhou de novo com expressão quebrada.

— Não me atormente — murmurou, baixando o olhar. — Já é bastante ruim ter fracassado...

— Não fracassou. Só necessitou de um pouco de ajuda — Allegra introduziu a mão no bolso das calças que ainda usava e tirou o selo. O ofereceu a ele. — Consegui, Lazar. Mantive a palavra que deu a seu pai.

Ele pegou o anel, devagar, e seus olhos se encheram de lágrimas só um instante.

— Agora Ascensão será sua, como sempre deveria ter sido.

Ele baixou a cabeça e ficou calado um longo momento.

— Só o queria para que não pensasse mal de mim. Mas agora sei que não pode me amar.

Ante aquela confissão, Allegra sentiu que sua garganta se enchia de emoção. Não podia falar. Abriu passagem com suas pernas entre as dele e o atraiu contra si, o abraçando pelos ombros e segurando sua cabeça contra seu peito. Manteve-o preso, perto dela.

— Eu te amo — sussurrou. — Por isso o segui. Sabia que estava em perigo

— Você entrou em *Al Khuum* por mim — constatou ele, admirado.

— Eu o seguiria até o próprio inferno, Lazar.

— Ah, sim. Você fez isso.

— E conseguimos porque somos mais fortes juntos que separados, meu amor — murmurou. — Agora você está a salvo — tirou-lhe o lenço da cabeça e passou uma mão pelos negros e aveludados cabelos com ternura, notando que tinham crescido. Inclinou-se para frente e lhe beijou a cabeça.

— Mas... Allegra.

— Eu te amo, Lazar. Nada poderá mudar isso. Não há nenhuma razão pela que

sinta que deve me ocultar nada.

Ele levou sua mão até o braço dela e o fez descer até seu colo. Olhou-a nos olhos como se procurasse sua alma no fundo deles.

— O que é? — murmurou ela.

Os escuros olhos de Lazar tremeram.

— Você me ama? — perguntou-lhe em um tom quase inaudível.

Essas duas palavras foram pronunciadas com tal esperança que os olhos de Allegra se encheram de lágrimas.

— Sim, eu te amo. De todo meu coração.

— Perdi tudo e todos quem amei — sussurrou ele, com a cabeça curvada. — Como poderei suportar se alguma vez te perder?

Ela se ajoelhou diante dele e pôs as mãos sobre seus ombros. Olhou-o nos olhos com determinação.

— Nunca irá me perder. Nunca. Estarei com você para sempre.

— Não posso me casar com você — replicou ele, pesaroso.

— Shhh. Amor. Já sei disso — tranqüilizou-o enquanto lhe acariciava o musculoso braço. — É o melhor para Ascensão. Simplesmente, me dê um lugar em sua vida. Serei sua amante, sua amiga, tudo que deseje, Lazar. Simplesmente, me permita estar perto de você.

Com expressão de dor, Lazar tomou a mão e a levou aos lábios. Reteve-a ali alguns instantes enquanto mantinha a cabeça curvada e os olhos fechados, desanimado.

— Você merece mais que ser a amante de alguém. Quero que seja minha esposa, mas não posso tê-la.

Ela sorriu com doçura e lhe acariciou os cabelos.

— Em meu coração, sou sua esposa. Isso me basta.

— *Chérie* — a fez se sentar em seu colo, montada, e ela apoiou a cabeça sobre seu ombro. — Não me deixe nunca.

— Nunca — assegurou ela em um murmúrio, o abraçando com mais força contra ela.

Aferraram-se o um ao outro, apertando-se e procurando descanso como duas crianças órfãs, como se cada um fosse a única coisa que restasse ao outro no mundo. Ficaram em silêncio um momento, impressionados pelos eventos daquela noite. Agora, ali sentados, simplesmente acariciavam os cabelos um do outro, os braços, as costas, descansando naquele apoio. Allegra passou seus dedos pelo pescoço dele várias vezes somente para sentir a bênção de seu pulso nele.

— Não posso suportar a lembrança do tão perto que estive de te perder — disse Allegra a ele antes de lhe beijar a face. — Mas me disse que voltaria para mim, e voltou.

— Faria tudo por você — respondeu Lazar em um tom de estranha fúria. — Allegra, quero que saiba que, todo aquele inferno, voltaria a passar por tudo isso somente para chegar até esse momento, para ter isso com você, Allegra. Nunca

disse nada assim a ninguém. Eu te amo.

Ela o olhou com uma felicidade angustiada.

— Você é o homem mais valioso — lhe disse, com voz entrecortada, o apertando contra ela, os olhos fechados com força. — Eu também te amo.

— Me beije, *chérie*...

Ela o fez com grande doçura. Quando aumentou a intensidade, ele retrocedeu e se afastou.

— Ai! — exclamou, levando uma mão à mandíbula ainda machucada pela briga.

Ela sorriu e meneou a cabeça enquanto observava suas feridas.

— Ora, que aparência você tem, Fiori — riu apesar de tudo.

— São palavras muito adequadas para uma mulher que está vestida como um homem.

Com suavidade, Allegra passou os dedos por um corte que ele tinha em cima de uma das sobrancelhas.

— Pobrezinho. Olhe — murmurou. — Acho que os beijos terminara por essa noite.

— A dor vale à pena — grunhiu ele enquanto esboçava seu antigo sorriso brincalhão e voltava a se aproximar dela.

Ela o deteve e o olhou com ternura.

— Meu amor, se começarmos, não acredito que nenhum dos dois se contentará com alguns beijos. Depois de ter te encontrado com ele essa noite... tem certeza de que está preparado?

Ele ficou quieto um momento, com expressão sombria. Logo, olhou-a nos olhos.

— Não deve se culpar... nunca — lhe disse ela. — Vi como era. Aquele homem era uma porcaria e me alegro de tê-lo apunhalado.

Ele abriu os olhos surpreso. Para surpresa dela, Lazar riu.

— O que aconteceu? Meu gatinha se converteu em uma leoa?

Ela lhe respondeu com um sorriso ligeiramente preguiçoso.

— Exato, leoa.

Ainda sorridente, ele lhe acariciou a face, mas sem olhá-la.

— Se ainda pode suportar minha presença, acho que isso ficará definitivamente no passado — ao se calar, atreveu-se a olhá-la de novo nos olhos.

— Bom, me permita que te diga, meu amigo — começou antes de lhe dar um beijo na face — que eu gostaria de algo mais que suportar sua presença essa noite.

Ele estremeceu levemente.

— Ah, sim?

Suas carícias mudaram de intenção. Passaram de um mútuo consolo a uma suave sedução. Lazar se apoiou no respaldo da poltrona e a olhou enquanto ela lhe abria o colete com ambas as mãos e lhe percorria o peito com o leve toque de suas unhas.

— Essa noite, meu guerreiro, você me mostrará onde tem as feridas. Eu beijarei

todas elas.

— Isso vai tomar muito de seu tempo — sussurrou ele, e levantou uma sobancelha.

— Assim espero — Allegra se inclinou e lhe depositou um beijo no peito.

Aquele lento e lânguido jogo foi interrompido por algumas batidas na porta. Um dos homens levava a tina e os primeiros baldes de água para o banho. Allegra se afastou alguns centímetros dele e lhe sorriu com ternura sem deixar de lhe acariciar o rosto.

— Essa noite deixará que me ocupe de você, *capisce*? — disse-lhe com suavidade.

Ele passou um dedo pelo nariz dela com leveza.

— Estou a suas ordens — assentiu em um sussurro.

Ela sorriu de novo e suspirou de amor enquanto se levantava de seu colo e permitia que dois homens entrassem no camarote para terminar seu trabalho. Lazar se acomodou na poltrona e alongou as pernas enquanto observava cada movimento dela com seus olhos escuros.

Os homens trabalharam em silêncio. Encheram rapidamente a enorme tina de madeira, que tinham colocado ao lado da parede de popa. Allegra acendeu três velas para iluminar a escuridão da noite e logo serviu dois copos de vinho, para ela e para Lazar. Quando os homens saíram, ela fechou a porta. Então espalhou algumas pétalas de flor na água do banho e olhou para Lazar. Esse tinha os olhos fechados e o rosto girado para um lado, descansando. Ela se aproximou e lhe acariciou o estômago com ternura.

— Querido — chamou, o olhando com amor.

Ele voltou o rosto para ela e pôs uma mão sobre a dela, sobre seu estômago. A pegou, a beijou e a pôs sobre o coração.

Ela se inclinou para frente e beijou sua testa. Então, com cuidado, começou a despi-lo. Ele ficou recostado contra a poltrona e a olhava com expressão ligeiramente divertida. Allegra lhe tirou o colete e, com coragem, desabotoou-lhe o cinturão. Allegra sentiu que sua pele ardia sob o olhar dele. Desabotoou-lhe também as calças.

— Está fazendo um bom trabalho — assinalou ele, divertido e subjugado.

Quando Allegra teve a sua frente seu escultural e dourado corpo nu, percorreu-o com o olhar cheia de devoção. Os pronunciados músculos do peito, o intrincado desenho do poderoso abdômen, a brilhante e suave pele, como cetim sob a cálida luz das velas. Observou as fortes pernas e os pés. E enfim, olhou, maravilhada, a parte mais masculina. Estava relaxada, mas era enorme. A mataria, pensou ela.

Lazar riu como se tivesse lhe adivinhado o pensamento. Logo se voltou e se dirigiu à tina.

— Vais me esfregar agora, senhorita Monteverdi? — perguntou.

— Por toda parte — replicou ela, ruborizando imediatamente.

Ao fim de um momento, ele se meteu na água com um suspiro de prazer.

— Sou todo seu, *chérie*. Faça comigo o que desejar.

Ela se aproximou e levou ambas as mãos às costas.

— Está confortável? — perguntou-lhe ao se deter a certa distância.

— Nossa... — murmurou ele. Os negros cílios descenderam sobre as faces enquanto se recostava contra a tina.

— Muito bem — assentiu ela. Então se colocou ante ele para que pudesse vê-la por completo. Ali tirou a roupa, como ele lhe pedira que fizesse naquela noite em que o recusara.

Lazar se segurou à tina com ambos os braços enquanto observava cada um de seus movimentos com os olhos acesos.

Quando tirou toda a roupa, tirou os grampos e deixou os cabelos caírem sobre os ombros.

Lazar afastou seu enfebrecido olhar do corpo dela e a olhou nos olhos. Ela estremeceu ao se sentir nua diante dele. Olhou-o e sentiu uma dolorosa doçura em seu interior. Ele parecia quase não respirar: estava imóvel. Exceto pelo profundo e tranquilizador murmúrio do mar ao redor do casco e pelo leve rangido do enorme navio ao se balançar sobre a água, um silêncio reverente encheu o camarote com a admiração que sentiam um pelo outro. Transcorreram alguns instantes. Allegra sentia o ar sobre seu corpo como finos fios que a acariciavam. Atrás dela, as translúcidas cortinas ondeavam lentamente sob a brisa do anoitecer. Ali, de pé, tomou aguda consciência de certos pequenos territórios de seu corpo que nunca antes soubera que possuía. Era o olhar fixo e agudo dele, mais eloquente que o tato, o que lhe provocava essa consciência. Pela primeira vez em sua vida, que ela recordasse, notava a curva ovalóide de seu umbigo, o ângulo externo de seu joelho. Todo isso por causa dele.

— Vem para mim, Allegra — pediu ele, finalmente.

Ela caminhou até ele, tomou a mão que ele lhe oferecia e se uniu a ele na banheira. Lazar a abraçou enquanto ela se introduzia na água quente e cheirosa. Atraíu-a para si, apertou-a contra ele, fez-lhe sentir pela primeira vez o contato de sua pele nua contra a dela. Allegra fechou os olhos, em êxtase. Ele pegou sua mão e lhe beijou o pálido pulso, a palma, a base dos dedos. Lambeu levemente a ponta do polegar, esfregou-lhe as pontas dos dedos com o nariz e, brincalhão, tomou o dedo mindinho entre os dentes. Finalmente, pôs uma mão sobre o ombro e a apertou com mais força entre seus braços.

Allegra se sentia hipnotizada ao sentir a calidez e a beleza dele diante de seu corpo, as poderosas coxas sob suas nádegas, a potência de seus poderosos ombros ante ela como uma amada e sólida fortaleza. Abraçou-o e passou as mãos pela pele áspera e endurecida das costas. Depositou uma coroa de beijos do lóbulo de sua orelha até a base de seu pescoço. Sentia-se ébria do sabor de sua pele e de sua fragrância.

Ele baixou as mãos até os quadris dela e desenhava as formas de sua silhueta na água. Tinha o rosto enterrado em seus cabelos.

— Esperei isso por tanto tempo — sussurrou, trêmulo.

— Eu sei carinho. Eu também.

As mãos de Allegra deslizaram sobre os músculos de seus ombros e se juntaram em sua nuca. Sentia sua própria respiração, profunda e rápida, cálida sobre a pele dele.

Lazar posou ambas as mãos sob as nádegas dela e Allegra notou que a respiração dele se acelerava contra seu pescoço. Ela passou os dedos por entre os curtos e brilhantes cabelos negros da nuca dele e lhe despertou um gemido quase inaudível. Olhou-o nos olhos, negros e úmidos como dois poços de desejo.

— Eu te amo — disse Lazar.

Começou a beijá-la. Beijou-lhe as pálpebras, as faces, os cantos dos lábios e, ao notar que ela procurava um beijo mais profundo, penetrou em sua boca.

Allegra ficou de joelhos para se colocar montada sobre seu colo. O movimento de ambos fez com que a água derramasse para fora da tina. O vapor da água ensopou suas peles e as pétalas se aderiram a seus corpos.

Allegra esfregou seu corpo contra o dele e sentiu com intensidade o membro intumescido contra seu ventre. Sentiu-o contra a base dos seios. Não podia deixar de se mover contra o corpo de Lazar. Deslizou uma mão sobre seu ventre, onde cada músculo vibrou de desejo sob seu contato. Lazar conteve o fôlego e jogou a cabeça para trás. Fechou os olhos ao notar que ela segurava o membro rígido.

— Isso te agrada — ele lhe disse, o olhando.

Ele assentiu, com gesto sonolento.

Allegra alongou suas carícias, percorreu a misteriosa dimensão do membro até a curiosa protuberância da extremidade. Quando fechou a mão ao redor da grossa e redonda glândula, deu-se conta de que ele gostava daquilo. Ao fim de um momento, ele pegou sua mão e a guiou para ensiná-la sem palavras quais eram seus desejos secretos. Muito em breve ela soube o que devia fazer.

Então suas carícias se voltaram implacáveis, serviu aquele maravilhoso corpo com diligência ardorosa até que ele começou a se apertar grosseiramente contra sua mão. Lazar se agarrou com força à tina e a ela e os gemidos que emitiu a fascinaram, fizeram-na sentir que seu próprio sangue se acendia com um desejo selvagem. O rosto de Lazar, enfeitado pelo prazer que ela lhe oferecia, era mais lindo que nunca. De repente, ele deteve sua mão agarrando-a pelo pulso.

— Basta — disse sem fôlego.

Ele passou uma mão trêmula pelos cabelos.

— Então vou te banhar, meu Lazar — lhe disse ela, consentindo e com um feminino sorriso de satisfação. Beijou-o na orelha e acrescentou — E quando tiver terminado, estará limpo de todo o pó daquele lugar para sempre.

Allegra começou a esfregar todo seu corpo lentamente. Limpou-lhe o rosto com os dedos, fazendo-lhe uma terna massagem. Inclinou-se sobre ele e o beijou antes de lhe morder o lábio inferior com um grunhido brincalhão. Dessa vez foi ela quem intensificou o beijo, passou-lhe os braços ao seu redor, abriu-lhe os lábios

com a língua para encher-se de sua força e seu sabor. A ânsia dela acendeu a paixão dele e Allegra se deleitou ao notar o aprimoramento de seu desejo. Sentiu que a língua dele se desfazia com a sua como uma chuva torrencial e cálida.

Lazar continuou beijando-a no pescoço, no ombro, no peito. Tomou um de seus seios com a boca e Allegra soltou um suspiro ansioso. Ele brincou e lambeu lentamente ambos os mamilos, primeiro um e então o outro, até que ela acreditou que ia desmaiar, que já não podia respirar de tanto prazer. Deslizou as mãos por seus musculosos bíceps e ele continuou sugando e lambendo seus mamilos eretos. Allegra estava em êxtase sob a suavidade de sua boca e sentindo a dureza de seu membro intumescido por uma luxúria doce e cada vez maior.

Lazar levou uma mão entre as pernas dela e a ponta de seus dedos encontraram seu centro de prazer, duro e suave como a opala polida. Mas Allegra o deteve com um sussurro, decidida a que aquela noite fosse ele quem recebesse prazer dela mais que ela dele.

— Paciência, meu amor. Ainda não terminei de te lavar.

Ele lhe sorriu de forma encantadora e apoiou as costas contra a parede da tina.

— Vais fazer de mim um santo, senhorita Monteverdi.

Ela sorriu, atraiu-o um pouco para si e começou a lhe esfregar as costas com amor. Finalmente o fez fechar os olhos e o inundou na água. Quando saiu, olhou-a nos olhos um momento, com ternura.

— Há algo que quero lhe contar — lhe disse. — Agora que já conhece o pior, talvez também deva conhecer o resto.

Ela o olhou com expressão tranqüila.

— Vá em frente.

Ele a tomou entre os braços e demorou alguns minutos para começar a falar.

— Naquela noite, a noite da tormenta, meu pai me disse que corresse. Assim fiz. Os assassinos me perseguiram até a extremidade dos recifes, onde as únicas opções que eu tinha eram ou morrer em suas mãos ou saltar, tal como diz a lenda. Enquanto se aproximavam, me volvei e saltei. Eles não esperavam que eu fizesse isso. Mas meu pai havia me dito que devia sobreviver a qualquer custo pelo bem de Ascensão, e eu não teria me atrevido a desobedecê-lo.

Tomou um gole de vinho.

— De alguma forma consegui me esquivar das rochas lá de baixo. A tormenta me levou para longe da costa — continuou. — Estive na água, provavelmente, umas vinte horas, até muito do dia seguinte.

— Que horrível — murmurou ela.

— Tinha a mente em branco depois do que acontecera a minha família — ficou calado por um momento. Beijou-lhe a testa e continuou — Não era tanto a sede ou a fadiga o que me preocupava. Era aquele enorme e feio, horrível, tubarão-martelo que estava o tempo todo ao meu redor. Estava certo de que ia morrer. Não posso suportar os tubarões — olhou-a com um sorriso triste. — Como consegui ficar quieto até que esse perdeu o interesse em mim, não sei. Só posso dar graças a Deus

de que não tinha nenhum corte nem nenhuma ferida depois da queda que pudesse tentá-lo com o aroma de sangue.

Ela o olhava com os olhos muito abertos.

— O forte sol me abrasava, e tinha aquele maldito tubarão em baixo de mim. Então, finalmente, apareceu um navio. Um falucho. Eu não sabia o que era, parecia-me muito estranho, mas não me importava.

Allegra o olhou desconcertada e ele continuou:

— Falucho. É o nome de uma estreita embarcação a vela latina, é a preferida dos corsários.

— Ah — exclamou ela impressionada. — Foram os homens de Malik quem lhe resgataram?

— Não sei se chamaria de resgate — repôs ele com um sorriso grave. — Mas me afastaram daquele tubarão e me deram água. Eu quase não estava o suficientemente consciente para beber.

— Deve ter sentido muito medo ao se encontrar entre aqueles bárbaros.

— Não lembro. Imagino que estava. Mas, depois do que tinha acontecido a minha família, não me importava no que pudesse me converter.

Ela estremeceu. Estendeu uma mão para acariciá-lo. Ele a pegou e começou a brincar com seus dedos, distraidamente.

— Fui levado a *Al Khuum* e me tiveram ali durante dois anos até que o capitão Wolfe chegou para discutir um tema sobre o tráfico de ópio com Malik. Wolfe teve compaixão de mim ou, melhor, encontrou uma forma de me utilizar e me ajudou a escapar.

— Dois anos? — sussurrou Allegra. — Oh, meu amor, como conseguiu suportar?

Ele deu de ombros.

— O segundo ano não foi tão ruim — repôs ao erguer os olhos para o convés para evitar seu olhar de compaixão. — Foi quando Malik me enviou para os soldados para que me treinassem. São os guardas pessoais. Todos foram escravos na infância e tinham sido treinados com o propósito específico de defender seu *sheik*. São guerreiros letais. Tive que me converter ao Islã e fazer voto de castidade — acrescentou com uma risada oca. Maneou a cabeça e permaneceu um momento pensativo. — Caí com força no treinamento e aprendi tudo o que pude para completar minhas fantasias de vingança.

— E o primeiro ano?

Ele a olhou, incômodo.

— Fui como esse menino, Darius, um criado. Mas todo o tempo tentava escapar e causava problemas. Inclusive incendiei o grande salão. Malik esteve a ponto de me matar por isso, o que não me importaria. Mas em vez disso, ele... encontrou a maneira para que eu me mostrasse dócil — entrecerrou os olhos e voltou a levantar o olhar. — Ópio. Faria qualquer coisa pelo ópio. Vivia por ele. Era algo incrivelmente degradante, uma escravidão dentro da escravidão.

Ela estendeu uma mão para tocá-lo, mas ele a afastou com um gesto.

— Quando me dei conta de que com aquela droga ele podia me controlar durante o resto de minha vida, obriguei-me a recusá-la. Voltei-me praticamente louco, tinha alucinações. Então foi quando cortei as veias. Tinha treze anos.

Os olhos de Allegra se encheram de lágrimas.

— Querido — sussurrou. Inclinou-se para ele e lhe beijou a face com delicadeza. — Tudo isso ficou para trás agora. Prometo.

— Não, Allegra, acho que jamais ficará para trás — olhou-a com uma expressão perdida e torturada.

— Por que diz isso?

Ele deu de ombros ligeiramente e pareceu muito jovem.

— Pesadelos — murmurou.

— Lazar — exclamou com doçura. Tomou seu rosto com ambas as mãos e o beijou nos lábios.

— Não tenho pesadelos quando você dorme comigo — lhe disse em um sussurro quase sem ar. — Nunca necessitei de ninguém como necessito de você.

Ela estava muito quieta entre seus braços. Apoiou a cabeça no largo ombro dele.

— Lazar — lhe disse em voz baixa — dizem que quando um homem e uma mulher se convertem em um, cada um deles suporta a metade da dor do outro. Me ensine como posso me oferecer a você.

Ele fez uma pausa e a apertou contra si. Tinha todos os músculos do corpo tensos. Acariciou-lhe os cabelos até a extremidade das mechas. Com gravidade, continuou até a curva da parte inferior das costas.

— Não posso permitir que me ofereça esse presente.

— Por quê? Está em minha vontade oferecê-lo a quem eu escolher.

Lazar encontrou seus calcanhares sob a água e os segurou com ambas as mãos. Repousou a testa sobre seu ombro durante um longo momento.

— Sou tão indigno de você — sussurrou. Olhou-a nos olhos com expressão de desespero. — Antes de te encontrar tinha planejado te matar, Allegra. Ia atirar em você, arrebatá-la sua linda vida...

— Isso passou faz muito tempo — lhe disse ela com doçura.

— Allegra...

— Lazar — o fez se calar com um suave beijo sem deixar de olhar aqueles olhos atormentados. — Faça com que sejamos um.

Enquanto ele a olhava com uma expressão de absoluto desamparo, ela o acariciou com amor até que ele emitiu um suspiro e fechou os olhos. Com ambas as mãos sobre os ombros dela, recostou a cabeça contra a parede da tina e recebeu o prazer que ela, atenta a cada um de seus desejos e seus desejos, lhe dava.

Enfim, abriu os olhos e a atraiu para si, lhe passando uma mão pela nuca. Beijou-a com intensidade e desejo, penetrando com força selvagem entre seus lábios, enquanto introduzia a outra mão sob a água e começava a acariciá-la.

Quando ambos começaram a tremer de desejo, ele a tomou entre os braços com um gesto suave e saíram da tina. Sem deixar de beijá-la nem um momento, levou-a até a cama. Os lençóis se ensoparam com seu corpo molhado e quente. Allegra entrelaçou os dedos da mão com os dele e o atraiu sobre si enquanto se deitava de costas sobre a cama.

Ele não deixava de beijá-la e ela entregava toda sua alma a cada respiração. O corpo forte e poderoso de Lazar a empurrou para trás sobre a cama e a cobriu com toda a dureza de seus músculos. Ela o abraçou, o beijando e entregando-se por completo. Lazar lhe separou as pernas com a carícia mais terna e ficou quieto para acariciar sua zona mais úmida.

Lazar se colocou sobre ela e a penetrou.

Movia-se como um homem que se encontrasse em terreno sagrado. Sentia-se conquistado pela rendição dela. Ela se oferecia com a elegância de uma deusa, a ele, aquele homem derrotado e ferido, sem nenhuma promessa em troca, simplesmente porque ele a necessitava mais do que podia suportar.

Lazar jurou que faria devagar apesar de que seus braços e todo seu corpo tremessem de desejo por ela. Com grande ternura, acariciou-lhe os lábios com a ponta do nariz. Sentiu um intenso instinto de proteção por aquela valente moça, cuja urgência por se oferecer a ele vencera toda necessidade de segurança, e que lhe oferecia um presente que não tinha preço.

— Tão inocente — sussurrou ele, penetrando-a devagar, um pouco mais profundo a cada vez, penetrando a calidez de sua misteriosa passagem sagrada. Até que chegou a seu véu de virgindade.

Ela respirava com agitação contra seu ouvido e todo seu leve corpo tremia como o dele.

— Vai doer — lhe disse.

Ela o abraçava com força.

— Sim, eu sei. Oh, sim, Lazar.

Ele fechou os olhos e a tomou, venceu o véu da virgindade com um golpe que o fez chegar ao centro de seu ser ao mesmo tempo em que Allegra gritava. Ele quis sair dela, mas ela o abraçou com mais força e conteve as lágrimas. Ele permaneceu dentro dela, completamente quieto, enquanto seu corpo o aceitava lentamente.

Enquanto esperava, tomou a suave mão e a beijou na palma, nos dedos, até que a dor se converteu em prazer e ela começou a buscá-lo.

Ao fim de alguns momentos, Lazar fechou os olhos, extasiado ao notar que ela levantava os quadris e o convidava a continuar.

Foi um alívio, um indulto, uma redenção.

Allegra, debaixo dele, tinha todo o corpo coberto de um orvalho do éden. Acariciava-lhe a cintura e cada centímetro da pele dele parecia despertar sob seu tato. Ele não soubera o que era o sexo até aquele momento e parecia que estava submerso em um sonho. Sentia-se insuportavelmente vivo, como se recém criado pela mão de Deus. Sentia-se como Adão descobrindo o Paraíso.

— Eu te amo — murmurou, ainda estranhando ao notar que aquelas palavras se formavam em seus próprios lábios.

Allegra abriu os olhos, adornados com aqueles longos cílios de pontas douradas, e o olhou com uma expressão que mesclava a paixão e o temor. Ele lhe acariciou a curva da face e sorriu.

— Não tenha medo. Deixa que aconteça.

Ela assentiu e ele voltou a sorrir ligeiramente. Sentiu que podia se afogar naqueles olhos tão cheios de confiança nele.

— Lazar? — sussurrou Allegra.

— Sim, *chérie*?

Ela tinha um olhar enfeitiçado.

— Dói, mas é tão bonito.

— Meu amor.

Lazar estava muito comovido para acrescentar alguma coisa. Baixou a cabeça e a beijou intensamente enquanto a amava com mais ternura do que jamais acreditara que possuía. Inclinou-se, reverente, sobre seus seios, e acariciou a sedosa pele sulcada de sardas, os braços, o colo e os quadris.

Ao fim de alguns instantes recebendo aquelas carícias, Allegra emitiu um gemido suave e se aferrou a sua cintura, demandando mais. Ele empurrou com mais força, embora ainda com cuidado por causa de seu tamanho e da inexperiência dela. Saiu e entrou uma, duas, três vezes até que notou seu próprio latejar no interior dela e seu coração se acelerar. Notou que seu controle estava acabando.

“Como poderei alguma vez me saciar dela?”, perguntou-se de algum lugar longínquo no mais profundo de sua mente.

Ela pronunciou seu nome em um sussurro, invocando a tormenta que ele retivera durante tanto tempo, uma fúria apaixonada que nunca antes se desatara com nenhuma mulher. Deu-se conta de que lhe falava, sem respiração, pedia-lhe que nunca se deitasse com mais ninguém, que nunca o abandonasse, que lhe permitisse possuí-la todas as noites. E cada fôlego dela contra o seu era um sim. Aquela maré se aproximava dela.

— Allegra.

Quando acabou de pronunciar seu nome, ela, sem perder essa oportunidade, introduziu a língua em sua boca. Segurava-lhe o rosto entre as mãos e aquele beijo selvagem de uma virgem o enervou de desejo. Até que ele perdeu todo o controle.

Possuiu-a como um furacão, como se fosse a última mulher que houvesse na terra, a única mulher. Era muito brusco, muito rápido, sabia, mas não podia se deter. Não a estava seduzindo. Estava acasalando com ela, com aquela mulher e com nenhuma outra, cego pelo mais puro instinto animal, o de sobrevivência. Levantou o torso apoiando as mãos e arqueou as costas, consumido pelos movimentos do corpo dela, penetrando-a com força. Os seios dela tremiam a cada investida. Pareceu-lhe que todo o navio tremia. Ela cravou as unhas nele, e seus gemidos se uniram aos seus, cada vez mais fortes.

Allegra chegou ao clímax, intenso e repentino, e se retorceu debaixo dele enquanto emitia gritos frenéticos de selvagem prazer. O interior de seu corpo o envolveu com sua seda tensa e úmida: sentiu um prazer insuportável quando ela o batizou com seu elixir.

A intensidade do orgasmo de Allegra o levou a limite. Cada um de seus músculos se retesou e ele investiu com mais força nela enquanto rugia e a enchia com sua essência. Sentiu que a eternidade explodia ao seu redor, como se uma estrela de cristal tivesse batido contra sua cabeça se quebrando em pedaços.

Aquela visão do céu o deixou coberto de suor.

— Oh, meu Deus — exclamou enquanto se deixava cair em cima do suave corpo dela e se enredava com ela em um nó trêmulo e suado.

— Oh, Lazar — murmurou ela.

Ao fim de alguns instantes, com um movimento lânguido, Allegra levantou os joelhos contra os suados quadris dele e arqueou as costas em um movimento felino. Esse movimento provocou um profundo gemido em Lazar que se converteu em risada quando sentiu que lhe percorria as costas com as unhas. Beijou-a e Allegra lhe devolveu um ronrono satisfeito que elevou seu orgulho às mais altos topos.

— Gostou, não é mesmo? — disse.

Ela assentiu sem abrir os olhos.

Lazar se afastou um pouco de seu corpo e Allegra estremeceu. Ele deitou-se ainda um pouco em cima dela, ao seu lado, e passou um braço por cima do seu estômago. Ela estava muito quieta, tinha um braço aberto sobre o colchão e os cabelos castanhos esparramados sobre o travesseiro.

Ele descansou a cabeça ao lado da dela. Esfregou-lhe a face com a ponta do nariz, para cima e para baixo. Lazar pensou que seria feliz se pudesse ficar ali deitado, naquela cálida escuridão, o resto de sua vida, somente cheirando sua pele. E se alguma vez se entediasse daquilo, começaria a contar suas sardas.

Allegra entrelaçou os dedos da mão com os dele e fechou os olhos.

Ficaram deitados em uma união imóvel, respirando profundamente e esgotados, como um único corpo à deriva naquela atemporal corrente de paz. Logo dormiram, seus corpos ainda entrelaçados.

Capítulo dezenove

As três semanas que transcorreram enquanto a frota cruzava o Atlântico foram as mais exaustivas e felizes de toda a vida de Allegra. Lazar e ela se esqueciam das refeições e quase não dormiam, inundados na tarefa de desenhar o futuro de Ascensão e, tal como ela muito bem supunha, dando forma à história de seu país.

Discutiram a respeito de qual seria a melhor costa para os estaleiros e sobre como seria exatamente a reforma do código penal. Mas a única coisa a respeito da qual ambos concordaram foi em que ele devia se casar com a princesa Nicolette de Habsburgo e com seus dois milhões de ducados de ouro. Só falaram sobre isso uma vez e, a partir desse momento, ambos evitaram o tema.

Allegra sabia muito bem que Ascensão necessitava desse dinheiro porque seu pai roubara tudo. A princesa Nicolette, igual a sua irmã mais velha, Enjoe Antoinette, casada com o *Delfin* da França, nascera e fora educada para cumprir a função de rainha.

Ela se contentava como podia com seu papel de amante do homem que amava e cuja opinião ele valorizava a respeito das decisões sobre Ascensão. Era uma posição que representava uma queda para uma mulher que, uma vez, tentara ser uma menina boa, mas o amava muito e nunca impediria ao mundo a restauração dos Fiori. Tudo o que ela podia dar era **seu só com que ele o pedisse.**

Mas, cada vez que ele ia até ela e fazia com que o mundo se dissolvesse atrás das cortinas azuis de veludo que rodeavam a cama, ela se apaixonava mais profundamente por ele. Ao final, ela se perguntava como poderia suportar o dia de

seu casamento real.

Os dias passavam e O Pároco os ajudava em seu trabalho com sua sabedoria. Também Bernardo lhes ofereceu seu conhecimento a respeito dos desejos do povo. Finalmente, Bernardo se aproximara dela para lhe oferecer seu mais profundo arrependimento por tê-la abandonado na costa de *El Khuum*. Para diversão de Allegra, Bernardo, o pequeno e gordo bardo do povo, a tocara com admiração e jurara que, se houvesse algo que ele pudesse fazer por ela, só tinha que lhe pedir. Ela consentiu, rindo. Havia muito trabalho a fazer para manter pequenas ofensas.

Desde o momento em que Lazar tirou as caixas de seu pai do camarote e as abriu, Allegra soube que, apesar de tanto como admirara seu captor até então, estimara em muito pouco.

A enormidade daquela tarefa o absorvera por completo e cada desafio da mesma o emocionava. O fato de que algo parecesse impossível lhe provocava o surgimento de um tal caudal de recursos, força, imaginação e ingenuidade que a deixavam sem respiração e que nunca imaginara nele.

Lazar era inesgotável. Sua habilidade em se concentrar em uma dúzia de problemas ao mesmo tempo a surpreendia. Quando dava com a resposta adequada a uma questão, encontrava a maneira de relacionar essa resposta com muitos outros temas de uma forma inesperada. Sua mente era tão ágil como eram os hábeis e bronzeados dedos com que realizava os intrincados nós de marinheiro. Admirada, Allegra presenciava como ele forjava um reino a partir do ar.

A única explicação que encontrou era que ele nascera para aquilo e que era o homem mais brilhante que jamais conhecera. Ela realizou suas próprias contribuições ao projeto, como o planejamento das escolas para os filhos dos camponeses, ou como a melhoria da acolhida aos mais pobres. Também sugeriu que se levantasse um bosque em memória do ataque à coroa no qual cada árvore seria plantada em honra a uma pessoa que tivesse sido assassinada naquela noite.

Cada vez que sua energia desfalecia, Lazar acendia seu entusiasmo de novo e lhe mostrava, com os olhos brilhantes, alguma idéia nova concebida a partir de um ou outro conceito que ele aprendera durante suas viagens por todo o globo: a solução ao problema do transporte surgiu da Holanda, um assunto legal podia ser inspirado por algo proveniente da antiga Roma até os selvagens do Novo Mundo, passando pela lei dos Irmãos de um voto por homem.

Em só uma noite — com a ajuda do Pároco — Lazar esboçou uma constituição e um parlamento a partir do modelo britânico, duas coisas que Ascensão nunca tivera. No dia seguinte desenhou uma nova Belfort, uma cidade moderna inspirada em Paris, com amplas vias e grandes edifícios públicos. Localizar-se-ia no chão do castelo medieval de Belfort, nas frias e florestais terras altas de Ascensão.

Naquela noite, resolveu o problema da insuficiência de portos ao aproveitar ao máximo os excelentes atracadouros naturais de Ascensão, com cais e armazéns para se localizar a indústria pesqueira. Aquele era um dos principais recursos do país que queria revitalizar. Decidiu que Ascensão devia ter uma universidade, pelo menos

uma academia militar e naval, para que a próxima vez que houvesse um invasão — e sempre as havia, disse — as forças estivessem bem treinadas.

Quando finalmente o convencia para que fizesse um breve descanso, ele se levantava cheio de novas idéias a respeito de como reformar o sistema de impostos. Tinha os dedos manchados de tinta, as roupas totalmente amarrotadas. Mas cada vez que a olhava do outro extremo da sala onde trabalhava, Allegra se dava conta de que era mais feliz do que jamais fora desde que perdeu sua família.

Por causa da falta de sono e de alimento, inclusive começou a mostrar uma aparência diferente. Talvez perdera três ou quatro quilos, mas seu rosto adquiriu uma intensidade mais elegante. Uma calma leonina temperava a feroz expressão de seus olhos. Seu jeito fanfarrão passou a ser um mais claro e contido. Era como se tudo aquilo alheio a ele fosse desaparecendo, como as impurezas de uma excelente espada no fogo de uma forja. Allegra se dava conta de que também os homens notavam as mudanças nele, embora ele ainda não quis que conhecessem sua verdadeira identidade. Começaram a reagir de forma levemente diferente ante ele, obedeciam suas ordens com maior prontidão. Se antes os comandara com uma mescla de carisma e arrogância, agora suas ordens surgiam de uma verdadeira autoridade.

Embora agora tinha em seu poder o selo para oferecer uma prova indubitável de sua identidade e de que provavelmente logo — assim que chegassem às Índias Ocidentais — receberia o apoio dos poderosos antigos conselheiros de seu pai, Lazar sabia que ainda precisaria de algo mais enérgico para expulsar os genoveses de Ascensão. Por esse motivo, decidiu incluir a Irmandade de Plymouth no projeto, se é que eles estivessem dispostos. Não acreditava que fosse impossível converter seus piratas na primeira frota real de Ascensão.

Negava-se a admitir que aquilo fosse algo hilariante por mais que Allegra gargalhasse.

Lazar assinalou que entre os Irmãos havia capitães experimentados, construtores de navios, homens valentes e disciplinados. Acreditava que se unissem a ele e jurassem abandonar o crime, Ascensão logo teria uma das melhores frotas de todos os mares. Seria possível iniciar uma proveitosa indústria de construção de navios com a madeira dos bosques das terras altas de Ascensão.

Na noite em que entraram no Caribe, Allegra encontrou o jovem rei no balcão, absorto na contemplação da espuma das ondas. Nem sequer levantou a vista quando ela chegou à amurada. Fazia muito tempo que ela perdera o medo a cair. Agora já não podia cair mais profundo. Pela expressão pensativa de seu rosto, deu-se conta de que algo lhe pesava.

Colocou-se atrás dele e lhe acariciou a curva das costas com um gesto tranquilizador. Desejava poder fazer qualquer coisa para suavizar sua expressão de preocupação.

— Comeu? — murmurou.

Ele lhe deu uma resposta vaga. Ficaram em silêncio um momento. Allegra

passou a mão pelo seu braço e se apoiou contra ele com um suspiro. Recordou o plano que ele lhe propusera algumas semanas antes: que ambos fossem viver juntos em uma idílica granja. Às vezes desejava, sim, desejava ter abandonado sua responsabilidade e ter lhe dito sim.

Acariciou-lhe a mão que estava apoiada no corrimão e, o fazendo se voltar, entrelaçou seus dedos com os dele.

“Eu te amo”, pensou. “Te amo tanto”

— E se acreditarem que é uma armadilha? — perguntou ele. — E se não vieram?

— Os antigos conselheiros de seu pai? — olhou-o sorrindo e mostrou uma expressão de orgulho nos olhos. — Eles virão.

— Até as Índias Ocidentais? Não sei. O general Enzo virá. Isso eu sei — respondeu enquanto assentia com a cabeça. — Aquele velho urso não tem medo de nada. Mas necessito de Pasquale.

— Todos virão — lhe assegurou Allegra. Lazar baixou os olhos para as ondas um momento, perdido em seus pensamentos. Logo a olhou e seus olhos tinham aquele fogo brilhante e dourado que ela conhecia tão bem.

— Por que não me ajuda a tomar um descanso de todo esse trabalho? — murmurou ele.

Lazar colocou um braço de cada lado dela e a prendeu contra a viga. Baixou a cabeça e a beijou com paixão. Tomou-lhe uma mão e a apertou contra ele, começando a esfregá-la contra sua virilidade em uma muda e insistente demanda. Não era possível ignorar uma ordem real. Allegra tinha começado a apreciar o gesto de lhe sabotar os botões, e agora se sentia excitada por completo antes inclusive de tocá-lo.

— Menina má — disse ele com um ofego. — Me tome na boca.

Allegra se ajoelhou diante dele enquanto ele, apoiado no marco da porta do balcão, jogava a cabeça para trás e se abandonava ao prazer.

Nem sequer chegaram até a cama. Ele levantou-lhe as saias e a possuiu no chão, ambos ainda quase inteiramente vestidos. De joelhos, penetrou-a por trás e se deu conta de que ela estava preparada para recebê-lo. Segurou-a pelos quadris e tomou seu corpo com investidas lentas e atormentadoras. Penetrou-a com suavidade uma vez, outra, entrando e saindo completamente, afundando-se até seu ponto mágico enquanto não deixava de lhe acariciar as costas com suas calosas e cálidas mãos.

Antes, na porta, Allegra o conduzira a um estado febril com a boca e as mãos, assim Lazar se deteve um momento para retomar o controle apesar dos gemidos de protesto dela. Agarrou-lhe os cabelos, enrolando-os ao redor de sua mão e logo voltou a investira nela até que a conduziu à beira do êxtase. Então, segurou-a com firmeza e se apoiou contra suas costas. Possuiu-a ali no chão, como um animal selvagem toma sua parceira.

Com voz rouca e ansiosa, sussurrou-lhe:

— Quem você necessita, *chérie*?

Ela pronunciou seu nome várias vezes, de joelhos e mãos contra o chão e as costas arqueadas para receber o prazer que, no fundo de seu coração, insinuava um incipiente sentimento de dor.

— Te parece suficientemente profundo? — perguntou-lhe com um murmúrio quente e arrogante.

Ela gemia, quase sem fôlego, porque cada penetração dele beijava um ponto muito profundo do centro de seu corpo. Lazar lhe apertou um mamilo por cima do vestido e, quando levou a mão entre suas pernas, Allegra perdeu o controle. Enquanto ela ainda se abandonava às últimas sacudidas de prazer, ele gozou com força e depressa, sem deixar de possuí-la até o último momento.

Ao fim de alguns momentos, com os olhos fechados, Allegra tentava dar capacidade à onda de amor que a arrasara tão completamente. Estava escandalizada por ter respondido a ele com tanto abandono, e se sentia incômoda pela forma em que se submeteu a ele, sem se proteger absolutamente. Aquele homem não era seu marido, afinal de contas.

Lazar se encontrava deitado em cima dela e tentava recuperar o fôlego.

— Foi incrível — disse sem deixar de ofegar.

Allegra ficou quieta até que ele saiu dela. Um sentimento de íntima tristeza parecia ter deixado suas pernas inertes e, confusa, ela se levantou com lerdeza do chão. Ficou de joelhos e posou o olhar no chão.

— Allegra, o que houve?

Ela o olhou. Lazar estava de pé e colocava a camisa para dentro das calças como se não tivesse acontecido nada.

Allegra voltou a baixar o olhar, negando-se a se queixar, por que ela elegera aquela queda por vontade própria. Não queria se lamentar.

— Nada — murmurou.

— Está certa? — perguntou Lazar com prontidão.

Allegra assentiu e Lazar sorriu.

— Está bem.

Inclino-se para ela e lhe deu um beijo na face.

— Obrigado — lhe sussurrou, e imediatamente se dirigiu animadamente para a porta, revitalizado.

“Obrigado? Obrigado?”, pensou ela sem poder acreditar.

Olhou para frente. Não ia chorar. Amava Lazar, seu príncipe. Ele podia utilizá-la, se aquilo era o que queria.

— Hei, velho.

O Pároco levantou a vista por cima dos óculos com expressão interrogativa. Lazar se aproximou tranquilamente até a zona sombreada onde o inglês se

encontrava, como sempre, com o nariz metido em um livro.

— Bem, não o vi muito ultimamente — disse O Pároco com uma expressão risonha no rosto enrugado. Mas assim que viu Darius, que seguia Lazar a todas as partes, deixou de sorrir.

Parecia que o menino se declarara mesmo criado de Lazar, porque o seguia a todas partes, sério e em silêncio, com uma expressão de tristeza e sabedoria que era inapropriada em um menino de quatorze anos.

Ao ver o menino, o rosto do Pároco adquiriu aquele aspecto de desaprovação que Lazar aprendera a evitar sempre que era possível desde os primeiros anos. Tinha a sensação de que O Pároco elaborara um projeto para o feroz e jovem Darius Santiago. Ao pensar naquilo, riu por dentro porque tinha certeza de que O Pároco encontrara um digno competidor.

— Vejo que trouxe seu principal cavaleiro real — assinalou O Pároco enquanto dirigia um olhar de crítica ao menino. Sua eterna atitude de professor escolar.

Darius o olhou, carrancudo, sem se dar conta de que O Pároco estava zoando com ele.

— Bem, aja com calma com o menino. Ele não está acostumado a seu humor britânico.

— Haja! — assentiu O Pároco em seu tom mais profissional enquanto batia levemente o lábio com a haste dos óculos. — E como foram as lições de tiro?

Lazar sorriu e olhou para Darius. Esse afastou uma mecha de cabelo negro dos olhos. Lazar não se atreveria a despentear aquele menino, não queria acabar com o pescoço cortado.

— Não é grande coisa com o rifle, mas a verdade é que é bastante bom com a faca. Não é mesmo?

— Aprenderei — assegurou Darius sem se afastar de Lazar enquanto esse se servia de um dos charutos do Pároco e o acendia com o lampião da mesa, como sempre.

O Pároco afastou a mão de Darius da caixa de charutos com uma palmada assim que esse tentou pegar um. Darius o olhou meio desafiante, meio decepcionado. Lazar lhe deu o seu e pegou outro para ele enquanto dirigia um olhar insolente ao Pároco.

No momento em que começou a fumar, o menino começou a tossir por causa da fumaça, apesar dos esforços para agüentar.

— Está vendo? — repreendeu-o O Pároco, indicando o charuto com o olhar.

Darius conseguiu reprimir a tosse e o olhou com determinação.

— Talvez, em vez de armas, seu professor deva tentar uma lição de história, ou de literatura, ou de matemática — sugeriu O Pároco enquanto dirigia um sombrio olhar a Lazar.

— Já sou o suficientemente inteligente — lhe informou Darius com gravidade.

— Jovem, essa é uma atitude muito tola. Pergunte ao capitão — lhe disse O Pároco. — O capitão desfruta de todas as artes e as ciências humanas. É até capaz

de recitar poesia, ou podia, antes dos últimos golpes que recebeu na cabeça.

— Não aconteceu nada a minha cabeça.

Darius olhou para Lazar, cético.

— Poesia? — repetiu. — Não.

— Temo que seja verdade — respondeu Lazar, lhe dando uma palmada no ombro. — O que diz, guri? Salvou minha vida. Estou em dívida com você. Onde quer ir à escola?

Darius começou a rir e olhou para O Pároco. Agora acreditava que estavam zoando dele.

— Falo sério — lhe disse Lazar. — Eu pagarei.

Darius deixou de rir e, imediatamente, sentiu-se incômodo. Olhou de um para o outro, na defensiva instantaneamente. Lazar se entristeceu ao notar seu medo.

“Até que ponto Malik pode destruir uma vida”, pensou.

O Pároco tento mudar de assunto.

— Não há nenhuma necessidade de ir a uma escola formal para que a gente comece sua educação. Jovem, quero que leia o primeiro capítulo desse livro essa noite. Amanhã o comentaremos e espero que esteja preparado para responder algumas perguntas. Te darei um questionário e, se enguiçar, terá que ajudar a engraxar o convés.

Darius levantou o peito e o queixo com um gesto de orgulho espanhol e de arrogância que quase tirava o fôlego. Lazar meneou a cabeça para si talvez de imaginar como aquele orgulho sobrevivera a Malik. Mas possivelmente, a sede de vingança do menino contra o *sheik* lhe tirara a vergonha. O menino olhou o livro com desdém e não fez nenhum gesto para pegá-lo.

— Não preciso das lições de nenhum livro, senhor, porque tenho o sexto sentido.

— O tem, agora? — perguntou Lazar com leveza enquanto dava uma baforada no charuto. De alguma forma, acreditava nele. Ainda não vira o menino não completar nada que tivesse afirmado.

O Pároco não estava impressionado e respondeu ao dominante olhar do menino com um sorriso divertido.

— Me parece que o que nosso pequeno fidalgo tenta dizer é que não sabe ler.

— Engraxarei o convés — repôs Darius com insolência. — O trabalho duro não me dá medo.

Lazar coçou a mandíbula, divertido ante aquele duelo de vontades. Recordava-lhe os velhos tempos, quando O Pároco decidiu se unir a ele. Mas ainda pensava que o menino podia ser perigoso e não queria que a próxima coisa que fizesse fosse cortar o pescoço do Pároco.

— Guri, me faça um favor — lhe disse como se acabasse de lhe ocorrer. — Desça à cozinha e averigüe o que Emilio está fazendo para o jantar. Logo, vá dizer à senhorita Monteverdi, *capisce*?

— Sim, capitão — respondeu ele com solenidade antes de voltar a afastar a

mecha de cabelo dos olhos. Darius saiu em silêncio, ágil e misterioso como um gato.

Quando ele partiu, Lazar olhou O Pároco e meneou a cabeça

— Em que lugar do planeta encontrou essa criatura? — perguntou O Pároco.

Lazar riu.

— Não, senhor. Ele me encontrou — declarou Lazar.

— E diria que não vai te soltar em muito tempo.

— Um menino espantoso, não? Parece se sentir cômodo somente quando o ignoram ou lhe dão algum trabalho para fazer. Se alguém se mover muito rápido ao seu lado, escapa como se fosse ser espancado — Lazar deu de ombros. — Bem, dei ordens claras a Emilio para que alimente o menino. É provável que cresça meio metro assim que comece a comer de forma decente.

— Pois será melhor que comece a educá-lo logo — riu O Pároco.

— Não estou certo de que isso seja possível.

— Como está a dama?

Os lábios de Lazar desenharam uma fina linha de preocupação. Apoiou-se no cabrestante, como acostumava fazer. Sacudiu as cinzas do charuto e a tirou esmagando-a contra o salto da bota.

— Não está bem — respondeu enfim. — Não está nada bem.

— Está indisposta? — perguntou O Pároco esperançoso. — Talvez logo serei tio.

— Não é isso. Não está feliz. Eu a faço infeliz. Todo esse pacto está doendo para ela — passou uma mão sobre o coração. — E isso me mata.

— Já sabe o que penso sobre isso — respondeu em tom reprovatório O Pároco enquanto percorria com a vista a página do livro.

— Sei — Lazar exalou a fumaça com lentidão e o observou se desvanecer enquanto refletia a respeito de suas preocupações pela pequena prisioneira. — Apesar disso, não posso me casar com ela.

O Pároco lhe dirigiu um olhar severo, como se Lazar não se sentisse suficientemente culpado.

— Você e sua maldição. A única maldição que o persegue, menino, é sua obstinação.

— Não posso correr nem o mínimo risco de que lhe aconteça algo. É precisamente porque a amo que não posso me casar com ela.

— Falou a Allegra de sua tal maldição?

— Não — admitiu ele.

— Porque ria em seu rosto, o que é exatamente o que deveria fazer.

Lazar o olhou um tanto indignado.

— Não acha que está sendo um pouco duro comigo? Tento fazer o melhor para Allegra.

— Minta para você mesmo e para Allegra, se quiser, mas não tente mentir para mim.

Lazar soltou um suspiro e se voltou.

— Já sabe o que acontecerá. Ela desaparecerá — estalou os dedos. — Rápido assim.

— Ora! Tolices. Como é possível que um homem adulto, um homem educado, acredite nessa absurda superstição?

Lazar cruzou os braços e passou o polegar pela mandíbula enquanto cravava a vista no chão.

— Allegra está perdendo o respeito por si mesma por minha causa.

— Parece surpreso. E o que esperava? Pediu-lhe que renuncie a sua integridade, aquilo que ela mais valoriza.

— Eu não ped...

Mas O Pároco o interrompeu quase zangado.

— Essa mulher não é uma tola, nenhuma charlatã, nenhuma insípida, como suas anteriores amantes.

Lazar levantou uma sobrancelha e o olhou.

— Não sabia que tinha tão má opinião delas.

O Pároco soltou um bufo de irritação.

— Ora, parece um estúpido e teimoso. Sabe o quanto isso é estranho, o que encontrou? Sabe que eu jamais amei como você ama, que nenhum homem neste navio foi amado como ela te ama? E, apesar disso, a está recusando. Típico! Típico! A única coisa que me surpreende é que Allegra não se deu conta da loucura que lhe deixar isso tão fácil. Ela é muito sensata — O Pároco fechou o livro e ficou em pé, rígido. — Não quero sua companhia essa noite, Fiori. É muito irritante.

— Que diabos se supõe que eu devo fazer?

— Se casar com ela — disse O Pároco. — Por uma vez em sua vida, tenha um pouco de fé em algo além de suas pistolas e sua espada.

Lazar o observou partir.

— Maldição — disse a si mesmo, enquanto levava as mãos aos quadris.

Talvez a maldição fosse uma tolice.

A verdade era que, sobre o assunto de esposa, começava a desprezar Nicolette de Habsburgo pelo simples fato de que não era Allegra. Ele ia ter filhos com aquela mulher desconhecida, que herdariam tudo o que ele tinha, enquanto que os filhos que tivesse com a mulher a quem amava seriam tratados como bastardos no mundo, embora fossem bastardos reais. E como seria tratada Allegra?

Conhecia a resposta àquela pergunta. Ela tinha o coração tão terno. Os insultos que receberia a feririam, estragariam aquela fé que seus olhos estrelados mostravam para o mundo e para as pessoas. Aquela era uma das coisas que mais gostava nela.

De todas as formas, a parte que o fazia sentir mais culpado era o fato de que ele se aproveitara de seu inerente sentido da responsabilidade e altruísmo para conseguir seus fins, tinha-lhe mentido a respeito das razões pelas que não se casaria com ela. Não lhe mentira diretamente, mas permitira que ela assumisse que sua negativa a se casar com ela era devido, em primeiro lugar, ao medo de que o povo

não aceitasse uma Monteverdi como rainha e, em segundo lugar, à necessidade do dote imperial da princesa para estabilizar a economia.

A verdade era que ele sabia que ambos os obstáculos podiam ser superados com um pouco de tempo, tanto a reticência do povo para os Monteverdi como a iminente bancarrota de Ascensão. A verdadeira razão de não se casar com ela era a maldição. E se tudo aquilo estava somente em sua cabeça?

Estava surpreso de que ela nunca lhe tivesse pedido que se comportasse honravelmente com ela, só pedira que o fizesse por Ascensão. Para si mesma não aceitava nada, exceto estar perto dele. E, apesar disso, seu sacrifício não era suficiente, o sacrifício de mantê-la afastada da maldição sendo sua amante e não sua esposa.

Mas, maldição, aquilo não era justo. Ela merecia ser a rainha. Ascensão precisava dela. Ele precisava. Sua visão e seus ideais eram bons para Ascensão, e ela, é obvio, era boa para ele. Como poderia ele oferecer o máximo a seu povo sem tê-la ao lado?

Mas e se...?

E se... o quê?

“Tudo isso é irracional”, disse a si mesmo. “E se desperdiçar toda minha vida acreditando em algo que não existe?”

Mas existiam as provas: cada um dos membros de sua família morrera, exceto ele; Wolfe estava morto, mas ele continuava vivo. Inclusive o cão que tivera tempo atrás no navio morrera, varrido do convés durante uma tempestade.

Não, o risco era suficientemente importante, embora ela fosse somente sua amante. Não podia se arriscar a que acontecesse nada a ela por culpa de sua maldição. O destino reservava a maldição para ele, e ele sabia muito bem. Por uma vez em sua vida tentaria fazer algo que não fosse egoísta.

O azul profundo do Atlântico tinha passado a quente e cristalina cor turquesa do Caribe. Durante os últimos dois dias, o tempo fora sufocantemente quente e nublado. Lazar lhe dissera que esperavam uma tormenta.

Agora brincavam de lançar um pedaço de papel enrugado um ao outro enquanto discutiam, com bom humor, onde deveria se localizar a universidade que tinham projetado ou o que estaria cozinhando Emilio para o jantar, porque ambos estavam famintos.

De repente se ouviu um terrível estrondo.

— Bem, aqui está sua tormenta — disse Allegra surpresa.

Deu uma olhada ao balcão e, embora o dia fosse escuro, ainda não chovia.

Lazar a olhava e empalideceu.

— Não — disse, em um tom um tanto sufocado. — Isso foi um canhão. Acabam de disparar em nós.

Um grito frenético de um dos homens do outro lado da porta confirmou.

— Capitão, é aquele maldito novo almirante britânico que busca nosso sangue outra vez!

Lazar cobriu a distância que os separava com três passos rápidos. Agarrou-a pelos ombros

— Pegue água, um pouco de comida, ataduras e algumas velas. Leve lençóis e travesseiros da cama e fique no armazém central do convés principal. Leve também as relíquias dos Fiori.

— Também nossos apontamentos?

— Sim, querida. Tome minha pistola. Nunca se sabe — a impediu que protestasse antes de que pudesse fazê-lo. — O Pároco a carregará. Se apresse. Não fique aqui, na popa. Esse vai ser um dos principais alvos, além da proa.

Ela assentiu com os olhos muito abertos.

— Tome cuidado, meu amor.

Ele assentiu.

— Não se preocupe, *chérie*. Ainda me resta muito de pirata. Te amo — sussurrou.

Roubou-lhe um beijo e saiu correndo pela porta antes de que ela pudesse lhe dizer que também o amava.

Aparentemente, Lazar parecia frio e despreocupado, mas interiormente nunca desejara tanto evitar uma batalha como agora. Hartcour comunicava suas ordens, gritando depressa da plataforma do mastro mais baixo. Os homens descalços retumbavam o navio correndo em todas direções.

— Todos os homens ao convés! Navio à vista! Todas as mãos às armas! Às armas!

Embora não tinha um fantástico aspecto, a tripulação de *A Baleia* era tão valente como uma manada de lobos e estava treinada para trabalhar com uma eficiência letal. Lazar caminhava pelo castelo de proa, nervoso.

Os marinheiros içaram os equipamentos do barco até as vergas enquanto outros membros da tripulação amontoavam a artilharia ao redor dos canhões. No convés, os carpinteiros juntavam todo o material que poderiam necessitar para tampar buracos ou para apagar qualquer incêndio que pudesse se iniciar no navio. Lazar observou o horizonte a estibordo através do telescópio.

Não havia nenhuma necessidade de se preocupar, disse a si mesmo, queria fugir, mas embora tivessem que entrar em combate, era uma vitória fácil. Só havia dez navios contra seus sete. No momento.

O ambicioso novo almirante britânico devia ter descoberto de alguma forma que a maior parte dos Irmãos de Plymouth tinha zarpado. Devia ter planejado aquela emboscada para quando voltassem para Wolfe's Den. A localização exata da

ilha dos piratas entre as dúzias de pequenas ilhas sem nomes continuava sendo um segredo que os britânicos não tinham conseguido, no momento, desvelar.

Lazar observou o inimigo através do telescópio. Aquelas latas equipadas com velhos canhões que apareciam no horizonte nunca os alcançariam e, embora as fragatas que acompanhavam os guerreiros fossem ágeis, não poderiam estar à altura das setenta e quatro armas de *A Baleia*. Olhou os conveses dos navios de sua companhia. Todo mundo parecia preparado. Esperava que Morris, o jovem capitão, não tentasse nenhuma loucura.

Agora que se aproximava o anoitecer e que o forte vento entrava pela amurada, quase tinha a esperança de que trocariam alguns disparos preliminares para examinar as capacidades de cada um e que se retirariam como cavalheiros em duelo para passar a noite, já que aquela parecia se apresentar difícil. O céu cada vez mais baixo prometia uma forte tormenta de verão.

Se o tempo lhe oferecesse uma pausa durante a noite, aproveitaria-o para escapar sem entrar em batalha. Agora muitas coisas estavam em risco. Em cada batalha se arriscavam, mas não estava disposto a abandonar o mundo justo agora. Pela primeira vez em sua vida, tinha muitas coisas pelas quais viver.

Sua mulher se encontrava lá em baixo e, pelo que ele sabia, era possível que levasse seu filho inclusive naquele momento.

Sim, pensou, melhor uma boa fuga que um mau enfrentamento.

Decidido a fugir em lugar de apresentar batalha, ordenou que controlassem a trava e a vela maior de capa, que frisasse só levemente os joanetes e que aquartelassem os sobre joanetes. Deu-se conta de que os homens se alegravam de que tivesse tomado aquela decisão.

Durante a hora seguinte, o sol desapareceu pelo horizonte diante deles e as nuvens negras de sudeste começaram a se juntar e a crescer. Ergueram-se ventos frios que apontaram ao navio a uma velocidade de doze nós, quase à deriva. Os carpinteiros começaram a repartir lonas impermeáveis aos artilheiros e esses as utilizaram para cobrir os depósitos de pólvora. Havia alguns meridionais entre os que se dirigiam às linhas dos conveses. Lazar deu as costas ao vento, acendeu um charuto e deu ordens a Hartcour, que, por sua vez, gritou-as à tripulação.

— Soltem as gavias, baixem duas vezes, meninos! Icem o estay da trava! Ajustem as vergas! Aquartelem as vergas superiores!

O céu do anoitecer adotava um tom púrpura.

Lazar recusou o conselho de Hartcour de soltar a âncora de capa se por acaso se levantasse um vento muito forte. Preferiu esperar para ver se podiam ganhar uma maior distância do inimigo antes de tomar aquela decisão. No momento, o principal era a velocidade. O almirante e a companhia recebiam o vento em ângulo de trás, o que permitia aos britânicos uma maior velocidade que a eles. Os Irmãos, em troca, com as proas enfiadas para oeste, tinham que procurar o vento do lado de bombordo.

“Mais rápido”, pensou com urgência.

Sob o manto da escuridão ainda poderiam ter alguma oportunidade de deslizar até Wolfe's Den sem que os seguissem de muito perto, mas se o tempo piorasse muito e não baixassem as velas acabariam por morrer todos. Calculou que a tripulação demoraria uns vinte minutos no máximo para baixar todas as velas, assim ainda tinham muito tempo para esperar e observar.

O vigia, da coifa de vigia, anunciou que um décimo primeiro navio se encontrava à vista, de desenho possivelmente francês embora não ostentasse nenhuma cor. Encontrava-se sulcando as águas a uma distância de dezesseis léguas pela popa e se aproximava com grande rapidez.

— Francês, anh? — murmurou Lazar. Tinha suas dúvidas a respeito.

Malik lhe dissera que seu antigo amigo Domenic Clemente, atualmente governador de Ascensão, pusera um alto preço por sua cabeça. Por causa dos mil luíses de ouro que se ofereciam, Lazar imaginava que se tratava de um caçador de recompensas que finalmente o encontrara. Esta fora até o momento sua maior preocupação: nem tanto os ineptos navios como os mercenários de sangue-frio de sua mesma estirpe, bem armados, sagazes, famintos e eficientes. Em qualquer caso, naquele mesmo instante soube que teria que batalhar, gostasse ou não.

— Muito bem. Vamos deixá-los provar nossos canhões, meninos.

Hartcour lhe sorriu.

Ouviu-se um murmúrio grave por toda o convés enquanto os homens preparavam as armas de maior alcance.

Começou a chover. Em poucos instantes, a chuva fria se converteu em um granizo que apedrejava as cabeças descobertas dos homens que se encontravam nas vergas. Harcourt lhes gritou que se esquecessem de procurar refúgio e que se ocupassem das velas, mas não era necessário. Eram os próprios piratas do Diabo de Antigua e estavam sedentos de luta.

Lazar jogou o charuto ensopado na água e se cobriu com um capa de chuva que Mutt lhe trouxera, sem se preocupar em fechá-la.

— Capitão! — gritou uma voz do castelo de proa.

Se voltou e viu Darius ao lado da amurada. Tinha os cabelos negros grudados na testa por causa da chuva.

— Volte para baixo — lhe gritou. — Esse não é lugar para você!

— Não, capitão!

Lazar lhe dirigiu um olhar ameaçador.

— O que disse?

— Capitão, por favor! Não me mande me esconder com o velho e com a mulher! Sou um homem! Me dê uma tarefa de homem! Sabe que sou capaz de lutar!

— É tão inexperiente como um cachorrinho e, além disso, é um novato. Agora, vá para baixo.

— Mas...

— Você será um estorvo! — ao ver a expressão dolorida do menino, suavizou

um pouco o tom. — Não quer voltar a ver sua mãe?

— Não tenho mãe — repôs o menino com expressão desolada.

Lazar emitiu um grunhido e procurou uma resposta adequada àquela triste confissão.

— Olhe, eu estaria mais tranqüilo se tivesse um homem a quem eu pudesse confiar minha mulher. Sei que está aterrorizada, ou muito em breve estará. Conheço muito bem O Pároco e sei que logo se sentirá muito enjoado para lhe ser de nenhuma utilidade. Alguém tem que evitar que ela faça alguma tolice, e essa não é uma tarefa fácil. Pode vigiá-la por mim?

Darius suspirou e grunhiu em voz baixa:

— Está bem, Está bem!

Lazar observou o menino enquanto esse atravessava a escotilha e logo levantou a vista ao céu. Um raio no sul descobriu a silhueta dos três navios mais próximos. Estavam se colocando em formação. Sim, teria que entrar em combate logo.

Sentiu que uma escura emoção lhe embargava o peito enquanto observava o horizonte, que se dissolvia com a luz do anoitecer. Um afiado sorriso apareceu em seu rosto. Saboreou o sal da chuva. Observou pelo telescópio que talvez uma tormenta voltaria a salvá-lo. A muitos milhas se percebiam alguns dilúvios. Os britânicos também tinham visto. Mais da metade de seus navios estavam jogando as âncoras e baixando as velas para enfrentar a tempestade que se aproximava. Malditos bundas moles! Mas o almirante e o caçador de recompensas ainda os perseguiam sem desfalecer.

Escutou-se o estrondo de um trovão em cima de suas cabeças e uma nuvem negra e densa como o mármore se derramou sobre eles como um batismo gelado. O aroma do raio sempre despertava um sentimento selvagem no mais íntimo de seu ser. Elevou a voz por cima do som dos trovões e ordenou aos artilheiros que carregassem as armas. Harcourt percorreu o lado da tormenta para se assegurar de que todas as armas estavam preparadas. Ao fim de um momento, *A Baleia* disparou o primeiro fogo de advertência. Então os piratas romperam em gritos de júbilo enquanto passavam o rum entre eles para acender seus espíritos.

O enorme e excelente navio do almirante se aproximava ameaçador pela popa a estibordo. Tentava se colocar ao lado de *A Baleia*. A artilharia do caçador de recompensas descarregou sobre eles de bombordo.

Durante as duas horas seguintes não puderam distinguir o estrondo dos trovões das ensurdecedoras surras. As ondas, como paredes, estrelavam-se contra o navio, alagando as amuradas e somando-se à cortina de água que caía do céu. Os raios se acendiam e descarregavam como espadas de arcanjos furiosos contra as pontas dos mastros. Naquela escuridão quase não era possível distinguir as próprias mãos. Em um momento Lazar teve que se segurar a um cabrestante para não ser varrido sobre a amurada. Percebeu que um corpo se precipitava contra ele e agarrou o homem pelo pescoço. Imediatamente se deu conta de que aquela criatura

ensopada era o próprio Darius, o jovem herói.

— Maldito orgulhoso! — exclamou Lazar. Dirigiu um olhar fulgurante ao menino e, sem lhe soltar o pescoço, atravessou o oscilante convés e o deixou cair escotilha abaixo. — Mas ela disse que não precisava de mim! — protestou Darius enquanto se levantava sobre o chão ensopado e esfregava o traseiro.

— Vou mandá-lo às adegas caso não cumpra as ordens! — Lazar fechou de uma batida a porta da escotilha e se dirigiu a seu posto no castelo de proa. Tinha um enorme mau presságio, mas não havia tempo para pensar naquilo.

A *Baleia* estremecia a cada surra dos canhões. Ouviu-se um estrondo de lonas que se rasgavam e de madeira que estalava.

Lazar levantou a vista bem a tempo de ver que a gavia do mesana se desprendia de seu mastro e, ao fim de um segundo, um tiro de canhão impactou contra o castelo de proa e a bala caiu sobre o chão de madeira. Ao fim de um momento, um impressionante rangido se ouviu de cima. Lazar entrecerrou os olhos de dor. Como qualquer capitão, sentia uma ferida no navio como se fosse produzida em seu próprio corpo. O mastro quebrado caiu precipitando com ela a gavia e um enredo de equipamentos de navio que retardaram o impacto contra o chão, abaixo, durante alguns segundos preciosos.

Os homens trabalharam em excesso como formigas para o convés justo momentos antes de que caísse através da popa. Apesar disso, Lazar viu que o mar engolira dois de seus Irmãos que tinham caído enredados nos equipamentos de navio.

Aquilo foi determinante.

Aqueles bastardos britânicos não seguiam as regras de batalha. Ele tampouco seguiria. Estava disposto a tomar aquele navio e a fazer dele sua bandeira real. Aquela idéia despertou uma gargalhada como as do capitão Wolfe.

Gritou para que baixassem os remos à água e para que preparassem os ganchos de abordagem.

Fez sair à tripulação de popa do convés para que se dirigissem de novo a seus postos de popa. Logo ordenou ao timoneiro que fizesse virar o navio uns cinco graus para o sul. Escutou o estrondo dos remos gigantes contra o mar. Os poderosos remos os impulsionaram sobre as águas e muita em breve se colocaram na posição que ordenara. Chamou Hartcour, mas foi Donaldson quem apareceu ante ele à pálida luz de outro tiro de canhão.

— Harcourt morreu, capitão! A verga caiu em cima dele.

Lazar amaldiçoou em voz alta e se segurou a um cabo para agüentar uma onda que entrou pelo convés. Enxugou a água fria e salgada do rosto e subiu ao castelo de proa para gritar aos rapazes que mantivessem o fogo e aos artilheiros do lado da tormenta, que aumentassem os disparos. Aproximavam-se do navio do almirante como o misterioso caçador de recompensas se aproximava deles.

Às cegas, envolta em uma densa capa de escuridão, A *Baleia* carregou contra o navio que se encontrava do lado da tormenta com toda a munição de que dispunha

até que esse deixou de disparar. Um incêndio ardeu durante alguns momentos no castelo de proa do inimigo até que a chuva e as ondas o apagaram, mas isso iluminou o navio o tempo suficiente para que Lazar se desse conta de que o tinham derrotado por completo. A trava e o mastro maior partiram pela metade e penduravam como árvores caídas. A tripulação deslizava desesperada para os botes.

A tripulação de Lazar gritou de júbilo ao ver aquilo.

Então a chuva voltou a se converter em granizo.

O caçador de recompensas começou a disparar neles. Não havia nada a fazer, exceto devolver o ataque. Lazar sabia que seu navio estava ficando bastante prejudicado, mas naquele momento lhe preocupava mais encontrar a forma de se esconder, especialmente quando uma grande bola de canhão caiu diante dele e danificou o convés principal. Deu graças a Deus de que o tempo fosse muito ruim para que os atiradores pudessem se colocar entre os equipamentos de barco, como era habitual.

Ordeno ao timoneiro que virasse sete graus para o norte. Quando a manobra foi finalizada, calculou que a tormenta logo os poria fora de alcance. Passaram ao lado do caçador de recompensas enquanto disparavam ponderadamente com os quarenta canhões, sem trégua. Não sabiam quanto estrago tinham recebido nem quanto tinham feito ao inimigo. Logo, o vento os levou fora de seu alcance.

O inimigo não se atreveu a segui-los por causa da força da tormenta.

O mar se converteu em um inferno. Lazar se perguntou se não teriam penetrado em um furacão em formação. As águas ferviam como um caldeirão vermelho vivo. A *Baleia* se balançava na crista de ondas de seis metros e caía em seus vales em um vaivém enjoativo.

— Capitão, temos que baixar as velas! — gritou Donaldson. — Vamos partir o casco!

— Sou eu quem dá as malditas ordens! — gritou-lhe Lazar por cima da ensurdecadora chuva.

Donaldson o olhou como se estivesse mais que louco. A verdade era que as tormentas o tocavam um pouco. Eram o mesmo elemento de que ele parecia ser feito. Provavelmente, amar a fúria da natureza como ele o fazia não era muito normal.

Atravessou o instável convés até o leme para senti-lo em suas mãos. Deu-se conta de que tinha feito bem, porque o forte timoneiro esgotara suas forças. Lazar lhe fez um gesto com a cabeça e se apoderou do leme.

Imediatamente se deu conta de que seria uma batalha, mas se negou a acreditar que não era possível. Se não continuassem navegando, os britânicos o alcançariam com facilidade, assim que a tormenta amainasse, por causa do estrago no mastro de mesana. Além dos malditos ingleses, tampouco tinha dúvida de que o caçador de recompensas seria o primeiro de muitos outros que viriam logo.

— Vamos em frente, bela dama. Seja forte agora. Tem que me tirar daqui — sussurrou ao navio. — Essas ondas não podem te machucar, carinho. O capitão te

conduz. Você e eu amamos a tormenta.

Com os braços doloridos, pôs toda sua força no leme, lutando contra a tentativa do mar de fazer o navio se derrubar e tragá-lo com seu enorme fluxo.

— Pelo menos, deixe que joguemos a âncora! — pediu Donaldson.

— De acordo. Mas a âncora de capa! — disse-lhe. — Bundas moles!

Justo nesse momento um raio descarregou sobre eles com um estrondo como o rosnado de um gato selvagem. Agora sua luta era somente com os elementos.

Lazar não estava certo de quanto tempo estivera lutando contra o mar e contra os céus quando os raios amainaram e os ventos se apagaram. As ondas se reduziram à metade, mas ainda eram impressionantes.

Quando a tormenta amainou, o leste aparecia cinza ao amanhecer. Lazar tinha os braços e os ombros insensíveis. Não se via o inimigo por nenhuma parte. Os navios de Russo, Landau e Bickerson tampouco se viam. Os homens de Lazar se encontravam esparramados por todo o convés, esgotados depois da dura prova, e esperavam que a explosão do amanhecer levantasse o sol e lhes secasse as roupas.

Exausto, a única coisa que podia fazer era atravessar o perfurado convés até a escotilha. Mas, apesar do esgotamento, sentia a emoção da vitória. Ele e seu navio tinham brigado e tinham vencido a morte de novo.

A partir daquele momento, a dificuldade os tomara até o lugar que o vento os empurrasse, porque não tinha nem idéia de onde se encontravam. Provavelmente tinham percorrido umas cem milhas. Mas antes de averiguar necessitava de sua mulher e de um sono reparador.

Enquanto passava entre os marinheiros meio mortos e se esquivava dos buracos do convés produzidos pelas balas de canhão, Donaldson correu para ele lhe fazendo sinais com os braços.

— Capitão, senhor!

— O que é? — perguntou, reprimindo um bocejo.

— O relatório, senhor...

— Ah, sim — assentiu, um tanto irritado de que aquele detalhe insignificante o retivesse longe de seu leito. — Vá em frente.

— Uns trinta e dois impactos no convés inferior do lado de bombordo, os artilheiros morreram. A explosão causou uma greta no casco, mas os carpinteiros a tamparam em seguida, então a água que entrou é pouca. Sobre o mastro de mesana, bem, já sabe.

— É óbvio — disse ele enquanto esfregava a nuca e observava o mastro e as velas danificadas. — Pobre menino.

— Vinte e três mortos e cinqüenta feridos... — Donaldson se calou e se clareou a garganta.

Imediatamente, um mau presságio lhe percorreu as costas. Deu-se conta de que o contramestre se mostrava muito nervoso.

— E? Suponho que o doutor Raleigh tem a situação sob controle. Dispõe de suficiente láudano e ataduras e demais...?

— Ah, sim, senhor, é que... — sua voz cortou.

Lazar esperou.

— O quê mais, Dona? O que tem a me dizer?

— Temo que tenho más notícias, senhor, e quase não sei como comunicá-las.

Lazar deixou de sentir fadiga imediatamente.

— Do que se trata?

— Senhor... e... esse disparo de canhão que te falei...

Lazar o olhou com o sangue gelado.

"Allegra."

— Sim?

— Encontravam-se no armazém — o contramestre o olhou. — Senhor, o canhão impactou justo debaixo do armazém. Senhor, O Pároco ficou ferido gravemente.

— Allegra? — gritou ele enquanto agarrava o homem pelos ombros.

— Não está ferida: o menino cigano a tinha tirado dali momentos antes. Mas, senhor, O Pároco está morrendo...

Lazar correu, tropeçando escada abaixo.

Capítulo vinte

Ilegra se encontrou com Lazar ao pé da escada, no convés inferior. Ela já sabia que ele não fora ferido durante a batalha, mas tinha medo de qual seria sua reação quando visse O Pároco. As feridas do velho eram graves e a hemorragia que emanava de seu peito não se detinha.

— Estou bem — lhe disse ela em resposta a seu olhar frenético e interrogativo.

Lazar desceu de um salto o último degrau, passou ao lado dela e correu até a enfermaria. Ela o seguiu.

— Lazar, espere!

Ele não esperou.

Assim que ela entrou na enfermaria, um caos de dor, membros amputados e terror, Lazar já se encontrava ao lado da maca d'ôo Pároco. Ele se via horrorizado. Ela se aproximou rapidamente dele. Era como se Lazar tivesse perdido toda sua força.

— Oh, Jesus! — deixou-se cair sobre o tamborete que havia ao lado da maca e ficou ali imóvel e sem fala.

O grande espaço de madeira que era a enfermaria parecia o interior de um ataúde. Os enferrujados lampiões rangiam pendurados nos ganchos a cada movimento do navio. O ruído da respiração do Pároco era horrível. Tinha os olhos fechados.

— O doutor Raleigh fez tudo o que pôde — ela disse ela a Lazar enquanto punha uma mão em cima de seu largo ombro. — As costelas, quebradas, perfuraram-lhe os pulmões.

Lazar continuava em silêncio, com os ombros caídos. Seu rosto bronzeado mostrava esgotamento e dor.

Ela não partiu de seu lado. De pé detrás dele, abraçou-o o tempo todo enquanto O Pároco falecia em silêncio em menos de meia hora. Lazar soltou a mão de seu velho amigo e apoiou a cabeça entre as mãos, os cotovelos sobre os joelhos.

“Outra perda. Como poderá suportá-la?”, pensou Allegra.

As lágrimas sulcaram o rosto de Allegra por causa do amável cavaleiro, mas mais por causa da dor de Lazar. O suicídio de sua mãe já lhe ensinara, quando pequena, que eram os vivos quem mais sofria. Sabia que não havia palavras que servissem de ajuda em um momento assim. Acariciou a musculosa curva das costas de Lazar como se com esse gesto pudesse limpar parte de sua angústia.

Ao final, ele se levantou. Enxugou o nariz com o braço e deu meia volta sem pronunciar palavra. Allegra cobriu o rosto do Pároco com o lençol manchado de sangue enquanto Lazar abandonava a enfermaria. Logo o seguiu a uma distância receosa enquanto ele se dirigia a seu camarote.

O elegante camarote fora devastado pela batalha. A porta pendurava em parte das dobradiças e Lazar não conseguiu fechá-la de tudo. pareceu a Allegra que a teria fechado e a teria deixado de fora se aquela não estivesse quebrada. Entrou detrás dele com certo temor. Tinha um mau pressentimento.

Ele ainda não a tocara Mem momento algum. Em silêncio, Lazar ficou de pé no meio do cômodo. Olhou a sua redor com expressão perdida. Observou os buracos no chão, a escrivaninha quebrada, as janelas destroçadas na parede de popa.

Allegra ficou de pé na porta e o olhava com uma mescla de medo e preocupação.

— Que desastre — disse ele.

— Limparemos — começou ela em tom reconfortante.

De repente, ele entrou em ação como um raio.

Começou a destroçar tudo o que restava no camarote. Acabou com tudo o que a batalha deixara meio quebrado. Lançou um lampião apagado contra as janelas de popa que estavam intactas e os vidros explodiram pelos ares. Lançou a cadeira da escrivaninha contra a parede. Arrancou o que restava da porta com um rugido de raiva. Deu um murro contra o vidro e fez sua mão sangrar.

Allegra o observou, surpreendida, com os braços levantados acima da cabeça para se proteger. Estava tão assustada que não conseguia chorar. A seu redor se desatou outra tormenta.

— Por quê?! Por que ele também? Não é justo! — rugia Lazar. — Eu perdi tudo! Não é justo! O que fiz para merecer isso?! — derrubou o lavatório; levantou a cadeira de madeira e a fez explodir contra a escrivaninha sem deixar de gritar. — Quero uma razão, Deus, maldição! O que eu fiz? Nada!

As lascas de madeira voavam pelo ar e os papéis nos que tinham trabalhado com tanto esmero durante as últimas semanas se encontravam esparramados por toda parte.

Não se deteve até que não arrancou de si toda a fúria. A única coisa que sobrou da cadeira era uma tábua de madeira em sua mão, como um porrete.

Houve um longo silêncio quebrado somente pela respiração entrecortada de Lazar e o forte batimento de seu coração.

— Saia daqui, Allegra. Vá para longe, longe de mim — disse em tom grave e

ameaçador.

— Por... por quê? — perguntou ela assustada por aquele desdobramento de fúria e pela expressão amarga em seu rosto.

Lazar passou a mão pelos cabelos, à cabeça curvada, e começou a rir com uma tristeza infinita.

— Porque não te amo, Allegra — lhe disse, com um sorriso e sem apartar a vista do chão enquanto meneava a cabeça com lentidão — e não te desejo.

Ela o olhou.

— Não pode falar sério.

— Totalmente sério — olhou-a com uma expressão ameaçadora como um raio.

— Saia. Fora.

Ao ver que ela ficava ali, imóvel, o olhando com incredulidade, ele levantou o porrete de madeira e se precipitou para ela.

— Saia daqui! Saia! — rugiu.

Ela gritou e saiu correndo para o corredor como se ele fosse lhe dar uma surra.

— Fique longe de mim, está me ouvindo? — gritou ele para o escuro corredor.

— Não quero ter seu sangue em minhas mãos! Não te quero, não te quero como esposa, nem sequer como puta! Saia fora de minha vida!

Soluçando, ela correu aterrorizada até o convés e o deixou em baixo.

Naquele mesmo dia, mais tarde, Lazar completou uma breve e dolorosa cerimônia. Encomendou o pesado corpo envolto em pano do Pároco, junto aos de outros, à plácida eternidade do verde mar. Os homens soluçavam. De alguma forma, ele conseguiu se reprimir. Ele era seu capitão. O homem que se encontrava no comando. Tanto seu pai como o capitão Wolfe concordariam em que ele não podia se permitir nenhuma demonstração de debilidade.

Atribuiu a Allegra o outro camarote para que se instalasse ali permanentemente. Evitou seu olhar temeroso e a dor que se percebia em seus olhos. Ela estava viva. Pelo menos, tinha que estar agradecido por isso. Agora a única coisa que tinha a fazer era encontrar uma forma de deixá-la partir.

Logo, esperava, ela superaria. Ele não tinha nenhum desejo de superar, tampouco nenhuma esperança de poder fazê-lo. Sua única determinação era manter-se tão longe dela como fosse possível antes de que a maldição que lo perseguia fizesse desaparecer sua preciosa vida como ele planejara fazer uma vez, por incrível que pudesse lhe parecer agora. Embora tivesse que fazer com que ela o odiasse, protegeria-a da maldição que ele traria para ela.

Depois do jantar, o menino se aproximou em silêncio da porta do destroçado camarote. Com lágrimas no suave rosto, desculpou-se, incidindo na dor que Lazar sentia no coração, por ter falhado e não ter podido salvar O Pároco. Parecia que o menino tinha, sim, um sexto sentido. Darius lhe explicou que tivera um de seus

pressentimentos sobre o armazém e, embora Allegra se mostrasse disposta a sair dali, O Pároco se negou a fazê-lo. Lazar ficou ali sentado, sob a tênue luz do anoitecer, enquanto o escutava. Sabia que também tinha que se mostrar- desumano com o menino.

— Capitão, tentei salvá-lo — sussurrou Darius. — Sei que falhei, mas por favor, não me mande para longe. Não tenho nenhum lugar aonde ir nem a quem recorrer...

— Sinto muito — respondeu ele sem nenhuma expressão no rosto. — Você não me é de utilidade alguma.

Sentiu o olhar do menino cravado nele alguns momentos. Logo, Darius desapareceu entre as sombras.

Lazar ficou na crescente escuridão, olhando o nada.

Agora que enfim levava seu castigo até a solidão, muito em breve, pensou, assumiria a última carga da coroa, a que ele tinha que suportar sozinho.

Bem, podia cair no trabalho. Ele não era como Allegra, pensou enquanto tomava um gole de conhaque.

O auto-sacrifícios só fazia com que um hedonista como ele se amargurasse.

Allegra não podia acreditar que a tivesse chamado de puta. Certamente não quisera dizer aquilo. Estava fora de si por causa da dor. "Mas é assim que te vê", lhe dizia a voz insidiosa da consciência. "Isso é no que você escolheu se converter, e agora deve viver com as conseqüências."

Como pudera dizer que não a amava? Era óbvio que a amava. Somente estava atormentado.

Naquela noite, aconchegada na cama de seu camarote, onde O Pároco dormira, Allegra ainda se sentia perturbada pela forma como Lazar se tornara contra ela. Sabia que ele estava destroçado pela perda de seu amigo, mas seu comportamento estava fora de toda medida. Ele deveria ter procurado consolo nela, não deveria ter se descarregado contra ela. Era tão pouco próprio dele.

Ansiosa, esperou ouvir o suave chamado à porta. Estava certa de que muito em breve ele iria lhe pedir perdão e procurar o consolo que tanto estava necessitando. Apesar de que merecia uma lição por seu comportamento, ela desejava perdoá-lo assim que ele se desculpasse. Sentia-se tão sozinha, perturbada e ferida por aquela agressão que a única coisa que desejava era sentir seus braços ao redor dela.

As horas passaram e ela continuava esperando. A coisa que viu em seguinte, ao despertar, foi à luz da manhã.

Talvez ele batera na porta e ela não despertara, pensou enquanto se vestia depressa.

"Com certeza fez isso, puta." Estremeceu ao ouvir a crueldade de sua própria consciência. Saiu para procurá-lo.

Sem dúvida, agora ele já teria se acalmado um pouco. Certamente ele já teria ido se desculpar a não ser, talvez, pelos deveres que o reclamavam.

Nem sequer tinha intenção de esperar uma desculpa explícita, decidiu. Somente se visse nele aquele sorriso orgulhoso e malicioso, como uma desculpa, do outro lado do convés, seria capaz de se tranquilizar e saber que tudo ia bem. Apesar disso, tinha um frio pressentimento que a impregnava até os ossos. Era como se as coisas nunca mais fossem estar bem.

Ao sair ao convés, compreendeu imediatamente por que ele não tinha ido vê-la.

Era óbvio. Sentiu-se aliviada.

A ilha dos piratas, Wolfe's Den, aparecia no horizonte só a duas milhas. Uma enorme rocha coberta de verde sob o forte sol do verão. Estavam a ponto de atracar e Lazar se encontrava fiscalizando a manobra.

A tripulação se encontrava estranhamente animada. Allegra observou Lazar no corrimão. Estava olhando através do telescópio enquanto consultava e dava ordens aos homens que se encontravam a seu redor. Não fez nenhuma tentativa de se aproximar dele.

"Não", pensou, "melhor deixar que seja ele quem se aproxime de mim." Mas Allegra não deixou de observá-lo pela extremidade do olho. O senhor Donaldson lhe disse que embora a ilha se encontrava parcialmente rodeada por um recife de coral, a tripulação estava tão familiarizada com o trajeto que poderiam manobrar *A Baleia* até o cais com os olhos vendados. Os homens demonstravam sua alegria das vigas e os instrumentos, do cabrestante e as cordas, enquanto *A Baleia* finalmente entrava em seu ancoradouro.

Desceram a plataforma e os homens saltaram ao cais. Imediatamente se dispuseram a prender o navio com enormes cordas às amarras. As gaivotas atravessavam o céu e voavam em círculo sobre suas cabeças. Os pelicanos se interpunham no caminho de todo o mundo, em busca de pescado, e eram constantemente afastados a chutes.

Embora Lazar ainda não se dera conta de que ela se encontrava ali, Allegra decidiu que o faria notar sua presença. Inclusive tinha uma desculpa para fazer aquilo. Não sabia o que ele queria que ela fizesse: não sabia se havia algum aposento para ela em algum lugar da ilha ou se tinha que deixar suas coisas no navio.

Fez provisão de coragem e se uniu a ele no castelo de proa, embora se manteve a certa distância.

— Lazar?

— Posso te ajudar em algo? — ele não a olhou. Continuou de pé na frente do corrimão observando os homens.

Ela o olhou, sem compreender. Culpava-a pela morte do Pároco, de algum jeito?

— Quero saber o que tenho que fazer — lhe disse, lutando para manter a

calma.

— Fazer? Tenho certeza de que isso não tem nada a ver comigo — replicou ele. Allegra empalideceu.

— O que aconteceu? Por que está me tratando dessa forma?

Ele a olhou finalmente. Seu rosto se mostrava tão duro como o de uma estátua de bronze.

— Não mencionei que nossa relação terminou? — afastou os olhos com rapidez e olhou a praia. — Não tema, te providerei de tudo que necessite. Terá uma casa, criados, uma carruagem. Acredito que será melhor para todos se voltar para Paris, não acha?

— Lazar, do que está falando?

Ele apertou a mandíbula.

— Já não podemos ficar juntos, Allegra. Absolutamente. Terminou.

Ela deu um passo atrás, como se a tivessem estapeado.

— Por quê?

Pareceu que ele pensava naquilo por alguns instantes.

— Por que já não é isso o que quero.

Ela estendeu a mão para se segurar no corrimão. Uma súbita sensação de fraqueza atingiu seu corpo

— Fiz algo que te desagradou?

— Não, temo que simplesmente me cansei que você. Além disso, a minha esposa não gostaria disso. Estou convencido de que não se esqueceu de que vou me casar com Nicolette — pronunciou o nome da outra mulher como se fosse uma carícia.

— Não esqueci — se obrigou a responder Allegra.

— Bem, pois o que quer de mim? Eu te disse que pagarei todos seus gastos — olhou-a outra vez. — Você não gosta da opção de Paris. Bem, vejamos, que outra coisa posso fazer com você? Talvez queira permitir que o capitão Landau se converta em seu protetor. Tem reputação de satisfazer suas mulheres: já conhece os franceses. Isso deveria te fazer feliz.

— Como se atreve a falar comigo dessa maneira?

— Como me atrevo? Estou a ponto de me converter em rei. Posso fazer tudo que eu quiser, e é obvio, posso falar com você de qualquer forma que considere que mereça. Não preciso mais de você.

Allegra sentia que sua cabeça girava. Não podia acreditar. Só podia olhá-lo, incrédula, sem fala.

— Lazar.

— Sim, senhorita Monteverdi? — perguntou em um tom irritado, como se mal suportando sua presença.

— O que está fazendo comigo?

— Estou me libertando de você, acho.

De repente, Allegra sentiu náuseas.

— Por quê?

Ele deu de ombros, em um gesto insolente.

— Oh, não sei. Suponho que agora que te possuí em todas as posições possíveis, a emoção desapareceu. Nossa viagem juntos terminou, não é mesmo?

Ela não conseguiu dizer nada. Tremendo, baixou a vista ao chão como se nele pudesse encontrar o guia para conhecer sua resposta.

— Oh, meu Deus — disse em voz quase inaudível, girando o rosto. — Isso não pode estar acontecendo — fechou os olhos, cobriu o rosto com as mãos um momento e lutou para manter a compostura enquanto sussurrava para si — O que vou fazer?

— Te disse que vou te prover de tudo o que necessite.

— Não quero nada de você — replicou ela. — Exceto saber o que fiz que é tão imperdoável para que me traia...

— Nada — disse e observou o céu espaçoso. — Por favor, não faça com que isso seja mais pesado do por acaso que já é.

— Pesado? — ela quase gritou.

— Tente compreender que assim é como deve ser.

— É por causa de *Al Khuum*? Nunca contaria a ninguém seus segredos...

— Isso eu já sei.

— ... porque te amo.

Ele assentiu, impávido, enquanto levantava a vista para o mastro.

— Ah, sim, isso eu também sei.

A certeza mais terrível a assaltou naquele momento, uma realidade que machucava apesar do desconcerto.

— Lazar, você não... não me ama? — obrigou-se a perguntar.

Ele pareceu incapaz de falar. Uma expressão encurralada e desesperada apareceu em seus olhos. Ela olhou sua pele dourada, seus cabelos cheios e seu ventre, que tantas vezes acariciara

— Terminou. Não te quero. Saia de minha vida.

Sem dizer nada mais, cruzou o castelo de proa e se afastou sem olhar para trás.

Naquela noite Lazar saiu a passear pelo escuro bosque tropical que se encontrava mais além da clareira onde se encontrava o povoado dos piratas. A frondosa e primitiva selva o envolveu com suas palmeiras de todos os tamanhos e tipos. Das escuras árvores penduravam cocos, plátanos verdes, mangas semi amadurecidas. Os pinheiros anões e os carvalhos estavam cobertos por enormes videiras. Alguns pássaros de longas plumas voavam de um ramo a outro através das escuras copas das árvores. Seus gritos agudos e ásperos enchiam o espaço úmido e quente. O solo desprendia um aroma forte e denso.

Lazar sentia profundamente a falta de algo. Sentia um grande peso sobre ele.

Notava os músculos oprimidos e inertes, sem energia. Parecia-lhe que seu coração se transformara em um pedaço de carvão colocado no centro de seu peito.

Subiu até o mirante que se encontrava em cima de uma saliência de rochas e se apoiou contra o canhão que fora colocado ali. Ficou ali um longo momento, contemplando do alto da escura colina o apagado céu e o mar calmo. Em baixo se via o povoado. Podia-se distinguir o edifício de pedra da cozinha e as cabanas de teto de palha. Pequenas fogueiras crepitavam com vigor na zona de reunião e alguns homens se encontravam a seu redor, refletindo sobre seu incerto futuro.

O normal ao retornar de uma batalha bem-sucedida, para seus homens, consistia em celebrar uma grande festa em que se divertiam como loucos e bebiam até ficar inconscientes. Mas dessa vez, a batalha dera como resultado importantes perdas.

Naquela noite, o povoado estava em silêncio e a atmosfera era tensa. O navio de Fitzhugh ainda não retornara. Morris dissera que temia que Russo tivesse sido vencido pela tormenta. Além disso, corria a voz de que os britânicos estavam a ponto de descobrir a convocação de Wolfe's Den.

Além disso, Lazar supunha que os homens não sabiam o que ia acontecer com eles por causa da forma como ele os tratara desde a morte do Pároco. Era-lhe difícil sentir algum interesse pelo que restava de sua tripulação ou por seu navio maltratado depois de ter perdido o homem que fora como um pai para ele e depois de ter tido que renunciar à única mulher a quem seria capaz de amar em toda sua vida. Percorreu o caminho de volta montanha abaixo e chegou aos confins do povoado. Tinha intenção de dar uma volta para se esquivar dos homens, para evitar seus olhos temerosos e seu arsenal de perguntas. Mas lhe chegou uma conversa que o fez se deter entre as sombras.

— Quero voltar para casa — disse o senhor Donaldson. O administrador se encontrava sentado junto a Mutt, Andrew McCullough e Mickey, ao redor do fogo. Os quatro bebiam de suas cigarreiras e se mostravam abatidos.

— Aonde iria? — perguntou-lhe Mickey. — Aonde poderíamos ir qualquer um de nós sem ser enforcado? Nossas famílias não nos admitirão. Estamos condenados, amigos — disse com amargura o ruivo. — O capitão esqueceu de nós.

— Esse novo almirante quer nosso sangue — acrescentou Andrew.

— Sim, e isso lhe proporcionaria um título e uma casa de campo — disse Donaldson. — Desejaria que O Pároco estivesse aqui. Ele saberia o que fazer.

Ficaram em silêncio. Ao fim de um momento, Mutt, o chefe carpinteiro, falou:

— Não devem se preocupar, meninos — disse em tom calmo e tranquilo. — O capitão dará o rosto. Sempre fez isso. Não, o capitão nunca permitiria que nos enforcassem... mas devo confessar que — acrescentou — eu gostaria de ter um lugar onde ficar velho, e não aqui, nessa velha ilhota. Procuraria uma esposa, faria isso, como fez o capitão...

Os outros começaram a rir dele.

Lazar observou aqueles familiares rostos iluminados e perfilados pelo brilho do

fogo. Sentiu uma espetada no coração. Eram homens bons, decentes, leais e mereciam algo melhor que aquela existência desesperada e mísera. Era possível que preferissem não apoiá-lo ou não acreditar nele, mas chegara o momento de lhes oferecer uma alternativa.

Saiu das sombras e se aproximou deles enquanto espantava um mosquito com gesto despreocupado. Eles o saudaram e lhe ofereceram rum. Ele o recusou com um gesto de cabeça e introduziu as mãos nos bolsos.

— Homens — começou — há algo que devo lhes dizer. Trata-se de Ascensão. É... bem, é uma longa história e acredito que chegou o momento de que a conheçam.

Sentou-se e a contou.

Eles o escutaram imóveis e com uma expressão de estupefação em seus rostos. A fadiga e o sentimento de derrota se desvaneciam de suas costas enquanto foram conhecendo a história.

Ao fim de pouco tempo já havia cem homens que o escutavam. Quando chegou à parte da vingança por causa da qual tinham zarpado para Ascensão, todos os homens da Irmandade de Plymouth o estavam escutando em profundo silêncio e com grande atenção.

— Quanto a mim, já tomei uma decisão — lhes disse. — Devo voltar. Se unirem a mim e se sairmos vitoriosos, e por Deus que venceremos se nos mantivermos unidos, cada um de vocês terá meu agradecimento, uma casa decente e a oportunidade de começar de novo...

Mas o estrondo das vozes alegres dos homens apagou aquelas últimas palavras

Os homens estavam com ele. Lazar olhou a sua redor com surpresa. Notou que um calafrio lhe percorria as costas ao sentir pela primeira vez o que seria ostentar o poder de forma verdadeira e legítima. Mas, imediatamente, a dor alagou seu coração.

Se Allegra não o compartilhasse com ele, aquilo não tinha nenhum sentido.

Transcorrera uma semana e Allegra ainda não podia acreditar.

Ele a traía. O amigo mais querido que jamais tivera. Seu príncipe, seu pirata e o marido de sua alma, seu rei. Wolfe's Den era um paraíso tropical, mas Allegra estava insensível ante a sensual beleza de suas praias de areia rosada e de suas cascatas prateadas, lagos azuis e bosques antigos. Sentia uma permanente dor no estômago.

Uma semana mais tarde chegaram outros dois legendários conselheiros do rei Alphonse, mas ela se sentia muito aturdida para se interessar por aquilo. A única coisa da que se deu conta foi que ambos os homens reconheceram Lazar à primeira vista. O Padre Francesco, o arcebispo, parecia um homem amável e grave, mas o primeiro-ministro, Dom Pasquale, com seu nariz aquilino e seus olhos dourados,

mostrava-se frio e insidiosamente engenhoso. Allegra se deu conta com rapidez de que Dom Pasquale estava disposto a desprezá-la para sempre por causa da traição de seu pai.

Não lhe importava. Manteve-se longe de todo mundo. O capitão Landau acudia freqüentemente para lhe fazer companhia e tentava distraí-la. Era amistoso, galante, obstinado e atento, mas era incapaz de manter um diálogo. Como era possível que Lazar tivesse sugerido que aquele homem fosse seu amante, que ela fizesse com Landau o que só podia fazer com ele?

Com certeza Lazar não queria dizer aquilo. Allegra esteve quase tentada a fazê-lo acreditar que aceitara aquele homem, tal como ele sugerira, só para fazê-lo notar que ela ainda estava viva.

Na última semana, antes de que abandonassem o Caribe, chegou um mercenário solitário e de desastroso aspecto a quem Lazar deixara em Ascensão para que matasse Domenic.

Por que Lazar quisera matar Domenic não ficava claro. Talvez pela simples razão de que não gostava de Domenic. Ou talvez, naquele momento, simplesmente havia se sentido indignado pelo fato de que Domenic tivesse tentado violentá-la, o que era bastante irônico à vista do que lhe fizera, pensou.

Aquele tipo de aspecto curtido comunicou um desafio a Lazar da parte de Domenic. Esse o desafiava a que voltasse e o enfrentasse. Além disso, exigia-lhe que devolvesse Allegra sã e salva. Jeffers contou que Domenic dirigia Ascensão com mão de ferro e com uma crueldade para o povo pior que a que o anterior governador tivera com eles. Chegaram-lhe rumores de que antes de que o resto de mercenários tivessem sido assassinados, Domenic os torturara inumanamente para obter informações sobre Lazar.

Era óbvio que Domenic ia atrás de Lazar. Assegurava que queria levar o Diabo de Antigua ante a justiça. Ela sabia que não importava nada a Domenic, mas imaginava que seu orgulho tinha sido ferido pelo fato de que Lazar levara sua prometida e que todo mundo soubesse daquilo.

Bem, pensou, insensível, se não vesse sua menstruação logo, ainda teria mais motivos para se sentir incômodo. Só tinha um atraso de duas semanas e se obrigava a acreditar que aquilo era devido à tensão sob a qual se encontrava. A outra possibilidade, agora que Lazar a dispensara, era impensável. A sensata, prudente e aborrecidamente decente Allegra não podia se converter em uma mãe solteira. Aquilo era certo. Nunca seria capaz de olhar na cara de ninguém. Não, tratava-se somente da preocupação e a comoção.

Quanto ao rei, esse tinha um aspecto terrível. Lazar envelhecera vários anos desde a morte do Pároco. Durante as semanas que permaneceram em Wolfe's Den, o via pálido, fraco e perdido em seus pensamentos. Apesar disso, e com uma prontidão que ela nunca teria podido imaginar, fez com que seus navios fossem reparados e transformados na primeira frota de Ascensão. Por fim, os navios foram carregados e os Irmãos de Plymouth zarparam de Wolfe's Den em busca de um

destino melhor.

Sob a bandeira verde e negra de Ascensão, os magníficos navios de guerra de Lazar, enfeitados com longas insígnias de todas as cores do arco-íris, navegaram em perfeita formação através do Atlântico como primeira frota real de Ascensão.

Allegra estava surpresa de que Lazar tivesse disposto que ela navegasse com ele a bordo de *A Baleia*. Se ele acreditava que ela estaria disposta a retomar seus anteriores deveres de rameira, estava completamente equivocado. Mas ele não se aproximou dela em nenhum momento. Aquela viagem junto a ele foi uma tortura. Não havia forma de que ela pudesse retomar sua vida naquele momento, posto que se encontrava presa com ele no navio e estava obrigada a tropeçar com ele a cada dia.

Allegra se perdeu em uma espécie de transe insensível, era quase incapaz de acreditar o quanto era difícil aprender a não tocá-lo. Acostumara-se à leve carícia de sua mão sobre a sua, a um abraço rápido, a uma carícia suave. Tudo aquilo desaparecera. Ele nem sequer a olhava nos olhos.

Allegra decidiu reconsiderar seu antigo projeto, que tantas vezes abandonara e retomara, de ingressar em um convento. Não se decidia em nenhuma das duas direções. Sentia como se sua capacidade de sentir lhe tivesse sido arrebatada por completo. A única coisa que sabia era que nunca iria querer outro homem em toda sua vida, nunca mais, e tinha a esperança de que se permanecesse perto de Deus, talvez ao fim fosse capaz de superar a vergonha de ter sido a puta de Lazar.

Sentia-se culpada, faminta, mas não podia evitar a sensação de que, de alguma forma, fora enganada. Estar longe de Lazar não era difícil, já que ele passava as noites em uma simples rede pendurada na proa. Dormia sob as estrelas do céu aberto para, supunha, aproveitar seus últimos dias em alto-mar.

Allegra tentou se distrair com pequenas tarefas, mas o tempo se fazia muito longo, horas vazias para a contemplação ou o descanso, sem sentido, como todo o resto. O tempo todo se sentia enjoada e se dava conta, não sem certa ironia, que sucumbia progressivamente a Lazar, aquele homem a quem não negara nada. Aquele homem que lhe arrebatara tudo o que possuía e a deixara sem nada exceto, talvez, uma criança no ventre que ela não desejava.

Era ainda mais tola que sua mãe, supunha. Pelo menos, o rei Alphonse valia à pena.

Precisava terrivelmente de tia Isabelle. Tia Isabelle teria sabido o que dizer e o que fazer.

Sua preocupação aumentou. Como podia se converter em monja se tivesse um filho? Teria que procurar o apoio de seu tio e sua tia durante o resto de sua vida, levar sua vergonha sob seu teto, porque preferia morrer antes que pedir ajuda a Lazar.

Mas se voltasse para tio Marc e tia Isabelle, a reputação de suas duas pequenas filhas ficaria manchada para sempre por causa da presença de uma mulher arruinada na mesma casa. Tentou não cair no pânico ante essa situação, porque

ainda havia alguma esperança de que seu o período menstrual viesse. Rezou. Fez um esforço para notar as cólicas, mas em meados de agosto ainda não as tinha sentido.

O vento favorável conduziu à frota com agilidade até a entrada do Mediterrâneo. Ali encontraram a doze navios austríacos que lhes escoltaram através dos estreitos de Ascensão até uma das resguardadas baías de Córsega, onde atracaram. A partir desse momento, uma procissão de visitas foi render comemoração a Lazar sob a atenta supervisão de Dom Pasquale.

Ela se manteve em seu lugar, em segundo plano, totalmente invisível enquanto os dignitários obsequiavam o rei com presentes inimagináveis e faziam suas reverências a ele sem se atrever a contemplar seus escuros e ferozes olhos. Allegra se deu conta com profunda tristeza de que ele aceitava tudo aquilo como seu dever, como se tivesse nascido para aquilo, o que, é óbvio, era verdade.

Talvez seria um rei cruel e tirânico, no fim, pensou. Odiava-o. Amava-o. Evitavam-se. Mas ela aproveitava qualquer oportunidade para observá-lo dissimuladamente. Para estudar aquele homem que tinha completado sua vingança sobre ela com tanta crueldade. Parecia que seu rosto fora esculpido em granito, apesar de seus vinte e oito anos. Seus olhos negros eram tão fundos e inescrutáveis como o profundo mar noturno. Produzia uma profunda impressão em todo aquele que o visitava. A responsabilidade do poder já lhe pesava, mas não o venceria porque, Allegra sabia, ele era como uma rocha.

A noite de três de setembro foi a última que passaram a bordo. Por volta de quatro meses da noite da festa de aniversário de seu pai.

Tinha sido um dia muito longo, ocupado por uma interminável procissão de visitantes. A caminho de seu camarote, Allegra passou pelo salão e observou que a tensão tinha vencido o rei.

Naquele momento saíam os últimos visitantes, caminhando de costas sem deixar de fazer reverências, ansiosos para não cometer a grave falha de dar as costas ao seu rei. Logo que partiram, Lazar grunhiu algumas palavras confusas e se levantou para se servir de conhaque.

— Está fazendo bem — disse Allegra com certo ressentimento. Fazia muitos dias que não falavam.

— Sinto-me como um ator no cenário — disse ele. — Um muito ruim, por sinal.

Ela desejou lhe dizer algo amargo, mas não pôde. Desejou lhe dizer que estava orgulhosa dele, mas não o fez.

— Não — suspirou ela. — Tudo isso é real.

Ele meditou essas palavras um momento enquanto servia o conhaque em um copo. Enquanto Lazar tomava um gole, Allegra baixou o olhar para o chão: sentiu uma pontada de desejo ao recordar o sabor de conhaque de sua língua.

— Me sentiria mais feliz se tivesse Clemente em meu poder. Cairia bem uma boa briga. Todas essas boas maneiras estão me deixando louco — suspirou e voltou a se sentar. Apoiou a cabeça no respaldo e fechou os olhos.

Ela permaneceu de pé, sem saber o que fazer. Era tão louca que quase desejava ir até ele. Mais que quase, na verdade.

— Allegra?

Ela sentiu que seu coração saltava de esperança. Sentiu um desejo imediato e insuportável. Conhecia aquele tom de desejo na voz dele.

— Sim?

Fez-se silêncio.

— O que é, Lazar?

— Sinto sua falta — disse ele, totalmente imóvel, com os olhos fechados.

— Quer fazer amor? — perguntou ela em voz baixa, com a respiração retida. Mas não queria, não iria até ele.

Ele abriu seus olhos de longos cílios e aquele olhar noturno a apanhou, torturado.

Allegra decidiu cruzar todas as pontes e atravessou o cômodo em cinco passos. Imediatamente, ele a levantou em seus braços e se encontraram na cama, arrancando a roupa um do outro com mãos trêmulas e febris. Nenhum dos dois pronunciou qualquer palavra. Ele a penetrou, ansioso, desesperado, profundamente. Ela passou os braços por baixo dos dele e se agarrou a seus enormes ombros enquanto ele a possuía com uma ternura atormentada, todo o tempo acariciando seu rosto com os lábios.

Allegra mordeu o lábio até que não pôde suportar a dor. Não queria lhe dizer que o amava. Seu amor se depositava nele a cada carícia sobre sua suave e dourada pele, mas não queria pronunciar as palavras.

Lazar baixou a cabeça para lhe lambe os seios e ela começou a chorar em silêncio enquanto lhe acariciava os cabelos aveludados.

“Lazar, Lazar, meu coração está quebrado...”

Allegra não pôde reprimir um entrecortado soluço e Lazar a ouviu. Deteve-se. Devagar, olhou-a e lhe lambeu as lágrimas. Tomou seu rosto entre as mãos e lhe beijou as faces, a testa. O pranto se intensificou ante aquela doçura sem sentido, mas sem emitir nenhum som. Ele lhe beijou o pescoço e ela fechou os olhos, desejando morrer.

Allegra não sabia como podia continuar. Era como se sua mente e seu coração se curvassem sobre si mesmos. Sucumbia, embora ainda estivesse em seus braços. Se somente lhe dissesse que a amava, o perdoaria. Voltaria a deixá-lo entrar em seu coração. Se ele a quisesse de novo.

Tinha sido um erro entrar naquele cômodo com ele. Ele continuava possuindo-a devagar, com suavidade, como se pudesse consolá-la com suas habilidades de amante. Todo o progresso que fizera em esquecê-lo fora apagado. A ferida por perdê-lo de novo voltou a se abrir.

Apesar de tudo, ele conseguiu que se esquecesse daquilo por alguns momentos. De alguma forma, ele conduziu seu corpo até o limite do êxtase, mais doce ainda pela certeza da efemeridade daquilo, sabendo que nunca voltaria a

acontecer. Lázaro emitiu um grito angustiado e quase doloroso e encheu seu ventre com sua essência.

Logo ficou deitado em cima dela por várias horas, sem abandonar nem seu corpo nem sua cama. Com a cabeça em cima do travesseiro, ao lado da dela, não deixava de olhá-la e de acariciá-la na escuridão, enredando seu cabelo entre os dedos.

Não disseram nenhuma palavra.

Capítulo vinte e um

Na manhã seguinte, Allegra despertou totalmente sozinha.

Um sentimento de temor a invadiu de tal forma que saltou, pôs o vestido e saiu correndo do camarote, tremendo. Não havia ninguém no salão, então saiu ao corredor, também solitário. Enfim, subiu pela escada e saiu ao convés. Esta se encontrava transbordante de vida e brilhante pelo rocio da manhã.

O céu do amanhecer tinha um tom pérola, as ondas um tom de azul-marinho. O vento era suave. Viu Lazar no castelo de proa. Encontrava-se imóvel na frente do corrimão. Antes que seu orgulho a impedisse, ela se esforçou para passar entre os guardas e oficiais e chegou ao seu lado.

— Olhe — lhe disse ele, com um gesto de cabeça em direção ao leste.

O sol se levantava por trás de Ascensão. Seus enormes, magníficos raios dourados se abriam por trás do montículo tortuoso da ilha. Essa oferecia um profundo tom violeta em cima do brilhante verde do mar. Seu perfil rochoso aparecia suavizado pela incrível luz. Era uma visão gloriosa.

— Quero te agradecer por esse dia — lhe disse ele, olhando para frente — Eu não estaria aqui, nada disso teria acontecido, se não fosse por você. Nunca esquecerei, Allegra.

Aquele foi, talvez, o pior momento de sua vida. Suas palavras comunicaram esse pesar:

— Então isso é uma despedida, não? — sussurrou ela.

— Oh, não, não é nada disso — ele olhou com despreocupação suas mãos, com o cenho franzido. — Só queria que visse o nascer do sol...

"O nascer do sol."

Ele continuava com os olhos cravados em suas mãos, sobre o balaustrada, recordando, sem dúvida, como ela, aquele primeiro amanhecer que tinham visto juntos.

— Sim — disse ele. — É um adeus.

— Oh, por Deus, me olhe — pediu ela, lutando contra as lágrimas. — Só por uma vez, me olhe nos olhos.

Ele não olhou.

— O que aconteceu? — gritou Allegra, sem se importar que qualquer pudesse ouvi-los. — O que *nos* aconteceu? É culpa minha que O Pároco tenha morrido?

— Baixe a voz — murmurou ele, sem levantar os olhos de suas mãos.

— Me amou alguma vez? Brincou comigo o tempo todo?

— Allegra.

— O que fiz de errado?

— Sou uma maldição, Allegra — disse em voz apagada, não podendo suportar mais seu silêncio. — Não quero que te aconteça nada.

— Não quer que me aconteça nada — exclamou ela, incrédula. — E ontem à

noite? O que foi aquilo?

— Um erro — levantou o queixo e elevou o torso, como sempre fazia quando queria se mostrar distante.

Ela o olhou, sentindo-se traída outra vez porque havia tornado a ter esperança.

— Adeus, Allegra.

— Você é um egoísta... — calou-se e tomou ar. — Sua Majestade — lhe disse — pode ir para o inferno.

”Palavras de despedida.”

Afastou-se dele bruscamente e tropeçou com alguém em sua fuga. Deslizou escada abaixo. Não podia suportar a dor. No camarote, recolheu as poucas coisas que possuía e as introduziu em um saco de lona. Era quase incapaz de ver que o fazia, tal era o esforço em reprimir as lágrimas. Ele não foi atrás dela, é obvio. Tinha um reino a atender.

Allegra cometeu a loucura de roubar uma de suas camisas e de colocá-la no saco. Uma que ele usara e não tinha sido lavada. Queria reter seu aroma um tempo mais, aquele aroma de rum e fumaça, pele e sal marinho.

Desejava não ter posto nunca os olhos nele.

Pouco depois do amanhecer, em uma reunião de emergência, os velhos cavalheiros do Conselho comunicaram as notícias a Domenic Clemente.

— Ele está aqui, e é real — disse Dom Carlo.

— O Papa se encontra a caminho para a coroação — acrescentou Dom Enrique. — Ninguém pode lutar contra o Papa. Parece que deu o crisma a Lazar quando esse era um menino. Se o Papa reconhecê-lo como filho de Alphonse, não podemos esperar nenhuma prova melhor de sua autêntica identidade.

Domenic, sentado à cabeceira da longa e brilhante mesa de mogno, no recentemente reparado salão, olhava-os, incrédulo e pálido, a ponto de explodir de raiva.

— Em vez de apresentar batalha, Gênova se retirará em silêncio — continuou Dom Carlo com expressão impávida.

— E estarão contentes de ter a oportunidade de fazer isso — comentou outro. Domenic deu um murro com sua mão recém curada contra a mesa.

— Nem sequer irão apresentar batalha?

— Que sentido teria? — o velho deu de ombros. — Ascensão já não nos é proveitosa.

— Maldição, esse homem deve ser levado ante os tribunais. Deveriam enforcá-lo. É um pirata, Por Deus!

— Isso foi só um truque — disse um dos homens com impaciência. — Não seja importuno, Clemente.

— Para falar a verdade — acrescentou Dom Enrique —, se ele sobreviveu todo

esse tempo, atrevo-me a dizer que merece seu posto.

Domenic estava tão furioso que quase era incapaz de falar. Nunca na vida se sentira tão impotente.

— E o que acontece comigo? O que eu vou fazer? Estão arruinando todo meu futuro!

Os velhos homens se removeram incômodos nas cadeiras e olharam uns para os outros.

— O rei Lazar quer te levar ante os tribunais, meu amigo — disse Dom Gian, o homem do Conselho mais intimidante.

Domenic se apoiou contra o respaldo da cadeira, sem poder acreditar.

— Não se preocupe, Clemente. Se parecer minimamente ao seu pai, provavelmente poderemos te conseguir uma anistia.

Domenic riu com amargura.

— Anistia — meneou a cabeça, aturdido ainda. — Acham que não me dou conta do que estão fazendo? Acreditam que sou um tolo? Estão me convertendo em um bode expiatório, como fizeram com Monteverdi.

Dom Gian o olhou, tranqüilo.

— Ninguém te disse que queimasse aqueles povoados nem que permitisse que seus homens violentassem as moças camponesas. Não, nenhum de nós te aconselhou que reinstaurasse a prática de queimar os homens na fogueira como castigo por seus crimes.

— Bom, mas funcionou, não foi? — gritou ele. — A criminalidade caiu muitíssimo.

— Já não resta nada para roubar — riu Dom Carlo.

Aquela risada soou como uma cascata de folhas secas. Domenic os olhou com uma expressão feroz, preocupado.

— Não se preocupe, Clemente. Encontraremos uma posição adequada para você em Gênova — lhe assegurou Dom Carlo. Era uma mentira desumana, porque com os olhos lhe dizia: “Está sozinho, rapaz”. — Vá para casa com sua Maria e espere lá enquanto vamos às reuniões do dia. Resolveremos esse assunto. No momento, descanse. Terá os guardas para que o protejam da chusma.

Prisão domiciliar. Ele se deu conta disso, ainda aturdido. Eles podiam lhe dizer que lhe ofereciam soldados para que o protegessem, mas ele sabia a verdade.

— Sim, o povo se encontra em um estado de grande agitação — outro deles acrescentou.

Dom Gian adotou um gesto severo.

— Eles têm que estar. Sua lenda se fez realidade.

Domenic ficou de pé. Seu coração pulsava com força, mas seu elegante rosto permaneceu tranqüilo.

— Cavalheiros, devo lhes deixar agora, já que parece que devo preparar minhas coisas — obrigou-se a lhes dirigir um sorriso. — Perdoem as elevações de tom, se for possível. Foi uma pequena comoção, mas entendo que a situação se encontra em

suas mãos e sei que farão o melhor para mim.

Dom Cario assentiu.

Domenic continuou:

— Enquanto espero a anistia, voltarei para minha casa de campo e porei em ordem meus assuntos para poder voltar para Gênova com vocês. Podem mandar os guardas, conforme lhes pareça melhor. Estarei lá. Vocês têm minha palavra de cavalheiro — acrescentou. Fez uma pequena reverência e caminhou tranqüilamente para fora do alto e brilhante salão.

A cada passo que dava, uma palavra martelava sua mente. “Covarde.”

O diabo o envenenava de novo. Não podia acreditar que o Conselho lo estivesse jogando aos lobos, embora o motivo de que se sentisse tão surpreso não sabia. Passou entre criados e guardas que ainda não tinham conhecimento de que em breve receberiam ordens de capturá-lo. Deteve-se na entrada do edifício do Governo e olhou ao seu redor e a praça de Pequena Gênova. Os habitantes de Ascensão estavam celebrando a volta de Lazar.

O rei Lazar. ” Não!”, gritou mentalmente. “Te matarei!”

E essa foi à resposta.

De repente se sentiu muito tranqüilo, quase aliviado. Embora ainda restassem alguns minutos para tentar escapar, não fugiria. Não, não era um covarde, como seu pai sempre lhe dizia.

Sabia o que devia fazer. Se não houvesse rei, quem tomaria o poder? Podia recuperá-lo de novo, disse a si mesmo. Inclusive podia recuperar Allegra, se o desejasse. A única coisa que tinha a fazer era colocar uma bala no coração daquele pirata.

Lazar di Fiori não era imortal, apesar do que aqueles caipiras dissessem.

Justo quando aqueles caipiras se deram conta de que ele se encontrava ali, o odiado e jovem governador que acabava de fazer queimar três homens de uma vez — por razões plenamente justificadas — Domenic se deu conta de que talvez ele tampouco era imortal.

Agudamente alertado por aqueles olhares de hostilidade e pela forma em que começaram a avançar na direção do lugar com olhar diabólico, Domenic caminhou devagar até um dos guardas montados e lhe ordenou que lhe desse o cavalo e a pistola. Subiu à sela, fez girar o cavalo e saiu ao galope em direção ao ponto da praia onde o presumido rei logo ia desembarcar.

Ao fim de alguns momentos, os soldados do Conselho cavalgavam rapidamente atrás dele. “Se Fiori os esquivou, Por Deus que eu também posso”, pensou, furioso.

A praia apareceu ante a vista, como os distantes navios, e o esgotado cavalo tropeçou.

Havia um povoado de cara para o mar e Domenic se dirigiu para ele para procurar um cavalo descansado, o melhor que aquele povoado pudesse oferecer, antes que perdesse a cabeça contra aqueles soldados que o perseguiam. Tinha uma pistola e não pensava admitir nenhuma insolência.

O povoado parecia tão pobre que talvez não havia nele ninguém que possuísse um cavalo, pensou com inquietação. Se não havia nenhum cavalo, decidiu que procuraria um lugar onde se esconder. De algum lugar poderia disparar no rei quando sua carruagem passasse por ali, já que aquele caminho vinha do porto. Fiori teria que percorrer aquele caminho.

Mas enquanto cavalgava em direção à casa de aspecto mais cômodo de todo o povoado, a única casa que podia ter algum cavalo a oferecer, alguém gritou. Tinham-no reconhecido.

Domenic se deu conta de que, cego pelo pânico, entrara no povoado equivocado: o povoado de onde procediam os três homens que queimara.

Domenic gritou e os habitantes do povoado o rodearam e o arrancaram do cavalo.

Era bem entrada a manhã quando os homens de Lazar, convertidos em guardas reais, foram para levar Allegra. Esses homens sentiam lástima por ela. Lazar dissera a eles que ela era uma ferinha, pensou Allegra, e além disso que ela era a última mulher em toda a terra com quem ele queria se deitar. Escoltaram-na para o convento medieval, um convento de paredes de um metro de altura e repleto de esconderijos. Durante o trajeto, Allegra se perguntou que as irmãs iriam fazer com uma monja grávida.

Enquanto remavam em direção à praia Allegra pensou por um momento em se atirar às agitadas águas da costa de Ascensão, mas não pôde evitar rir de si mesma ante esse gesto melodramático. Ela não era sua mãe, e é obvio, tampouco era o rei Alphonse. Isso teria significado se converter em mártir daquele homem.

Em vez disso, permaneceu ali sentada, insensível, com o coração quebrado e o espírito morto. Quando chegaram à praia, conduziram-na rapidamente até uma carruagem que os esperava. Uma escolta formada por uma segunda e uma terceira carruagem se encontrava na frente e atrás daquela.

Com certa perversidade, Allegra começou a desejar que, efetivamente, levasse o filho de Lazar no ventre. Aquilo significaria que não poderia se converter em uma monja, certo. É obvio, também teria que suportar passar uma grande vergonha. Mas, pelo menos, não estaria sozinha. Ao menos teria alguém que a amaria e que não poderia abandoná-la.

No interior da carruagem, Darius a observava com seriedade.

— O que houve? — perguntou ela.

Ele deu de ombros e guardou seus pensamentos para si, como sempre. Voltou a dirigir a vista através da janela.

Allegra pensou com tristeza em quanto aquele menino se sentia ferido. Darius não compreendia o desprezo de seu ídolo, como tampouco ela compreendia. Mas ele era muito teimoso para demonstrar.

Quando a pequena comitiva enfiou o caminho que subia pela ensolarada colina, um aroma de incêndio chegou até eles. Ao fim de alguns instantes, ao se aproximarem de um povoado, ouviram gritos e grunhidos irados. Allegra bateu na carruagem.

— O que está acontecendo ali? O povoado se incendiou?

Logo se deu conta de que conhecia aquele povoado. *As Colinas*. Tinha levado remédios para os doentes muito freqüentemente ali.

A comitiva avançou pelo caminho, mas inclusive antes de que as carruagens se detivessem Allegra se deu conta do que era que acontecia. Abriu os olhos, horrorizada.

O povo de *As Colinas* ia queimar um homem na fogueira.

Antes que Darius, com sua agilidade de gato, pudesse detê-la, Allegra saltou da carruagem e correu em direção à multidão.

— Parem! Parem! — gritou.

O grupo se voltou para ela.

— É a senhorita Allegra! — anunciou alguém em tom de surpresa.

— O que estão fazendo? — perguntou. — Isso é uma loucura!

Eles se apartaram, lhe abrindo passagem.

— Ela foi quem trouxe nosso rei de volta — ouviu que alguém murmurava.

— Trouxe Lazar de volta...

— Bernardo disse que ela salvou a vida de Sua Majestade.

Dois homens saíram de uma choça próxima e se aproximaram. Levavam um homem a rastros entre os dois. Allegra se surpreendeu ao ver que se tratava de seu ex-prometido, mas dissimulou a surpresa com rapidez. Procurou algo para dizer. Domenic, ao vê-la ali entre o povo, começou a rogar, necessitado.

— Oh, Deus, Deus, não lhes permita que me queimem, Allegra! Me ajude!

Um dos homens lhe deu uma bofetada e o fez se calar. Allegra olhou os rostos que a rodeavam. Quando por fim o povo ficou em silêncio só se ouviu o crepitar do fogo e o tinido dos arreios de um cavalo que, preso à carruagem, espantou uma mosca.

— Não nos disse nosso Salvador que devíamos amar nossos inimigos e oferecer a outra face? — perguntou, quebrando o silêncio.

— Esse governador queimou três de nossos filhos na fogueira! — gritou uma mulher. — Ele também deve ser queimado!

— Sim — assentiram vários deles.

Domenic a olhou e pronunciou seu nome com os lábios sem emitir nenhum som. Estava muito aterrorizado para fazê-lo.

— Não devem fazer isso — disse ela com toda a firmeza que pôde mostrar. — Seu rei não iria quer. Querem desgostar seu rei? Nenhum de vocês gostaria de dificultar o caminho de Lazar de Fiori, acreditem em mim.

— Ah, sim — confirmou um dos antigos Irmãos de Plymouth que se encontrava atrás dela.

Os patrícios se olharam.

Allegra umedeceu os lábios com a língua e continuou:

— Esse homem cometeu injustiças em toda Ascensão, não só em seu povoado. É prerrogativa do rei castigá-lo, não sua.

Deu-se conta de que eles refletiam sobre suas palavras.

— Quando ele vai vir? — gritou alguém.

— Logo — respondeu Allegra com o coração acelerado. — Me escutem. Devem deixar que seja seu rei quem faça recair a justiça sobre o senhor Clemente. Podem confiar nisso. Sua Majestade é um servidor da verdade: não se esqueçam de que Deus o coroou por direito divino. Permitam que meus guardas levem Clemente em custódia.

— Deve ser castigado!

— Mas não dessa maneira, boa gente — insistiu ela, olhando a todos com um olhar suplicante. — Basta de vinganças. Se algum dia quisermos saber o que é a paz nessa ilha, devemos começar agora mesmo. Aqui.

Olharam-se uns aos outros.

— Oh, Deus, por favor — exclamou Domenic em voz alta.

Allegra olhou para cima do homem na direção dos Irmãos de Plymouth, mas eles também mostravam ódio por Domenic. Deu-se conta de que estavam desejosos de pôr suas mãos em cima dele por ter torturado os mercenários do senhor Jeffers, a quem Lazar deixara em Ascensão para que fossem atrás dele.

— Cavalheiros — lhes disse, em um tom que não deixava nenhuma dúvida.

Os homens se olharam com expressão duvidosa. Seus bronzeados rostos mostraram uma expressão hostil debaixo dos elegantes chapéus do uniforme novo.

— Não infringamos nenhum juramento, hoje — lhes pediu ela para lhes recordar que tinham aceitado respeitar as leis de Ascensão. — Tomem o senhor Clemente como prisioneiro, por favor, e apaguem essa fogueira antes que incendeie alguma das casas.

— Concordo — disse Sully. Ele foi o primeiro a avançar, ao mesmo tempo em que afastava um dos homens do povoado com uma cotovelada.

Levaram Domenic ante ela e Allegra o conduziu a sua própria carruagem.

— Allegra — implorou ele — você é um anjo, um anjo.

Dentro da carruagem, ele apoiou a cabeça em seu colo e ficou quieto, rodeando-a com os braços pela cintura. Seu corpo todo tremia. Ficou assim até que chegaram ao convento.

O menino, sentado diante dos dois, não deixou de olhá-la com aquela expressão penetrante em seus escuros olhos espanhóis. Mostrava uma expressão de desprezo por Domenic, mas não pronunciou palavra.

Ela evitou o olhar duro e reprovador de Darius, porque sabia o que ele pensava.

”O capitão não gostaria.”

“Essas malditas entrevistas são piores que um furacão”, pensou Lazar, mal-humorado.

Aparentemente frio, embora intimamente exasperado, Lazar passou a tarde suportando a última ronda de negociações e de perguntas com um grupo formado por membros do Conselho de Gênova, representantes do Vaticano, nobres das mais poderosas famílias de Ascensão e representantes dos estados italianos mais próximos, além de embaixadores das cortes da Espanha, França e Viena.

Não tinha nem idéia de como conseguia responder a suas perguntas, porque a única coisa em que podia pensar era em Allegra e na insuportável doçura de tê-la amado na noite anterior pela última vez. Nunca poderia se perdoar por ter sido tão fraco e não ter sido capaz de reprimir sua necessidade dela, mas havia se sentido tão perdido, tão vazio. “Seus olhos tinham a cor da canela e o mel, sua pele era de marfim e tinha dezesseis sardas no nariz...”

Outro turno de perguntas daqueles homens velhos e ardilosos.

Estava claro que aqueles diplomáticos sabiam que ele não lhes estava contando tudo referente a seu passado, mas se contentariam com o que ele decidira lhes revelar, o que era, é obvio, muito pouca coisa. Ele era um rei e não seria investigado em detalhes.

Em qualquer caso, Lazar se dava perfeitamente conta de que estavam muito mais interessados em como eles e seus países podiam obter algum ganho de sua restauração ao poder. Então foi o interesse o que guiou suas respostas e passou por cima de qualquer referência a sua anterior forma de vida com uma educada habilidade que teria feito O Pároco sorrir.

Enfim, o magnífico Dom Pasquale de olhos dourados, deu por concluída a entrevista.

— Cavalheiros — disse, dirigindo-se ao grupo de Gênova — apresentamo-lhes as indisputáveis provas a respeito da autenticidade de nossa afirmação. Chegou o momento de decidir — Pasquale consultou seu relógio de bolso com um gesto dramático. — Agora é sua escolha renunciar à pretensão de Gênova de conservar Ascensão ou apresentar batalha ao amanhecer.

Lazar manteve uma expressão impassível, mas reteve o fôlego enquanto os dignitários discutiam em voz baixa ao redor da mesa do salão.

Enquanto observava os homens, perguntou-se se seriam os mesmos membros do Conselho que tinham sentenciado sua família à morte e que tinham colocado Monteverdi no posto para ajudá-los. Mas se obrigou a pensar só no presente. O passado se fora. E, na verdade, já não desejava mais derramamento de sangue. Ascensão já sofrera suficientemente.

Finalmente, os membros do Conselho levantaram a vista.

— Não desejamos apresentar batalha. Deus salve o Rei.

— Deus salve o Rei! — gritaram outros, ficando em pé.

— Deus salve o Rei! — gritou Pasquale com o punho levantado.

“Bem, será melhor que alguém me salve disso”, pensou ele.

A ausência de Allegra reduzia aquele triunfal sucesso a um momento de profundo tédio. Apesar disso, Lazar levantou o queixo, em um gesto sério contido, e tentou fazer com que ninguém se desse conta de sua surpresa.

— Senhor, sobre o tema do senhor Domenic Clemente — começou um dos homens do Conselho genovês. — Desejamos lhes apresentar uma petição de anistia...

— Negada — respondeu ele. — Devem me entregá-lo

Não o contrariaram, para sua surpresa.

Todos os homens ficaram em pé quando ele se levantou e lhe dirigiram receosas reverências enquanto abandonava a sala. Lazar sentiu que era muito estranho ser objeto de tais comemorações. Não estava mal para um anterior escravo, pensou.

Dom Pasquale o seguiu ao atravessar a sala. Felicitaram-se pela mútua vitória.

— Acabam de me comunicar que Enzo chegou faz umas horas de Viena com o séquito da princesa Nicolette — lhe informou Pasquale. — O Padre Francesco se encontrará com o grupo do casamento essa noite na catedral para preparar o casamento para amanhã. Sua presença lá será necessária. O chefe de cerimônias real estará disponível e dará instruções a todo mundo a respeito de onde devem se sentar, quando devem ficar em pé, ajoelhar-se e demais coisas.

Lazar exalou um forte suspiro.

— Suponho que eu também deverei fazê-lo corretamente — grunhiu.

Avançou com rapidez pelo corredor, entrou em seu camarote e fechou a porta atrás dele.

Allegra não se encontrava lá, o esperando. O pequeno cômodo estava tão vazio como o arruinado castelo de Belfort.

Deixou-se cair pesadamente sobre a poltrona, apoiou os cotovelos sobre os joelhos e baixou a cabeça entre as mãos. Esfregou as têmporas. Sentia-se derrotado.

“Gatinha feroz”, pensou com uma dor inacabável, “diga ao rei que vá para o inferno.”

“Não se preocupe, *chérie*. Já me encontro nele.”

Quando chegaram ao convento medieval, mais parecido a uma fortaleza, Domenic tinha recuperado a compostura de forma considerável.

Em vez de um dos homens conduzir Domenic até Lazar, Sully considerou que era melhor que o esquadrão se mantivesse unido já que ainda não sabiam se Lazar tomara o comando de Ascensão oficialmente. Ainda era possível que se encontrassem em uma situação de risco. Inclusive havia uma leve possibilidade de que tivessem que entrar em batalha, e essa era a razão pela qual Lazar tinha mandado Allegra ao fortificado convento. Era possível que os navios se encetassem

em um combate. De todas as formas, não parecia urgente ter que levar Domenic até Lazar, já que o jovem governador estava absolutamente vencido e aterrorizado depois do horrível destino do qual lhe tinham salvado. Mostrava-se totalmente dócil.

Allegra, por sua parte, depois daqueles exaustivos momentos em *As Colinas*, precisava descansar. Durante os dias anteriores havia se sentido cansada, mas aquela confrontação em *As Colinas* esgotara todas as suas forças.

Enquanto descarregavam os baús, ela e Domenic caminharam para o convento, rodeados pelos guardas. Logo se encontraram dentro do refeitório das monjas, um espaço de pedra sóbrio e mal-iluminado que tinha uma lareira tão alta quanto um homem em um de seus extremos. Naquele momento não estava acesa.

Domenic estava de pé ao seu lado e seu rosto mostrava uma emoção maior da que Allegra jamais vira nele.

— A respeito de seus guardas, te destinarei alguns homens que sei que são de confiança e não o maltratarão. Lazar será quem ditará sua sentença — lhe disse. — Não sei qual será, mas é óbvio que não será a fogueira. Não é um homem ruim.

Os olhos verdes de Domenic brilharam com uma expressão encurralada e dolorida.

— Allegra, por favor. Se tiver alguma influência sobre ele, rogo-lhe, utilize-a para que me conceda uma anistia.

Ela ficou em silêncio um momento, o olhando com expressão séria.

— Não tenho nenhuma influência sobre ele, Domenic, e não estou certa de que deva receber mais que uma anistia parcial, no melhor dos casos. Mas pronunciarei alguma palavra em sua defesa antes de que ele dite a sentença, se isso for o que deseja.

— Obrigado — sussurrou ele.

Justo nesse momento, a roliça madre superior se aproximou deles com uma expressão amável embora, pensou Allegra, coberta de lástima.

— Senhorita Monteverdi, me alegro de vê-la de novo. Sentimo-nos todas muito contentes de que tenham retornado sã e salva. Venha, lhe mostrarei seu dormitório — lhe disse em um tom cantarino de contralto.

— Obrigado, madre — murmurou ela.

Darius transportou seu baú, caminhando atrás dela, enquanto Domenic ficava com os homens. Seguiram a monja através do grande refeitório até umas escadas. Allegra olhou para trás um momento para comprovar como se saia Darius com o enorme baú. Ele fez uma pausa para colocá-lo melhor sobre o ombro. Ela continuou para frente e, ao chegar em cima, encontrou-se em um quartinho de mulheres elegantemente vestidas com sedas de brilhantes cores e adornadas nos pescoços e pulsos com abundantes jóias. A madre superior fez uma reverência.

— Sua alteza. Senhoras. Bom dia.

Allegra ouviu um grunhido e o farejar de um cão. Ao se voltar viu um *bulldog* de cor marrom que parecia uma pequena e compacta gárgula adornada com uma

coleira cheia de jóias. O animal estava se aliviando contra uma das colunas de pedra. Logo, com a balançante papada, trotou até uma garota que se encontrava no centro do grupo e se apoiou com as patas dianteiras nos joelhos dela. A garota o levantou nos braços enquanto emitia exclamações de adoração. Allegra se deu conta de que acabava de se encontrar cara a cara com a esposa.

Apesar de tudo, estava impressionada.

A princesa Nicolette parecia um anjo. Era a primeira mulher que Allegra conhecia que superava a beleza de sua mãe. Seus cabelos tinham o tom do sol no inverno, sua pele era da cor do creme fresco, suas faces pareciam rosas, de um rosado pálido, e seus olhos eram completamente azuis. Parecia como se acabasse de descer voando da corte dos céus para ir se sentar aos pés de Lazar.

Deus, os filhos de duas pessoas tão lindas pareceriam perfeitos querubins, pensou com grande abatimento.

— É essa a amante? — perguntou a princesa com doçura, dirigindo-se à madre superior.

As damas de companhia fecharam mais o círculo em torno de Nicolette e dirigiram cortantes olhares a Allegra. Essa, por sua vez, sentiu desgosto ao observar que a princesa permitia que o cão lhe lambesse o rosto.

— Sua Alteza, lhes rogo — disse a madre superior no tom mais suave que pôde — as ordens de Sua Alteza são que a senhorita Monteverdi permaneça aqui até que tenha tomado posse do reino.

Nicolette dirigiu à mulher um sorriso radiante. Suas palavras foram como dardos açucarados.

— Nunca sonharia em contradizer as ordens de meu senhor e marido, mas, boa irmã, se encarregue de que os aposentos dessa pessoa se encontrem o mais longe possível de nossa ala do edifício. E nós gostaríamos que nosso rei tivesse conhecimento de como nos scandalizou ter que compartilhar teto com uma... — inchou o peito — uma mulher fácil.

Allegra a olhou.

— Brigitta, informe a amante o quanto é uma mostra de má-educação olhar uma rainha dessa forma.

— Mulher — disse, obediente, Brigitta, baixando a cabeça em um aristocrático gesto. — Não se olha uma rainha nos olhos. Baixe a vista!

— Me atreveria a dizer que não é rainha ainda, Sua Alteza — murmurou Allegra.

A madre superior tossiu.

— O quanto é vulgar! — disse a terceira das garotas, surpreendida.

— E que ordinária! — exclamou a quarta.

— É impossível compreender os gostos dos homens — assinalou Brigitta com ar conhecedor.

— A verdade é que não desejo ser nenhum problema — exclamou Allegra, recuperando-se do atordoamento um pouco. — Talvez possa ficar nos estábulos.

— Sim, isso seria muito adequado — replicou a princesa com um brilho azul nos olhos.

Allegra notou que ruborizava. O sorriso angélico de Nicolette não desapareceu nem um momento. Depositou seu cão no chão e esse foi cheirar Allegra. Ela o afastou com o pé e o animal grunhiu.

— O estábulo? — grunhiu Darius enfim, como se fosse incapaz de se conter por mais tempo. — O capitão não gostará disso!

A princesa e as damas levantaram os olhos e, ao fim, descobriram-no.

Observaram o belo jovem com grande interesse. Esse lhes devolveu um olhar perigoso. Allegra se esforçou em reprimir uma brincadeira ao notar como elas o comiam com os olhos. Mas quase ficou doente ao pensar que, se achavam Darius bonito, com certeza se deslumbrariam quando vissem Lazar.

Não havia dúvida de que o príncipe ficaria louco com sua perfeita pequena prometida. Perguntou-se se Lazar também sussurraria à princesa Nicolette que a amava.

Uma vez em seu sóbrio dormitório de pedra, Allegra se dirigiu à janela para observar a vista, abraçando-se com ambos os braços. Ao longe e em baixo se encontrava o cuidado pátio das irmãs. Ao longe, as verdes colinas se esparramavam contra o horizonte como um mar inacabável. As folhas começavam a mudar suas cores no outono e, daquele ponto, também se via a única torre que restava do castelo Belfort, vazio e em ruínas, entre as árvores.

Pesava-lhe o coração ao recordar de que forma tinham planejado a construção da nova Belfort sobre aquelas ruínas e nas terras circundantes — sua cidade — dela e de Lazar. A brilhante nova capital de Ascensão.

Agora, aquele seria um projeto compartilhado por Lazar e Nicolette. Vidas compartilhadas, tanto as alegrias como as tristezas. Filhos compartilhados.

"Traidor", pensou.

Mereciam-se.

De pé no sóbrio e mal-iluminado salão do convento, Domenic observou o silencioso enfrentamento entre Allegra e a princesa vienense. Encontrou naquela mútua hostilidade a forma de escapar. Era uma tentativa ousada, mas se Allegra não podia influenciar o Fiori, tal como lhe dissera, certamente aquela era sua única esperança. Se Domenic Clemente sabia fazer algo, era como manipular uma mulher.

Dispôs-se a observar à bela princesa com a expressão mais terna e admirada sem se importar com os guardas que o rodeavam. Quando as senhoritas se aproximaram em direção às escadas, Nicolette de Habsburgo o viu. Ele a olhava com os lábios entreabertos e uma mão sobre o peito. Imediatamente baixou o olhar e cravou os olhos no chão como um menino imobilizado pela ferida do Cupido.

Notou que despertava a curiosidade nela imediatamente, aquela sutil vaidade

feminina, e ouviu que as senhoritas começavam a falar em sussurros entre elas.

— Quem é esse homem?

— É alto.

— Tem aspecto de nobre, não?

— Que cabelo dourado mais bonito.

Ouviu que riam e Domenic levantou a vista, como hesitante, para a princesa. Seus olhos se encontraram. Ela inclinou a cabeça para um lado e logo se aproximou dele. Aqueles toscos e estúpidos homens estavam tão admirados por sua beleza que parecia que nunca tinham visto uma mulher, pensou, embora devia admitir que Nicolette de Habsburgo era, talvez, a moça mais bonita que jamais vira.

Manteve a cabeça curvada em um gesto de reverência.

— Senhor, qual é seu nome? — perguntou-lhe. — É um dos homens do rei?

— Não, Sua Alteza.

— Sua Alteza, se afaste. É um prisioneiro — começou a dizer um de seus guardas, mas ela lhe dirigiu um olhar fulminante e frio com seus olhos azuis.

— Brigitta — ordenou com impaciência — informa a essas criaturas que não devem falar até que não lhes peça para fazê-lo.

Domenic teve que dissimular um sorriso enquanto Brigitta obedecia à ordem. Os homens, a seu redor, moveram-se, inquietos e ressentidos.

— De que crime o acusa, bom senhor? — pergunto-lhe a beleza real.

— O rei me odeia — respondeu ele em voz baixa — porque uma vez fui o prometido de sua amante.

— A senhorita Monteverdi? — perguntou-lhe ela com uma expressão de desgosto nos lábios

— Sim, ele roubou ela de mim e o única coisa que quero é abandonar esse lugar em paz com ela. Mas ele está apaixonado por ela e não me permitirá recuperá-la.

— Apaixonado — repetiu ela — por ela?

— Oh, é óbvio, Sua Alteza. A alaga de caros presentes que eu não posso igualar devido à minha pobre fortuna. Tenho medo de que Sua Majestade acabe por esvaziar a metade dos cofres de Ascensão por ela.

Ela cruzou os braços e lhe olhou diretamente no rosto.

— Bem, isto não acontecerá.

Era fácil adivinhá-la, pensou ele. Podia quase escutar as palavras que dizia a si mesma: « É óbvio que não vai esbanjar o dinheiro de meu dote com essa mulher! ».

Domenic, excitado, fez trabalhar a mente depressa. Estava completamente certo de que a princesa teria mandado Brigitta ou alguém de seu séquito para que jogasse uma olhada a em Fiori e, sem dúvida, teria recebido as melhores informações a respeito da beleza morena e o encanto de seu futuro esposo. Se ela em algum lugar daquele bonito e virginal corpo albergava o mínimo sentimento de ciúmes, Domenic o encontraria e se aproveitaria dele.

— Oh, radiante senhorita! — suspirou ele. — Somente se pudesse abandonar

esse lugar e levar para longe a senhorita Monteverdi, comigo, minha vida estaria completa, mas, ai! Em vez disso, certamente serei enforcado por causa de meu amor.

As damas suspiraram.

— Sim — continuou — o rei se recusa se afastar dela. Diz que a senhorita Monteverdi é a mulher mais bela depois de Helena de Troia, que tem a mente mais deliciosa e o temperamento mais doce.

Nicolette o olhou um momento.

— Isso já veremos! — aproximou-se dele. — É possível que possa ajudá-lo, senhor — lhe comunicou com a maior seriedade de que era capaz em seus, talvez, dezessete anos.

Ele a olhou com olhos incrédulos e cheios de agradecimento.

— Oh, amável senhorita. De verdade faria isso? Nunca poderia te pagar...

O rosto claro e perfeito de Nicolette adotou uma expressão decidida. Sim, aquela viperina mulher de olhos azuis converteria a vida do rei em um inferno, pensou ele com alegria.

— Sua Majestade não deve saber nunca nada sobre isso, mas eu acredito no que dizem os poetas: o verdadeiro amor não deve ser evitado — sussurrou ela. — Essa noite, enquanto jantar com meu marido, mandarei meus guardas para que os conduzam, você e a senhorita Monteverdi, até a costa. De lá poderão zarpar para onde desejarem. Mas não tragam essa mulher aqui nunca mais. Nunca.

— Doce e radiante senhorita! — exclamou ele.

Com aspecto de se sentir extremamente agradada consigo mesma, ofereceu-lhe a mão.

Domenic se ajoelhou e lhe beijou os dedos da mão até que ela ruborizou.

Capítulo vinte e dois

azar ficou de pé onde o sacerdote lhe indicou que o fizesse, sentou-se onde lhe indicaram e caminhou no ritmo que sua prometida, com seus deliberados passos curtos, podia seguir. As velas brilhavam na catedral e o povo se encontrava em uma atmosfera festiva enquanto os participantes do casamento aprendiam quais eram seus postos pelas indicações do mestre de cerimônias. Inclusive Dom Pasquale sorria enquanto contava a seus compatriotas austríacos uma viagem aos Alpes que realizou na infância.

Lazar pôs toda sua vontade em mostrar um aspecto suficientemente amistoso, as mãos nos bolsos de suas calças azul-escuras. Afinal de contas, logo teria tudo àquilo que, supostamente, desejava: Ascensão seria dele para que cuidasse dela e a protegesse. A restauração dos Fiori. Dois milhões de ducados de ouro. Domenic Clemente detido e à espera de julgamento por crimes contra o povo de Ascensão. E uma esposa que seria simples manter a uma educada distância.

É obvio, seu olhar continuava vagando quando tentava escutar o vivaz bate-papo de sua prometida. Aquilo era exatamente o que queria.

Quanto ao casamento real, esse devia ser um grande desdobramento. Uma festa luxuosa, uma farsa suntuosa e enorme.

Ouviu alguns comentários dos convidados a respeito de seu humor taciturno. Alguns deles diziam que era um moço geralmente sério; outros comentavam que o silêncio era uma mostra de sabedoria; os cortesãos afirmaram que ou era um homem de humor sombrio, ou que era um homem um tanto temeroso; as senhoras sussurravam que se tratava de um homem misterioso.

Oh, as maravilhas da vida pública, pensou Lazar com tristeza. Tudo aquilo lhe pesava.

Queria partir.

A cada ronda de felicitações, forçava um sorriso e se perguntava como ia agüentar aquilo durante toda a vida sem ter uma alma ao seu lado que realmente o conhecesse e não realizasse aqueles absurdos julgamentos a respeito de qualquer mínimo gesto ou palavra. Disse a si mesmo que aquela sensação desapareceria. Ele era uma novidade para todos eles naquele momento. O trabalho seria sua salvação. Deus sabia que havia suficiente trabalho a fazer.

Quando terminaram o ensaio para a celebração do dia seguinte, todo mundo ocupou as elegantes carruagens para se dirigir à mansão de inverno do duque de Milão, onde iriam tomar um resopón. Enquanto esperava, irritado, que a princesa e suas damas de companhia entrassem na carruagem, Lazar olhou a catedral e se perguntou se, no dia seguinte, um raio não cairia em cima dele quando, no altar, realizasse aqueles falsos juramentos ante Deus.

Teve grande dificuldade em escutar o bate-papo das moças na carruagem, então ficou contemplando a escura paisagem através da janela enquanto sentia falta de Allegra, tanto que todo seu corpo doeu. Não ser egoísta era muito mais difícil do que parecia.

Quando conseguiu sair de sua melancolia e voltar ao presente, deu-se conta de que a escura paisagem ao seu redor adquiria um sinistro tom familiar.

— Onde estamos? — perguntou, sentindo um calafrio nos braços.

Bem quando chegaram ao Caminho D'Orofin, sua mãe tomou a pequena Anna, que dormia, a pôs no colo e voltou a se sentar sobre a almofada de veludo. “ Nossa! —disse. — Como se movia o mar! Graças a Deus, estamos todos sãos e salvos.”

Lazar deu um forte murro contra a porta da carruagem.

— Chofer, pare, maldição!

As damas exclamaram ante essa obscenidade. A carruagem se deteve.

Lazar saltou da carruagem com o coração acelerado e desembainhou *Excelsior*. Olhou ao seu redor, alterado, mas não viu nenhum homem mascarado, nenhum cavalo nervoso, nem escutou nenhum grito, não viu nenhum raio. Encontrava-se sozinho com a brilhante espada real na mão. A brisa noturna balançava os ramos das árvores, e seus sussurros pareciam suspiros de fantasmas em duelo.

— O que está acontecendo, senhor? — perguntou alguém às suas costas.

— O deixe — respondeu Dom Pasquale, com bom senso. As moças falaram em sussurros, sem compreender nada. Lazar se afastou alguns passos deles. Com o coração aceso observou o terreno ao longo da estrada, onde sua família fora massacrada. Parecia um lugar normal, mas nele a morte serpenteava como uma negra serpente entre as violetas. O estreito caminho que rodeava o bosque lhe chamou a atenção, como fizera há dezesseis anos, e o atraíu de novo.

“Sobreviva, e mantenha a linhagem.”

As folhas mortas rangeram sob seus pés quando se internou no bosque no

qual, quando criança, penetrara enlouquecido de terror. Em pouco tempo chegou aos recifes de sessenta metros de altura. Lá o vento fazia desfraldar as abas da capa. Olhou para baixo, para as águas agitadas que formavam redemoinhos.

"Pobre e pequeno infeliz", disse ao menino que uma vez fora. "É um fodido milagre que tenha sobrevivido."

Observou as escuras e distantes águas enquanto uma idéia cobrava forma no mais profundo de seu ser. Sentiu que uma emoção para a qual não encontrava nome começava a serpentear em seu interior, acompanhada de uma delicada angústia ao mesmo tempo doce e amarga. Somente podia pensar que, enfim, completara a promessa que fizera a seu pai.

Mas quebrara outra espécie de juramento, pensou com tristeza, um que realizou além das palavras e que se encontrava marcado a fogo em sua alma.

"Em meu coração, sou sua esposa", lhe dissera ela. "Isso me basta."

"Ah, *chérie*. O que vou fazer com você?"

Lazar levantou a vista para as estrelas, desconsolado. Allegra era sua bússola, a estrela que o guiara até o lar durante a tempestade. Ela salvara sua alma. Devotara tudo e ele a desprezara. Não pudera fazer outra coisa, porque a morte do Pároco demonstrara que a maldição era real.

"Mas como podia ser real?", pensou, destroçado. Tempos atrás nem sequer se atrevera a acreditar que era possível recuperar seu reino, mas seu amor por Allegra e o dela por ele fizera com que o impossível se realizasse. Possivelmente agora estava igualmente equivocado ao acreditar que não podia tê-la ao seu lado. "Mas, e se...?"

E se. Sempre, e se.

A vida era um tema perigoso, não importa como olhasse.

Sim, pensou, uma pessoa podia ficar completamente louco se continuasse refletindo muito tempo sobre a fragilidade que implicava a própria mortalidade, para não falar da mortalidade daqueles a quem se ama. A vida se encontrava tão intimamente ligada à morte que evitar uma significava evitar a outra; a única maneira de escapar do medo assustador da morte, pensou, era abraçar a própria morte. Ele recusara essa opção definitivamente ao lançar sua bala de prata ao mar.

Mas abraçar a vida? Não estava certo de que tinha esse tipo de coragem.

Por exemplo, mesmo que conseguisse manter Allegra a salvo dos traidores, dos assassinos e demais, a metade das mulheres morriam ao dar a luz, pensou. Era um tema cruel: o próprio processo da vida se encontrava engrenado com a morte. Se ele a aceitasse de novo em sua vida, mais cedo ou mais tarde viriam as crianças. Tinha certeza de que amaria seus filhos, mas e se eles lhe fosse arrebatados? As crianças eram mais frágeis que um botão de rosa. Como poderia suportar?

Além disso, havia a situação de que Allegra gostava de trabalhar entre os pobres, apesar da sujeira e das enfermidades. Ela teria que morrer em algum momento. Mesmo que não existisse uma maldição real, viria o dia em que ele teria que levá-la ao túmulo, já que duvidava que Deus, em sua generosa crueldade,

permitisse que fosse ele o primeiro a partir.

“A está protegendo realmente ou está tentando evitar a dor, está fugindo para salvar sua pele?”

Parecia que as estrelas acima e as águas abaixo guardavam uma resposta que ele era muito estúpido para encontrar, uma resposta que tinha que ser evidente, mas que lhe era impossível adivinhar. Observou o mar e o céu até que começou a se sentir enjoado. Abaixou-se sobre um joelho sobre as rochas lavadas pelo vento e tentou se recompor.

Com o cotovelo apoiado sobre a perna, o rei tinha o rosto afundado entre as mãos.

“De qualquer maneira, estou amaldiçoado”, pensou. O sentimento de desespero era tal que não sabia se ria ou chorava. “Todos amaldiçoados de uma forma ou de outra, e assim é a vida. Então é melhor ser feliz.”

Começou a rir com suavidade e com tristeza infinita ante essa reflexão, essa filosofia popular, esse tipo de sabedoria que se encontrava nos lábios de qualquer avó de Ascensão, diante da cozinha, no ar cheio do aroma de alho frito no óleo.

Era possível que a vida fosse tão simples? Fechou os olhos com força, desejando poder acreditar. “Mas será tomada de mim. Não poderei suportar. Por que me tomaram todos? Por que perdi todo mundo?”

Então, inconfundível, ouviu a voz do Pároco em seu íntimo, seu professor que tentava lhe inculcar, com paciência, certa lógica ante seu extremado temperamento.

“Inverta a questão, moço. Você é um teimoso. A está contemplando em sentido equivocado.”

Passaram alguns instantes e Lazar não se moveu. Quase não podia respirar.

Talvez, pensou cuidadosamente, estivera tão preso em sua raiva por sua desgraça e em perguntar *o porquê* que nem sequer considerara a possibilidade de se considerar afortunado por aquilo que, verdadeiramente, tinha.

Sobressaltou-se ao se dar conta de que tinha muitas coisas pelas que se sentir agradecido: treze maravilhosos anos ao lado de uma mãe que o adorava, um pai que era como um herói da mitologia grega. Também seu irmão pequeno e sua irmã pequena, com sua alegre risada. Algum milagre o salvara das tormentas e do mar. Estava vivo e era forte e, graças à filha de seu inimigo, provaria a mais sutil doçura que a vida pode oferecer: o amor incondicional.

Ela o envolvera com seu amor, de forma totalmente entregue, e esse era o presente que lhe fora devotado.

Sim, pensou, com os olhos cravados no mar brilhante.

Allegra estava viva. Allegra era um milagre maior do que ele merecia e, por Deus, se existia alguma maldição, seu mútuo amor era o suficientemente forte para quebrá-la.

Observou as águas agitadas e sentiu que um sentimento de humildade o inundava. Baixou a cabeça e seu espírito ficou absolutamente silêncio.

“Obrigado”, pensou, com os olhos fechados.

De repente, levantou-se. Não havia um momento a perder. Já perdera muito tempo.

E se ela não o perdoasse? Essa idéia era muito terrível para deixá-la de lado. Enquanto caminhava depressa para a carruagem que o esperava, disse a si mesmo que, no caso de que ela o recusasse, bem, simplesmente a raptaria e a obrigaria a amá-lo de novo.

Não lhe daria nenhuma oportunidade. Amaria-a até que ela não pudesse suportá-lo mais.

Lazar tomou um dos puro-sangue de um dos cortesãos, desculpou-se com brevidade com a princesa e saltou à sela sem oferecer nenhuma explicação. Impaciente, arrancou o lenço de seda e tirou a capa: muita educação. Galopou como se o diabo o perseguisse até o convento com uma única idéia na cabeça.

Rogar a sua rainha que o permitisse voltar, não perder nenhum precioso momento mais daquele tempo de que dispunham para compartilhá-lo na terra, sob o céu estrelado.

Depois das vésperas, Allegra permaneceu sentada na capela durante um longo momento. Usava o hábito negro de noviça que a madre superior lhe dera. Perdida em seus pensamentos, brincava com uma mecha de cabelo. Logo teria que cortá-los assim que entrasse na ordem.

Lazar não gostaria.

Imediatamente, junto a essa idéia sentiu uma diminuta espetada no coração. Suspirou, seus olhos se umedeceram.

As velas votivas brilhavam ante a serena tez da pálida virgem de mármore e os fantasmais ecos das vozes dos cânticos das irmãs enchiam o ar. Do altar lhe chegava o terno aroma das flores silvestres que o adornavam.

Ao fim, Allegra se levantou do banco, fez uma genuflexão com gesto cansado e abandonou a capela. Penetrou no escuro corredor de pedra. Sua mente se encontrava completamente ocupada por ele, seus cílios negros como tinta, sua sensual risada, seu sorriso malicioso, o êxtase.

“Allegra Monteverdi, esses não são pensamentos apropriados para uma monja.”

Cruzou os braços ao redor da cintura, abraçando-se, e avançou pelo salão. Sentimentos de carência e de tristeza alagavam todo seu corpo. Ao virar uma das esquinas, tropeçou com seis fornidos soldados vienenses que caminhavam para ela. Um deles lhe falou em um fluente francês, o idioma das cortes.

— Senhorita Monteverdi, por favor, venha conosco.

— Para quê?

— Temos ordens de escoltar você e seu prometido até a costa.

— Meu prometido? — exclamou, surpresa.

— Querida, enfim — disse Domenic enquanto se aproximava de trás dos guardas.

Ela o olhou e, automaticamente, afastou-se dos soldados. Conhecia aquele sorriso de suficiência em seu rosto e, horrorizada, viu que tinha uma pistola na mão.

— O que está acontecendo? Onde conseguiu essa arma? Onde estão seus guardas? Acreditei que Lazar tinha te mandado para a prisão.

Ela agarrou pelo braço, acima do cotovelo, com firmeza.

— O rei não é o único poder que há aqui, querida. Sua rainha não deseja o obstáculo de sua presença — murmurou em italiano para que os austríacos não o compreendessem. — Em troca de minha liberdade, acessei te tirar do meio para que ela possa ter seu marido para si mesma por completo. Mas você e eu, querida, teremos um ao outro tal como queríamos desde o princípio.

— Não posso ir com você! Tenho que ficar aqui, e você deve se apresentar ao julgamento por seus crimes — replicou, zangada. — A princesa conhece os cargos que existem contra você?

— Não vamos discutir mais, querida. Não está em perigo. A partir de agora eu cuidarei de você...

— Como cuidou de mim na noite em que Lazar teve que intervir? —replicou enquanto se soltava dele.

Ele apertou a mandíbula por um momento. Seus olhos verdes brilhavam furiosos.

— Nem sua presença nem a minha são desejadas em Ascensão, Allegra — respondeu com rapidez, em tom seco. — Não se esqueça de que é a filha de um traidor. Os homens do Conselho me traíram como traíram seu pai. Então deixe de discutir...

— O que quer dizer com isso?

— Não há tempo para explicações.

— Diga-me! Como o Conselho traiu meu pai? Está me ocultando algo.

Ele levantou a vista para o teto um instante, como se estivesse perdendo a paciência, e logo voltou a olhá-la.

— Deixará de discutir se lhe contar?

— Deixarei — mentiu ela.

Ele falou depressa e em voz baixa:

— A morte de sua mãe não foi um suicídio. Ela foi eliminada porque ia delatar a conspiração que existia contra os Fiori. Ela sabia que sua vida corria perigo, então te mandou longe, para sua tia em Paris. Seu pai nunca soube a verdade.

Ela deu um passo para trás, pálida, com as duas mãos sobre a boca.

— Agora, vamos, antes de que nossa escolta comece a questionar suas ordens e mudem de opinião.

— Não vou com você! — exclamou Allegra. — Eu pertenço a esse lugar.

— Mentiu para mim? Você? — perguntou ele, admirado. Entrecerrou os olhos e lhe agarrou o braço com mais força. Obrigou-a a ficar de cara apara a saída que se

encontrava ao final do salão. — Seus novos talentos são muito curiosos, mas ainda não compreendeu. Você é a chave que abrirá minha jaula, Allegra, e o tempo está se acabando — começou a arrastá-la.

— Não posso abandoná-lo! — Allegra se retorceu, resistindo.

Ele se deteve e a olhou.

— Não pode falar sério, esse homem é um animal!

— Não vou com você! Eu amo Lazar, Domenic, e você deve enfrentar a justiça.

— Isso é absurdo — exclamou ele, muito exasperado. Imediatamente, voltou a adotar seu habitual tom de condescendência que tão familiar era para ela e quis tranquilizá-la como se fosse uma menina zangada. — Não se preocupe, querida. Com o tempo o esquecerá. Preocupo-me com você, Allegra. Sempre o fiz.

Voltou a lhe agarrar o braço.

— Levo um filho dele! — gritou Allegra em francês para que os soldados compreendessem e se dessem conta de que não deviam levá-la.

Agora. Enfim dissera em voz alta, pensou, aliviada e trêmula ao mesmo tempo. Sua gravidez deixaria de ser um segredo.

Os austríacos trocaram olhares de perplexidade, mas Domenic empalideceu.

— Essa é uma maior razão para que a princesa deseje que parta — disse Domenic aos homens. Segurou-a. — Vai vir comigo.

— Não!

Ela tentou fugir, mas os fortes guardas a barraram.

— Temo que ele tem razão, senhorita — disse um deles. — Questões de herança e outras coisas.

Allegra começou a tomar fôlego para gritar chamando Sully e os outros Irmãos, mas o austríaco pôs uma mão sobre sua boca.

— Você me decepciona, Allegra — murmurou Domenic, enquanto se aproximava com gesto ameaçador. — Nunca acreditei que você gostasse de ser a puta de um homem. Agora terei que encontrar outra utilidade para você.

Allegra lhe bateu sem nenhum êxito.

Domenic deu um passo atrás para se esquivar dela, Sorrindo perversamente. Naquele momento, Allegra viu Darius. O menino estava completamente imóvel observando a cena. Rapidamente, desvaneceu-se em silêncio. Os homens não o tinham visto. Então Domenic a agarrou e quase a arrastou através do salão iluminado pelas tochas.

Lazar chegou cavalcando até o convento. Uma vez no pátio pavimentado, saltou do esgotado cavalo e lançou as rédeas a um dos ociosos Irmãos que guardavam a entrada excelentemente iluminada.

— Boa noite, capitão — disse o homem e, imediatamente, corrigiu-se — quero dizer, Sua Majestade.

Lazar sorriu e abriu a enorme porta de madeira de um empurrão. Entrou. No enorme refeitório encontrou seus homens, que riam.

— O que faz aqui? — perguntou Sully, mas antes de que ele respondesse, o rosto do irlandês se mostrou sorridente.

— Onde ela está? — gritou Lazar com voz potente.

— Ah, recuperou o juízo! — riu Sully enquanto lhe dava uma palmada.

— Acreditei que era uma ferinha — exclamou Donaldson.

— Não, mesmo que fosse a única mulher que restasse sobre a face da terra — zombou Mutt.

— Todos sabíamos que não podia viver sem ela, moço — riu o doutor Raleigh.

— Por aí — Sully apontou para o corredor de pedra que se afastava do refeitório. — A pobre está na capela. Queria estar a sós com sua tristeza. Quase tem quebrado nosso coração, mesmo.

Lazar deu uma palmada nas costas de Sully .

— Amigos, me desejem sorte. Vou me humilhar pela minha vida — declarou.

Lazar se dirigiu para o corredor quando a sala de abóbada se encheu com um grito.

— Senhor Sully! Donaldson!

Darius apareceu no corredor iluminado com tochas. Tinha os olhos muito abertos. Deteve-se em seco, surpreso ao ver Lazar.

— Capitão! Eles tem Allegra! A estão levando!

— Quem? — perguntou ele enquanto os homens ficavam em pé.

— Os guardas estrangeiros e Clemente!

Lazar começou a correr pelo corredor com a espada na mão e seus homens seguiram a curta distância. Tinha o coração acelerado pelo medo. Virou uma esquina bem a tempo de ver o último dos guardas austríacos que saíam pela formidável porta que se encontrava no final, uma saída lateral.

— Alto! — rugiu. O guarda se voltou.

— Majestade!

O homem ficou quieto na porta aberta, tal como lhe ordenara. Lazar corria até ele com uma expressão no rosto que pressagiava tormenta. Os outros guardas austríacos também o viram e se detiveram, sem se atrever a desobedecê-lo, mas ele passou ao longo deles. Tinha um mau pressentimento do que ia encontrar.

— Afaste-se! — gritou-lhe Clemente enquanto levava a pistola à cabeça de Allegra.

Lazar se deteve em seco. Allegra pronunciou seu nome, soluçante. Lazar baixou o fio da espada e olhou com intensidade os olhos de sua amada enquanto continuava se aproximando lentamente.

— Tudo está bem, *chérie* — disse em tom pausado. — Agora estou aqui.

Ela o olhou fixamente, pálida apesar das sardas.

— Faça com que ele me deixe ir, Lazar, por favor — disse com a voz entrecortada.

— O que quer, Clemente? Deixe-a ir e aceitarei todas suas petições.

— Espera que acredite em você? Em você... pirata? — riu o visconde com uma risada amarga e histérica.

— Deixe Allegra ir. O que quer? O perdão? Concedido. Dinheiro? Diga uma soma.

— Quero de novo o futuro que eu tinha! — exclamou ele. — Essa ilha é minha!

— Não, essa ilha é minha — replicou Lazar. Tinha toda a atenção concentrada no rosto de Domenic. Ao ver o medo nos verdes olhos do visconde, mudou de tática. Domenic só tinha uma bala na pistola.

Se fosse capaz de desviar aquela bala para si mesmo, pensou Lazar com rapidez, Allegra se encontraria a salvo e os Irmãos cairiam sobre Clemente imediatamente.

— Você é um covarde, Clemente — lhe disse, risonho. — Não pode lutar por você mesmo? Precisa se esconder debaixo das saias de uma mulher para se salvar?

— Cale-se! — gritou ele.

— Bunda mole! — acrescentou Lazar em tom suave e com um sorriso selvagem no rosto.

— Não tenho medo de você!

— Deveria ter — lhe advertiu Lazar — porque desde vez não só vou quebrar seu pulso. Vou quebrar todos os ossos de seu corpo e logo vou tirar a faca e brincarei com ela um momento, como fez com meus homens.

— Oh, Deus — chorou Allegra.

— Você gosta de tubarões, Clemente? Em nossas costas há muitos. Tubarões-martelo.

— Cale-se! Vou te matar!

— Acha que pode me fazer algo? Vá em frente, tente. Me dê essa bala. Me deixe te mostrar meu talento em voltar de entre os mortos.

— Lazar, não — suplicou Allegra.

— Tudo está bem, *chérie*. Olhe, pequeno Domenic, estou só a... o quê... uns dois metros de você? Aposto que nem sequer é capaz de acertar daí.

Aproximou-se deles devagar enquanto Domenic retrocedia para a carruagem que o esperava com Allegra entre os braços e a pistola ainda apontando para sua cabeça.

Lazar, concentrado por completo na desfalescente vontade de Clemente, embainhou *Excelsior* e mostrou as mãos vazias.

— Está vendo? Agora tenho as mãos vazias. Vá em frente, me dê essa bala, Clemente. Ambos sabemos que é a mim quem quer matar, realmente. Você não gostaria de se libertar de mim? Poderia recuperar tudo de novo, não é mesmo? Ah, mas é muito covarde para tentar. A única coisa que deseja é se esconder atrás de uma mulher e fugir. Mas nunca conseguirá.

— Filho da puta — lhe disse Clemente, ofegando. — Vou atirar nela! Vai perdê-la e à criança!

Lazar se deteve em seco. Olhou Allegra, comocionado.

Ela tinha o rosto cheio de Lágrimas.

— Por favor, Lazar — sussurrou.

Assim que viu que Lazar estava distraído, com os olhos cravados nela, presa da surpresa, Domenic atirou em Lazar. No momento em que apertou o gatilho, Allegra ergueu o braço para cima enquanto soltava um grito de raiva e se soltou. A bala passou por cima da cabeça de Lazar. Domenic rugiu de raiva, correu para a carruagem e saltou ao assento do condutor.

Em um segundo, Lazar chegou atrás dele. Os guardas detiveram os cavalos antes de que esses pudessem dar um segundo passo. Lazar arrastou Domenic para fora do assento do condutor e o lançou para um lado. Deu-lhe dois murros no rosto com toda sua força. Logo o atirou ao chão e desembainhou *Excelsior*. Mas não o degolou. Ele era Lazar di Fiori e não matava nunca diante uma mulher.

Ofegando e com a espada segura com ambas as mãos, apoiou a ponta do fio no pescoço de Clemente.

— Prendam-no — grunhiu a seus homens, que estavam se aproximando. — Vai ser enforcado ao amanhecer. E quero que retenham esses austríacos para que sejam interrogados — acrescentou, enquanto olhava os homens da princesa com olhos ameaçadores. Sully e Bickerson seguraram o aturdido Clemente pelos braços e lhe puseram as algemas. Lazar se afastou e se deteve um momento para se recompor. Passou uma mão pelos cabelos. Não recordava ter sentido tanta fúria em toda sua vida.

Quando se voltou, viu que Allegra o estava observando, mas ao olhá-la, ela afastou a vista e começou a caminhar para a porta do convento.

Ele tentara fazer com que disparassem nele para salvá-la.

Abraçando a cintura, Allegra caminhou, rígida, para a porta, concentrada em seus pés, caminhando um passo diante do outro, e esperando chegar a seu dormitório para desmoronar. Não podia olhar Lazar e enfrentar sua fria indiferença depois daquela extenuante experiência, sem pensar na raiva que ele sentiria pelo fato de que não lhe comunicara que estava grávida. Não se atrevia a acreditar que o que Lazar dissera a Domenic fosse outra coisa que simples truques para quebrar a firmeza do visconde. Mas a notícia da criança tomara Lazar de surpresa.

— Perdão — murmurou ao tropeçar num corpo que lhe fechava a passagem.

Viu as botas negras. Uma bainha de espada adornada com jóias. Sentiu seu aroma, aquele que tão bem conhecia.

— Por favor, mais tarde — lhe pediu, sem afastar os olhos do chão. — Posso te posso explicar ...

— Allegra — disse ele com doçura.

Ela fechou os olhos porque não podia suportar olhá-lo nos escuros olhos justo

naquele momento. O louco quase se fizera matar. Dois dedos calosos e quentes lhe levantaram o queixo. Ela afastou o rosto.

— Não me toque, por favor — disse, voltando a baixar a cabeça.

— Me olhe, amor — ele lhe disse com suavidade.

Oh, ela nunca pudera resistir a ele. Devagar, levantou o olhar, os olhos cheios de lágrimas.

O rei a olhava com uma expressão fixa e intensa que ela não conseguiu elucidar. Parecia atormentado e perdido. Lazar não disse nada.

Sem deixar de olhá-la, sem se importar com os homens e as monjas que tinham saído para ouvir o tumulto, ignorando os oficiais preocupados que se somavam à multidão, Lazar se ajoelhou diante dela e lhe tomou uma mão.

A levou a face e a manteve ali.

Ela o olhou sem compreender. Sentiu-o tremer.

— Me aceite de novo — sussurrou ele. — Por favor, por favor, me aceite de novo. Allegra, você é minha esposa. Sabe que é. Minha vida não tem nenhum significado sem você.

Capítulo vinte e três

Lazar não sabia se tinha sido perdoado. Devagar, com temor, atreveu-se a levantar a vista para ela. Ela o olhava. A luz lhe iluminava o rosto. O medo e o cansaço que viu naqueles olhos de cor de mel, tão cheios de confiança em outro momento, quebraram-lhe o coração.

Ela mordeu o lábio. Então levantou o peito.

— Dói muito — lhe disse por fim. — Não sou sua esposa, e não posso jogar esse jogo mais. Procure outra amante.

Lazar não se acreditava capaz de sentir mais dor, mas aquele tom tranqüilo e decidido fez com que a sentisse.

— Allegra, eu te amo. Quero que seja minha esposa. Case-se comigo.

Ela o olhou, comocionada. Levantou a cabeça e observou o céu estrelado. Finalmente, baixou o olhar até ele.

— Lazar, todos estão nos olhando — murmurou. — Se Levante. Você é o rei.

— Sou seu marido — replicou ele com uma fúria calada — e um completo louco.

Ela afastou os olhos de seu olhar suplicante, cansada.

Ele lhe apertou a mão sem deixar de olhá-la, desconsolado.

— Eu te amo — insistiu de novo. — Deus, Allegra. Diga algo.

Ela permaneceu calada por um momento e tentou se recompor.

— Lazar, foi uma noite difícil. Não há nenhuma necessidade de se precipitar. Venha. Vamos para dentro.

Ele ficou em silêncio. Não era isso o que desejara ouvir.

Ela não o queria. Toda sua força se desvaneceu, mas sabia que aquilo era o que merecia por sua covardia. Aturdido, assentiu. A ferira e enganara de forma irreparável.

Agora não restava outra opção que seguir o jogo seguindo suas regras.

Ela o esperou. Ele ficou em pé e a seguiu. Entraram no convento e em seu dormitório. Ele se sentia desconsolado ao ver seu queixo levantado agora que todo mundo que se encontrava com eles sabia que estava grávida de seu filho.

Seu filho.

Um milagre atrás de outro milagre, pensou, aturdido. Ela tinha que perdôá-lo. Podiam ser uma família, finalmente. Isso era o que ele sempre quisera de verdade.

Enquanto ele dava últimas ordens a alguns de seus homens, Allegra entrou no cômodo.

Ele a seguiu e fechou a porta atrás dele. Encontrou-a de pé olhando pela janela aberta, para a noite. Notou o medo dela na curva de suas costas e na forma em que abraçava a cintura. Sabia que aquele medo não tinha nada a ver com Domenic Clemente. Era muito profundo, e ele mesmo o causara.

Mais arrependido do que estivera em toda sua vida, Lazar esperou com a cabeça curvada, as mãos nos bolsos, até que ela, por fim, se voltou para enfrentá-lo.

Sozinhos, olharam-se à luz de duas velas. Ela, no outro extremo do quarto, olhava-o com os braços ainda cruzados em um gesto de proteção. Ela lhe parecia pequena e vulnerável, mas tinha uma atitude desafiante. Ele se sentiu repentinamente tão infeliz que se sentou na cama, como se incapaz de agüentar seu próprio peso.

Ela tinha que aceitá-lo de novo. Tinha que fazê-lo.

— E então? — perguntou ela com frieza.

Ele não podia afastar os olhos dela.

“Ela é magnífica”, pensou Lazar. Mas baixou a cabeça, quase sem saber por onde começar.

— Tem muitas razões para me odiar — lhe disse em tom pesaroso. — Eu desejei sua confiança e você me ofereceu. Quis seu amor, e me deu. Acreditou em mim quando eu não acreditava em mim mesmo. Devolveu-me tudo aquilo que uma vez perdi e eu, em troca... ah... — interrompeu-se, hesitando. Com o cenho franzido, baixou os olhos para as mãos. — Te afastei de mim.

— Se libertou de mim — lhe corrigiu ela com frieza.

— Mas te juro que não foi porque deixei de te amar. Nunca deixei de fazer isso. O cômodo ficou em silêncio. Lazar soltou um suspiro trêmulo.

— É que eu acreditava que uma maldição me perseguia — continuou. Que

absurdo que aquilo lhe parecia agora. — Acreditei que se te tivesse como esposa, seria assassinada como foi minha família e O Pároco. Acreditei que se te separasse de mim, podia te salvar.

Ela lhe dirigiu um olhar de mordaz ceticismo.

Lazar soltou um suspiro.

— Eu sei. Por isso nunca lhe disse isso. Sabia que diria que isso era absurdo, mas para mim era real. Essa noite, quando cheguei ao Caminho D'Orofinio, me dei conta de que... dei-me conta de que embora seja um rei, Deus nunca tomaria a preocupação de me amaldiçoar. Acredito que tem coisas melhores a fazer. Como cuidar das crianças no ventre de suas mães.

Finalmente levantou o olhar, com os olhos cheios de lágrimas.

— É verdade? É verdade que vou ser pai?

Parecia que ela estava a ponto de fraquejar. Em lugar de fazê-lo, se voltou com rapidez.

— Não se preocupe. Não te perseguirei. Tia Isabelle e tio Marc me ajudarão...

Lazar ficou imediatamente de pé.

— Não!

— Não?

Deus, que idiota estava sendo.

— Quero dizer... por favor, seja minha esposa, Allegra. Eu te amo tanto que dói — sussurrou. — Farei o que for para que volte para mim. Se pudesse me dar somente outra oportunidade... Não faça com que nosso filho cresça sem um pai. O mundo aí fora não é um lugar seguro. Ele necessita de alguém que o proteja, e você também. Por favor, permite que esse alguém seja eu.

— Lazar — ela seguia imóvel no mesmo lugar. Baixou a cabeça e apertou os braços contra sua cintura.

Ele percorreu o chão com o olhar. Era incapaz de saber o que faria se lhe dissesse não.

— Estou tão, tão arrependido — sussurrou com voz grave e rouca. — Poderá me perdoar algum dia? Eu juro que só tentava fazer o certo e não me comportar como um egoísta, porão menos uma vez. Acredita em mim, Allegra?

— Acredito — respondeu ela, em um tom quase inaudível.

— Me aceitará de novo?

Fez-se um longo silêncio. Ele fechou os olhos, incapaz de olhá-la. Enfim se obrigou a fazê-lo, fosse qual fosse a resposta. Abriu os olhos e levantou a cabeça.

Allegra se recompôs e o olhou nos olhos do outro extremo do dormitório.

— Você é um homem impossível — lhe disse. Mordeu o lábio e os ternos olhos castanhos se encheram de lágrimas. — Depois de tudo pelo que passamos, como pode sequer perguntar? Quando te disse que te amaria para sempre, Lazar, disse de verdade.

— Vai me oferecer outra oportunidade? — perguntou, sem respiração e incapaz de se mover.

— Amor — sussurrou ela — cem oportunidades, se precisar delas.

Ele atravessou o cômodo até ela antes de que ela tivesse tempo de se mover. Apertou-a contra seu peito e jurou que nunca mais permitiria que se afastasse.

— Quer que eu volte para você de verdade? — perguntou-lhe Allegra com uma tristeza tal que quebrou seu coração. — Me disse coisas tão terríveis. Me disse que não me queria. Me chamou...

— Por favor, não posso suportar — murmurou ele, sentindo uma intensa dor no coração. — Tentava te afastar de mim antes de que qualquer mal pudesse te alcançar.

— Se assim tivesse sido, não teria me importado, sempre que pudesse estar com você.

Ele apoiou o rosto em seus cabelos e ficou quieto. Sentia-se tão miserável pelo que lhe fizera que não tinha coragem de pronunciar nenhuma palavra mais.

Odiava-se ao ouvir esse tom de dúvida na doce e terna voz dela.

— Ainda me ama, Lazar?

— Deus, sim! Me dê à oportunidade de te demonstrar até que ponto. Nunca mais vou falhar com você — Lazar tinha os olhos inundados de lágrimas. Ele segurou seu queixo com o polegar e o indicador e lhe levantou a cabeça para que o olhasse. — Me olhe, Allegra. Pareço um homem capaz de sobreviver sem você?

Allegra o olhou nos olhos por um momento e negou com a cabeça com seriedade.

Ele assentiu e voltou a apertá-la contra si. Ela enterrou o rosto em seu pescoço, se aconchegou contra ele.

— É tão agradável te sentir entre os braços — sussurrou Allegra. — Senti tanto a sua falta, precisei tanto de você... Nunca acreditei que voltaria para mim.

Ele passou os braços dela ao redor de seus ombros e a manteve abraçada com força, sua cabeça apoiada na dela.

Ao fim de um momento, Allegra levantou o rosto e o olhou. Lazar supôs que o estava julgando.

Esperou para ouvir o julgamento.

Ela meneou a cabeça um momento em um gesto reprovatório e terno. Logo, passou a mão por seu peito até a nuca e o atraiu até ela para que a beijasse.

Lazar sentiu que aquela primeira e casta carícia de seus lábios o devolvia à vida.

— Lazar? — sussurrou.

— Sim, *chérie*?

— Me ame.

— Eu te amo — murmurou ele. — Mais que a tudo no mundo.

Ela abriu os lábios e lhe aconteceu à língua suavemente sobre os dele, obrigando-o a entreabri-los. Imediatamente, ele se acendeu de paixão. Apertou-a com mais força e a fez sua com um profundo beijo. Ela lhe acariciava todo o corpo. Sentia as mãos dela por toda parte, o acariciando e lhe devolvendo os sentidos. Lazar intensificou o beijo e a arrastou até a cama sem soltá-la nem um momento.

Admirado, sentiu que Allegra o empurrava contra a cama e o beijava como uma mulher faminta.

— Te amo tanto, Allegra...

— É verdade nos casaremos? — sussurrou Allegra, ofegando, enquanto lhe tirava a camisa.

— Amanhã — jurou ele.

— E Ascensão?

— Governaremos juntos, minha esposa, um ao lado do outro. Você é o que essa ilha necessita. Você é o que *eu* necessito.

— E nosso filho?

— Príncipe do reino — murmurou enquanto lhe acariciava o ventre com um gesto amoroso.

Lazar notou que os lábios dela desenhavam um sorriso contra os seus.

— Não, Sua Majestade. Princesa, acredito.

— Ah, sim?

— Não tenho certeza, mas tenho um pressentimento — respondeu em voz baixa.

— Maravilhoso — exclamou ele. — Um milagre.

Lazar fechou os olhos e se abandonou a suas carícias. Pareceu-lhe que acabava de morrer e que se encontrava no céu. Toda sua dor desapareceu, como se o fogo dela o tivesse purificado.

— Tire isso, por Deus! — disse ele enquanto dava um puxão no hábito de monja.

Ela explodiu em uma risada profunda e ampla. Tirou a horrível roupa pela cabeça com um gesto elegante. Ao fim de um momento, ajoelhou-se montada sobre ele, nua. Lazar sentiu que sua cabeça girava ao contato com sua pele. Somente o fato de estar com ela era uma experiência mágica, tinha o efeito de uma droga. Ela se inclinou sobre ele e lhe beijou os lábios. Os mamilos duros acariciaram seu peito nu.

— Eu te amo... — Allegra lhe desabotoou as calças e lhe beijou o ventre. — Te amo, Lazar — sussurrou de novo. — Meu Lazar... — beijou-lhe o pescoço e lhe mordiscou um pouco a pele. — Meu lindo selvagem... Meu marido...

— Minha esposa...

Atraiu-a para ele, abraçando seu corpo leve contra o dele. O membro rijo se apertou, quente, contra o ventre dela.

Deu-lhe um sedoso, úmido e profundo beijo. Tomou o rosto com as duas mãos e a olhou nos olhos com seriedade.

— Nunca vou ser merecedor de você — lhe disse. — Nunca!

Ela lhe dirigiu um sorriso preguiçoso. Os cabelos caíram ao redor do rosto como uma cortina.

— Provavelmente não — murmurou — mas vou te oferecer meus próximos sessenta anos ou isso para que tente.

— Descarada — Lazar riu até ficar sem fôlego.

Allegra começou a acariciá-lo até que sentiu que enrijecia de excitação.

Ao fim de um momento, o tomou dentro dela. Lazar emitiu um profundo grunhido de prazer.

— Oh, sim, sentiu minha falta, não é mesmo? — murmurou enquanto o fazia entrar dentro de seu corpo lentamente, centímetro a centímetro.

Allegra se ergueu, sentada em cima dele. Lazar a olhou enquanto ela o montava, com os olhos fechados e o rosto iluminado de prazer. Allegra jogou a cabeça para trás.

— Você é tão linda! — exclamou ele.

Lazar a atraiu para si, jurou-lhe amor inumeráveis vezes em mil sussurros febris, interrompidos só pelos beijos. Mas as palavras não eram suficientes.

Fez que deitasse sobre a cama e demonstrou. Entregou-se totalmente a ela em cada carícia, cada fôlego. Ela se prendeu nele e ele a encheu por completo, cada vez mais profundamente, com um absoluto desejo por ela. Allegra lhe envolveu os quadris com as coxas e se deleitou na suavidade de sua pele e na tensa umidade de sua passagem interna.

— Não me deixe nunca mais, Lazar. Você é minha alma!

O êxtase de Allegra, quando chegou, foi uma pura rendição. Doce como o mel, derrubou-se contra ele com angustiados gritos de paixão que se perderam na frieza da noite. Depois ele se entregou, suas mãos enredadas nos cabelos dela, pronunciando seu nome sem fôlego enquanto inundava seu ventre com sua essência.

Lazar permaneceu deitado sobre ela um momento. Acariciava-lhe os cabelos, abraçado por ela, com suas coxas ainda ao redor de seus quadris. Enfim, com um suspiro, apoiou-se sobre os cotovelos e a olhou. Tomou seu adorado rosto entre as mãos.

Ela abriu os olhos, insondáveis sob os cílios dourados, e o olhou com uma expressão repleta de amor.

— Volte a dizer que me ama...

— Eu te amo. Te amo, Allegra di Fiori. Quero cuidar de você, e te necessito. Sou seu por completo — baixou a cabeça e lhe roçou os lábios com os seus. — Obrigado, esposa minha, minha mais querida amiga. Obrigado eternamente por me amar.

Mais tarde, naquela mesma noite, Lazar conduziu Allegra pela mão pelos túneis secretos dos Fiori até que subiram até as adegas do velho castelo Belfort em ruínas.

Saíram ao frio ar da noite e passaram horas passeando pelo terreno onde levantariam sua cidade. Sem os dois milhões de ducados, teriam que construí-la com maior lentidão, mas embora o trabalho seria mais duro, Lazar disse que não havia nada impossível para eles.

Ali construiriam a câmara do senado; lá, a nova catedral. No centro da grande praça da cidade levantariam uma fonte de bronze dedicada ao rei Alphonse e à rainha Eugenia, além de uma menor, de mármore, em lembrança a senhora Cristiana, a única pessoa que tentara fazer justiça aos Fiori e que morrera por ela. Acolá, onde se levantava aquele bosque de pinheiros, edificariam a resplandecente ópera, e naquele longínquo topo da colina se localizaria o novo e majestoso Palácio Real. Nele fariam crescer de novo a cepa da velha família real, com seus filhos e seus netos.

Brincaram e discutiram como sempre. Beijaram-se freqüentemente. Mas à medida que se afastaram das imediações de Belfort, foram ficando em silêncio. Caminhavam um ao lado do outro.

— Terá que falar com Darius — lhe disse ela. — Seus sentimentos foram profundamente feridos, você sabe.

Ele assentiu.

— Se não for inconveniente, Allegra, eu gostaria de adotar o menino sob minha tutela legal. Ele não tem família.

Ela lhe dedicou um sorriso cheio de orgulho.

— Acredito que é uma idéia esplêndida.

Quando se aproximava o amanhecer, encontraram uma cúpula que dava para um bosque de oliveiras. Sentaram-se um ao lado do outro e observaram o nascer do sol.

Allegra observou Lazar. Absorveu a imagem de seu perfil nítido e forte tingido pela luz alaranjada do amanhecer.

Quanto aprendera sobre e com ele, pensou, e quanto ele crescera. Sua raiva se transformou em força, sua dor em sabedoria, sua amargura se diluiu graças ao amor.

— Lazar? — entrelaçou os dedos da mão com os dele.

Ele era o rei, mas quando a olhou, o brilho malicioso ainda apareceu em seus olhos escuros como o mar. Lazar levou a mão dela até os lábios.

— Sim, *chérie*?

Ela lhe sorriu com ternura.

— Bem-vindo a casa.

Ao meio-dia desceram até a suntuosa catedral, até o adornado altar. A igreja estava ocupada pelos dignitários de todas as cortes da Europa.

Depois que fizeram seus juramentos um ao outro, o Papa Pio depositou o peso da grossa coroa de ouro na cabeça de Lazar.

Depois, Lazar colocou o estreito diadema engastado com diamantes e esmeraldas em Allegra. A fez levantar de sua genuflexão para que ficasse de pé ao seu lado. Quando se beijaram, todos os nobres e dignitários explodiram em um

ensurdecador coro de aplausos que retumbou como o rugido do mar debaixo dos elevados arcos da catedral.

Ao fim, seguidos por estrita ordem de fila por seu séquito, o rei e a rainha de Ascensão saíram à luz do sol. As felicitações e os aplausos se elevavam no ar e nuvens de pétalas de flores choviam em cima deles sob a leve brisa. A casaca impecável de Lazar brilhava com as condecorações de ouro. A um lado levava a espada cheia de jóias, *Excelsior*.

Detiveram-se no degrau superior, fora das enormes portas da catedral, e saudaram seu povo. Allegra manteve o queixo levantado, embora até aquele momento não tinha nem idéia de que tipo de recebimento dariam à filha de Monteverdi como rainha.

Embora Lazar se encontrasse ao seu lado e a segurasse pela mão, protetor, com a sua embainhada em luva branca, Allegra se sentiu verdadeiramente assustada por um momento. Desejou com todo seu coração ser aceita pelo povo e a terra que tanto amava.

De repente, um descuidado e gordo homem apareceu diante da multidão e começou a fazer sinais com o chapéu. Animou as pessoas até que todo mundo gritou com ele:

— Deus salve a rainha!

Allegra teve que morder o lábio para não prorromper em risadas ante as palhaçadas de Bernardo.

Lazar lhe piscou um olho como se lhe dizendo: “Eu te falei”.

Logo a abraçou, Ascensão abraçou a ambos, e naquela pequena ilha em meio a muito jade, a paz reinou.

FIM